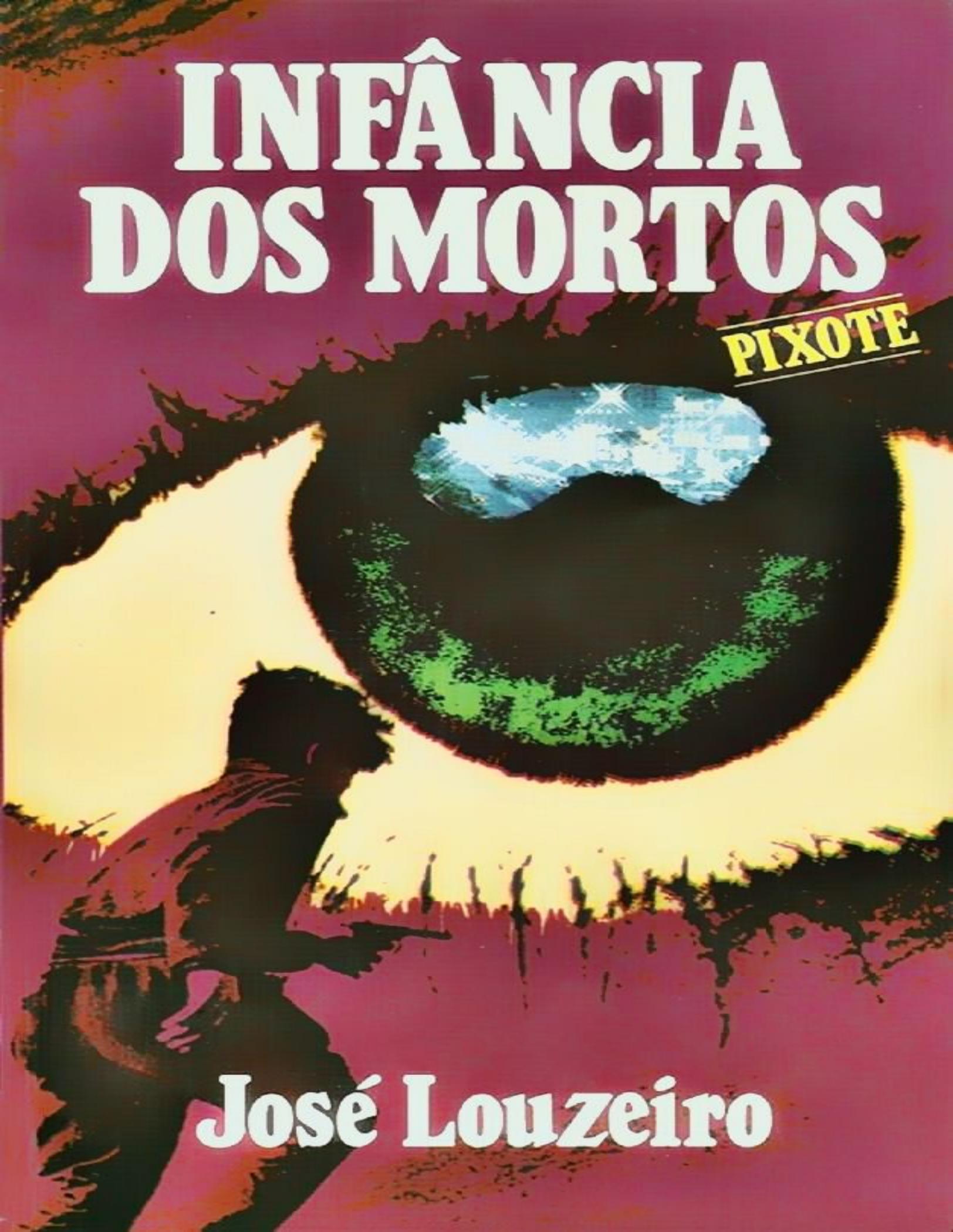


INFÂNCIA DOS MORTOS

PIXOTE

The cover features a stylized illustration. At the top, the title 'INFÂNCIA DOS MORTOS' is written in large, white, bold, sans-serif capital letters. Below the title, a yellow banner with the word 'PIXOTE' in black, bold, sans-serif capital letters is slanted. The central image is a large, dark, circular shape with a jagged, black, spiky border. Inside this circle, there is a bright, glowing blue and white area at the top, resembling a starburst or a bright light source, and a green, textured area below it. In the foreground, a silhouette of a person is shown from the side, looking up at the large circular shape. The background is a gradient of purple and blue, with a bright yellow and orange glow at the bottom, suggesting a sunset or sunrise. The overall style is graphic and dramatic.

José Louzeiro

Você pode encontrar mais obras em nosso site: Epubr.club e baixar livros exclusivos [neste link](#).



José Louzeiro

Infância dos mortos

CÍRCULO DO LIVRO

José Louzeiro
Infância dos mortos

CIRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413 01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Copyright © 1977 by José Louzeiro

Capa; Eduardo Santaliestra

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Distribuidora
Record de Serviços de Imprensa S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

4 6 8 10 9 7 5 87 88

A Eduardo Tavares

Os fatos que substanciam esta narrativa foram tirados do nosso amargo cotidiano. O autor não teve a preocupação de alinhá-los, cronologicamente, nem se absteve de descrever situações brutais, que mostram muito bem o grau de desumanização a que chegamos.

"Há cerca de 15 milhões de menores abandonados ou em estado de carência no Brasil, à espera de alguma ajuda. Representam pouco menos de um terço dos 48 226 718 brasileiros entre zero e 18 anos distribuídos pelo norte (3,85%), nordeste (31,64%), sudeste (42,91%), sul (16,64%) e centro-oeste (5,08%)."

Jornal do Brasil, 5-4-76.

Capítulo 1

I

A manhã estava ciara e leve. Pixote livrou-se das folhas de jornal, olhou o dia que principiava, os que entravam e saíam apressados na estação de trens. Ergueu-se, antes que os guardas aparecessem. Surgiam por volta de seis horas e espancavam os que podiam pegar, Era a quarta vez que dormia na estação e escapava dos guardas. Dito não acreditaria. Na primeira madrugada, acordou ainda escuro. Na verdade, não chegou a dormir direito. Na segunda, despertou com o barulho dos jornaleiros e do homem do bar, suspendendo as portas de ferro. Na outra, sentiu alguém mexendo nos seus bolsos. Era o crioulo risonho e bêbado, canivete apontado. Não gritou, não disse nada. O crioulo revistou-lhe os bolsos, até encontrar a cédula de cinco. Teve vontade de correr atrás, gritar-lhe palavrões, mas sabia o quanto era arriscado. Por isso, tornou a encolher-se. Chorou baixinho e, chorando, adormeceu. Despertou com a barulheira dos caminhões descarregando jornais.

Desta vez, o que o levava a acordar tão cedo era o compromisso com Dito, Manguito e Fumaça. Cristal apareceria, entregaria o bagulho, retornariam à estação, seguiriam como clandestinos até São Paulo. Pixote nunca fora àquela cidade, O plano o fascinava. Não se recorda de emoção maior: viajar. Sair andando por ruas desconhecidas, com edifícios bem mais altos que os do Rio. Ficava bobo, só de ouvir Dito falar naquelas coisas. E se alegrava de o ter conhecido. E mais alegre ficava por ter a certeza de que eram amigos. Embora fosse o menor do grupo, foi a ele que Dito escolheu.

Com certa sensação de vaidade, nos seus onze anos de vida e pelo menos três de delinquência, Pixote afundou as mãos nos bolsos, pôs-se a pular por entre os que chegavam em grandes levadas, a rodopiar, a rir das

caras sérias, dos olhares raivosos. Os sapatos de pano que calçava estavam se rasgando, a calça mostrava-lhe boa parte das canelas muito finas. Estendeu a mão amarela e suja, o homem gordo empurrou-o com indiferença, as mulheres que vinham falando alto e rindo esforçaram-se para ignorar sua presença, mas Pixote não desistia, até que a velhota de luto abriu a bolsa e tirou uma cédula de pouco valor. Segurou-a com sorriso de dentes miúdos, dois deles acavalandose de um lado da boca, os olhos da mulher percorrendo-lhe as roupas imundas, a camisa sem botões, deixando-lhe a barriga de fora.

Saltou em meio a outros grupos, cantou modinhas safadas, riu, puxou a saia da colegial, mexeu no tabuleiro que a baiana conduzia, parou na porta do bar, o negociante mandando afastar, meteu-se no meio dos estudantes, veio-lhe a vontade de dizer que há dois dias não comia, não tinha um níquel para tomar café. O mais alto deu-lhe uns trocados, um outro localizou com dificuldade a cédula igual à da mulher de luto.

Pixote não tinha o que reclamar daquela manhã clara e leve. Bastava, agora, meter-se num ônibus e pagar a passagem, a fim de não criar caso com o cobrador. Deslocar-se da estação de trens até o cemitério, a pé, era impossível. Já andara distâncias maiores, mas não tinha condição de chegar na hora que Dito marcara. Não havia mais do que duvidar. Com a cédula da velhota tomaria o cafezinho, com o resto garantiria um lugar no ônibus.

Depositou a xícara no balcão, quase tão alto quanto ele, correu para a fila, sumiu no bolo que se formara de repente, à entrada do coletivo. Empurrou e recebeu empurrões, a mocinha de óculos chamou-o moleque, o homem da pasta tentou acertar-lhe um cascudo, mergulhou na confusão de pernas e corpos, emergiu ao lado do cobrador, a cédula e os níqueis, o tipo de cara grosseira gostando porque não tinha de passar troco.

Empurrou a borboleta, procurou o banco ao lado do motorista. O motor estava ligado e, por isso, o arcabouço inteiro do carro trepidava.

Os lugares foram sendo progressivamente ocupados e, quando já não havia, os passageiros seguravam-se como podiam, uns de braços para cima, outros nos próprios bancos. O motorista passou pelo capô, como se praticasse ginástica, engatou a marcha, Pixote não se incomodou mais com os que se acotovelavam.

Olhava as ruas repletas de carros, as avenidas, as praças e um certo ar sonolento que a cidade ainda parecia ter. Havia fiapos de névoa nos ramos dos oitizeiros, em torno da igreja, havia flocos algodoados, boiando nas

águas do lago, onde muitas vezes tomara banho. O motorista é que parecia não se preocupar com essas inutilidades que Pixote descobria. Dera freada brusca no sinal da avenida, em frente ao cinema, entrou com violência na curva, por baixo do viaduto. Aí, começou a passar por casarões cercados de árvores, por um quartel de polícia, por oficinas de consertos e uma ou duas escolas, os estudantes nas calçadas, esperando a sineta tocar.

Perto do cemitério, deu sinal, outras pessoas fizeram o mesmo. Levantou-se com certa pena de não ir até o final da linha, apressou-se em descer. Seguiu pela rua lateral, passeio de cimento esburacado, resto de velas queimadas no pé do muro longo e triste, os portões de ferro pesadões, tapados com folhas de lata pintadas de preto.

Chegou a imaginar que os portões e o muro servissem para as almas não fugirem, Como nas prisões ou no internato onde estivera seis meses, até que Estrelado conseguiu que fugisse.

Parou onde as velas eram mais numerosas, pôs-se a mexer na cera derretida com a ponta do pé e a recordar a vida de Estrelado que ali estava, lá muito pata trás dos grandes túmulos. De noite sua alma conseguiria ou não saltar por cima daquele muro e daqueles portões tão altos?

Teria recordado mais coisas de Estrelado, desde o tempo que o conhecera no internato, caso não escutasse o assobio de Dito e não o visse junto com Fumaça em frente a uma casa de flores. Não sabe por que estavam ali, mas tratou de aproximar-se.

II

— Puxa, cara, tá dando mancada — foi dizendo Dito quando Pixote chegou. — Já não tava mais sabendo qual era a tua.

— Tive de levantar uma grana.

— E o cinquentão de anteontem?

— Mandei baixar gororoba pra mim, Encravado e Castigo de Mãe. Foi a conta.

Dito acha graça.

— Deixe pra lá. Ainda tá na hora. Cristal vai aparecer. Te guenta.

— Por que se tem de espetar aqui?

— Porque tem — responde Fumaça, os bolsos cheios de biscoitos.

— Quando Manguito der as caras a gente se arranca — afirma Dito.

— Onde tá ele?

— Dando a volta pelo lado de lá do cemitério. Não acredito muito em Cristal. Já andou mancando uma vez — explica Dito.

— E por que se tem de transar com ele? — indaga Pixote um tanto alarmado.

— Tá com a nota, se tem de arriscar. E bico fechado que vai dar tudo certo — acentua Fumaça.

A segurança do companheiro agrada a Pixote. Recebe o biscoito que Fumaça oferece, Dito pega outro. Ficam mastigando, Pixote com vontade de pedir mais, embora temeroso de levar bronca. Dito torna a pegar biscoitos, Pixote olha Fumaça remexer nos bolsos.

— Não quer? — indaga Fumaça.

— Dá mais que esse bicho ainda não beliscou nada hoje — afirma Dito. Fumaça acha graça.

— Come, senão tu empacota. Vai aí pra cidade dos pé junto, como Estrelado.

Pixote ia responder mas é o tempo em que Manguito aparece correndo. Vem com a camisa na mão, está suado, arquejante.

— Cristal tá chamando na birosca.

Dito senta no meio-fio. A princípio não diz nada. Manguito brinca com a camisa. Pixote e Fumaça sentam do lado.

— Qual é a dele? — indaga Dito.

— Não sei — responde Manguito, ainda arquejante. — Disse que tá com a erva.

— E quem anda na birosca com ele? — pergunta Fumaça.

— Pelo que pude ver, ninguém. Vai ficar treinando na sinuca até se aparecer.

— Olhou por fora da birosca? É o que se quer saber, cara — diz raivosamente Dito.

— Claro! Acha que sou algum otário?

— Então, vamos nós — afirma Dito. — Se vai entrar pelo cemitério ou não se chega lá tão cedo.

— Tem um lugar bom do outro lado — esclarece Manguito, tomando a frente.

O primeiro a tentar subir é Fumaça. Está descalço, os pé encascorados, firma-se como pode nos rebordos de ferro, vai subindo, acena para que os

companheiros o acompanhem. A vez agora é de Pixote. Dito ajuda-o.

À proporção em que vão saltando para dentro do cemitério, tratam de ocultar-se por trás dos túmulos e das ervas. Dão pequenas carreiras e tornam a acocorar-se, a fim de escapar aos trabalhadores.

Chegam a uma alameda de árvores frondosas, que cresceram alinhadas. Dito enxerga o velhote de rosto severo, manda que os outros se abaixem. A um segundo sinal retomam a caminhada. Já venceram boa parte do percurso, mas ainda têm muito o que andar.

— Puxa, corno tem defunto por aqui! — diz Fumaça.

Dito olha-o mas não faz qualquer comentário. Não queria graça naquele momento, em que todo cuidado seria pouco.

Ao atravessarem uma das alamedas avistam o grupo que se encaminha, flores nas mãos, homens conduzindo o caixão, Os olhos de Pixote estão saltados. Não gostava de estar ali, rastejando por entre os túmulos. E cada inscrição que via e mal conseguia ler, lembrava-se de Estrelado.

Gostaria de saber para que lado estava enterrado e, na volta, botar uma flor na sua sepultura.

Quando Dito mandava que andassem mais depressa, esquecia. Estrelado. Não podia ficar para trás, nem adiantar-se demais. Tolice estar se preocupando com Estrelado, no momento em que toda atenção era pouca.

Fumaça esgueirava-se do seu lado e, agora, Pixote não sabia por que não tinham dado a volta por fora. Gostaria de saber disso. Era muito risco que estavam correndo e à toa. Perguntaria a Dito a razão daquilo, tão logo pusessem o pé fora do cemitério.

No setor em que conseguiram chegar, os imponentes jazigos haviam terminado. O comum, agora, eram as sepulturas baixas, onde o capim crescia. Algumas ainda ostentavam velhas pinturas, outras estavam completamente enegrecidas. Os vasos de flores haviam se quebrado ou simplesmente não existiam. As inscrições cobriam-se de musgo e não havia qualquer árvore por perto, a fim de dar-lhes sombra.

Aquele estado de abandono deixou Pixote alarmado. Se era por ali que haviam enterrado o pobre do Estrelado, então ele tinha sido praticamente jogado fora, E, embora sabendo que Dito ficaria zangado, não pôde evitar a indagação:

— É por aqui que tá Estrelado?

Encarou-o sem demonstrar zanga, sacudiu silenciosamente a cabeça, enquanto olhava pela alameda de terra solta, pois estava certo de ter visto

um dos funcionários por trás do monte de terra e tijolos.

Arrastaram-se mais um pouco, Dito mandou que parassem. Por mais que se esforçasse, não conseguia ver o homem outra vez. Chegou a admitir que se enganara. Ao mesmo tempo estava certo de que o vira. Não podia estar fazendo confusão.

O espaço que deveriam vencer e que seria a etapa derradeira para chegar ao pé do muro era bastante descampado. Poderiam ser vistos facilmente.

Daí a razão de certificar-se da presença daquele funcionário. E o que é mais grave: se estava se escondendo é porque desejava surpreendê-los. Vai ver que vira Manguito passar e, agora, desejava agarrá-los, levá-los à administração, alegando que haviam entrado para roubar peças de mármore.

Dito espreitava e não tinha dúvida de que era isso. Ainda que corressem, não teriam tempo de saltar. Logo o funcionário apareceria, talvez acompanhado de mais uns dois ou três companheiros. Ele tinha certeza de que conseguiria saltar o muro com relativa facilidade. Não acreditava que o mesmo pudessem fazer Fumaça e Pixote.

Pegou uma pedra, lançou-a na direção da ruma de terra e de tijolos. Viu perfeitamente quando o boné do homem apareceu. Não restava dúvida de que estava esperando que corressem. Olhou Manguito, Fumaça, Pixote, achou conveniente dizer-lhes o que estava se passando. E o fez, como quem transmite um segredo.

— Se tem de correr o mais que puder. Eu ajudo Pixote, tu empurra Fumaça para cima — diz referindo-se a Manguito.

Não tinha o que esperar. Quanto mais se demorassem, tanto pior. Encarou novamente Pixote, viu-o com as flores murchas, que desejava colocar no túmulo de Estrelado.

— Joga isso fora!

Pixote sacudiu negativamente a cabeça.

— Se passar pela sepultura dele, vou botar as flores.

Dito sabia que isso era impossível. Não teriam condição de ficar procurando a inscrição que falasse de Estrelado, se é que existia alguma. Ao mesmo tempo, não desejava transmitir aos companheiros o pavor que o dominava. Poucas vezes se sentira assim, encurralado, sem oportunidade de escapar.

E se o funcionário fosse na verdade um guarda de segurança?

Esperaria que escalassem o muro, a fim de ter um alvo melhor. Por que não pensara nisso antes? A outra chance era retroceder, com muita cautela, até a alameda onde avistaram o grupo com flores, acompanhando o caixão. Se ocultariam com relativa facilidade. Em compensação não chegariam ao morro, onde estava Cristal. Não. A ideia de retroceder não o agradava. Era uma espécie de derrota. Teriam de chegar ao morro pela subida no final da rua de pedras, onde estavam os alcaguetes e os traficantes. Desejariam saber coisas, forçariam respostas, todo o trabalho estaria perdido. Assim sendo, só restaria um caminho: cada um, isoladamente, correria até o muro e procuraria saltar. Se o cara do boné saísse da toca, teria condição de acertá-lo com uma pedra. Se fossem dois, Manguito ajudaria. Não eram eles que iam estragar o negócio com Cristal.

Falando o mais baixo que podia, Dito pôs-se a explicar o plano. Os olhos de Fumaça pareciam assustados mas, mesmo assim, conseguia fazer um riso de dentes brancos. Pixote não parecia alterado. Saltar o muro que via a uns duzentos metros não lhe parecia difícil. Já enfrentara situações piores e, agora, principalmente, não podia desmerecer da confiança dos companheiros.

— Tu acha que pode?

Pixote apenas sorri, mostrando os dentes miúdos e encardidos.

— Quando chegar lá, não te afoba. Na hora de pular pro lado de fora, te guenta que é alto.

Nada disso parece assustar Pixote, Ele aperta a fivela do cinto, está pronto para partir. Dito, por sua vez, segura as pedras, olha na direção do monte de terra. Pixote corre, agachando-se e, depois, livremente. Já está perto do muro e nem sombra do homem do boné. Todavia, ouvem-se dois disparos secos.

Pixote cambaleia. Cai e toma a levantar, dá mais algumas passadas como se não soubesse em que direção estava se dirigindo, torna a cair. Dito está com as pedras nas mãos, sem saber em quem jogá-las.

— Atiraram em Pixote! — diz Fumaça, alarmado.

Dito sabe que não pode perder a calma. Sente a cabeça esquentar.

— Vamos embora, antes que nos peguem!

Os três saem correndo, agachando-se o mais que podem. Outros tiros são disparados, mas ninguém está ferido, Dito chega perto de Pixote. Ele tem os olhos abertos, filetes de sangue a escorrerem do pescoço. A mão amarela se abriu, com as flores murchas que ia levando para Estrelado.

Manguito e Fumaça já escalaram o muro. Dito ergue-se, lança as pedras sem saber ao certo o que pretendia atingir. Compreendendo a inutilidade de seu gesto e a impossibilidade de tirar Pixote dali, corre para o muro, salta.

III

— Dr. Alencar, tem um probleminha aí pra ser resolvido — diz o vigia-geral, um tipo mulato e forte.

O homem que acabara de chegar mantém-se calado. Bota os óculos para conseguir ler as notas de materiais. Depois pergunta se o caminhão havia terminado de descarregar os tijolos. O funcionário vai respondendo e diz, outra vez, que os tijolos estão sendo amontoados no setor onde houve o problema. Dr. Alencar mostra-se um tanto nervoso.

— Que problema é esse que tá lhe preocupando, seu Laerte?

O mulato faz um sorriso.

— Galego e Negão cumpriram as ordens...

— Que ordens?

— Não deixar pivete ficar roubando no cemitério. Um deles, pelo menos, não vai mais criar problema.

Dr. Alencar põe os óculos sobre a mesa. Está um tanto assustado.

— Como foi isso, seu Laerte?

— A verdade é difícil de saber. Mas, pelo que conta Negão, Galego acertou um dos pivetes. Pra evitar bronca maior, mandei botar o corpo na terceira capela.

— Vamos ver como foi isso — diz o dr. Alencar, levantando-se e saindo da sala.

O vigia-geral vai atrás.

A terceira capela é a menor de todas. Há anos já não é usada. Agora, ali, guardam-se objetos imprestáveis. O administrador entra com cuidado, evitando sujar a roupa nos cabos das pás e enxadas.

— Quantos anos pode ter esse menino?

— Uns dez. Mas o que sabem fazer o senhor não pode imaginar.

— E cadê o Galego?

— Já se mandou. Tanto ele quanto Negão.

Dr. Alencar não está preocupado com a morte do menino; preocupa-o a forma de livrar-se do corpo, sem que haja problema.

— Mande chamar Galego e Negão. Onde estiverem.

Dr. Alencar retorna ao gabinete. Liga o ar-refrigerado, atende ao telefone, faz anotações, sorri, pronuncia palavras amenas. O vigia-geral chama o funcionário fardado, manda que descubra o paradeiro de Galego e Negão.

— Dr. Alencar quer falar com os dois.

O administrador continua no telefone. Pede desculpa por alguma coisa que não conseguiu fazer e que o vigia-geral não sabe o que possa ter sido, nem está interessado. Tira dos bolsos umas outras notas de serviço, põe na mesa.

— Cada uma tá marcando três carretos de pedras, mas foi só um.

Dr. Alencar olha as notas, sorri. O vigia-geral acompanha-lhe o riso.

— E quando o motorista quer receber?

— Disse pra passar no final da semana.

— E a alameda 125, já Já toda cimentada?

— Nada. Dois pedreiros tão faltando desde a semana passada. Acho que vou botar outros. Gente que teja disposta a dar duro.

— Não entendo, seu Laerte, como se pode deixar zeladores andar armados no cemitério.

O mulato arreganha-se num riso cínico, bate as mãos.

— Ora, doutor, foi aquilo que se combinou, Um zelador termina saindo muito mais barato que um vigia. E não custa nada fazer as duas coisas. O que não tava escrito era aparecer esse enxame de pivete. O que eles têm roubado do setor de jazigos não é mole. Agora, talvez a coisa melhore. Há males que vêm pra bem.

— Espero que o senhor esteja certo. Já imaginou se a coisa transpira? Se Negão ou Galego dão com a língua nos dentes?

Laerte olha o dr. Alencar de maneira incrédula.

— Acha o senhor que são malucos? Quem seriam os prejudicados, senão eles?

— E já pensou como livrar-se do corpo?

— Já, mas tava esperando sua palavra. Quem sabe não tem ideia melhor?

— Procure um local escondido e hoje à noite trate do sepultamento.

— O senhor me desculpe, mas acredito que, nesses casos, quanto maior prudência, tanto melhor.

Dr. Alencar recosta-se na cadeira.

— Que sugere, então?

— Que se abra um jazigo desses e bote o corpo lá. É mais seguro.

Dr. Alencar faz um sorriso.

— É uma boa ideia. Faça isso pessoalmente, para que nem Galego, nem Negão, saibam de nada. Assim, se amanhã resolverem nos acusar, não terão como provar.

O vigia-geral torna a sorrir, dr. Alencar completa uma ligação.

IV

Dito sacode a terra da roupa. Os olhos ainda estão vermelhos. Atravessaram longa faixa de mato, até alcançar a encosta. Nenhum deles faz qualquer comentário. Quando atingem a subida principal do morro, onde já não havia mais perigo de serem surpreendidos pelos alcaguetes e marginais, Manguito resolve quebrar o silêncio.

— Acha que se deve voltar pelo cemitério?

— Não. Se escapa pelo outro lado. Só depois é que vou aparecer lá. Vão ter de dizer quem acertou Pixote.

Chegam à birosca, Manguito e Fumaça fazem a volta por trás do casebre, enquanto Dito vai entrando, cauteloso. Aproxima-se de Cristal, que ainda está se exercitando na sinuca.

— Olá, meu chapa! Pensei que tinha esquecido nosso compromisso.

Dito continua calado.

— Cadê os coleguinhas?

Cristal percebe a aproximação de Manguito e Fumaça. Senta-se na mesa da sinuca, põe-se a falar.

— Vai ser um negócio. Primeiro umas amostras grátis. Depois, quando tiverem bem seguros, a coisa engrossa. Mas, só neste servicinho de nada, já vão levar cinco mil pratas. Dá pra tirar a barriga da miséria um tempão.

— E o que é que se tem de fazer pra ganhar tanto dinheiro? — indaga Dito.

— Como disse — afirma Cristal — quase nada.

Dito não gosta muito daquele cara, que fala sem parar e parece entender de tudo. Acha sempre que as coisas se resolvem facilmente, ainda não iniciaram nem o primeiro trabalho e já está se perdendo em considerações futuras.

— E onde se vai receber o dinheiro? — indaga objetivamente.

— Dois mil comigo e o restante lá em São Paulo. Neste endereço.

Cristal tira um cartão do bolso, mostra a Dito.

— Sabe onde é?

— Claro que sei!

— Pois é lá. Um casarão que tá pra ser demolido. Há uns operários trabalhando, mas tudo do grupo. Um de vocês entra e pergunta por Débora. Aí um dos operários vai parar o que tá fazendo e manda que o acompanhe, até a presença dela. Vão gostar. Gente fina, que não regateia no pagamento. Talvez ainda ganhem até uma gratificação. Tudo depende de vocês.

Dito faz menção de pegar o cartão, Cristal evita. Sorri, faz gestos.

— Nada disso. Prova material é um perigo. Tem de decorar: Rua Lavapés, 1072, duas casas antes do posto de gasolina.

— E que é que se vai levar?

Cristal tira uns saquinhos dos bolsos.

— Isto aqui. Eu mesmo vou costurar por dentro das calças de vocês.

Enquanto aquele homem de atitudes esquisitas se movimenta, rosto marcado mas sempre sorridente, Dito ainda pensa em Pixote. Nos olhos arregalados, na mão se abrindo com as flores de Estrelado.

— Primeiro você — diz Cristal dirigindo-se a Manguito.

O garoto tira a calça, fica só de short. Cristal vira a roupa pelo avesso, abre um pequeno estojo, onde há mais saquinhos, linha e agulha.

— Tem de se bancar o alfaiate pra que saia tudo certo. Assim, a mercadoria estará em lugar seguro. Mesmo que metam as mãos nos bolsos de vocês, duvido que possam encontrar alguma coisa.

Dito continua a examinar aquele homem de atitude paciente e falante. Quando termina de costurar os saquinhos na calça de Manguito, é a vez de Fumaça. Só que ele não está de short. Acanha-se um pouco de ficar nu, Cristal providencia uma toalha.

— Quando aparecerem de volta, juro que vou comprar roupa de primeira pra todo mundo. Roupa e sapato.

Dito não está preocupado com aquilo. Preocupa-o retornar ao cemitério e, de lá, tratar de tomar o trem para São Paulo. Seu raciocínio parece

coincidir com o de Cristal.

— Nem por sonho tentem pegar ônibus na Rodoviária. Seriam apanhados facilmente.

Dito afirma saber disso. Cristal parece não se conformar.

— A polícia feminina procuraria saber da autorização de viagem, terminaria levando vocês ao juizado. O caminho é o trem, A não ser que arrumem carona por aí, o que não é menos perigoso.

— Pode deixar com a gente. Não precisa esquentar com isso — afirma Dito, um tanto cheio das minúcias de Cristal.

Quando terminou de costurar os saquinhos na calça de Dito, Fumaça lembrou da volta ao cemitério. Isso porque o próprio Cristal argumentou ser arriscado passar pelo ponto dos alcaguetes. Logo depois exibiu o dinheiro, quase _todo em cédulas de cem.

— Vejam bem — disse ele — se alguma coisa acontecer, porque não trabalharam direito, é problema de vocês. Pra todos os efeitos não sei de nada. Por isso, toda cautela é pouca. E não se metam em confusão.

Manguito faz cara alegre, enquanto Cristal prossegue na sua advertência. Dito só se interessa mais pelo que diz, quando ouve também as palavras de ameaça.

— Qualquer sacanagem que façam, será cobrada. Sintam bem o drama. Não tão trabalhando só pra mim. Há muita gente na organização. Podem ter um vidão ou se acabar.

V

— Então, como foi isso, seu Galego? — quer saber o dr. Alencar.

O homem é branco e bastante careca. Seu colega, que atende pelo apelido de Negão, está sentado. Tem braços musculosos e não parece assustado com a preocupação do superior.

— Ota, chefe — afirma Galego —, se fez o que devia ter feito há muito tempo. Já pensou como essa pivetada só falta enlouquecer a gente? Outro dia arruinaram um jazigo inteiro. Levaram as cruzes e até a inscrição de metal. Por isso segui a ordem à risca. Não ia acertar no sacaneta mas na hora a bala saiu errada.

— E agora, o que acham que se deva fazer?

— Muito simples, doutor — afirma Negão. — Se mete o moleque num buraco e ponto final.

— Não creio que seja tão simples assim — argumenta o dr. Alencar.

— Esses pivetes tão largado no mundo, doutor, Duvido que apareça alguém por aqui para reclamar — afirma Galego.

O telefone toca, o vigia-geral atende, diz que o dr. Alencar está em reunião.

— E se amanhã vocês dois brigam e resolvem dar com a língua nos dentes? — indaga desafiadoramente o administrador.

— A gente falar disso? Corta essa, doutor — afirma Negão, sorridente.

— Querendo se sepulta o pivete logo mais. Lá mesmo pros lados onde morreu.

O administrador levanta-se, põe um pouco de café na xícara.

— A providência já foi tomada. Apenas prometam não fazer indagações a respeito. Quero que o assunto fique em absoluto sigilo, sob pena de ter de levar ao conhecimento das autoridades, o que não seria bom pra mim e muito menos pra vocês dois.

Negão sacode os ombros em sinal de indiferença, levanta-se, fica esperando o companheiro que ainda ouve as ponderações do dr. Alencar. Aí, não sabe por que, Negão sente vontade de fazer uma indagação igualmente desafiadora ao superior.

— Daqui pra frente se deve agir como agiu ou deixa a pivetada tomar conta do cemitério?

Dr. Alencar pisca um olho, sorri, o zelador entende bem o que isso significa.

VI

Dito, Manguito e Fumaça deram grande volta pelo morro, terminaram saindo do lado oposto ao que chegaram. Dito não conseguia esquecer palavras e gestos de Pixote, seu riso de dentes miúdos. Às vezes sentia-se culpado por sua morte. Vai ver que, se tivesse imaginado outro plano, ainda estaria vivo. Ao mesmo tempo sabe que se esforçou ao máximo para defendê-lo. Não podia mais permanecer onde estava, esperando que os funcionários aparecessem e os liquidassem, sem qualquer reação. O erro foi

entrar pelo cemitério, temendo enfrentar os alcaguetes. Fumaça também ainda está triste. Manguito é que parece mais conformado.

— Aconteceu. O que é que se pode fazer?

Dito não pensava assim.

— Por enquanto vão ficar numa boa, Se tem de levar a encomenda de Cristal. Na volta vou entrar de novo no cemitério. Posso até dormir por lá. Quando ficar escuro, pego o cara que apagou Pixote. Não vai ficar assim.

— E tu sabe quem foi? — indaga ingenuamente Fumaça.

— Qualquer um que pegue, tá bom. Só pra saber que não se é cachorro, que podem matar e ficar por isso mesmo.

Estavam sentados debaixo dos arbustos, o vento brando soprava, o casario do morro ficara distante. Era um local silencioso, cheio de flores silvestres. Fumaça fazia uma ou outra consideração, Dito ia respondendo. O assunto ainda era Pixote, até que Manguito intercedeu.

— E a mulher lá de São Paulo! Como será?

Dito fica olhando-o. Fumaça se antecipa.

— Ora, deve ter um rabo enorme e já tá devendo três mil pra gente.

Manguito sorri, Dito tem vontade de rir mas procura evitar. Não deseja alegrar-se. Ficara muito tempo pensando em Pixote, nas suas indagações meio sem sentido, nas suas brincadeiras, Aprendera a gostar dele e o admirava pela valentia. Não tinha medo de nada, Quantas peripécias já haviam enfrentado juntos! Ouviu os disparos secos. Pixote na carreira e, de repente, como se tivesse perdido o rumo e a consciência. Caiu, ergueu-se de novo, tornou a cair. Não. Não iria ficar assim. Voltaria de São Paulo, entraria pelo cemitério. Traria de lá um canivete afiado. Faria o serviço no primeiro que encontrasse.

Quando Dito desperta para a conversa dos companheiros, Fumaça está indagando a respeito da viagem de trem.

— Ora, não tem nada de complicado, cara. Se procura saber o horário e fica na moita. Escorrega pela plataforma e se mete no carro-restaurante. E o que tem menos movimento. Se não der — explica ainda Dito — se procura saber de algum cargueiro que teja de partida. Talvez seja até melhor.

Fumaça faz um sorriso, Manguito fala debochadamente.

— Me preocupo é como gastar o dinheiro. Quem sabe até a tal da Débora não arranje umas garotas pra gente?

— É o que não falta em São Paulo. Basta ter dinheiro. Se teu problema é esse, sei de uma porção de lugar.

Manguito mostra-se interessado.

— Pois a gente podia passar um dia inteiro na casa de umas meninas, antes de voltar. Que é que acha?

— Pode ser — responde secamente Dito.

— E eu, onde é que entro nessa? — indaga Fumaça.

— Tu é fedelho. Ainda tá com cheiro de mijó. Se entrar na casa de uma mulher ela vai é t'e botar no berço.

Dito acha graça da provocação. Olha-o, sabe que não é tão mais velho que Fumaça. Quando muito teria uns quatorze anos. Para mostrar-se, Fumaça fala das intimidades que já tivera com uma mulher.

— Ela me chamou pra dar umas roupas e na hora queria era outra coisa. E tu acha que perdi tempo? — diz, exaltando-se.

Manguito e Dito tornam a rir. Continuaram sob os arbustos, esperando que o sol ficasse menos intenso.

— Acho que daqui se deve é procurar um restaurante e meter um cozido na pessoa — afirma Dito.

— Vou preferir uma feijoada — diz Manguito.

— Outra coisa que se tem de fazer logo mais é comprar uns blusões bom pra frio. Lá em São Paulo de noite não é moleza.

— Se a gente comprar roupa vai gastar o dinheiro quase todo — reclama Fumaça.

— Depois recebe mais em São Paulo. Não ouviu Cristal dizer? Ainda tá nos devendo três mil.

— E o blusão de lã deve ser barato. Se compra lá pros lados da Rua da Alfândega.

— Então, aproveito e compro um sapato. Cansei de andar descalço — diz Fumaça.

Erguem-se, vão caminhando pelo mato baixo, depois chegam ao ponto de ônibus, onde há motoristas fardados, pilheriando, dando risadas.

— Pra onde se vai agora? — quer saber Manguito.

— Pro China, Depois do almoço se fica pela Praça Paris ou vai a um cinema. Se Fumaça não puder entrar, fica dando volta enquanto se vê o filme.

Fumaça não gosta da ameaça.

— É só procurar um filme que possa ver!

— Descalço tu não entra — repete Manguito.

— Se compra primeiro as roupas e o sapato. Dito ri, passa a mão na cabeça de Fumaça. Não era muito diferente de Pixote.

VII

Terminado o almoço, foram perambular. Quando chegavam a uma loja vinham os caixeiros e os expulsavam. Dito começou a imaginar que estavam se arriscando e, por isso, mandou que Manguito e Fumaça o esperassem na esquina. Calculou o tamanho dos companheiros e assim comprou os blusões. O caixeiro viu a cor do dinheiro, deu um assovio forte, da calçada, os dois apareceram.

— Agora, arranje um sapato pra esse cara!

— Qual é o tamanho?

— Só experimentando.

O vendedor não estava de forma alguma com boa vontade. Não quis ao menos que Fumaça sentasse onde as pessoas experimentavam os sapatos. Tirou a medida de qualquer jeito, disse que 32 dava bem. Foi aos fundos da loja, retornou com umas duas caixas. Fumaça escolheu o par todo marrom, com largos cadarços. Dito também não achava conveniente que se retardassem por ali. Era capaz de alguém telefonar pro juizado, avisando a seu respeito. Puxou mais uma cédula, pagou os sapatos. O vendedor os olhava, como se não entendesse de onde haviam tirado dinheiro. Embora com as pernas sujas, as calças amassadas, Fumaça tratou de enfiar os sapatos, saiu à rua pisando duro e um tanto arrependido daquela ideia de andar calçado.

Horas mais tarde retornaram ao armazém semidestruído, o capim crescendo no portão e uma boa parte do teto destelhada. Tornaram a examinar se os saquinhos estavam bem presos às roupas. A princípio Dito sentira certo incômodo, depois habituou-se.

— Agora, se dá um bordejo por aí. Cada um vai pra um lado. Até saber se tem algum cargueiro pra São Paulo. Se não tiver, o jeito é esperar o trem de passageiros, à noite.

— Cargueiro não demora muito? — quer saber Manguito.

— É tudo a mesma merda — responde Dito. — Se saí hoje e só vai chegar por lá amanhã. Isso se a porcaria não quebrar.

— Antes, é bom a gente esconder as roupas — sugere Manguito.
— Vou guardar os sapatos — diz Fumaça, descalçando-se.
— Quer dizer que gastou dinheiro mas não vai conseguir sair por aí com ele! — comenta Dito.

— Tenho de me acostumar aos poucos.

— Vamos embora. Cuidado com informação errada. Aí, em vez da gente ir pra São Paulo, se vai terminar nos infernos — adverte Dito.

Caminha numa direção, até encontrar os trilhos.

Vê Manguito dirigir-se em outra e, mais distante, o pequeno Fumaça. Um cargueiro está se deslocando, o funcionário da estrada movimentou a agulha, alguns carros entram no desvio, a locomotiva para, a agulha é acionada outra vez, o crioulo de calça curta e boné azul, sujo de graxa, aparece, tira o pino do engate, a locomotiva acelera, deixando os três vagões para trás. Dito tem vontade de falar com o velhote mas sabe que ele não o informaria. Pelo contrário: desejaria saber por que o seu interesse no cargueiro e tudo poderia terminar numa tremenda confusão.

Passa por perto do funcionário, vestido de cáqui, olha-o, o homem tem uma carranca enfezada. Sem quê nem para quê, pergunta aonde Dito pensava estar indo. Não obtém resposta, prossegue mal-humorado.

— Isso aqui não é lugar de moleques!

Dito tem vontade de pegar um pedaço de ferro, avançar para cima daquele traste imprestável, desmontá-lo a porradas. Todavia, controla-se. O velhote prossegue resmungando. Faz que não ouve, sobe na montoeira de trilhos, sai do outro lado, perto da estação. Aí, ocorre-lhe uma ideia, no momento em que vê alguns mecânicos lavando as mãos e os braços com gasolina. Por que não chegar-se e indagar? Inventaria uma história. Diria que a mãe era viúva, morava sozinha em São Paulo. Viera ao Rio tentar a vida, pegar dinheiro com um parente mas acabou não encontrando. Agora, tinha de retornar e não havia dinheiro. Por isso estava por ali, na esperança de conseguir passagem de graça num trem que fosse para São Paulo.

O crioulo olha-o com atenção. O branco, gordo, põe-se a rir.

— Tou cansado de ouvir essa conversa, garoto. Vai em frente que atrás vem gente!

Dito não arreda o pé. O crioulo enxuga as mãos em fiapos, aponta na direção onde havia vagões enfileirados e duas locomotivas.

— Acho que aquele comboio parte antes do anoitecer. Parece que o maquinista é um tal de Evangelista. Vai lá e vê se ele quebra teu galho.

Vendo a disposição do mecânico os outros deixam de rir e pilheriar. O garoto afasta-se, mostrando-se agradecido. Caminha ao lado dos carros e vê o quanto são altos, o quanto são altas aquelas rodas de aço, presas em eixos formidavelmente grossos. Não há ninguém nas locomotivas, embora uma delas esteja com o motor ligado. Vai até o ponto onde um homem magro e pálido vendia doces num tabuleiro recoberto com um pano branco, senta-se na calçada, aguardando que o maquinista aparecesse. Em dado momento, quando está mastigando um pedaço de bolo de aipim, vê os homens que se dirigem à locomotiva. Corre até eles. Bastava saber ao menos se era aquele trem que ia partir para São Paulo. O resto seria mais ou menos fácil de resolver. Corria o risco de uma informação errada. Mas não havia outro jeito senão arriscar.

VIII

Sentou-se no calçadão do armazém caindo aos pedaços, pôs-se a chupar as balas de leite, enquanto esperava que Manguito e Fumaça aparecessem. Após algum tempo, avistou Fumaça. Vinha correndo, a camisa sacudindo nas costas. Chegou perto, ofereceu-lhe uma bala. Antes de falar, já apontava na direção onde estava o comboio.

— É aquele que vai. Perguntei pra três caras.

— Não desconfiaram de nada?

— Acho que não. Disse que um moço é que tava querendo saber. Tinha uma encomenda pra mandar.

Fumaça acha graça de sua própria imaginação. Dito fica ainda mais satisfeito. Nunca pensara que aquele crioulinho fosse tão vivo. Ele próprio não tivera semelhante expediente.

— E aí, o que é que falaram?

— Que era o comboio de lá e vai sair logo que anoiteça.

— Foi também o que me disseram.

Manguito apareceu, sentou-se. Estava sempre cansado. Bastava correr um pouco, ficava com a língua de fora.

— É o cargueiro de lá. O que tem duas locomotivas.

Dito estava certo de que era mesmo aquele trem. Por isso, estendeu-se de costas no calçadão, ficou olhando o teto que se despencava. Fumaça

assoviava, enquanto conferia as cédulas. Manguito sonhava com as garotas que iria conhecer, falava coisas sem sentido.

— Tu já comeu alguma mulher na vida, cara? — indaga de repente

Dito.

Manguito se assanha.

— Se já! E uma boazuda!

— Onde foi isso? — quer saber Fumaça com certa descrença e muito despeito.

— Ora, lá no internato. Era cega, mas gostosa às pampas.

Fumaça põe-se a rir, ainda conferindo o dinheiro.

— Vou apostando que ela só foi contigo porque não podia ver tua cara.

Manguito não gosta da brincadeira.

— Cala boca, pirralho. Quando a gente for atrás das garotas lá em São Paulo se vai ter de arranjar um berço pra te deixar dormindo.

— Sou macho, meu chapa — diz Fumaça. — Topo qualquer parada.

Dito continua a olhar o teto que ameaça desabar, acha certa graça naquela falação de Manguito e Fumaça. Mas, pelas respostas de Fumaça, vai percebendo que o crioulinho é de fato bem mais inteligente do que imaginava. E, como a conversa não fizesse o menor sentido, põe-se a falar dos compromissos em São Paulo.

— Lá, não se pode dar bandeira. Qualquer mancada e um monte de gavião cai em cima. Primeiro se vai procurar a tal Débora, na Rua Lavapés. Se pega o dinheiro e sai em campo. Talvez se passe uma semana toda na maré mansa, até procurar de novo Cristal. É aí que vou entrar naquele cemitério e ajustar as contas.

— Também vou. Pixote era meu amigo — diz Fumaça.

Dito ergue-se, apoia-se nos cotovelos.

— Vai ser tarefa só pra mim.

— Mas quem foi que teve a melhor ideia de descobrir o comboio que ia pra São Paulo? — indaga ironicamente Fumaça.

Dito acha graça. Sabia que tinha razão.

— Tá certo. Pode ir.

As luzes na estação se acendem, depois nas ruas, na praça que avistavam à distância, em alguns pontos da estrada, nos postes que só iluminavam capins-de-folha-larga.

— Acho que tá na hora de ir se mandando. Olho vivo que agora é pra valer. Acho bom caminhar por baixo dos carros.

Fumaça enfia-se no blusão novo, Manguito amarra o seu na cintura. Dito mete o suéter no bolso da calça. Descem o calçadão do armazém em ruínas.

Perdem-se na escuridão que, lentamente, vai fazendo com que touceiras de capim e rumas de trilhos e dormentes se confundam.

Dito está na dianteira, seguido de Manguito. Caminham a princípio pela lateral dos vagões, saltando nas pontas dos dormentes. Quando percebem a lanterna de um sinaleiro, tratam de ocultar-se.

— Cuidado com a cabeça, Fumaça. Não vai machucar o trem — diz Manguito em tom de troça.

Dito manda que faça silêncio, a marcha prossegue. De quando em vez saem, na esperança de encontrar uma das portas dos vagões aberta. Mas é novamente Fumaça quem descobre o que tanto procuravam.

— Do outro lado uma porta tá um pouco afastada. Acho que dá pra entrar e acabar de abrir.

— Como sabe disso? — indaga Dito.

Fumaça não responde. Torna a sair de baixo do vagão e mostra.

— Olha só!

Dito anima-se. Manguito brinca.

— Que olho vivo que esse diabo tem...

Dito escuta, conclui que não há ninguém no carro. Examina se o vagão podia ser trancado por fora. Ajuda Fumaça a subir. O garoto desaparece.

— Tá escuro pra cacete. Não dá pra ver nada! Manguito manda abrir um pouco mais a porta.

Do lado de fora e de mau jeito Dito se esforça. A pesada porta, que era de correr, afasta-se. Dá para entrar, apertando-se. Manguito acha que é perigoso ficar muito tempo no escuro.

— Vou comprar cigarro e fósforo.

Dito acha a ideia oportuna.

— Não deixa ninguém te ver caminhando nessa direção. Dá a volta por longe.

Manguito torna descer do vagão, caminha agachando-se por entre as montoeiras de trilhos, dormentes e touceiras de capim.

— E se o trem for embora antes de voltar? — indaga Fumaça.

— Acho que não. Quando tiver de partida aparecem os sinaleiros com as lanternas.

Alguns minutos depois Manguito reaparece. Além dos cigarros e fósforos, traz um saco com sanduíches e balas.

— Puxa, cara! Legal. Se não se lembrasse disso, a gente ia morrer de fome!

Deposita o saco de sanduíches de lado, Dito esforça-se para fechar o mais que pode a porta, um fósforo é riscado. O vagão está repleto de caixas. Por ali poderiam ficar a viagem toda, sem medo de serem incomodados.

— E se a carga for pra alguma cidade antes de São Paulo? — indaga Manguito.

Dito não tem mais do que se preocupar.

— Se salta, passa pra outro. Não adianta esquentar.

Manguito distribuiu os sanduíches, Dito oferece as balas de leite que ainda tinha nos bolsos.

Capítulo 2

I

Manguito encontrou acomodação num banco, por trás do motorista. Fumaça está sentado ao lado de Dito. É a primeira vez que vinha a São Paulo. Os viadutos se entrecruzando, os túneis, as avenidas largas, tudo isso enchia o garoto de curiosidade. Dito respondia às suas indagações.

Saltaram na rua de casario antigo, onde eram raros os edifícios e em quase todas as esquinas e nos bares viam-se japoneses. A rua era suja, as calçadas esburacadas. Entraram numa lanchonete, Dito pagou café pingado, Manguito pediu pão com manteiga. Escolheram uma mesa e para lá conduziram as xícaras e o copo de pingado. Fumaça ria cada vez que o japonês da caixa falava com o outro, debruçado no balcão. Não entendia absolutamente nada do que diziam, achava graça disso.

— Será que se vai encontrar Débora?

— Se não tiver, se espera.

Manguito prossegue mastigando o pão.

— Ainda tá muito longe a casa dela?

— Acho que. não.

O japonês baixo e forte, toalha suja passada na barriga, recolhe as xícaras e o copo. Os garotos levantam-se, recomeçam a caminhada. O dia é sombrio, a água empoçada nas calçadas mostra que choveu bastante na véspera.

Passam pelo sobradão que está sendo demolido, pelo depósito de ferro onde a carreta manobrava, chegam finalmente ao prédio de dois pavimentos, com alguns trabalhadores nos andaimes.

Dito fala com um dos homens, como recomendara Cristal, ele desce por uma escada, manda que o acompanhem. Seguem por um extenso corredor,

Dito com todos os sentidos despertados e, ao mesmo tempo, imaginando o quanto ainda era ingênuo, por não ter previsto aquela situação.

O desconhecido, sujo de tintas, calça uns sapatos velhos, anda fazendo barulho no assoalho de tábuas gastas. Manguito, ao lado, parece não desconfiar de nada. Fumaça vem atrás. O homem empurra uma porta, aparecem as poltronas antigas, de estofado se rasgando, umas cortinas encardidas.

— Esperem um pouco que ela vem já.

Sentam-se, ficam ouvindo as passadas do cara no corredor. Manguito faz considerações em voz baixa, Dito sente que Fumaça está assustado.

— Não estou gostando disso, cara!

Manguito espia pelo corredor, logo depois ouvem-se passos. É mais de uma pessoa que está vindo. Dito ergue-se, vê duas mulheres. A mais alta e mais gorda está pintada, tem os cabelos bem penteados. Usa roupa que parece de baile. Sorri quando vê Dito, mostra os dentes brancos.

— Foi Cristal quem mandou vocês — vai dizendo e entra na sala. — Sejam bem-vindos.

Pergunta detalhes da viagem, Dito não está disposto a abrir-se, vai direto ao assunto.

— Cristal mandou a gente lhe entregar umas coisas e receber o resto da grana.

A mulher torna a sorrir, pergunta pelas coisas. Manguito aponta as calças.

— Tão costuradas aqui.

— Cristal sempre desconfiado! — diz ela. — Fiquem por trás daquela cortina, passem as calças. Celina tira as costuras.

Dito olha a mulher que viera com Débora. É magra e bastante enrugada. Manteve-se calada o tempo todo.

— Só ele precisa ficar atrás da cortina — diz Manguito, sorrindo. — A gente tá de short.

— Tanto melhor. Enquanto Celina cuida do trabalho vou buscar o dinheiro e providenciar café.

Dito agradece, Manguito também, a mulher parece não ouvi-los, caminha pelo corredor, os saltos altos fazendo barulho nas tábuas. Celina vai cortando as linhas com uma lâmina, entrega as calças de Manguito e Fumaça. Por último a de Dito. Veste, sente que um dos saquinhos não foi retirado.

— Esqueceu um.

— Débora mandou deixar. Vão entregar em outro lugar.

Aquilo não estava na combinação com Cristal, mas restava esperar que a mulher reaparecesse para reclamar. Não adiantava discutir com Celina que parecia não resolver coisa alguma. Limitou-se a seguir Débora pelo corredor, a ficar parada como estátua, a movimentar-se para cortar os alinhavos que Cristal fizera.

Depois que Fumaça botou a calça, Manguito ficou rindo dele, dizendo que devia comprar um short, para não estar passando vergonha. Dito ouvia aquela gozação toda, preocupava-o o desaparecimento de Débora, sob a alegação de ir providenciar café. Celina também se foi, silenciosa como sombra. Passaram-se uns dez minutos e só então Dito percebeu que haviam conduzido os tais saquinhos. Aí, sem que tivessem ouvido qualquer ruído, apareceu um homenzarrão gordo e barbudo, de terno claro e gravata preta. O tipo entrou e foi tratando de fechar a porta. Os garotos correram para um canto, Fumaça meteu-se por trás da cortina. O barbudo segurou Dito pelo braço, sentou-se numa das poltronas, puxou-o.

— Vamos conversar, moleque!

Dizendo isso torceu-lhe o braço.

— Onde é que tá a cocaína?

Dito estava aterrorizado. Calor tremendo subia-lhe pelo corpo, as orelhas em brasa, olhos quentes como se fosse chorar.

— Não sei do que tá falando!

— Sabe sim, filho da puta!

O homenzarrão aplicou a primeira bofetada. Manguito avançou sobre ele, foi afastado com um pontapé. Além de manter o braço de Dito para trás, numa forte torção, o estranho segurava-o também pelos cabelos.

— Responde o que pergunto ou vai morrer de porrada, Se soltar a língua as coisas podem melhorar.

Dito não sabia o que fazer, Não conseguia entender se o cara era um tira ou traficante amigo de Débora, querendo passar Cristal para trás. Estava confuso e bastante atordoado, pois cada vez mais o braço era torcido e os cabelos esticados.

— Fala, moleque, antes que me enfureça.

— Entreguei tudo a Débora — disse quase chorando.

— Mentira, cachorro! Não mete a mulher nos teus rolos!

O homem parecia ter ficado transtornado com aquela afirmação. Passou a apertar Dito pelo pescoço, Manguito e Fumaça tentaram interceder, foram pisoteados. Finalmente o desconhecido lançou o garoto sobre uma das poltronas. Dito estava ofegante. Fumaça viu quando o homem abriu a porta e entraram mais dois. O alto e magro pôs-se a revistar Dito.

— Tira a roupa dele — ordenou o barbudo.

O moreno baixo puxou-o pelas pernas, atirando-o no assoalho. A calça foi retirada, o magricela pôs-se a examiná-la. Seus olhos se iluminaram em dado instante, ao encontrar o saquinho que Celina havia deixado costurado. Virou a roupa pelo avesso, exibiu ao homenzarrão.

— Olha só!

O tipo moreno abriu um canivete pendurado no molho de chaves, cortou as linhas. O saquinho terminou nas mãos do barbudo, que o cheirou, apalpou, como se examinasse uma preciosidade.

— Coca. Como esperava!

II

Dito saiu do prédio chorando de dor e de ódio. Gostaria de morrer para aprender a não ser burro. Por que foi acreditar em Cristal, que mal conhecia? Por que foi acreditar em Débora, quando disse que ia providenciar dinheiro e café? Por que deixou Celina tirar-lhe a mercadoria, sem antes ter sido pago? E quem eram aqueles homens? Estava confuso. Poucas vezes se sentira assim, tão derrotado e triste. Ouvia o soluçar baixinho de Fumaça, ficava ainda mais aflito. Como poderiam acreditar num cara como ele, que se deixava prender como um patinho? Não podia ser, Cristal não devia ter feito aquilo.

A Kombi tinha bancos laterais, desconfortáveis, Dito necessitava segurar-se com ambas as mãos. O interior era completamente escuro e mal conseguia enxergar o vulto dos companheiros.

. — Que mulher sacana, hem? — foi tudo que disse Manguito.

Fumaça deixou de soluçar.

— Vou apostar que tão nos levando pro juizado.

Dito não sabia o que comentar. Se fosse isso, até que não seria o pior. Temia complicações mais profundas.

Depois de muito rodar as portas da Kombi se abriram. O magricela e o moreno seguraram os três pelo cós das calças. Caminharam« pequeno trecho, até a escadaria, entraram no salão deserto. O homenzarrão tirou o paletó, dependurou-o no espelho da cadeira, arregaçou as mangas, deixando ver os braços grossos e peludos, o relógio de pulso dourado.

— Leva pro confessionário...

O magricela e o moreno puseram-se a empurrar Dito. Agora, sabiam estar numa delegacia. Exatamente o que Dito temia. Desceram por uma escada de degraus de ferro, passaram por dois banheiros que fediam a urina, entraram numa sala sem janelas e onde havia grande lâmpada acesa. As únicas cadeiras estavam ao redor da mesa.

— Acho bom abrirem logo o bico. Dr. Mauro não é de brincadeira. Já tirou o couro de muito cara ruim, quanto mais de vocês — diz o magricela, mostrando dentes amarelos num riso cínico.

— Não te mete nisso, cara. A garotada tem personalidade. Assim é que gosto de ver — afirma provocativamente o moreno baixo. — Esse aqui tem cara de machão — diz e tenta tocar Dito, que evita a intimidade.

O magricela diz que o delegado já está vindo, Fumaça sente um frio percorrer-lhe a espinha, Manguito está assustado, Dito sabe muito bem o que vai acontecer.

A porta se abre, o homenzarrão está de mangas arregaçadas e sem a gravata. Senta-se, o magricela fecha a porta, o moreno baixo tira um pedaço de mangueira de jardim de uma das gavetas.

— O que prometo não costumo falhar. Prometi porrada e é o que vão ter. A não ser que entreguem o cara que fornece a cocaína. Vamos começar pelo menor.

Os olhos de Fumaça estão saltados. O magricela puxa-o para perto da mesa.

— Onde encontraram a cocaína?

Fumaça olha Dito, olha Manguito, sacode negativamente a cabeça. O tipo moreno não espera, aplica-lhe a primeira bordoadada nas costas, depois no peito, na cabeça, nas pernas. Segura-o com uma das mãos e, com a outra, bate. O homenzarrão manda que pare.

— Não quero gritaria aqui.

O magricela retira um guardanapo sujo da gaveta, amarra a boca de Fumaça. O moreno sorri, põe-se a bater.

— Quando achar que tá na hora de parar, abre o bico — diz o delegado, dirigindo-se a Dito.

Fumaça já não consegue mexer-se. Está de pé porque o moreno o segura por um dos braços. Dito sabe que vão matá-lo, caso não fale.

— Ele não tem nada com isso. A transa foi toda minha — diz, a fim de que o espancamento cesse.

— É assim que se fala — afirma o delegado. — E quem é o fornecedor?

— Um tal de Cristal. Faz ponto no morro São João, no Rio de Janeiro.

Os olhos do policial se iluminam. Acende um cigarro.

— Não diga que são traficantes interestaduais.

O magricela e o moreno também acham graça.

— E quem são os contatos desse tal Cristal aqui em São Paulo?

— Débora!

O delegado levanta-se desajeitadamente, aplica um murro no rosto de Dito. Torna a sentar-se, limpando as mãos no lenço.

— Não minta na minha frente. Não tente implicar a pobre mulher.

— Mas foi a ela que Cristal mandou entregar a encomenda — torna a dizer Dito.

O moreno vibra-lhe uma bordoadada com a mangueira por cima da cabeça.

— Não ouviu o doutor dizer pra não implicar a mulher? Tu é surdo?

O delegado passa o lenço no rosto.

— Quero saber quem são os contatos do tal Cristal aqui em São Paulo.

Dito não sabe o que responder, já que o policial não aceita Débora como uma das implicadas.

— Não sei!

— Não sabe? Vê se ajudam a imaginação do moço.

O magricela rasga-lhe as roupas. O moreno ajuda a tirar-lhe o short. Dito esforça-se o que pode para evitar que isso aconteça, recebe uma pancada na altura dos rins, o short é rompido.

— Olha só o rolão que ele tem, chefe!

— Vamos ver se é macho de verdade.

O magricela pega-o pelos cabelos, mete-lhe a cabeça por baixo das pernas, o moreno forte começa a baixar a borracha. As chibatadas vão deixando marcas vermelhas e Dito não pode gritar, pois a cada movimento que faz o magricela aperta-lhe a cabeça. De repente, solta-o, ele se estatela no chão. Mas as chibatadas não cessam, até que o delegado faz um sinal.

— E agora? Quem são os amiguinhos de Cristal?

Dito sacode a cabeça.

O policia] remexe nas gavetas.

— Sabe sim. Vai já saber!

Encontra um tolo de barbante, joga as algemas ao magricela.

— Vamos lá, Caramelo. Faz esse bicho cantar. Como nos velhos tempos.

O magricela sorri, enquanto prende os braços de Dito para trás. Está com as costas ensanguentadas e um dos olhos tremendamente inchado. Tenta fixar-se numa forma de escapar dali, não consegue. A não ser que inventasse alguma coisa completamente sem sentido e na qual o delegado acreditasse. Mas, nem assim, sabe o que seria bom dizer. Tem medo de cair em contradição, piorar a coisa.

Caramelo dobra um longo pedaço de barbante em dois, segura os ovos de Dito, amarra-os, entrega o barbante ao dr. Mauro.

— Tu sabe dançar? Se não sabe vai aprender.

Dá o primeiro sacalão no barbante. Dito estremece de dor. O policial ri, Roxão bota a cadeira na frente, o barbante é esticado outra vez, Dito não tem mais o que ceder, Caramelo segura-o pelos cabelos, a fim de que não consiga aproximar-se da mesa onde está o delegado. Depois, pega a borracha de mangueira, prende-lhe a boca com ela, Roxão ajuda a puxar o barbante, Dito está ficando com o rosto vermelho, as lágrimas escorrem. No instante em que ia desmaiar o barbante afrouxa, Caramelo tira-lhe a borracha da boca, ele cai sentado. Roxão curva-se ao seu lado, fala em tom amigável.

— Vamos lá, garotão. Entrega os caras ou vai acabar castrado!

Dito não aguenta mais. Tem de inventar qualquer coisa. .

— Um mora no Cambuci, outros dois no Brás.

— É verdade isso? — pergunta dr. Mauro dirigindo-se desta vez a Manguito.

Este apenas sacode a cabeça.

— E como é que se chamam?

Manguito está em pânico.

— Sei quem são mas não sei os nomes.

— Indo lá tu mostra? — insiste o delegado.

O garoto diz que sim.

— Pois tá resolvido. O que tem língua solta fica aqui por cima!

— E onde se guarda os outros? — indaga Caramelo .

— No curral. Lugar de bicho é lá.

Roxão sai empurrando Fumaça e Dito, o delegado torna a esfregar o lenço no rosto e nos braços peludos, acende outro cigarro.

III

Enquanto dr. Mauro caminha para seu gabinete, Caramelo conduz Manguito a uma sala escura. Abre a porta, empurra-o para dentro. Roxão desceu vários lances de escada e agora toca Fumaça, que está se recusando a continuar.

— Pra frente ou acabo contigo aqui mesmo!

O pequeno apavorou-se, Dito tenta encorajá-lo.

Roxão não fala duas vezes. Aplica-lhe um pontapé, o garoto cai, segura-o pelo blusão, sai puxando até junto a uma cela.

— Abre isso aqui, Vovô! — diz ao velhote que se aproxima, com as chaves.

E, gritando para os que estavam atrás das grades:

— Dois franguinhos pra ser depenados!

A porta fecha-se, Dito encosta-se numa parede, Fumaça arrasta-se para o canto. Por uns momentos os tipos permanecem parados, olhando Roxão e o velhote das chaves. Fumaça está chorando. O cara abrutalhado, de barriga nua, grita.

— Não se quer choro neste chiqueiro. Era só o que faltava!

O preso que é cego de um olho ri, bate nas mãos sujas.

— Tá parecendo maternidade!

O que usa muletas e tem avantajado bigode também dá palpite.

— É preciso saber qual é a jogada do Roxão. Esses dois anjinhos não baixaram aqui por acaso!

— Que é que tá querendo insinuar? — indaga o homem da barriga nua.

O pernetá faz uma careta. O cego de um olho abaixa-se ao lado de Dito. Toca-o com o dedo, como se não acreditasse que estivesse sentindo sua presença.

— Qual é a tua? Por que veio cair neste galinheiro?

Dito não tem vontade de falar. O de barriga de fora também se aproxima.

— Vamos abrir o livro. Não vai ser tu que me ganha aqui dentro.

Toca-o com o pé.

— Nos agarraram com entorpecente — afirma Dito.

— Que gracinha. Tão inocente e já na cadeia — afirma o cego de um olho.

— Canta a pedra direito — exige debochadamente o tipo da muleta.

Dito não sabe mais o que dizer. Já enfrentou muita situação difícil, nos seus quinze anos de idade e dez de delinquência, mas nunca tivera um momento como aquele. Pensa numa maneira de escapar, imagina as dificuldades em que estaria metido Manguito, ouve os risos e as provocações dos prisioneiros. Uma espécie de profundo desânimo começa a dominá-lo e, vagorosamente, sente como se estivesse morrendo. Lembra-se de Pixote e inveja-o por ter morrido enquanto corria, na manhã clara e fresca. Uns simples estampidos, que não conseguira ver de onde partiam, ele tropeçando, caindo para não mais levantar, Por que com ele não acontecia a mesma coisa? Por que teria de enfrentar todos aqueles débeis mentais e ainda dar explicações ao delegado? Ah, como gostaria de escapar de tudo aquilo, correr novamente livre pelas ruas e chegar ao prédio de dois pavimentos. Entrar sem ser visto, surpreender Débora. Ah, como gostaria!

Ao prestar atenção novamente aos prisioneiros, o de barriga grande alisa-lhe as costas.

— Coitadinho dele. Levou cacete que não foi mole.

Aproxima a cabeça de Dito. Pega-lhe uma das mãos, tenta fazer com que o garoto o apalpe. Dito puxa a mão, a risada é geral.

— Amanhã ou depois já acostumou — diz o cego de um olho.

— Quem vai primeiro com a bonequinha sou eu — adverte o de barriga nua, que tem ares de xerife da cela.

— Depois vou eu — grita um negrão imenso, que até então Dito não tinha visto.

O homem estava só de short, pernas cabeludas, correntão de metal no pescoço.

— Tá certo. Fico em terceiro — diz o cego de um olho.

— Se sobrar pra mim, também quero — afirma o tipo da muleta.

O que tinha cara de índio não estava interessado em comer Dito. Seu negócio era com Fumaça.

— Ele me chupa, quando eu quiser, e cuida da cela. Todo mundo pode cagar à vontade que o Sagui trata da limpeza.

Fumaça está mais assustado do que nunca. Olha aqueles homens ao redor de Dito, sente pena do companheiro. De quando em vez o garoto tem um rompante, levanta-se, esbraveja, ameaça dar socos e pontapés, o grupo se abre, os tipos acham graça. O de barriga nua limita-se a dizer que é assim mesmo que gosta de um franguinho.

— Se não protestasse não ia ter graça.

— Mas eu vou primeiro — torna a afirmar o negrão.

— Isso a gente disputa na porrinha — diz o de barriga nua.

O índio está fora da confusão. Pega o braço fino de Fumaça, abre a calça.

— Vamos lá, Sagui. Fica brincando aí. Não deixa a rolinha fugir.

O pequeno faz cara de horror, tenta recusar-se.

— Deixa de ser besta. Faz o que te mando ou te jogo no bolo de lá.

Os outros cinco ou seis presos que não participam nem de uma iniciativa, nem da outra, limitam-se a rir. O rapaz alourado, de ar distante, é o único que não acha graça. Quando o jogaram naquele xadrez, há dois meses, passou pelo mesmo sacrifício. Primeiro foi o de barriga de fora, depois o índio, o cego de um olho e o negrão, transferido da Galeria B. Com o tempo, tornou-se de todos que o procuravam. Na primeira semana tentou reagir. Além de acabar submetido, ainda apanhava. A marca no rosto foi da dentada que o negrão lhe dera. Já não tinha mais esperança de reabilitar-se. Não sabia mais, sequer, por que fora parar ali. Nem se esforçava em recordar. Diariamente, tentava encontrar um meio de matar-se, mas sempre alguém o impedia. A maioria se interessava em que permanecesse ali. Cada um que tinha vontade puxava-o pelos cabelos, ele se abaixava. Os outros ficavam na frente, para o carcereiro não ver. Pelo que podia perceber, iam tentar fazer o mesmo com o garoto que chegara e não se cansava de dar socos e pontapés no ar, enquanto os tipos de olhos e bocas indecentes arreganhavam-se em risos. O índio mantinha a mão de Fumaça dentro da calça, apertava-lhe o braço.

— Mexe como quero ou te quebro os ossos, Sagui!

Fumaça punha-se a fazer leves movimentos com os dedos, enquanto as lágrimas escorriam-lhe sobre o peito magro.

IV

Estava principiando a escurecer quando o delegado chamou novamente Caramelo.

— Traz os trombadinhas pra cá. Vamos manter os três no carro. Se um não der conta do recado o outro tem que dar.

Caramelo sai do gabinete chamando por Roxão. Abre salas, desce escadas, até o xadrez. Vovô aparece com o molho de chaves. Quando empurra a grade, vai dizendo em tom de deboche.

— Acabou a festa. Os franguinhos vão voar!

O da barriga de fora protesta.

— É uma injustiça! Como podem fazer isso, logo agora que tou levando a melhor na porrinha?

O índio ajeita as calças, dá um empurrão no garoto, Caramelo percebe a sujeira que está a mão de Fumaça, manda que entre no chuveiro. Ele mesmo abre a torneira, os borrifos caem com força.

— Vovô, manda Roxão conseguir shorts pros nossos amiguinhos!

Roxão aparece com os shorts e camisas de meia.

— Tome lá. Presente da casa!

Dito apressa-se em vestir-se, o mesmo fazendo Fumaça. Tem o pressentimento de que aquela era a grande oportunidade e provavelmente a única que teria. Se voltasse ao xadrez seria liquidado. Tinha de fugir, ainda que não pudesse levar os companheiros. De qualquer forma, preso é que não teria a menor utilidade para eles.

— Os sapatos tão lá em cima! — torna a dizer Caramelo, quando os vê vestidos.

Os dois garotos seguem pelo corredor, até o gabinete. O olho esquerdo de Dito está inchado. Dr. Mauro manda Caramelo pegar gelo e botar em cima. Dito está surpreso com tantos cuidados. Não sabe o pode ter acontecido. Tem vontade de perguntar por Manguito mas se contém. No mínimo o policial estava com algum plano e, daí, aquelas atenções todas.

Dr. Mauro solta o telefone.

— Sentiram o drama? Pois é onde vão ficar uma temporada, se o amiguinho de vocês não tiver falando certo.

Caramelo retorna com o gelo e Roxão com Manguito. Fumaça olha-o, como se perguntasse o que tinha lhe acontecido. Mas nenhum fala.

Manguito está pálido e um tanto ausente.

— Vamos começar pelo Brás que é mais longe — diz o delegado a Roxão, que já pegou a chave do carro. — Traz a viatura pro pátio dos fundos. Não quero que ninguém nos veja.

Torna a descer uma escada sombria, ficam olhando a Kombi se aproximar em marcha à ré. As portas laterais abrem-se, os pequenos são empurrados para dentro. Era a oportunidade que Dito estava esperando.

— Se tem de fugir de qualquer jeito, pessoal. Se puder, caio fora com vocês. Senão, cada um que trate de escapar.

As afirmações de Dito deixam Fumaça um tanto decepcionado.

— Não conheço nada dessa cidade.

— Então fujo com vocês — afirma Dito.

Compreendia, agora, mais do que nunca, ser impossível abandonar os companheiros. Não saberiam por onde seguir e, facilmente, seriam outra vez capturados, talvez por policiais ainda piores que o dr. Mauro e seus auxiliares. O motor é ligado, o carro parte.

— Nossa chance é quando pararem. E aí que se tem de escapar. Vou encher o pé no que se meter na frente, vocês se mandam.

Dentro da Kombi não dava para saber por onde estavam. Em determinados momentos o motor fazia força, como se estivesse subindo uma ladeira, em outros desenvolvia, a zoadá diminuía. Dito não tinha mais o que dizer. Restava concentrar-se e acreditar na sua façanha. Se desse errado iam tirar-lhe o couro.

A Kombi parou. O motor foi desligado. Dito manda que Manguito e Fumaça fiquem colados na porta, ele toma posição. Os trincos do lado de fora são acionados, a porta abre. Não vê mais o que sucedeu com Manguito nem com Fumaça. Sabe que acertou a cara de Roxão com o bico do sapato. Viu quando o homem levou as mãos aos olhos e só. Daí para frente foi o salto, a queda, a embolada no chão, as pernas movimentando-se rapidamente, os gritos.

— Os trombadinhas tão fugindo, delegado!

Não olha para trás, saltou na calçada alta, viu os colegas, passou à frente deles, entrou pelo terreno baldio, parou para descansar. Sabia que, agora, dificilmente poderiam alcançá-los. Manguito chegou perto, Fumaça estava botando os bofes pela boca. Foram caminhando por entre as touceiras de capim, Fumaça queixando-se do dinheiro que Caramelo havia roubado,

Manguito argumentando ter escondido uma cédula de cem no sapato. Dito bate-lhe nas costas.

— Puxa! Foi vivo, cara! Essa cédula vai nos tirar da miséria!

Ainda estão andando no matagal, depois alcançam a estrada de terra batida, com muitos charcos.

— Já se deve tá perto da Avenida do Estado. Se toma um transporte, vai de novo pra casa de Débora.

— E se a polícia tiver por lá?

— Se repara antes. Eu subo com Manguito, tu fica embaixo, pra dar o serviço. Aquela puta vai se arrepender de ter nascido.

— Tou seco pra botar a mão nela — afirma Manguito.

— A gente não entra logo no prédio. Primeiro, sonda e deixa o tempo passar. Quando tiver bem tarde se faz o serviço — afirma Dito, com certo nervosismo.

— Esse teu olho é que vai estragar tudo — diz Manguito.

— Quando passar por uma farmácia compra esparadrapo, Botando um pedaço em cima, dá pra disfarçar.

— Tá enxergando direito? — indaga Fumaça.

— Melhor do que precisava. Muito bem pra saber onde Débora botou nosso dinheiro.

— Depois que se ajustar as contas com aquela puta, o que se faz?

— Vou convocar o resto do pessoal — afirma Dito. — Encravado, Castigo de Mãe, Rapadura, Alfinete e Figurinha. Só se pode andar de bando. Vamos baixar no terreiro de Cristal e bagunçar o coreto.

Chegaram a uma rua movimentada, depois a outra, passaram pela panificadora, Manguito entrou, comprou doces, Sentaram-se no meio-fio, demoraram-se saboreando. Nenhum falou dos vexames sofridos na delegacia. Um pouco mais adiante encontraram a farmácia aberta, Manguito adiantou-se para comprar o esparadrapo, Rasgaram uns pedaços com as unhas, cobriram o ferimento.

— Agora se pode enfrentar o ônibus. Mas não é bom ficar um perto do outro — recomenda Dito.

Manguito dá uma parte do dinheiro a Fumaça, Dito fica com cinco. Tomam o primeiro ônibus que passa em direção à cidade.

— De lá se pega outro, até a Rua Lavapés — afirma Dito, — Há uma porção que serve.

V

Por volta de duas horas chegam ao Largo do Cambuci. As lojas ao lado do prédio de dois pavimentos estão fechadas, só as vitrinas iluminadas. Dito manda que esperem, enquanto faz a sondagem.

— Subindo pelo andaime, dá pra entrar!

Espera um momento em que não há ninguém por perto, Agarra-se num dos paus, põe-se a subir. Chega às tábuas sujas de cimento e tintas, depois ao segundo pavimento. Força a janela, entra silenciosamente. Tira os sapatos, chega a um quarto, onde havia cadeiras, um guarda-roupa, a máquina de costura. Abre gavetas, descobre a tesoura que põe no bolso. Avança pelo corredor, chega à escada. Desce, abre a porta, Manguito entra, deixa Fumaça vigiando. Passa a tesoura ao companheiro. Põem-se a examinar os cômodos do andar térreo. Num dos quartos há luz. Espiam pelas frestas, confirmam que a mulher que está lá dentro é Celina. Dito torna a olhar. Está bebendo e vendo televisão. Retoma a tesoura, Manguito caminha até o quadro da luz elétrica, desliga-a, o casarão fica às escuras. Neste momento Dito entra, esbarra na mulher, ela não entende direito o que está se passando. A luz toma a acender. Dito já está segurando-a por trás, crava a tesoura no peito. A mulher tenta escapar mas não consegue. É espetada por baixo das costelas, cai batendo-se numa poltrona. Dito percebe ter ficado todo manchado, mas não se preocupa. No quarto de Celina encontra algumas facas e um revólver. Dá uma das facas a Manguito, bota a outra na cintura. Continua a examinar os cômodos, até certificar-se de que estão todos vazios. Vai para o andar superior. O casarão em silêncio. Só as vozes na televisão prejudicam aquela paz. No final do corredor avista luz. Agacha-se, Manguito segue-lhe o exemplo. Avançam quase deitados no chão. Dito deixa que o colega suba nas suas costas para olhar pelo vidro.

— Tá com um cara!

Não podia acontecer coisa melhor para o ódio que Dito sentia. Restava saber exatamente o que fazer. Bater na porta, esperar que abrissem, ou simplesmente arrombá-la? A oportunidade era boa demais para haver precipitações. Tinha dúvida se era capaz de derrubar uma porta daquelas com um encontrão de ombros. Por isso, o melhor caminho era bater. Levemente. Como se fosse Celina.

— Quem é?

Tornou a tocar. A porta abriu-se, Era o cara que Manguito tinha visto. Acionou o gatilho. O desconhecido não teve tempo de falar. Um disparo na barriga, dois no peito. Débora deu um grito angustiado. Dito já estava ao seu lado, Manguito terminando de sangrar o cara para evitar surpresas. A mulher parecia bem mais jovem do que pela manhã.

— Viemos buscar o dinheiro!

— Tou com ele, desde cedo. Não sei por que aquele delegado maluco foi se meter onde não era chamado!

A mulher dizia essas coisas e abria gavetas. Manguito aproximou-se do telefone, cortou o fio.

— Assim pode se conversar melhor.

— Quem tá pra chegar?

A mulher diz não saber, em estabonado nervosismo. Dito tem a faca apontada no seu pescoço.

— Tua morte vai ser lenta, filha da puta. E em vez dos três mil, se quer seis.

Débora encontra a bolsa com o dinheiro, entrega a Dito.

— Podem ficar. Tem mais de dez mil. É tudo de vocês, mas não me matem!

— Vê se não tá mentindo de novo. Vou apostando que as cédulas são falsas.

Obriga a mulher a sentar-se. Com a ponta da faca, rasga-lhe a blusa, corta as alças da combinação. Aparecem uns seios grandes e moles.

— Vagabunda!

Manguito termina a conferência do dinheiro.

— Tem nove mil!

— Vê só. Acabou de dizer que era mais de dez — acentua Dito, nervosamente.

— O que houve foi um mal-entendido — diz a mulher, chorando.

— Mas quem se lascou foi a gente.

Débora tenta correr, num momento em que imaginou estivesse Dito descuidado, Agarra-a pelos cabelos, crava-lhe a faca nas costas, depois na barriga. A mulher ergue os braços, Manguito tapa-lhe a boca, ela vai perdendo as forças. Agora, Dito está realmente sujo de sangue. Entra para o quarto de Débora, abre o armário, procura uma blusa, troca-se, passa o pente nos cabelos, ajeita o curativo, apaga a luz, fecha a porta por fora.

Manguito meteu todo o dinheiro no bolso, encontram Fumaça, que continua sentado no batente.

— Tudo certo?

— Melhor do que se esperava — responde Dito.

— Resta dá no pé — acentua Manguito.

Fazem sinal para o táxi que vem passando, desaparecem.

De madrugada estão adormecidos nos bancos da estação de trens. Dito já se informou, sabe que às cinco parte um cargueiro para o Rio. Deu uma gorjeta ao funcionário, descobriu inclusive o prefixo do trem. Quando fosse por volta das quatro acordaria Fumaça, sumiriam nos desvios, entrariam num dos vagões. Tão cedo não retornariam a São Paulo. Pelo menos até que o delegado grandalhão os esquecesse. Pensando nessas coisas Dito recostou a cabeça no banco e por uns momentos adormeceu.

VI

Acordou com a chegada do trem de passageiros, o primeiro que partia aquele dia. Não fosse a permissão para menores viajar, podia facilmente adquirir as passagens. Mas não queria arriscar. Qualquer descuido poderia redundar em prisão certa. O velhote com o saco e a mala parou perto, botou a carga no chão. Com ele estavam duas meninas e um menino. A maiorzinha olhava Dito, sempre que não estava prestando atenção. Quando a encarava, desviava os olhos. Veio o homem que vendia balas e doces, Dito ofereceu à menina e ao irmão dela. O garotinho aceitou, distribuiu o tablete de chocolate com as irmãs, o velhote olhou agradecido.

— Sabe se o de segunda classe já chegou?

Dito balançou a cabeça. Não sabia.

— Pra onde tá indo?

— Itapeverica. Tamos chegando de João Pessoa. Uma estirada grande!

A gare foi se enchendo de gente, apareceram funcionários da ferrovia, vieram as mulheres que varriam pontas de cigarros, Dito resolveu acordar Fumaça e Manguito.

— Vamos lá, tá quase de manhã.

Olhou mais uma vez a garotinha de cabelos escorridos, rosto pálido, caminhou até o fim da gare e de lá saltou sobre os trilhos, no que foi

seguido pelos companheiros. Pararam por trás de um pedaço de muro, examinaram se estavam sendo seguidos. Chegaram aos desvios e ao comboio. Eram mais ou menos uns quinze carros, puxados por uma única locomotiva. Meteram-se por baixo dos vagões, subiram os engates. Forçaram a primeira porta que encontraram mal fechada, sentaram-se entre fardos de mercadorias.

— Teu olho tá ficando todo roxo, cara — diz Manguito.

— Até chegar lá deve tá melhor.

Manguito encurtou a conversa por compreender que Dito não gostara muito da observação. Recostara-se a um fardo, brincava com os grãos de cereais que havia encontrado. Fumaça fazia pilhérias, Manguito sorria, Dito estava distante. O pensamento disperso em Cristal, Pixote, na menininha de cabelos escorridos. Tentava alegrar-se, rir das besteiras de Fumaça, o que via era Cristal gesticulando, falando macio, esfregando giz no taco para mais uma jogada. Por cima dessa imagem tranquila, de palavras calculadas, Pixote corria: pernas finas, camisa de pano barato sacudindo nas costas, o riso de dentes miúdos. Por que mataram o garoto? Por que, se estavam apenas atravessando por ali, a fim de evitar alcaguetes e marginais? Não podia encontrar uma explicação, por mais que pensasse no assunto.

— Se devia ter comprado sanduíche — diz Fumaça.

— Quando o trem parar se compra banana — afirma Manguito.

— E até lá?

Manguito acha graça da preocupação do garoto.

— Sonha que tá tomando um pingado com pão e manteiga. É só fazer isso, a fome passa.

Fumaça faz uma careta, Dito acha graça.

— Quando se reunir a turma toda — diz ele — não se vai mais entrar nessa de caras como Cristal. Tem de se pensar numa outra forma de conseguir grana!

— Vender coisas nas ruas.

— Se rouba nas lojas e vende — afirma Fumaça.

— Aí, te grampeiam em dois tempos.

— Acho melhor se controlar dois ou três estacionamentos grandes.

— Boa ideia. Se esfrega os carros e tira coisas de dentro deles — sugere Fumaça.

Dito torna a rir.

— Tu só pensa em roubar, cara!

O comboio começou a deslocar-se. As rodas emitem ruídos finos, estalam sobre os trilhos.

— Quanto tempo será que se leva até o Rio?

— indaga Manguito, sem desejar qualquer resposta.

— Um dia desse se chega por lá — fala Fumaça, que se mostra muito alegre.

— A melhor coisa que se faz pra levar uma grana tranquila — torna a dizer Dito — é transar nas feiras. Às madames precisam de garotos pra empurrar os carrinhos, lá vamos nós...

— Acha que isso é legal?

— Pode não ser mas rende. Quando o tutu de Débora terminar, vamos precisar de reforço. O melhor é a gente não esperar que acabe.

— E se der polícia?

— Corta essa! Ajudando madame não vai ter guarda que queira encher o saco.

— Acho bem bom — afirma Manguito.

— Eu topo — diz Fumaça.

O cargueiro entrou na curva, Fumaça olha, a região que atravessam é cheia de barreiras, há casebres lá longe, o cachorro correndo atrás do menino.

— Tira a cabeça daí. O guarda-freio te manja, vai ser um inferno — adverte Manguito.

Fumaça torna a sentar, com os caroços de cereais inicia um jogo, pelo qual Dito não está interessado. Estende-se de costas sobre o fardo, fica acompanhando o barulho das rodas nas emendas dos trilhos, Uns estalos secos e rápidos, como os que ouvira pouco antes de Pixote tropeçar na morte, cair na manhã clara e leve, a mão cheia de flores murchas.

Capítulo 3

I

Dito mirou-se no espelho do bar, onde eram anunciadas as refeições em grandes letras brancas, feitas a pincel. Viu que o olho estava menos inchado. A cor azul desaparecia, dando lugar a um verde amarelado. Tornou a tirar um pedaço de esparadrapo e pôs em cima. Pediu café e pão, já mostrando a cédula, pois do contrário o negociante não servia. Sentou-se na mesa com Fumaça. Manguito tinha ido desde cedo procurar Encravado e Castigo de Mãe, Até o final da semana esperava ter localizado os outros. Aí poderiam iniciar o negocio nas feiras. Reuniriam o dinheiro, dividiriam em partes iguais. Se apenas isso não bastasse, arranjariam umas flanelas, cuidariam de limpar para-brisas de carros que parassem nos sinais, vender jornais, amendoim nas portas dos cinemas e das boates.

Fumaça reclamava que o homem pusera mais leite do que café, Dito chamou-o de volta. Aí, não sabe por que, lembrou-se de perguntar se não ia aproveitar para dar um pulo em casa.

— Que casa?.

— Dos parentes!

Fumaça mostrou os dentes.

— Sai dessa. Não tenho parente. O pai caiu de uma obra quando tinha dois anos. Mamãe ficou sozinha. Lavava roupa e fazia doce pra vender no Maracanã. O pessoal comprava e não pagava. Um dia levaram ela numa ambulância e não voltou mais.

— O que houve?

— Sei lá, cara. Não apareceu mais. Os vizinhos tomaram conta de mim, até saber das coisas e debandar.

Fumaça mastiga o pedaço de pão, toma o café pingado.

— E teu pessoal, onde é que anda?

Dito mostra-se um tanto acanhado.

— Tudo lá por São Paulo. Há muito tempo que não vejo ninguém. Nem me conhecem mais.

O garçom trouxe o troco, Dito conferiu, botou no bolso, saiu do bar, seguido por Fumaça. Percorreram a rua de sarjeta imunda, entraram no beco de calçamento irregular, pardieiros de janelões despencando, roupas de mulher estendidas, Dito sugere o banho de mar.

— Vamos aproveitar o sol. Se espera Manguito na praça.

— E se Cristal der em cima?

— Como?

— Sei lá. Essa raça não esquece.

— Aí se dá baixa nele. Não perde por esperar.

Fumaça atira uma pedra nos pombos, mariscando debaixo da amendoeira, eles voam, tornam a pousar mais adiante. Corre ameaçando pegar um deles, retorna.

— Já comeu pombo assado?

Dito responde que não.

— É bom às pampa.

Atravessam as pistas de alta velocidade, Fumaça salta para dentro do gramado e das flores, Dito tira a camisa, sobe nas pedras, chega às areias onde as ondas se espriavam, soltando sargaços e espumas. Escondem as roupas nas fendas, metem-se na água. O primeiro cuidado de Dito é lavar bem o ferimento, depois os braços, as pernas.

— Puxa, se vai sair mais branco daqui — diz ele, rindo de Fumaça.

— Vou ficar é mais preto, com tanto sol.

Quando se fartaram da água, estiraram-se na areia.

— Mais tarde a gente pode comer na pensão da Italiana.

— Onde fica isso?

— Pros lados dos Arcos. É legal!

— Antes se tem de encontrar Manguito.

Fumaça diverte-se jogando pedras dentro d'água, enquanto Dito pega sol no rosto. De olhos fechados, ainda vê o delegado grandalhão, mandando que Caramelo tirasse o pedaço de mangueira da gaveta. Depois, a pancadaria. E, cada vez que pronunciava o nome de Débora, o homem parecia ficar mais furioso. Não conseguia entender.

Senta-se, quando Fumaça o chama para mostrar a toalha que havia afanado. Tratam de enxugar-se, limpar os pés, enfiá-los nos sapatos.

— Vamos voltar outro dia?

— Não é má ideia — responde Dito. — Vai depender do trabalho que se pegar. Isso de tá na praia não é pra gente.

Tornam a subir as montoeiras de pedras, passam pelo gramado, correm na frente dos carros, chegam à praça. De longe avistam Manguito.

— Oi, como tá a barra?

Castigo de Mãe não fala. Faz apenas uma careta. Encravado adianta alguns poucos comentários, Alfinete afirma não ter sido possível localizar Rapadura.

— Acho que se mandou. Ninguém tem visto nem sinal dele no morro.

— Ele aparece. Sabe que é da gente — acentua Dito.

Fumaça torna a falar na pensão da Italiana. Encravado sabe onde é. Dito faz uma advertência.

— Tá na hora de agir em conjunto. Só tem um porém: não se pode dar bandeira. No fim da tarde se vem pra cá ou pras pedras, na beira d'água. Quando derem em cima, se muda de ponto.

— Amanhã cedo, todo mundo na feira da Glória, para começar o trabalho. Muita saliva nas madames, pra derramarem o tutu — diz Manguito.

Dito volta ao assunto do almoço, explica que Fumaça, Encravado e Manguito podiam ir comer primeiro. Quando voltassem, iriam Castigo de Mãe, ele e Alfinete.

II

A primeira manhã na feira foi animada. O sol estava quente, as barracas abarrotadas de legumes, tomates, laranjas, bananas, abóboras e melancias. Em outras, homens de braços musculosos cortavam cabeças de peixe, a mulher enchia a cesta de vagens, o velhote com ar de aposentado escolhia minuciosamente o pé de alface, o camelô vendia limões num caco de prato, o paralítico arrastava-se no asfalto, berrando os números da loteria, a barraca de lona vermelha estava enfeitada com tranças de cebola, o ar se impregnara do cheiro do peixe, das mangas maduras, das goiabas.

Encravado já conseguira uma madame que lhe confiara as compras, Manguito andava para cima e para baixo com um cesto na cabeça, Fumaça segurava a enfieira de peixes do velhote, Alfinete empurrava o carrinho, carregado de melancias e bananas verdes.

Dito fora solicitado por um feirante para ajudá-lo a tirar carne de porco do caminhão, Castigo de Mãe havia sumido. O negociante prometeu-lhe vinte pelo trabalho, Dito achou boa coisa. Afinal, em menos de uma hora estaria livre. Quando o carregamento terminou o homem indagou se não queria ficar ajudando nos outros dias.

— Depende!

— Trinta, mais almoço.

— Fechado. Que hora chego?

— Cinco e meia, seis. Se acorda cedo e dá duro. Em compensação tem o resto do dia pra descansar.

Dito afasta-se, certo de que a proposta não era das piores. Senta-se ao redor do lago na praça, fica esperando pelos companheiros, O primeiro a aparecer é Castigo de Mãe. Estava contente. Mostrou o dinheiro, de uma sacola retirou parte das coisas que tinha aliviado: cigarros, peras, um pacote de doces cristalizados.

— Parece que se descobriu a mina, maninho!

Dito não gostava daquilo.

— Acho bom a gente se preocupar só com os carretos. Numa hora dessa alguém te manja e vai em cima.

Castigo de Mãe não acreditava.

— Corta essa! Olho pra frente e pra trás. Como caranguejo, Não há maré que me afogue.

— É o que todo mundo diz. Um dia a casa cai.

Estende-se no banco de pedra, fica olhando as folhas amarelas que soltam das árvores, Castigo abre o maço de cigarros, oferece. Aceita, tira baforadas, como se fosse o jovem mais feliz do mundo.

— Daqui a pouco o resto do pessoal tá baixando. Alfinete é que vai demorar. A madame queria que fosse na casa dela. Eu é que não dou essa sorte.

— Quando se tiver bastante dinheiro — diz Dito — bota um negócio de verdade. Aí se tira o pé da miséria.

— Muita gente já tentou — afirma Castigo de Mãe.

— Não interessa. E nossa vez!

— Que tipo de negócio?

— Carrinho de vender cachorro-quente e milho cozido.

— Acha que dá?

— Tem de dar!

— Se tentar o jogo do bicho estufa o bolso mais depressa!

— No final, se acaba na merda — acentua Dito. — Não quero transa com esse pessoal.

Fumaça chega alegre, depois aparecem Encravado e Alfinete. Ainda está empurrando o carrinho.

— Onde arrumou isso, cara?

— Comprei de um otário.

— E dá pra quebrar o galho?

— Como dá. Foi rodando até o Flamengo.

Dito ergue-se, tira o dinheiro que apurou, reúne à parcela dos demais. Tudo somado, dá noventa. Faz a divisão por seis, distribui quinze para cada um. Castigo de Mãe não se mostra satisfeito, Dito percebe que, futuramente, teriam aborrecimentos.

— Pra teu governo, quem saiu perdendo hoje fui eu. Recebi vinte e tou pegando só quinze, igual a todo mundo.

Castigo de Mãe fez um risinho sem graça.

— Deixa pra lá. Amanhã é outro dia.

Fumaça tá querendo ir a um cinema, Alfinete fala do jantar.

— Vou meter uma xepa reforçada na pessoa. Depois, conforme as coisas, se pode tentar o cinema.

— Sai dessa, bicho. Vou é cravar uma boazuda num cantão. Com esses quinze, mais o que tenho, dá de sobra — afirma Encravado.

— Se a nota continuar pingando, sou capaz de alugar uma vaga. Nada como uma cama de noite. Tou cheio de dormir em banco de jardim e escada de igreja — afirma Dito.

— Isso aí — acentua Manguito. — Já é tempo de ir cortando essa de vagabundo.

— Eu não moro com quem não conheço — diz Alfinete. — E pior do que ficar no sereno.

— Bicho desconfiado taí — exclama ironicamente Castigo de Mãe.

Fumaça empurra o carrinho de Alfinete, para um lado e outro, Dito permanece estirado no banco de pedra, sem pensar em coisa alguma. Encravado fala alguma coisa e sai com Castigo de Mãe, Manguito sentara-

se na beira do lago para lavar a camisa muito suja, praticamente da cor do asfalto. Ouvindo o barulho do carrinho que Fumaça acionava e as pancadas da camisa molhada na borda do lago, pôs-se a bolar a possibilidade de morar nas cavernas formadas pelas pedras da beira-mar. poderiam ocupar várias delas. Se porventura terminassem surpreendidos pela polícia, teriam como escapar. Organizariam as passagens, ligando uma caverna à outra, manteriam a saída bem camuflada. Ao menor movimento, escapariam. Teve vontade de rir daquela possibilidade. Por que não pensara nisso há mais tempo? Alfinete tinha razão. Meter-se numa vaga, com tipos que nunca vira, não era o melhor caminho. Comprometera-se demais para arriscar-se, O delegado de São Paulo deveria estar à sua procura. A essa altura já se comunicara com o pessoal do juizado, outras delegacias em cidades diferentes saberiam do problema. Na mais leve mancada seria capturado. As cavernas teriam mais segurança. Trataria disso na manhã seguinte. Levaria Encravado, Fumaça e Manguito consigo. Os outros trabalhariam na feira. Necessário ter um lugar onde ficar. Não poderiam por mais tempo continuar se reunindo naquela praça, cheia de gente e de policiais, tão logo começava a escurecer.

III

Dito retirou os pés de dentro do saco, viu que Fumaça e Manguito ainda dormiam. Começava a clarear, chovia fino. Acordou com os pingos atingindo-lhe o rosto e os braços, Recostou-se à pesada porta da igreja, guarnecida com cravos de pontas arredondadas e travessões de ferro. Chamou Fumaça, catucou Manguito.

— Vamos dá no pé. Se toma café na Lapa, vai pras cavernas do Aterro.

— Caverna?

— Isso mesmo. Lá se pode dormir até tarde, sem medo de polícia.

— E a feira? — indaga Fumaça.

— Hoje se falta.

Puseram-se a andar, Manguito sem nenhuma disposição. Fumaça pisando duro por causa dos sapatos já bastante sujos e arranhados. Passaram em frente ao cinema, na banca de jornais que dois homens arrumavam,

perto do caminhão que recolhia lixo, na parada de ônibus onde havia gente com cara de sono, principalmente mulheres que tinham saído dos cabarés.

O Café Indígena estava com as lâmpadas acesas, eram poucas as pessoas nas mesas. Dito escolheu um lugar reservado. Não sentou perto da porta porque o garçom ficaria temeroso de servir. Pôs uma cédula de dez na mesa. O tipo era moreno e magro, veias grossas no pescoço, um olho sendo comido pelo tracoma. Usava camisa branca, gravatinha de laço preto, calça preta, sapato de saltos roídos. Dito fez o pedido, ele gritou diante da portinhola de onde saíam torradas com manteiga, médias, ovos quentes, sanduíches.

— Três pingados e francês na manteiga!

Dito estava sentindo uma fome dos infernos.

Manguito fala do plano de Encravado. Dizia ter sido convidado e não sabia o que fazer.

— Se pode descolar uma nota!

Dito ouvia sem falar. Fumaça opinava:

— Não entra nessa, Tá soube de muito cara que se estrepou.

Manguito parecia em dúvida:

— Encravado sabe de uns caras que tão por cima da carne-seca!

— Acho que se pode livrar a cara, sem apelar — afirma Dito.

— Pelo que me disse, tá numa boa — diz Manguito.

— E qual é a dele?

— Canta a dona, leva pro hotel e depena.

— E quem paga o hotel?

— Ele, cara. Quando tá duro, encara um cantão.

— A mulher baixa as calcinhas, não pode correr...

Fumaça acha graça de suas próprias palavras.

— Sabe como se chama isso? — indaga Dito.

— Assalto!

— E daí? Na. vez que me botaram a mão, fui arrastado como assaltante.

Não tinha feito porra nenhuma.

Dito pede mais pães, o garçom torna a gritar.

— Na minha turma não quero ninguém com essa transa.

Manguito compreende que não devia insistir.

— Se Encravado enlouqueceu é problema dele.

— Acho que tá certo — afirma Manguito. — Cada um na sua.

— Por isso que Zebrado se lascou. Te lembra dele? Deu uma de engraçadinho e apareceu bichado. Como laranja podre.

— Só sei que tá sempre com a nota. Vai enfrentar essa de feira e vender coisa na rua porque é chapa da gente — afirma Manguito, que demonstra assim ter afeição pelo companheiro.

— Só tou falando pro bem dele — acentua Dito.

— Os próprios gigolôs das donas acabam pegando ele — explica Fumaça.

— Mulher de cantão não tem dono, cara — insiste Manguito.

Enquanto mastigam, entram dois homens vestidos de branco, cravos na lapela, as mulheres pintadas e barulhentas. Falam da orquestra e do número da bailarina. Dito sabe que ainda é pessoal que esteve nos cabarés. Fumaça fixa um dos homens de cara amassada, olhos vermelhos. A mulher que está com ele é branca e bonita. Passa-lhe os braços nos ombros, beija-o. O garçom espera as ordens. O homem de olhos vermelhos tem voz pastosa.

— Eu vou esticar...

E, dirigindo-se ao garçom:

— Um conhaque reforçado.

— Pra mim também — afirma a mulher.

O outro homem ainda não se decidiu, as mulheres não param de falar. O garçom sabe perfeitamente que aquele encontro vai se prolongar. Pede licença, junta as mesas. Dito aproveita para pagar, saem silenciosamente.

— Olha só o tamanho dessa caverna — comenta Dito.

Manguito assovia, dando alguns passos para baixo das pedras, Fumaça tem os olhos arregalados. Dito segue na frente, chega a uma passagem prejudicada pelo bloco de granito.

— Apertando, dá pra passar.

— Eu passo fácil — afirma Fumaça.

— Pra mim também não é difícil — diz Manguito.

— Mas um tira não consegue — considera Dito.

— Puxa, como é escuro — diz Manguito.

Vão até os fundos da galeria, que termina num tubo de cimento.

— É aqui que se vai trabalhar. Vamos ter de cavar, até formar a passagem. Depois se disfarça com arbusto.

— É a melhor casa que já vi — diz Fumaça.

— Pode-se dormir em segurança. Mais do que numa vaga. Se aparecer algum puto pra encher o saco, a gente escapa pelo tubo.

— Na entrada se pode botar uma pedra pra servir de porta.

— Legal — exclama Manguito.

— Acho que amanhã já se pode ficar aqui. Dá pra todo mundo — comenta Dito.

Dizendo isso, tira a camisa, põe-se a empurrar as pedras menores para fora, Manguito quer ajudar, Dito não aceita.

— Vai lá pra praça, fica de olho no pessoal. Depois da feira manda vir para cá. Tenho certeza que Alfinete e Encravado vão gostar.

Fumaça encontrou um pedaço de ferro, mostra a Dito.

— Com isso se vai poder arrebentar aquela pedra.

— Nem pensa. Tem de ser com talhadeira de aço e um bom martelo.

— Se consegue numa obra ou compra.

Dito sente o quanto o garoto está animado. Era a primeira vez que iam ter uma casa de verdade. Não chegou a dizer, mas pensava inclusive em comprar colchões, estendê-los sobre palha seca. Aí sim, poderia dormir, como há anos não fazia.

Terminada a tarefa de retirar as pedras, restava encontrar, na praia, umas pontas de tábuas e, com elas, aplainar bem o chão. Dito não se lembrava mais como era morar numa casa. Recordava-se do tempão que passou dormindo debaixo do ônibus quebrado, num trecho da rua sem saída, dos bancos das praças, da Rodoviária, da escadaria no prédio de janelas se despencando. E, com todas essas coisas, chegavam-lhe os momentos de raiva que tivera na noite em que procurava abrigo, a garoa caindo, a mulher de rabo grande querendo oferecer-lhe um brinquedo. Disse-lhe que era Natal, mandou que pegasse entre os carrinhos de plástico o que mais o agradasse. Bateu forte na cesta, os brinquedos saltaram no cimento molhado. A mulher pôs-se a chamá-lo moleque atrevido, deu uma carreirinha para tentar segurá-lo, não conseguiu. Os que passavam encheram-se de compaixão pela mulher, o moço forte disparou atrás de Dito, deu-lhe uns empurrões. A mulher juntava os brinquedos e chorava.

— O senhor tá vendo como são ordinários. A gente se abala em vir fazer o bem e é o que acontece! Meu marido é que tá certo. Acha que sou uma grandíssima besta!

Quando chegaram os policiais e a mulher pôs-se a gesticular e apontar na sua direção, Dito tratou de desaparecer.

Aquela caverna se transformaria na sua casa. Com o tempo, quem sabe, poderia ter uma mesa, latas para guardar mantimentos, um fogão a álcool.

Os que não topassem a ideia iriam em frente. Dificilmente poderia contar com a ajuda de Castigo de Mãe e até mesmo de Encravado. Mas Rapadura e Figurinha ficariam com ele. Não tinha o que duvidar.

Passou a manhã toda nos trabalhos de limpeza da caverna. Completamente suado, convidou Fumaça a tomar banho, enquanto Manguito ia dar uma olhada na feira. Terminado o banho conferiu o dinheiro, Havia bastante. Não tinha muito do que se apressar.

Na escalada das pedras, um pouco antes do terreno plantado de flores, Fumaça avistou Encravado. Estava do outro lado das pistas de alta velocidade, agitava os braços. Punha as mãos em concha, na boca, gritava, mas Dito não ouvia. Apressaram-se. Não esperaram que o movimento diminuísse.

— Grampearam Manguito. Nem vi como foi. Uns caras à paisana. Um dos que entraram no carro parecia Cristal. Corri pra ver melhor e acho que era ele mesmo.

— Pra onde foi?

— Pelo que imagino, pro juizado.

— Por onde a viatura subiu?

— Pela Mem de Sá.

Dito ficou um momento perdido. Não sabia o que dizer. Tinha certeza do que fariam com Manguito, até ele dar o serviço.

— A gente tem de se cuidar. Já não se pode mais ficar na caverna. Manguito não vai aguentar o tranco.

— Por que não se procura Cristal?

— Eu vou também. Olhando ele de perto, sei se é o mesmo que tava com os tiras.

Dito está quase certo de que era. Fora ingênuo em pensar que poderia escapar. Não desistem. Teria de manter-se atento. Bastava um descuido e a cena que ocorrera com Manguito se repetiria. Era sempre assim. Cristal havia, de fato, decretado sua própria morte. Sem dizer qualquer palavra aos companheiros, sabia que antes do martelo e da talhadeira, teria de comprar uma faca. Tolice pensar no local para instalar-se, sem eliminar Cristal. Não conseguia entender qual era o propósito daquele cara, que conhecera uma tarde no Largo do Arouche, enquanto tomava chope e ele, Dito, vendia revistinhas pornográficas. O tipo mandou que sentasse, o garçom apareceu para reclamar, foi gentil, pediu que não incomodasse. Nunca recebera tanta atenção. A princípio imaginou que o cara fosse bicha. Depois verificou que

era vivo e não tinha nada de maricas. Queria envolvê-lo num negócio que só poderia começar no Rio de Janeiro. E naquela mesma tarde o tipo prometeu encontrá-lo, a fim de viajarem de automóvel. Cumpriu a palavra. Apanhou-o, puseram-se a rodar, o tipo falando de coisas agradáveis, como nunca ouvira. O carro era um Galaxie novo, o estofado macio, o toca-fitas com música suave e a cidade ficando para trás. Cristal tinha os cabelos lisos, bem penteados, usava camisa branca, de ramagens na própria cor do tecido, os punhos cuidadosamente virados, o relógio aparecendo de um lado, do outro o bracelete de prata, com a placa e seu nome gravado. De quando em vez apertava o acendedor do painel, o botão ficava afundado. Quando esquentava, dava um estalido. Tirava o acendedor, tocava com ele no cigarro. Ofereceu também um cigarro a Dito. Nunca tivera companhia tão agradável. O homem passava bons momentos calado, depois punha-se a falar, a fazer considerações, a dizer que estava ficando velho, tinha de encontrar um substituto à altura.

— Percorri caminho igual ao seu — dizia ele e olhava Dito com olhos amortecidos numas pálpebras que arroxavam levemente.

— O que me salvou foi isto.

Apontava para a cabeça.

— É o que põe um homem pra frente ou pra trás. Pelo que pude examinar no bar, é um garoto e tanto, Pode ir longe. Quantos anos já tem?

Dito ia dizendo.

— Na sua idade também não sabia muito o que fazer. Até que um dia a oportunidade apareceu. Cada um nasce com uma estrela. A minha brilhou naquele dia.

O homem olha longe, como se recordasse.

— E não perdi tempo. Entrei com a cara e a coragem. Nada de indecisões. Hoje, aqui estou. Não sou rico mas tenho o bastante para viver.

— O que é que tenho de fazer?

— Vir umas vezes a São Paulo, depois voltar ao Rio. Passear e ganhar uma bolada.

Dito sorri, Tinha dúvida de que existisse alguma coisa que fosse tão boa assim para ele. Em todo caso, aquele não lhe parecia o melhor momento de discutir. Preferia ouvir o tipo falar, olhar-lhe as mãos de unhas polidas, a calça vincada, os sapatos brancos, as meias.

Após umas duas horas de viagem o homem manobrou para um desvio, tomou o rumo do posto de gasolina. Saltou, Dito o acompanhou. Não era

nem alto, nem baixo, tinha um jeito bonachão de falar, chamava todo mundo de amigo. Um funcionário tirava o tampão do tanque, o outro jogava água nos vidros. Cristal não se preocupava com o trabalho de abastecimento. Mandou que examinassem também a pressão dos pneus, especialmente os dianteiros, botou a mão no ombro de Dito, foi para o bar. Pediu uma dose de conhaque e uma Coca-Cola. Além do refrigerante disse para escolher doce ou sanduíche.

— Trata de comer que ainda se tem muita estrada pela frente.

Dito aceitou o misto-quente, pois na verdade não havia almoçado. Estava gostando de seguir aquele desconhecido, que lhe falava de muitas coisas, que lhe dava a visão de um futuro grandioso. Chegou a ter a sensação de que bastava um passo, um movimento, para sair da miséria, tornar-se figura importante, como era Cristal. Metia a mão no bolso, puxava a carteira, lá estavam as notas graúdas. Além disso, os cartões de crédito e talões de cheque no porta-luvas. Um homem importante, que sabia o que fazia. Julgava-se feliz por ter caído nas suas graças.

De novo na estrada o Galaxie rodava tão macio que não ouvia o motor. Quando ficasse importante, era o carro que gostaria de ter. Faria longas viagens, só para apreciar o desempenho do automóvel. No final da tarde, depois do sol intenso, ainda estavam longe do Rio. Dito ficou imaginando que aquele fora o dia mais feliz que já tivera. Desde que se entendia. Não se recordava de coisa igual, nem de pessoa que o tivesse tratado com tanta estima. Não havia dúvida de que Cristal era seu amigo. Do contrário não faria aquilo tudo. Mesmo que o trabalho fosse difícil, valia a pena ficar com ele.

V

Andando ao lado de Encravado, ainda ouvia suas considerações sobre a prisão de Manguito.

— Acho que o cara tava dormindo. Vi quando a viatura se aproximou da calçada e ele nem nada!

— Como é que podia imaginar? — argumenta Fumaça.

— Sei lá! Sou cabreiro. Não ando na rua de olho fechado.

— Que acha que se deve fazer? — indaga Encravado.

— Vou falar com Cristal pra arranjar uma maneira dele fugir. Depois se dá conta daquele cara — afirma Dito.

Subiram pela Rua da Assembleia. Fumaça mexendo com um e com outro, Encravado parando para espiar vitrines, Dito sem saber se tomaria logo o ônibus ou deixaria para depois. De uma coisa estava certo: não podia ir conversar no morro, com Cristal, sem que estivesse armado. Era possível que não desse a menor importância à prisão de Manguito e, nesse caso, teria de dar baixa nele. Não havia mais o que esperar. E, desta vez, Cristal estaria só ou muito bem guardado para recebê-lo? Os pensamentos eram desconstruídos. E se procurassem descobrir onde ele morava? Era possível surpreendê-lo. Mas, de uma forma ou de outra, teria de ir ao morro. Não se encaminharia diretamente à birosca. Ficaria fazendo hora, brincando com a garotada, sondando o terreno. Se encontrasse Rapadura ou Alfinete a coisa seria bem mais simples. Ajudariam a localizar Cristal. Caso contrário teria de voltar a São Paulo. O que não podia era deixar Manguito nas mãos dos caras, que Encravado imaginava ser da polícia.

Na Praça Tiradentes, Encravado o convidou para tomar um ônibus que passava perto do morro. Dito imaginava ir sozinho mas terminou cedendo.

— Quando chegar lá a gente fica por longe, enquanto localiza o cara. Se der algum enguiço se manda azeitona nele — diz Encravado apertando o bolso e mostrando o pequeno volume do 32. — Olha só! Isso aqui não falha fogo.

— Quem te vendeu? — quer saber Fumaça.

— Um careta na Lapa. Tava na pior.

— Quando chegar lá perto quero que me empreste. Vou querer comprar um também — afirma Dito.

— Se quiser fazer negócio com esse não tem problema. Procuro o cara e pego outro.

— Pois tá feito. No ônibus te passo a nota.

Dito pagou as passagens, sentou-se ao lado de Encravado. Este puxou o revólver do bolso. Estava envolto num plástico e era todo niquelado.

— Novinho em folha!

Desceram perto dos edifícios, onde havia a passagem estreita e íngreme. Puseram-se a subir.

— Pelo cemitério é bem mais perto — reclamava Fumaça.

— Mas aqui é mais seguro. Te esqueceu de Pixote?

Dito andava, sentindo o contato do revólver no bolso e, não sabe por quê, aquilo lhe dava a sensação de segurança. Pararam num determinado trecho, Fumaça continuou adiantando-se, a fim de examinar os alcaguetes e marginais que cobravam pedágio. Desapareceu numa viela e logo retornou. Sorria, os olhos brilhavam.

— Barra limpa. Ninguém pra encher o saco.

VI

Dito aproximou-se da birosca, uns poucos garotos brincando perto, o porco fuçando no rego de água suja, a mulher cantarolando e estendendo roupas na cerca. O morro todo em calma, o sol quente, mormaço, o velhote na porta de um barraco, só de calças, dando forma com a faquinha de sapateiro a um cepo de tamanco. Entrou no salão da mesa de sinuca, não havia ninguém. O homem de braços fortes, debruçado no balcão de tábuas finas, perguntou o que desejava. Permaneceu calado algum tempo, depois entendeu não haver outro jeito senão indagar.

— Onde tá Cristal?

— Quem?

— Cristal! O que joga sinuca aqui!

— Nunca vi.

Não tira os olhos da mesa de sinuca, recorda-se em detalhes aquele dia, quando ali esteve com Fumaça e Manguito, Cristal esfregava o giz no taco, estudava cautelosamente as jogadas. Cada ponto que fazia ia assinalando no marcador.

— O nome dele é Cristal.

— Sei lá de quem tá falando, garoto!

— Do cara de roupa branca que tava jogando aqui. Sabe bem quem é. O birosqueiro faz um sorriso.

— Não amola!

Dito ficou esgaravatando com a unha a sujeira na tábua, o pensamento trabalhando na maneira de dobrar aquele tipo, obrigá-lo a falar. Apareceram duas garotinhas, uma bem preta e quase nua, a outra de cabelos em tranças, pediram um pedaço de sabão, duzentos e cinquenta gramas de carne-seca, meio quilo de arroz. A maiorzinha mandou botar na conta. O negociante

entregou a mercadoria resmungando, quando se foram abriu o livro comprido, pôs-se a fazer anotações. A manhã continuava calma e quente, já quase onze horas. De onde estava, Dito percebia a aproximação de Encravado e Fumaça. Não podia perder aquela oportunidade. Sacou do revólver, chegou perto. Com olhar assustado o homem examinou a arma.

— Vamos pro depósito. Lá se fala melhor.

Encravado passou para o lado de dentro do balcão. Se aparecesse alguém, diria que o birosqueiro saíra por uns instantes, voltaria logo. Fumaça pôs-se a brincar com as bolas da sinuca, empurrando-as umas contra as outras. Mas, tanto ele quanto Encravado estavam em expectativa. Do depósito não vinha o menor ruído e, às vezes, Fumaça tinha vontade de ir lá, ver o que estava acontecendo. Pouco depois teve a impressão de ouvir a voz de Dito, expressões nervosas do birosqueiro e dois disparos abafados. Dito apareceu na porta.

— Quis me agarrar, se lascou.

— Deu o serviço?

— Ora se deu. Cristal mudou de ponto. Tá na Rocinha.

Saem da birosca com a máxima cautela, entram pela região de arbustos, Dito estava certo de que agora ninguém mais conseguiria pegá-los. Sentam debaixo do carrapateiro.

— Cristal tá botando a polícia toda contra a gente — afirma Dito.

— Se tem de dar jeito nesse cara.

Dito nunca se sentiu tão aéreo. Sabe que não vai ser fácil localizar aquele tipo e, enquanto isso, Manguito estaria levando bordoadas na delegacia.

— E se eu for lá pra Rocinha tentar encontrar com ele? Acho que é uma boa — argumenta Encravado.

A sugestão anima Dito.

— Isso mesmo. Leva algum dinheiro. Quando topar com ele, vem dar o alô. Se vai ficar pela feira cia Glória.

Reiniciam a caminhada por entre os arbustos, Fumaça sentindo a tristeza do plano da caverna não dar certo, a preocupação com Dito, cada vez mais se complicando. Encravado não se mostrava inquieto. Apenas argumentava não ter ouvido os disparos, estava satisfeito de que o revólver tivesse funcionado bem.

— Aquele puto merecia isso mesmo!

VII

Dito e Fumaça sentam na calçada, em meio à confusão da feira. Há mulheres puxando carrinhos com legumes e flores, outras acompanhadas de garotos que vão pondo as mercadorias nos cestos.

— Olha quem tá lá — diz Fumaça.

Dito vê primeiro Castigo de Mãe, ar de cínico, o cesto na cabeça, seguindo a velhota de rosto severo.

— Vai avisar do caso de Manguito.

Fumaça mete-se na multidão, depois retorna.

— Não se vai fazer nada?

— Não tou muito a fim de trabalhar — responde Dito. — Quero é botar a mão naquele filho da puta.

— E se ele se mandou?

— Não acredito.

— E se a gente fosse visitar Manguito?

Não pôde deixar de rir daquela ideia maluca de Fumaça, dentes miúdos aparecendo, olhos brancos e brilhantes.

— Se entra na delegacia e diz que quer ver Manguito...

— Nada disso, cara. Conheço uma mulher no Mangue que pode quebrar o galho. Ela transa com uma porção de tira.

— E como é que ficou gostando de ti?

— Ora, eu fazia ponto lá por perto, ela cansou de me dar comida. Me achava parecido com um filho que sumiu.

Dito ainda está com vontade de rir. Aquela era de fato uma boa ideia e poderia ser desenvolvida, enquanto não sabia do paradeiro de Cristal.

— E quando se pode ver tua amiga ?

— Depois do almoço.

— E se ela não tiver mais por lá?

— Sai dessa, cara. É das mais antigas.

— Como se chama?

— Mamãe Dolores — responde Fumaça, com muita convicção.

— Por que mamãe?

— É como me disse que era. Parece ser dona de uma das casas.

— É boa?

Fumaça sorri, faz gestos, joga uma pedra no cachorro que vai passando.

— Tá acabada. Toma conta das mais novas.

— Taí, tou querendo conhecer Mamãe Dolores .

Alfinete se aproxima, já com o cesto vazio. Está suado, o rosto sujo.

— Cadê o carreto?

— Porra nenhuma. Isso hoje aqui tá uma merda. Carreguei um cesto meia hora e quando ia andando pra casa da vagabunda, apareceu um careta, deu carona pra ela. Já viu?

— Não te deu nenhuma gorjeta?

Alfinete está tão chateado que encolhe apenas os ombros, com indiferença.

— Pois comigo ia ter — acentua Dito. — Não dou colher de chá pra essas bunda-mole.

— E Castigo, se mandou? — quer saber Fumaça.

— Vi rodando por aí, atrás de uma xepeira, Tá torrando o saco dele!

Alfinete acende um cigarro, dá outro a Dito, Fumaça se engraça a tirar um também, é repreendido.

— Tá muito pirralho pra andar fumando.

Mesmo assim termina pegando o cigarro, acende no de Alfinete.

— Sou macho, meu chapa! Tou por dentro das transas!

Alfinete acha graça do negrinho que é falante e cheio de gingas. Senta-se também no meio-fio.

— Acho que essa de feira não dá, cara — diz referindo-se a Dito.

— Vamos aguentar um pouco mais. O negócio é não dar bandeira, principalmente agora. Se perceber que Cristal tá mancomunado com os tiras, aí se vai botar pra quebrar.

— Como assim?

— Se faz a jogada da gente e enche o rabo de dinheiro.

— Até lá, será que Manguito aguenta? — quer saber Alfinete.

— Se mandarem ele pro SAM é capaz de aguentar. Se descobrirem que tá implicado no caso de São Paulo, aí vai ser foda — afirma Dito.

— Que caso?

— Se queimou duas putas que deduraram a gente.

— Fiiuuuu! — faz Alfinete, considerando a situação grave. — Então, dona justa tá com toda corda!

— E quando é que deixou de andar no rastro da gente?

Alfinete não tem o que responder.

— É um caminho sem volta. Arranja um papai rico pra cuidar de ti ou vai ficar sempre na mira deles. O negócio é saber como dar conta do recado, e na hora certa.

Alfinete bate a cinza do cigarro, Fumaça está sentado no asfalto, em frente aos dois, atento ao que dizem.

— Ontem mesmo um tira nojento chegou pra mim e cantou a pedra. Se não desse metade do que tava levando nos carretos ia me botar a mão por vadiagem. Deixei ele esperando e me mandei. Hoje, já tem um outro aí, dando em cima de Castigo. Acha que sem a permissão da prefeitura não se pode fazer carretos.

— É tudo grupo. Querem é dinheiro — afirma Dito, irado.

— Se continuarem a encher o saco, vou partir pra outra — diz Alfinete.

— Que outra?

— Na que tava indo Zebrado. Só que ele se afobou — explica Alfinete.

— E qual era a dele?

— Suadouro. Arranjou duas garotas e tava pegando uma nota firme. Aí quis dar uma de machão, se ferrou.

— Outra boa é pegar turista pelo Corcovado e na Vista Chinesa — lembra Fumaça.

— Tu precisa conhecer bem o Rio pra entrar numa legal — diz Alfinete.

— Acho que o mais importante é se tentar viver em paz — afirma Dito.

— Acha que vão deixar? Corta essa, cara, Pra onde a gente se vira, tão em cima. Quando não são os tiras, são os caretas do juizado e até a cambada do Exército de Salvação.

— Havia dia que Zebrado fazia quinhentos, pagando as garotas. Na moleza — afirma Fumaça.

— E que garotas eram essas?

— Sei lá — diz Alfinete. — Quando se quiser e só arranjar outras.

— Acho que se deve primeiro tentar um pouco mais a feira.

— Por aqui, do jeito que vão as coisas, terminam é botando a mão na gente. Aí vai tudo pro SAM. E sair de lá não é fácil.

A conversa ainda se alonga um pouco, até que aparece Castigo de Mãe. De longe faz uma careta. Vem com o cesto pendurado no ombro, joga-o na calçada.

— Uma bosta. Tou tirando a aposentadoria, hoje. Não dá, bicho. Andei duas horas atrás daquela puta velha e sabe quanto queria me dar? Duas pratas. Aí eu disse: qual é, vovó, tou suado como um filho da mãe e no

mínimo vou querer dez. Ela regateou, remexeu na bolsa, não havia jeito de encontrar a grana. Sabe o que fiz?

Fumaça e Alfinete já antecipam risos, por imaginarem a decisão de Castigo de Mãe.

— Patolei a mão na bolsa, sacudi tudo que tinha pra fora, ela ficou gritando, querendo me agarrar. Dei um chega-pra-lá, ela caiu por cima das compras. Aí segurei uma pelega de cem.

Mete a mão no bolso, exhibe a nota.

— Com essa cambada tem de ser no berro. Do contrário se vira boi de carga, com um bando de tira e fiscais cercando pra tomar metade do que se ganha.

E, um pouco menos nervosamente, como se falasse apenas a Dito:

— Não dá, cara. A gente tá se arriscando pra tirar uma de honesto e todo mundo ri da nossa cara. Não se pode ser honesto. Ninguém acredita. É perda de tempo. Malhar em ferro frio.

— E qual é o embalo?

— O que Zebrado tava fazendo. Sem a palhaçada dele. Com meia dúzia de garota legal. Boazuda de verdade, pra encher os coroas de desespero. Botar fichinha em campo é mesmo que nada.

— Quando se for logo mais no Mangue já se pode falar com Mamãe Dolores — diz Fumaça.

— Qual é a transa? — quer saber Castigo de Mãe.

— Se vai tentar aliviar a barra de Manguito.

VIII

O sol está quente. Na rua larga e suja, grupos de homens. As mulheres estão só de calcinhas, sentadas nas janelas e nas escadas dos casarões se despencando. Na porta onde Fumaça se encostou, as mulheres falam alto, riem, contam piadas. Uma delas inquieta-se com a presença do garoto.

— Que é que tá querendo, lambisgoia?

O crioulinho não se assusta. A dona tem grandes seios caídos, convida Dito a se aproximar.

— Esse aí pode vir.

— Quero ver Mamãe Dolores.

— É filho dela?

Fumaça não responde. Sacode a cabeça. A mulher grita por Mamãe Dolores, como não obtém resposta, manda que Fumaça entre. Ele faz sinal a Dito. Passam pela morena dos seios de fora e coxas grossas, entram por um corredor, onde havia quartos separados por tabiques. Uma das mulheres está sendo trepada e geme, a porta quase toda aberta. O corredor termina numa espécie de terraço descoberto, ao lado do qual se estende a varanda. Há geladeiras, uma radiola quebrada, mesas, garrafas vazias e cheias. Ali, numa poltrona de vime, espaldar largo, está Mamãe Dolores. Faz conserto de umas roupas. Tira os óculos quando vê os pequenos. Reconhece Fumaça.

— Quanto tempo! Por onde tem andado?

— Por aí.

— Por que não apareceu mais?

Encolhe os ombros, sorri, mostra dentes miúdos.

— Esse aqui é amigo meu. De São Paulo.

E, catucando o colega:

— Diz teu nome pra ela, cara!

— Dito. Todo mundo sempre me chamou assim.

Enquanto Fumaça prossegue falando, Dito tem oportunidade de olhar bem para aquela mulher, os cabelos grisalhos, as olheiras azulando. Teria no mínimo uns cinquenta e cinco anos. Era crioula, o rosto sereno. Deveria ter sido bonita quando jovem.

— E o que desejam de Mãe Dolores?

— Que ajude a gente — afirma Dito. — Os tiras botaram a mão num amigo nosso. Vão acabar com ele.

— E como é que posso ajudar, filho de Deus?

— Fumaça falou que a senhora conhece uma porção de gente.

A mulher sorri, os olhos tornam-se mais alegres.

— Pra onde levaram ele?

— Delegacia da Mem de Sá — afirma Fumaça, como se estivesse absolutamente seguro disso.

— Vou mexer os pauzinhos por aí. Quinta-feira me procurem.

Iam saindo quando a mulher perguntou se haviam comido. Pela careta que Fumaça fez foi fácil entender que não. Chamou-os à cozinha. Havia duas mulheres lidando com as panelas. Uma delas, que Mãe Dolores chamava Zefa, dispôs os pratos, as colheres. Dito, mais acanhado, serviu-se do bife role, do feijão, do arroz. Quando terminaram, a crioula insistia para

que comessem mais. Fumaça repetiu, Dito aceitou apenas um pouco de doce com queijo.

Seguiram até o corredor, passaram pelos quartos, Dito procurou ver a mulher que gemia, já não encontrou.

Nas escadas da entrada estavam agora umas quatro. A loura, bonita, que ficou encarando Dito, a morena dos peitos grandes e a magra e alta, com meias pretas e sapatos altos. Na rua, Dito recordava as afirmações de Alfinete. E, enquanto andava, por entre os grupos de homens, que haviam aumentado consideravelmente, chegava a admitir que talvez tivesse razão. Com o suadouro poderiam ganhar muito mais dinheiro e sem tanta dificuldade. Restava descobrir as mulheres. Duas que se parecessem com aquela morena de meias e a loura de rosto pintado.

Debaixo das árvores, no Campo de Santana, Dito sentou-se, conferiu o dinheiro. Viu que estava quase no final. Mais duas semanas e teria ido embora, sem dinheiro as coisas tornavam-se piores. Teria de passar horas e horas lavando automóveis ou sujeitando-se ao trabalho com os negociantes das feiras. O diabo é que no final da tarefa sempre pagavam metade do que haviam prometido. Mesmo assim, era melhor do que nada. Fumaça como que aprendera a ler seus pensamentos.

— Alfinete sabe onde tem umas garotas legal, Topam a brincadeira.

Dito alegrava-se. Estava quase certo de que era o caminho. Não havia muita escolha. E tanto fazia envolver-se naquilo como não, se os tiras o pegassem, iria padecer do mesmo jeito.

— E se na quinta, Mãe Dolores não tiver resolvido nada, cara?

— Pode deixar! No mínimo vai dizer onde ele tá.

Dito não faz comentário, lembra-se de voltar à Praça da Glória.

— Daqui a pouco Encravado tá chegando por lá.

— Ele também conhece uma porção de pequena boa. Se pode encher os bolsos — afirma Fumaça.

IX

A tarde começava a ficar sombria, aumentava a concentração de pardais nos oitizeiros, Os garotos fardados voltavam da escola. Dito estava deitado na beira da fonte, agora completamente seca. No centro havia a figura de

uma ninfa, talhada em bronze. Conduzia um vaso no ombro e deixava aparecer um lado do seio. Olhava aquilo e se lembrava da mulher morena de meias pretas, da loura pintada que ficou olhando para ele. Gostaria de ir pra cama com uma delas. Fumaça falava de muitas coisas, batia com uma pedra sobre tampinhas de cerveja. A Taberna da Glória começava a encher-se de fregueses. Uns sentavam-se em cadeiras nas calçadas, outros iam para junto do balcão. Dito tinha vontade de sentar-se ali mas não podia. Se o fizesse, imediatamente viria o garçom, chamaria o guarda.

Antes de Encravado, quem aparece é Alfinete. Senta perto.

— Acho que se vai entrar numa boa.

Dito ergue-se.

— Arranjei duas garotas legal. Uma delas conhece outra que topa — afirma Alfinete. — A mais velha mora num pardieiro, na Rua Santo Amaro. Quando escurecer a gente baixa por lá.

— Só posso ir depois que Encravado voltar.

— Onde é que foi?

— Na Rocinha. Já deve tá chegando.

— Puxa, cara, tu invocou mesmo com Cristal!

— Com ele, não. Tenho de tirar Manguito da cana.

Alfinete fica calado.

— Gosto de ti por isso. Se algum dia me botarem a mão, conto contigo.

— Se tiver dando sopa por aí, faço o mesmo por qualquer um.

— Ainda tem alguma grana!

Dito tira o pequeno bolo de dinheiro, dá cinquenta.

— Vai ter de arranjar um adiantamento pras garotas. Até quando o negócio tiver rendendo.

— Quanto pode ser?

— Uns duzentos. Se não tiver tudo, Castigo de Mãe inteira.

Dito está disposto a topa, ainda tem dinheiro bastante para isso.

— E pra onde é que se vai atrair os caras?

— Lá pro pardieiro mesmo. Se der galho a polícia não vai encontrar ninguém. A garota que tá morando lá, muda amanhã. Vai ficar ocupando o quarto por causa da transa.

Quando já estava bastante escuro Encravado apareceu. Trazia uns embrulhos de balas e uns doces.

— Olha só o que teu amiguinho mandou!

Dito acha graça, segurando um dos embrulhos, Fumaça queria ver também.

— Balas! Legal!

— E qual é o alô?

— Não sabe de nada. Mudou de ponto porque deram em cima, Deixou recado com o birosqueiro, disse onde tava e tudo.

— E como aquele filho da puta se amoitou?

— Vai ver que queria grana. Ou tava procurando saber qual era o lance.

— O que achou dele?

— Me parece o cara que vi com os tiras.

— Falou de Manguito?

— Disse que vai se mexer. No mínimo consegue transferência pro SAM.

— Esse cara tá de grupo. Só acredito nele depois que souber do paradeiro de Manguito.

Encravado tira um recorte de jornal do bolso.

— Vê só o que mandou.

Dito olha o pedaço de jornal. A reportagem falava no assassinato das duas mulheres e do desconhecido. Dois menores não identificados apareciam como responsáveis pelo crime.

— Quer que vá conversar com ele pra não entrar numa pior.

Dito não sabe o que faz. E se aquilo tudo fosse uma armadilha?

— Até quando vai ficar por lá?

— A semana toda. Depois viaja.

Dito estende-se de novo na borda da fonte, está confuso, Não consegue entender a jogada de Cristal.

— Amanhã ou depois vou por lá. Quero ver só a história que tem pra contar.

Encravado joga o saco de balas e doces a Fumaça, o crioulinho faz um sorriso largo, põe-se a dançar, a gingar, como se estivesse à frente de um desfile de escola de samba.

— E qual é a legal pra hoje? — indaga Encravado.

Alfinete é quem explica.

— Já se tá com o mulherio em ordem. Pode ganhar dinheiro de dia, de noite, e comer as meninas nas horas de folga.

— Eu também vou comer — diz Fumaça.

— Sai dessa, pirralho. Vai chupar tuas balas e não enche — acentua Alfinete.

— Se age uns tempos num lugar, depois muda — afirma Dito.

— Comprei uma garrucha na Rocinha — diz Encravado.

Dito quer ver a arma, Alfinete também.

— Legal. Vai ajudar muito!

— E Castigo de Mãe? Onde foi que se meteu?

— Sei lá. Vamos ver as garotas — diz Alfinete. — Fumaça fica por aqui.

X

Encravado senta-se no meio-fio, em frente ao pardieiro.

— Puxa, cara, isso tá caindo aos pedaços — comenta Dito.

— De noite todos os gatos são pardos. O gaiato que entrar aqui só tá de olho na mulher.

O casarão tem grande área descoberta, há esteios e caibros fazendo o escoramento de boa parte do teto e de algumas paredes. A maioria dos quartos estão vazios. Alfinete caminha para um deles, Dito fica mais atrás. Bate na porta, a mulher ainda jovem bota a cabeça.

— Vamos entrando.

Manda que Dito sente. Tem olhos tristes, rosto magro, cabelos longos. Está terminando de vestir-se.

— Sueli foi chamar Carla.

— E seu nome, como é? — indaga Dito.

— Sou Beth.

Põe o pé sobre uma cadeira de estofado todo rasgado, suspende o vestido, prende a meia. Dito olha a perna bem-feita, as mãos cuidadas. Alfinete parece ter muita intimidade com ela. Passa o braço nos seus ombros, ela se esforça para não desarrumar os cabelos.

— Quando se pode começar, boneca?

— Vamos ver o que Sueli diz. Deve tá chegando.

— Acho que vai ser bom pra todos nós — argumenta Dito.

Quer falar mais, quer dizer uma porção de coisas que lhe passam pela cabeça mas, não sabe por quê, a presença daquela garota o inibe. Quando

menos espera ela o olha, tristemente, docemente. Alfinete abre um armário, à procura do que comer, Beth pede a Dito que puxe o fecho eclair nas costas. Ele se aproxima, mira-se no espelho iluminado por duas lâmpadas. A cara enfezada, os olhos estreitos como de um índio, beijos finos, cabelos lisos, caindo na testa. Poucas vezes se olhara assim num espelho. Beth sorri, aperta-lhe a mão.

— Quero que seja meu amigo.

Não entende o pedido extemporâneo, não sabe o que responder de imediato, por isso limita-se a sacudir a cabeça, concordando com a garota. Ela sorri, faz pose, manda que diga o que está achando do conjunto. Alfinete apressa-se em dar um assovio, Dito limita-se a rir.

— É a garota mais elegante que já vi.

— Puxa! Isso é covardia, Vai virar a cabeça de qualquer um — diz Alfinete excessivamente animado.

Batem na porta, Beth abre, aparecem Sueli e Carla. Alfinete torna a assoviar. Sueli é morena, forte. Está metida numa calça justa, exhibe as coxas grossas. Carla é alourada. Tem um bonito sorriso, é expansiva. Beija Alfinete, senta-se por cima dele na poltrona, sempre sorrindo. Beth explica a estratégia da casa.

— Aqui são dois quartos. Era um só apartamento que eu e Sueli dividimos. Se pode trazer dois caras de uma vez. A que sobrar tem de esperar.

— Isso não é problema. Se os dois quartos estiverem ocupados, um de nós fica lá fora. É o sinal vermelho.

— E como é que os caras vão sair? — quer saber Beth.

— Cada um de uma vez — explica Dito. — Pra não haver confusão. Ela sorri. Aproxima-se, fica brincando com os cabelos de Dito.

— Quantos anos tem?

— Uns cento e dezesseis. Tou ficando velho!

— E por onde se começa? — quer saber Carla, que parou de ser bolinada por Alfinete.

— Agora mesmo — diz Dito, metendo a mão no bolso e tirando uma nota de cem.

Carla beija a nota que recebe, Sueli fica animada.

— Tenho certo medo — afirma Beth.

— Tolice — diz Alfinete. — Dá tudo certo.

As mulheres preparam-se para sair. Carla continua a rir. Sueli tem corpo atraente, Beth olha para Dito.

— Chama Encravado.

Alfinete vai até a porta da rua. Dito fica uns momentos naquela saleta com as duas lâmpadas acesas sobre o espelho. Olha as paredes se descascando, as figuras de mulheres nuas e jogadores de futebol pregadas com percevejos, as fitas de cabelo penduradas num prego. Empurra a porta. No outro cômodo, a cama. De dentro dele exala cheiro de coisa abafada, bolorenta. O casarão é silencioso, Dito não se preocupa muito com aquilo, retira o revólver do bolso, examina as balas no tambor. Torna a travá-lo, mete na cintura. Encravado chega com Alfinete, ele explica como ia ser o plano.

— A garota surge com o cara. A gente já tá amoitado. Vai com o otário direto pro quarto. Começam a meter, se entra em cena. A garota cai fora, se espera um pouco, manda o bestão em frente. Tu aguenta firme lá fora. Qualquer movimento em falso dá o alô, se escapole.

— E amanhã, pra onde se leva as pequenas?

— Nada de amanhã. Se a colheita de hoje for boa, se passa uns dias fora de circulação.

— Acho que isso vai ser melhor pras bandas do Aterro — diz Encravado.

— Depois se chega lá. Tem de se usar vários lugares. Agora te manda. Alfinete fica um pouco contigo. Quando a primeira delas pintar, ele vem pro posto e traz a garrucha. Se não quiser, vem no lugar dele. Eu vou ficar arranjando uns barbantes. Talvez seja necessário segurar o careta por mais tempo. Nunca se sabe.

Capítulo 4

I

Beth sentou-se sozinha numa das mesas da Taberna da Glória, Carla foi arranjar lugar do outro lado, Sueli achou melhor permanecer no ponto do ônibus.

— É lá que os velhotes dão em cima.

Havia sempre muita gente no ponto, por isso distanciou-se um pouco. Passou o primeiro carro, o motorista ofereceu carona, vieram dois ônibus um atrás do outro, levaram metade das pessoas. Apareceu um segundo automóvel, só os faroletes acesos, Sueli curvou-se para falar com o cara, ele prometeu estacionar e voltar. Estava cansada dessa prosa. Não ia esperar. Caminhou até a porta do Palácio São Joaquim, veio descendo. De onde estava, olhava perfeitamente Carla, já com um cara de braço passado sobre os ombros. Beth é que continuava sozinha, o garçom repetindo os copos de chope. O velhote que passou por Sueli fixou-se nas suas pernas, no seu rosto moreno, nos cabelos presos para trás, num elegante rabo-de-cavalo.

— Pra onde tá indo a princesa?

— Pra onde o papai quiser.

Disse isso e sorriu, mostrando os dentes brancos. O velhote, que conduzia uma pasta, ficou sem saber o que fazer. Não contava com aquela resposta desafiadora. Por uns momentos pensou em tantas coisas: continuar a caminhada, aceitar a provocação.

— E pra onde se pode ir? — disse timidamente.

— Pra bem perto, onde moro.

O cara estava com os cabelos ficando brancos, usava óculos, tinha rosto gordo e sanguíneo. Fazia uns trejeitos nervosos, cada vez que falava. Sueli sabia o quanto estava acanhado. Procurava as palavras e não encontrava.

Queria fazer uma brincadeira e não acertava. Não esperou que se resolvesse. Pegou-o pelas mãos. Estavam geladas.

— Que é que tem, benzinho?

O cara pôs-se a rir. Não sabia o que dizer. Na verdade seria difícil explicar. Naquela idade, ao invés de estar a caminho de casa, meter-se numa aventura com a gata de corpo bem-feito, cabelos no meio das costas.

— O que é que gosta mais de fazer?

O careta apenas sorria.

— Então vamos. Vou ser toda tua; o tempo que quiser.

O velhote não aguentava mais. Os beiços tremiam, a respiração estava ofegante. Mentalmente ele calculava o quanto tinha na carteira e o que podia gastar com aquela pequena. Sueli falava, ria, contava coisas ligeiras, o careta se lembrava do chinelo que a mulher punha na porta do banheiro sempre que se aproximava a hora de voltar para casa. Em vinte e tantos anos de casado, nunca se atrasara. A não ser quando tinha de atualizar a contabilidade. Mesmo assim telefonava. Portanto, uma vez que fosse, não fazia mal. Já estava praticamente esquecido daquelas garotas. Fazia tanto tempo. E, enquanto divagava e ria, concordando com os ditos de Sueli, sentia-lhe o calor da mão macia e jovem. As pessoas que cruzavam por eles, é como se o conhecessem. Algumas, principalmente as mulheres, olhavam-no, pareciam acusá-lo de adultério. A vontade era tapar o rosto, até a rua da casa de Sueli, Ali, sim, poderiam seguir mais vagorosamente. Pelo ponto de ônibus, em frente à farmácia e à panificadora, cobria-se de vergonha. E se algum conhecido o visse? Como explicar semelhante coisa?

— Quer tomar um drinque antes? — indagava Sueli.

— Se tiver um conhaque em casa agradeço.

— Conhaque não sei se tem, mas uísque posso lhe garantir. Foi uma garrafa que ganhei no aniversário.

O velhote sente a língua solta. Agora, consegue dizer algumas palavras e fazer até certa blague.

— Quantos anos fez?

— A uma mulher não se pergunta isso, mas, por enquanto, não tenho por que não dizer.

Tanto Sueli quanto o velhote acham graça.

— Dezoito. Sou do signo de Peixes. E você?

— Eu?

Não sabia o que dizer. Perturbara-se novamente. Depois que pronunciou a palavra Peixes, Sueli se esticava como para contar-lhe um segredo.

O velhote continuava sem saber sequer o seu signo. Também ficava um tanto acanhado de dizer a idade verdadeira. Por isso andou reduzindo uns cinco anos.

— Tenho cinquenta e um, sou de Aquário.

— Hum, que maravilha!

Ele vai dizer alguma coisa, Sueli interrompe.

— É ali que moro — diz apontando o casarão, com duas ou três janelas iluminadas. — É melhor do que hotel!

O velhote concorda. Nunca gostara de expor-se em hotéis, assinar fichas, mostrar carteira de identidade, ficar sujeito às batidas policiais, como frequentemente lia nos jornais. Seria um horror se fosse levado a uma delegacia, por estar num quarto, acompanhado de uma prostituta. O escândalo arruinaria seu prestígio na firma, a mulher teria uma crise cardíaca, os filhos casados deixariam de falar com ele. O retrato era capaz de aparecer nos jornais que vivem de sensacionalismo. Por isso estava certo de que a escolha de Sueli era a melhor.

— Um casarão modesto, mas confortável. Vai gostar da minha casa.

— E de você — arriscou o velhote, um tanto mais à vontade.

Encravado viu quando Sueli entrou. Subiram os degraus, passaram pelo pátio, os quartos fechados. Ela tirou a chave da bolsa, rodou na fechadura. A porta se abriu com estalidos suaves. Acendeu a luz, abraçou-se ao velhote. Ele se apressou em fechar a porta. A sensação daquela mulher jovem, colada a ele, tão quente e esguia, provocava-lhe os nervos. Sueli afrouxou-lhe o laço da gravata, ele depositou a pasta sobre uma cadeira, ela ajudou-o a tirar o paletó. Queria dizer que aquele cômodo era muito apertado, que o calor estava sufocante mas não ousava, a garota não lhe dava tempo. Agora, só de calça e sem os sapatos, puxava-o para o quarto, para a cama. Não acendeu a luz. A claridade da lâmpada na sala era suficiente. O careta sentou-se na beira da cama, Sueli tirou a calça, ficou só de blusa e calcinha, desabotoou o cinto do careta. Usava cueca longa, aberta na frente, a garota empurrou-o, as roupas foram caindo, não teve tempo de ordená-las, não se preocupava. Poucas vezes encontrara uma garota como aquela e deixava-se conduzir. O velhote livrara-se também da cueca. Sueli tirou a blusa, os seios morenos e duros apareceram, o velhote tocava-os com mãos trêmulas, como se temesse estragá-los. Aproximou-se para beijá-

los, a pequena deu-lhe apoio à cabeça, ele fechou os olhos, sentia a felicidade brotar-lhe novamente do peito. Mas a luz que se acendeu inquietou-o. Sueli soltou um gritinho baixo. O velho arregalou os olhos. Não acreditava no que via.

— Que é que tá fazendo com esse vagabundo? <— indagou Dito, demonstrando irritação.

A mulher corre para o outro compartimento. O velhote quer levantar-se, Dito não deixa. Está de revólver apontado.

— Faz um movimento e te queimo!

Alfinete encarrega-se de recolher as roupas. Leva calça e paletó para o sofá na sala. Sueli está se arrumando de novo. Pisca um olho, sai para o pátio fracamente iluminado pelos reflexos que vinham da rua. Caderneta de anotações, carteira de dinheiro, talão de cheques e papéis são tirados. Alfinete abre a carteira, enquanto ouve as palavras baixas de Dito, as lamentações do velhote. Retira as cédulas, fica na dúvida se mantém consigo os documentos ou não. Por isso chama Dito.

Alfinete saca da garrucha, empurra o velhote que tentou sentar-se.

— Quietinho, se não quiser levar uma azeitona no couro!

Dito confere as notas que Alfinete pôs sobre a cama, olha a papelada. Aí tem uma ideia. Soltar o careta mas ficar com a cueca, os documentos, o dinheiro. Alfinete diz pilhérias ao velho. Dito calcula uma fórmula de ficar explorando sempre aquele otário, além de impedir qualquer queixa à polícia.

O velhote está aflito. Aparece na porta, completamente nu. Dito vai jogando as roupas, Não faz qualquer comentário. Põe as meias, procura a cueca.

— Vai ficar com a gente. Prova de que esteve aqui, atrás da gatinha. Qualquer erro, tua família vai ficar sabendo.

— Se é dinheiro que querem, posso dar.

— Já se pegou o que era preciso por hoje. Até quinta-feira se vai querer mais — afirma Dito com frieza.

O tipo agora está vestido, prende a gravata de qualquer jeito, Alfinete ajuda-o a recolocar os documentos na pasta.

— As fotografias e a carteirinha do clube também ficam com a gente — torna a dizer Dito.

O velhote abre a porta, sai nervosamente.

— E se botar a boca no mundo?

— Duvido.

Dito levanta o assento do sofá, joga a cueca, estende-se por uns momentos.

— Até que não foi difícil.

Da calçada onde está, Encravado vê o tipo afobado, querendo tomar um táxi. Quando vai embora, entra correndo pelo terraço.

— Como é que foi?

— Legal — responde Alfinete.

— Deixou a cueca e mil pratas — afirma Dito.

— Então vamos nos mandar — sugere Encravado.

— Acho que não. Ele vai direto pra casa.

— E se foi pra delegacia?

— Não é do tipo que se envolve com polícia.

Dito dá dinheiro a Encravado.

— Volta pra lá. Hoje, se vai lavar a égua.

Logo que Encravado retorna, avista Carla. Vem com um cara forte e de roupa escura. Não dá pra examinar-lhe as feições. Ela fala e ri, atravessam a rua, o homem com o braço nos seus ombros. Entram no casarão, ela torce a chave na fechadura. Agarra-se ao careta, ele não parece amoroso, senta-se no sofá. Carla toma a iniciativa. Tira a calça, os sapatos, o cara desabotoa a camisa. Depois pergunta se quer beber alguma coisa. Ele aceita.

Abre um armário tão velho quanto tudo que havia naquela saleta, retira a garrafa com uísque e um copo. O cara faz um sorriso, ela se põe a falar, não está gostando muito das atitudes daquele desconhecido, não acha que esteja atraído por seu corpo. O homem coloca uma boa dose no copo, oferece um pouco, ela beberica, mais para agradar, beija-o. Quando tenta segurá-la, esquiva-se, vai para o quarto. O cara ainda continua no sofá. Não parece de forma alguma empolgado. Carla fica chamando, a fraca luz iluminando suas formas gastas. O homem retira os sapatos, examina se a porta está bem fechada, põe a camisa no espelho da cadeira, dobra a calça. Senta-se ao lado de Carla, fala-lhe ao ouvido, ela se desmancha em risos e meias palavras. O careta estende-se ao seu lado, beija-a, desta vez com calor. De trás da cortina, no vão de parede onde mal cabia uma cadeira, saem Dito e Alfinete.

— Fica onde tá!

O desconhecido não parece se incomodar com a ameaça, tenta erguer-se, Dito dispara.

A bala atinge-o numa perna.

— Filho da puta, o que pensa que tá fazendo?

Não contava com aquela reação, vai acionar o gatilho outra vez, Alfinete intercede, o homenzarrão quer levantar-se, Dito acerta-o na cabeça com a arma. Carla ficou sem poder sair do quarto, sem conseguir passar, sua vontade era desaparecer. Dito também estava bastante nervoso, não sabia exatamente como proceder. Não contava com a reação daquele tipo e a solução que via era liquidá-lo, embora Alfinete fosse contra.

— Vai enrascar a Beth!

O desconhecido, embora atordoado, ainda pronunciava palavras que não faziam sentido. Dito conseguiu recompor-se.

— Vamos amarrar esse bicho. Depois se dá o fora.

Alfinete localizou alguns barbantes, Dito forçou os braços para trás, deram o primeiro nó, com um pano amordaçaram-no, amarraram-lhe também as pernas.

— Se puxa ele lá pros fundos e se manda.

— De que adianta? Larga ele aí mesmo — afirma Dito.

Alfinete estava nervoso, mas o companheiro parecia ter recuperado completamente a calma. Pôs-se a procurar os documentos, a carteira de notas. O tipo não tinha quase dinheiro. Não poderia sequer pagar Carla, Dito sentiu o quanto era decepcionante aquilo, Teve vontade de acertá-lo na cabeça. Como não desejasse embaraçar a vida de Beth, procurou inutilizar-lhe os documentos. Rasgou também as roupas e mandou que Alfinete tratasse de jogar os sapatos e as meias na lata de lixo, que havia na entrada do casarão, Não sabiam o rumo que Carla tomara. Dito chamou Encravado, mandou que procurasse a mulher.

— Diz que por hoje tá encerrado.

— Eu vou dá o piá pra Sueli e Beth.

Dito entrou no bar, a calça amassada, o sapato de pano cada vez mais sujo. Estava exausto e um tanto decepcionado. O blusão de quadros que vestia começava a emitir cheiro desagradável. As pessoas que estavam por perto o olhavam. A custo o homem serviu-lhe um cafezinho. Antes mandou que tirasse a ficha na caixa. Todos desconfiavam dele. Ninguém acredita num moleque de rua. É o que pensavam. Sabia bem disso. Pôs açúcar, começou a mexer com a colherinha, enquanto percebia a aproximação de Alfinete. Tinha de adquirir roupas melhores e localizar Cristal. Aquela

história do suadouro não poderia ir longe. Terminaria acontecendo com ele o mesmo que ocorrera a Zebrado.

Alfinete aproximou-se, pediu outro café, Dito ficou ouvindo o que dizia a respeito de Beth. Embora o caso pudesse ser vantajoso, como afirmava, não gostaria mais de arriscar-se. Era melhor a mulher levar o cara para um hotel.

— O bicho tá cheio da nota! É um gringo, falando atravessado e tudo. Dito sacode a cabeça.

— Que vá pra outro lugar.

Passavam pela Taberna da Glória, quando apareceu Encravado.

— Sueli tá na Praça Paris. Disse que não pintou mais nada. Antes de meia-noite vai se mandar pra Copacabana. Quer a parte dela.

Dito tira o dinheiro do bolso, manda Alfinete trocar.

— É bom mesmo fazer logo a divisão!

— Trezentos pra cada e uns trocados — afirma Alfinete.

— Os trocados são por conta daquele mau caráter. Ia enganar a Carla direitinho — considera Dito.

Beth continua sentada com o gringo, a mesa enfeitada de garrafas. Dito olha-a com certo despeito, sente arder-lhe o corte mal sarado por cima do olho. Compraria uma roupa nova para encontrar-se com ela. Para sentar-se num lugar como aquele e ficar conversando.

II

Encravado e Alfinete decidem gastar o dinheiro no Largo do Machado, Dito sente-se cansado para acompanhá-los.

— Vou procurar Fumaça. Amanhã a gente se vê.

A praça àquela hora estava escura e deserta, Nos bancos, alguns vultos de mendigos procurando acomodação. No depósito de lixo, a mulher e os filhos pequenos, tentando encontrar restos. Dito ficou uns momentos acompanhando a cena. A mulher puxava a lixarada para o chão, os garotos punham-se a catar. E tudo em muito silêncio, como se estivessem roubando. Chamou um dos garotos, a mulher parou.

— Vai falar com o moço.

Deu-lhe uma cédula. Não resolveria quase nada mas ajudaria um pouco. O garoto retornou para junto da mãe, mostrou o dinheiro, ela pegou a sacola de bagulhos, saiu na frente, os pequenos atrás.

Quando já estava estirado no banco, apareceu o bêbado para dizer que aquele lugar era dele. Teve vontade de responder mas conteve-se. O cara mal sabia o que estava falando. Resmungou bastante, um embrulho de jornal debaixo do braço, saiu andando, capengando, em busca de outro banco que ainda estivesse vago.

Olhou durante horas a lua aparecer e desaparecer por entre ramos de oitizeiros, ouviu a barulheira do tráfego, as palavras de revolta do homem que Carla arranhou. Estaria ainda amordaçado e amarrado? E Beth, para que hotel teria ido com o gringo? Por que ela o olhava com doçura e por que, quando pensava nela, sentia doer o corte por cima do olho? Não queria fixar-se nela. Não gostaria de ter complicações com mulheres. Quando nada até definir as coisas com Cristal. Afinal, que negócio tão importante é que fazia? Por que mandou a mercadoria para Débora e ela resolveu não pagar o que estava combinado? Débora foi culpada pela transa ou tudo partiu da cabeça de Cristal? Era provável, também, que houvesse mais pessoas envolvidas. Vai ver que era isso e Cristal não queria dizer, para não passar por um cara sem importância. E, agora, sem Débora, que pensaria Cristal? Estaria arrependido ou lhe daria nova chance?

O sono custava a vir, o embrulho de jornal que pusera debaixo da cabeça, como travesseiro, não era suficiente. Planejava ir procurar Cristal e voltar a falar com Mãe Dolores. Pensava no seu rosto triste, nos olhos distantes, recordava a morena de meias pretas, a outra de grandes seios de fora, chamando-o. No corredor, a porta semiaberta, os gemidos da mulher sendo trepada. Como aquilo tudo lhe parecia estranho e como estava identificado àquelas coisas. Percebeu que facilmente poderia puxar o gatilho. Contra o careta que matou Pixote no cemitério, contra Cristal. Da mesma forma em que cravou Débora e Celina. Não precisavam mais continuar existindo. Ou precisavam? Não sabia. Não gostava de perder-se nessas coisas, Débora planejou seu desaparecimento na delegacia. Os presos iam transformá-lo em bicha. Não tinha como resistir. No dia em que se rebelasse, apanharia até morrer. Como dr. Mauro gostaria que fosse. Acontece que deu tudo errado. A amiguinha dele ficou estendida, o sangue lambuzando os peitos moles, os olhos arregalados. Esses raciocínios traziam-lhe também acessos de raiva. E enquanto estivesse com raiva não

dormiria. Mas preferia que assim fosse. Não tinha dúvida quanto ao futuro. Mais cedo ou mais tarde o acertariam. Por isso, até lá, deveria prevalecer o que fosse mais ágil. Puxar e disparar primeiro, antes de qualquer um. Cravar a faca com força, quando menos se esperasse. Ele, Fumaça, Encravado, Castigo de Mãe. Todos, o mesmo futuro. Cada dia um. Como Zebrado, Pixote e agora Manguito. Se saísse de lá já não prestaria para mais nada. Sabia bem como era. A cicatriz por cima do olho ardia e coçava. Sempre ouvira dizer que uma ferida estava sarando quando começava a coçar. Devia ser o que acontecia com a sua. A ideia de morar na caverna cada vez mais distante. De modo geral, tudo muito distante. Os próprios companheiros não se entrosavam. Castigo de Mãe querendo ser independente e fazendo coisas com as quais não concordava. Encravado aceitando as orientações mais para agradá-lo. Alfinete, um cara misterioso. Amigo das mulheres e de uns tipos soturnos, que vira certo dia na feira. E por que, também, desejaria que o seguissem? Seguir para onde? Exatamente isso. Para onde? A lua mergulhara na massa escura de nuvem, a praça apagou-se. Dito, ali deitado, parecia um morto. Quem saberia de sua existência? A polícia de São Paulo continuaria à sua procura? O homenzarrão ainda estaria furioso com o que fizera? Ora se estava. Eles não esquecem. Não se tem a menor chance, O pequeno e o grande erro são todos cobrados. Na mesma moeda. Por isso, o melhor a fazer era tornar-se independente. Transar com os colegas por transar. Talvez só Fumaça fosse a exceção. Gostava de Encravado?. Gostava de Castigo de Mãe ou de Alfinete? Não. Os olhos se encheram d'água, a lua desapareceu, Dito sentiu estar chorando. O que raramente acontecia. E chorava por não gostar de ninguém. Talvez um pouco de Pixote e agora de Fumaça. Do resto, simplesmente não se lembrava ou recordava com ódio. Como Zé Inácio, Tatu e Borrachudo. Novamente a lua perdeu-se na massa escura e, com ela, Dito mergulhou no sono.

III

Fumaça saltava e tornava a subir no estribo do bonde. Estavam a caminho do Mangue, onde falariam de novo com Mãe Dolores. Dito se encolhera numa ponta de banco, não tinha ânimo de nada. Desde manhã,

quase não falava. Nem quando tomaram café e o crioulinho contava as peripécias que vira na noite anterior.

— Puxa, você acertou o cara?

Dito sorria.

— Foi só um arranhão. Queria dar uma de sabido.

Entraram pela rua larga, movimentada, com os grandes cartazes de publicidade. Os homens continuavam de pé, barraqueiros vendendo frutas. Em quase todas as janelas as mulheres nuas, mostrando-se. Um cara gritou que Fumaça se mandasse dali. O pequeno disparou na carreira, depois retornou. Entraram no casarão de Mãe Dolores. As mulheres sentadas nos degraus não eram as mesmas. Dito não viu mais a morena de meias negras, nem a outra de grandes seios, Mãe Dolores estava conversando com uns tipos estranhos, mandou que esperassem. Depois eles puderam aproximar-se e ela foi dizendo que a vida de Manguito tava dura de roer.

— O pior já aconteceu. Foi mandado de volta pro SAM.

Dito sabia que não poderia ser tão ruim assim, em comparação a viver num xadrez de delegacia. Naturalmente ela não podia fazer ideia do que fosse. Animou-se um pouco e até chegou a perguntar:

— Mas isso é certo?

— Foi o que me disse o detetive que teve ontem aqui. Agora, é só procurar confirmar.

Dito sentia-se mais aliviado, embora não pudes-se fazer qualquer tipo de confirmação. Como é que poderia chegar ao SAM e perguntar por Manguito? Mamãe Dolores tinha cada uma que não conseguia entender.

A mulher ofereceu comida, Fumaça achou que ainda era cedo, não estava com fome.

— Um dia se torna a voltar — afirma Fumaça.

Dito apenas sorri e vai saindo. A mulher olha-os, como se lamentasse. Intrometem-se no meio dos homens, chegam à rua por onde passava o bonde, tomam o primeiro que aparece.

— Pra onde se tá indo, cara?

— Pra qualquer lugar. Quando cansar, se volta. De tarde vou baixar lá pela Rocinha, atrás de Cristal. Se quiser ir, tem de aguentar firme, É capaz de fazer uma ursada.

— Comigo ele come fogo — ameaça Fumaça.

Na Praça Saens Pena descem do bonde. Dito entra numa loja, fica diante das vitrinas, extasiado com a quantidade de brinquedos, patins,

bicicletas.

— Que tal se comprasse uma bicicleta?

— Legal! Mas logo ia aparecer um careta pra tomar — afirma Fumaça.

Dito sabe que era a verdade. Saem da loja, correm para o outro lado da praça. Dito salta por cima dos arbustos floridos. Fumaça pede ao jardineiro que deixe tomar água na mangueira, o homem manda-o andar, o crioulinho retoma a caminhada, sempre aos saltos, dentes à mostra. Entram num bar, Dito pede café e guaraná.

IV

A tarde estava ensolarada, os caminhos que levavam à Rocinha eram de muita ladeira. Chegaram ao local onde havia a bica, passaram pelo ponto onde os homens faziam jogo do bicho, seguiram por entre os barracos, as pequenas casas de tijolos aparecendo, antenas de televisão, a garotada exercitando-se com a bola. Fumaça olhou na primeira birosca, Dito tinha quase certeza de que estava na outra. Na que era maior, de duas portas, e havia sido pintada de azul. Alguns homens reuniam-se perto, outros passavam conduzindo água no pau-de-carga. Entraram, lá estava ele. Olhou logo Dito mas fez de conta que não viu, O crioulo alto e magro disputava a partida. Dito ficou num canto. Cristal esfregava giz no taco. Ia tomar posição de jogada, sorriu. Dito também fez arzinho de riso.

— Até que enfim apareceu! Precisamos falar. Tá com pressa?

Dito sacode a cabeça, mete as mãos nos bolsos. Na terceira tacada Cristal errou, o crioulo pôs-se a encaçapar as bolas. Os dois garotos procuraram uma mesa, sentaram-se. Cristal mandou que o birosqueiro servisse refrigerantes.

— Trata bem deles, são meus amigos!

Dito tomava guaraná e olhava a elegância de Cristal. Não mudara nada. A roupa clara, os sapatos brancos, a camisa branca de punhos virados, os cabelos bem penteados, como se tivesse acabado de tomar banho. Não sabe como conseguia manter-se, assim, o dia inteiro. Mais de uma hora depois o crioulo comprido largou o taco sobre a mesa.

— Por hoje chega. A conta é tua!

Aproximou-se do balcão, mandou o birosqueiro botar uma espremidinha. Cristal pediu um conhaque. Veio com o copo para a mesa onde estavam Dito e Fumaça.

— Hoje, não tou nos melhores dias — disse referindo-se à partida, que acabara de perder.

Tomou um pouco da bebida, estalou os beiços, ficou brincando com o copo.

— Como é que foi aquilo?

Dito não sabe se deve responder.

— Aquilo o quê?

— Com a pobre da Débora.

— Pobre uma ova. Olha só o que ganhei.

Mostra o corte no supercílio.

— E se não partisse pra raça, tinha apodrecido no xadrez.

— Não pagou o que mandei?

— Pagou porra nenhuma. Botou foi os tiras atrás da gente. Eu e ele ficamos na delegacia e depois com uma porção de marginais.

— Bastava ter vindo me procurar e se acertava. Não precisava ter dado baixa na mulher. Era importante. Tem uma porção de gente atrás de vocês. Principalmente de ti.

Dito encolhe os ombros, em sinal de pouca importância.

— Quanto é que tinha de dar? — indaga Cristal de forma surpreendente.

— Três mil.

— Aqui está.

Dito e Fumaça não podem acreditar no que veem. Cristal abre a carteira, seleciona as notas, vai colocando-as sobre a mesa. A princípio Dito não ousa tocá-las.

— Vamos! É de vocês! — insiste Cristal.

Dito guarda o dinheiro, está bastante atordoado, não consegue entender aquele tipo que sempre conseguia manobrá-lo.

— E o outro coleguinha, cadê?

— Em cana — responde Fumaça.

— Disseram que tá no SAM.

Cristal faz uma careta.

— Aquilo ali é barra pesada!

— Sem ele não se pode mais fazer nada. Ajudava muito! — afirma Dito.

Agora, quem se sente surpreso é Cristal. Mas não demonstra desagrado.

— Acha que vai ficar por lá muito tempo?

— Não faço ideia.

— Sabe o pavilhão em que está? — indaga Cristal interessado.

— É mais fácil localizar pelo nome...

— Manguito... — diz Cristal. — Vou mexer os pauzinhos e mandar soltar o garoto. É conversando que a gente se entende.

Dito sabe que novamente está se referindo ao caso de Débora, seu namorado e a empregada Celina.

— Ela entregou a gente, pra que não se saísse vivo da prisão — afirma Dito.

— Vamos esquecer isso — conclui Cristal, o que deixa o garoto ainda mais aborrecido.

— E o que vai acontecer agora?

— Lá mais pra frente vou precisar de vocês outra vez. É possível que o Manguito já esteja livre. Aí se bate um papo, acerta os ponteiros. Só que não podem botar os pés em São Paulo, tão cedo. E lá é que o volume de negócio é maior.

— Por que a Débora não fez o que você mandou? — insiste Dito.

— Não posso imaginar. Vai ver que não tinha na hora.

— Nada disso. — argumenta Fumaça — deixou a gente esperando e disse que ia apanhar a grana. Aí apareceu o grandalhão e nos agarrou.

— Acho que tava tudo combinado — arrisca Dito.

— Bem, se tava tentando me passar pra trás, também pagou por isso. Vamos falar de coisas menos tristes.

Cristal acende um cigarro, o birosqueiro traz outra dose de conhaque, oferece mais refrigerante aos garotos.

— Provavelmente o próximo passo será Belo Horizonte. Algumas horas de viagem e chegam lá. É bom mercado. Sou capaz até de arranjar autorização para viajarem de ônibus. Nada de ficarem correndo atrás de trem, arriscando a vida à toa.

— De ônibus é legal — afirma Fumaça.

— E o tutu pode aumentar. Vai depender de vocês.

Uns tipos estranhos aparecem, falam com Cristal, um deles o abraça. Os garotos levantam-se, compreendem ter chegado a hora de partir. Dito está satisfeito com a bolada que terminara de receber. Fumaça não se sente menos alegre, Seu desejo é desaparecer dali o quanto antes, tomar o

caminho da praça ou das pedras do Aterro, ficar por lá, só pensando em como gastar tanto dinheiro.

Fumaça é de opinião que Cristal não é mau sujeito.

— Se fosse outro — diz ele — não pagava porra nenhuma, e daí?

Dito não concorda muito com aquilo. Sabe apenas que não consegue entender Cristal. Quanto mais se esforçava, tanto pior.

Passam outra vez pelos homens que esperavam o resultado do jogo do bicho, pela bica agora repleta de mulheres e crianças. Chegam ao trecho onde a estrada ainda era cimentada, aí o carro vem descendo, lentamente, Dito e Fumaça chegam para bem perto da mureta. A porta do carro se abre, Dito quer correr e não pode, Dois homens o agarram, um terceiro faz o mesmo com Fumaça.

— Vem cá, sem-vergonha! Se quer ouvir tua história!

O tipo que dizia isso era forte, estava de blusão fora das calças e um chapeuzinho de feltro. O outro era branco e gordo. O que segurou Fumaça, crioulo alto, usava boné.

O carro prosseguiu descendo a ladeira. Dito não sentia vontade de debater-se, tentar escapar. Sabia que era impossível e que fora imbecil, acreditando em Cristal. O crioulo de boné estirou o braço para trás.

— Passa o dinheiro do homem, bicho ruim!

Dito não se mexeu. O parrudo que o segurava meteu as mãos nos seus bolsos.

— Três mil, maninho! Nada mal — diz o policial passando as notas ao companheiro.

O tipo branco e gordo ironiza:

— Pra onde vão não precisam disso!

Dito olha Fumaça. Está pálido, assustado. Suspeitava do comportamento de Cristal, mas não imaginava que chegasse a tanto, Os olhos se encheram de lágrimas, o ferimento por cima do supercílio começou a doer. Os policiais falavam entre si. Sabia que os comentários eram a seu respeito. Agora, o próprio motorista, um cara baixinho, queria saber detalhes. O branco, brincalhão, explicava o que tinham feito, em São Paulo.

— Baixa em três, maninho. Sem dó nem pena.

Dito recordava a cara do delegado paulista, de Caramelo e Roxão. Se fosse enviado novamente para lá, estava certo de que seria seu fim. Cristal ficaria solto, disputando partidas de sinuca em plena tarde, sem se

preocupar se ganhava ou perdia. Na verdade sua profissão era outra, que só agora Dito conseguia claramente entender.

V

O Opala chapa fria rodou por muitos lugares, fez diversas paradas. Mas sempre ficavam dois policiais para tomar conta dos presos. Não havia condição de fuga. Depois começaram a subir uma estrada, que parecia do Corcovado. O policial branco mandou que o motorista parasse. O carro entrou por cima da grama.

— Acho que tá na hora de se revistar direito esse moleque.

Saltaram, o tipo parrudo prendendo o braço de Dito para trás. O policial, examinando-lhe os bolsos, deu uma risada. Tirou o revólver, mostrou aos companheiros que estavam no carro:

— Olha só o trabuco do menino!

Jogou a arma para o motorista, pôs as mãos nos quadris, tornou a rir, debochadamente, cinicamente.

— Não tem medo de sair ferido, cachorrão?

Dito não responde. Pega-o pelos cabelos, puxa-o para frente, aplica-lhe uma joelhada no estômago. O garoto protege-se como pode, o parrudo acerta-o com um pontapé, ele roda, nova pancada é aplicada nas costas, agora o parrudo tirou o cinto, bate-lhe do lado da fivela. O soco no rosto o derruba. O branco volta a segurá-lo pelos cabelos.

— Acho que tá no ponto de falar!

— Quem te mandou acabar com a Débora? — indaga o parrudo.

Dito não tem o que responder, recebe um pontapé nas costas, o branco agacha-se à sua frente.

— Fala senão a gente vai acabar contigo aqui mesmo.

— Quem foi que mandou matar a mulher? — grita o parrudo.

— Ela não quis pagar o que devia e aí chamou os tira.

— Por isso achou que era demais no planeta! — comenta o policial branco e sorridente.

— Vai contar a história completa. Não se tá gostando do que acabou de dizer.

— Segura o moleque aí do teu lado, Pestana. Vamos já dobrar esse cachorro — diz o tipo parrudo, enquanto manda o motorista vir de ré, devagar.

Dito percebe a manobra, debate-se, Pestana não tem forças para contê-lo.

— Corre aqui, Bandeira 2, que o bicho é valente.

Dito é agarrado, os braços torcidos, uma das pernas estiradas. O carro está perto.

— Guenta aí, Xereta — diz o tipo parrudo ao motorista. — Vê bem, garoto, tu te abre, ou vai ficar com o pé debaixo do carro. E não pensa que se tá com pressa. O carro vai parar no teu pé, até dar o serviço.

Pestana insiste:

— Quem mandou queimar a mulher?

Fumaça está horrorizado, o motorista tem um braço de fora do carro, olha para trás, a fim de não errar, o parrudo acena para que continue a vir. Dito dá um berro, continua a gritar, o policial solta-o, ele tenta arrancar com as mãos o pé sob a roda do carro, bate-se na lataria, cai e levanta, ergue os braços e cobre o rosto, Fumaça chora só de ouvir o companheiro sofrer, o de quepe manda que fique calmo.

— Aguarda tua vez. Não fica te gastando à toa. Tu também ajudou na trama da mulher.

Bandeira 2 faz sinal ao motorista, o carro move-se, a roda liberta o pé do garoto. Mas, novamente, os policiais já o seguraram. Continua a gemer, a chorar.

— E então, como foi a história? Quem mandou acabar com Débora?

Dito tem uma perna encolhida, as lágrimas misturam-se à baba que escorre dos beiços, o policial branco continua a sorrir.

— Fala, senão vai o outro pé.

Dito sacode a cabeça. Não sabe o que dizer. Não tem nada a comentar.

— Matei porque não me pagou. Matei porque mandou um porco imundo espancar a gente.

— Porco imundo! — repete Bandeira 2.

Dizendo isso, pisa-o no pé ensanguentado. Dito curva-se, o branco aplica-lhe uma cutelada no pescoço, ele desmaia.

— Traz o outro, Pantera.

O crioulo de quepe mexe-se no banco dianteiro. Fumaça põe-se a gritar, agarra-se como pode.

— Vamos lá, capeta!

O pequeno é arrastado e atirado ao lado de Dito. Fumaça olha o pé achatado, o sangue correndo. Implora, diz que não sabe de nada, não estava junto com Dito na hora em que Débora morreu. Bandeira 2 diverte-se com a aflição do garoto, o tipo branco e gordo segura-o pelas orelhas. Abaixa-lhe violentamente a cabeça, bate-lhe com o joelho no rosto. O pequeno cai de costas na grama. Bandeira 2 ergue-o.

— Assim o menino não gosta!

Puxa o canivete, os gritos de Fumaça ecoam longe.

— Tapa a boca dessa peste!

Xereta oferece um lenço. Pantera amarra-o na boca do pequeno.

— Agora pode dançar.

Bandeira 2 está pronto. Mete o canivete no queixo de Fumaça, Pantera tira-lhe o lenço.

— Um pio mais, seu corno de merda, e te espeto até o céu da boca.

Fumaça fica na ponta dos pés, Bandeira 2 vai erguendo vagarosamente a mão, obrigando-o a caminhar de um lado para o outro.

— Assim, caladinho e obediente. Como um bom menino.

— Quem foi que mandou matar Débora?

Fumaça quer falar, Bandeira 2 tira a lâmina. O pequeno está exausto.

— Foi um homem lá de São Paulo, mas não sei o nome.

— E esse outro sem-vergonha sabe quem é? — indaga Pantera.

— Sabe. A gente conversou e ele prometeu uma nota firme.

O tipo branco e gordo ajuda a puxar Dito para dentro do carro. Fumaça continua em poder do crioulo de quepe.

— Vamos embora, Xereta — diz Bandeira 2.

— Já temos meio caminho andado. Na delegacia se descobre o resto.

— E o pé do pivete? — indaga Xereta.

— Deixa ele com o plantão do pronto-socorro. Foi atropelamento e ponto final. Na correria pra fugir da gente, preferiu entrar debaixo de um carro.

Os outros acham graça. Fumaça continua a chorar em silêncio, olhos vermelhos, o corpo todo trêmulo.

Capítulo 5

I

Dito acordou ainda tonto pelos efeitos da anestesia. Olhou o teto baixo, as paredes brancas e sujas, a lâmpada acesa. Tentou mover-se, percebeu que um dos braços estava preso à cama. O salão era uma espécie de enfermaria, embora as outras camas estivessem desocupadas. Também, não havia ninguém transitando por ali, e a sede que sentia era insuportável. Não se recorda de ter, anteriormente, tanta vontade de tomar água. Tivera um sonho, onde a terra ao seu redor estava ressequida, havia rachaduras no solo e ele caminhava, caminhava, o sol queimando, as mãos agarrando-se aos arbustos que também haviam secado. Viu a água entre as dunas, correu para lá. Era miragem. Livrou-se do pesadelo, do sono, mas a sede não diminuía e ali não havia um funcionário sequer. Deveria existir uma campainha, a fim de chamar o enfermeiro. Era isso. O botão estaria por perto. Procurou com a mão livre das algemas, bateu os ferros da borda da cama. Nada encontrou. O jeito era gritar. Pensou no problema que iria criar. Resignou-se a esperar. Deveria passar alguém por ali, Ao menos um zelador. Os beijos tornavam-se cada vez mais secos, a garganta ardia. Naturalmente o remédio que lhe deram estava provocando aquela ânsia. Exatamente nele que não era de tomar tanta água assim. Nem mesmo nos dias mais quentes, quando ficava horas andando pelas ruas. Se esforçaria para resistir. Não gritaria. Não daria margem a que o odiassem. Moveu a perna direita, a esquerda estava engessada. Lentamente a situação ia se recompondo. Os homens no carro, o de chapuzinho de feltro e o outro, de boné, Fumaça com o braço torcido para trás, ele sendo espancado pelo de chapéu e o outro, branco e debochado. De onde surgiram aqueles tipos? Que ligações teriam com Cristal? Haveria de sair dali e jamais acreditaria no que Cristal tentasse lhe

dizer. Era a segunda vez que entrava numa pior por causa daquele sujeito que aparentava uma coisa e na verdade era outra. Não passava, mesmo, de um garoto. Qualquer adulto não teria se arriscado pela segunda vez com Cristal. Deu uma de otário. Entregou-se. Foi lá, recebeu dinheiro das mãos armadas para exterminá-lo. E, pior do que isso, arrastou o pobre do Fumaça. Por onde andaria o crioulinho de olhar assustado e que tanto acreditava nele? Tentava recompor o quadro por inteiro, desde o momento em que o branco risonho lhe dera a joelhada no rosto. Havia um hiato. Naturalmente, quando desmaiou. Daí em diante não se recorda. Foi quando sumiram com Fumaça. Acabaram de vez com ele ou estaria em outro lugar daquele casario? A sede continuava a dominá-lo. Por mais que desviasse a atenção, sentia a língua seca, a garganta ardendo. Ouviu vozes, risos, animou-se. Pediria um pouco d'água. Fosse a quem fosse. Não ia aguentar por mais tempo. Incrível como aquela sensação o dominava. Jamais desejara tão ardentemente um pouco d'água. Recordou-se de Fumaça saltando por cima dos arbustos na praça, curvando-se para tomar água na mangueira do jardineiro e ele puxando a borracha, a água se extraviando. Como era possível tanta água se derramando e ele ali, naquela ardência, os beiços ressecados, os olhos vendo a chuva entrar na enfermaria, sem que um só pinga caísse no seu corpo?

Os risos e as vozes continuavam distantes. Mas tinha certeza de que alguém se aproximaria. Não deveria tardar tanto. Então, pediria um pouco d'água. Meio copo que fosse. Não custava nada. Da própria torneira serviria. Erguia-se, apoiado nos cotovelos, para tentar descobrir uma pia por perto, mas só havia camas. Camas e mais camas, todas cobertas de branco e vazias. Para onde teriam ido os doentes? Não conseguia entender, Nem ao menos se preocupava em saber por que estava sozinho ali. Não se interessava mais pelo que pudesse lhe acontecer. Nada seria pior que a roda do carro travada sobre seu pé. A dor o alucinando, arrebatando-o por dentro, as mãos puxando inutilmente a perna e os risos dos tipos dentro do carro. Risos como os de agora que ouvia e não podia localizar se vinham do corredor, da área ou de alguma outra enfermaria. E se tentasse abrir a algema? Oh, por que não imaginara essa hipótese? Será que alguém que transava com Cristal o colocara ali, de propósito para que escapasse? Não poderiam ser tão bonzinhos assim. Já não admitia a existência de pessoas boas. Elas estão sempre querendo alguma coisa e, geralmente, muito mais do que podem oferecer. Não ia naquela. Se escapasse, de novo, retornaria a

São Paulo. Custasse o que custasse. Conhecia melhor a cidade, poderia esconder-se com mais facilidade. Raras foram as vezes em que os tiras haviam conseguido prendê-lo. No Rio era diferente. Tinha poucas chances. Se descobrisse o paradeiro de Fumaça > convidaria a ir também. Mas, agora, não poderia preocupar-se com isso. Desejava obter água ou terminaria enlouquecendo. Nunca sentira tamanha aflição. Não sabia que a sede pudesse ser algo tão incômodo.

Os risos foram sumindo, apagando-se e, novamente, a manhã era silenciosa e quente, o sol entrando de um lado das grades. Aí, quando menos esperava, apareceu o velhote, puxando um saco cheio de papéis. Tornou a erguer-se nos cotovelos. Finalmente aparecia alguém para socorrê-lo. O velhote estava encarquilhado, tinha a pele amarela, o rosto chupado, vestia um macacão azul, bem maior do que seu corpo. Calçava uns chinelos de prender entre os dedos e puxava lerdamente o grande saco.

— Ei, você aí. Consiga um pouco d'água, por favor!

O velhote parecia não ouvir, embora o olhasse.

— Tou morrendo de sede. Serve da torneira. De qualquer torneira.

O velhote faz um ar de riso, os dentes podres aparecendo, a língua vermelha aparecendo. Não responde, não diz que sim, nem que não, apenas sorri e é um riso imbecil, como se fosse um louco que ali estivesse, com aquele imenso saco. O tipo deu alguns passos na direção da cama, juntou fragmentos de algodão que estavam no cimento, pôs-se a falar com voz sumida.

— Procura esquecer a água e se lembrar dos irmãos que já se foram.

Não tinha dúvida de estar na presença de um lunático. O velhote fez meia-volta, sempre puxando o saco, desapareceu da enfermaria, tão silenciosamente quanto havia entrado.

Sentiu os olhos avermelharem, imaginou que estivesse num pavilhão abandonado ou em algum hospício, onde deveria existir outros caras iguais àquele, que não sabia o que fazia e muito menos o que dizia. Seria isto um setor do Departamento Correccional de Menores ou simplesmente estava numa outra entidade que nem de longe desconfiava? Restavam-lhe poucas esperanças de aparecer outra pessoa que pudesse lhe conseguir água. O jeito era tentar abrir a algema e escapar. Bastava que encontrasse um pedaço de arame ou ao menos um palito de fósforo, Trabalharia com calma. Tentaria conformar-se com a sede que o angustiava, até livrar-se das algemas. A outra maneira de escapar seria meter a fronha no elo da algema, dar um

tranco. Talvez assim o gancho central se abrisse. E por que não tentar logo isso, já que dificilmente iria conseguir o palito ou o arame? Meteu a fronha por dentro do elo, a fim de proteger o braço. O tranco seria o mais forte que conseguisse dar e isso poderia abrir-lhe uma ferida no pulso. A ferida sangraria, não haveria ninguém para socorrê-lo.

Procurou sentar-se o mais comodamente possível e numa posição em que o peso do corpo também contribuísse para aumentar o impacto sobre o gancho central da algema. Deu o tranco e pendeu o corpo. Mesmo com o pulso envolto na fronha, a dor foi grande e a algema não se partiu. Teria de tentar outra vez e para isso procurou dobrar a fronha em setores ainda menores, a fim de proteger ainda mais o pulso. Deu um tranco bem mais forte que o anterior e o gancho central da algema tornou a resistir. Dificilmente conseguiria arrebatá-lo daquele jeito. Enquanto pensava em outra maneira de escapar, estendeu-se sobre o colchão, o peito arquejante, os beijos trêmulos de sede. Era possível que estivesse numa espécie de isolamento, onde as pessoas eram proibidas de aparecer. Talvez, apenas uma vez por dia, viesse o homem com a comida e nada mais. E como faria para ir ao banheiro? Onde seria o banheiro? Quem abriria a algema? Essa era outra ideia que começava a inquietá-lo. Acomodou-se, esforçou-se em pensar nos companheiros para não ficar entregue totalmente aos padecimentos da sede. A mancha de sol havia caminhado bastante no cimento. Agora, pelos cálculos que fazia, deveria ser quase meio-dia, estava suado, olhava o teto, o pensamento confuso e aquela manhã abafada. Teve a vaga impressão de ouvir uns gritos. Procurou apurar os ouvidos, a calma voltou a estender-se — água tranquila de um lago. Se ao menos conseguisse arrastar aquela cama, sairia com ela do pavimento, até o bebedouro. Deveria haver algum. Era uma ideia. Arrastar a própria cama. Desceu, verificou que os pés de ferro estavam chumbados no cimento como todas as outras. Tornou a acomodar-se. Nunca vira fixar camas no chão, como se jamais fossem necessitar removê-las dali. E se desse jeito de quebrar a manivela que erguia a cabeceira e com a ponta de ferro abrisse a algema? Era outra ideia. Olhou a manivela um tempão, procurou sentir-lhe a resistência com os dedos. E se experimentasse um golpe com o pé que não estava engessado? Deu a volta com a manivela, até a parte do cabo ficar para cima. Apoiou o pé sobre ela, fez força, sentiu o colchão deslocar-se. O braço que sustentava o cabo de madeira chegou a entortar mas não iria quebrar. Tolveu continuar insistindo. Olhava o teto, a mancha de sol, a

mangueira do jardineiro jorrando, Fumaça saltando sobre os canteiros floridos. Se não conseguisse tomar água, era capaz de enlouquecer. Teria de gritar, de chamar por alguém, gostassem ou não. Já não estava mais se preocupando com o que pudessem dizer. Afinal, seria apenas mais um caso. Se o colocassem de castigo, após ter conseguido água, até que não seria mal. Uma espécie de compensação. Nada além disso.

Gritou a primeira vez, a segunda. Com força, muita força. Os apelos enchiam a enfermaria e, mesmo assim, não apareceu ninguém. Nem ao menos para repreendê-lo. Existiriam outras pessoas por ali ou apenas o tipo enlouquecido, que andava puxando o saco de papéis? Haveria outros salões como aquele onde estava ou simplesmente aquilo era uma espécie de isolamento, cercado de mato, distante de qualquer povoado? Já não tinha condição de raciocinar. A garganta doía, parecia estar ficando inchada. Inúteis os gritos, teria de encontrar meio de quebrar as algemas.

Na parte da tarde, logo que o sol começou a declinar, adormeceu nas margens de um lago. A grama era verde e tenra. Metia os pés na água, banhava-se. Mas, se aproximava a boca, o lago secava. Como podia semelhante coisa? Despertava, surpreso com o lago, ouvia o chilrear dos pardais. Talvez, quem sabe, quando anoitecesse viesse alguém? Deveria estar de prontidão. Não poderia continuar dormindo. Procurou as manchas de sol nas outras camas, não mais encontrou. A tarde estava indo embora. Permaneceu um tempão olhando as algemas, os elos finos e tão difíceis de quebrar. Nenhuma ideia nova de como fugir lhe ocorreu. A sede começava a tirar-lhe qualquer condição de raciocínio. Aí, tornou a ouvir vozes. Mas já não acreditava nos seus ouvidos. E, com as vozes, os passos. Eram pelo menos dois homens. Apoiou-se no colchão, viu-os entrar. Um era bastante gordo, estava metido num uniforme e trazia uma bandeja. O outro usava blusão e um chapeuzinho de feltro. Teve vontade de rir quando os viu se aproximando. De onde teriam surgido, já tão tarde, quando a sede o havia afastado de qualquer possibilidade de crença? Agora, estavam perto. Bem perto. O de chapéu de feltro pegou um mocho, colocou-o ao lado da cama, o gordo depositou a bandeja sobre ele. Os olhos de Dito fixaram-se na jarra de água, com pedras de gelo. E, infantilmente, pôs-se a rir e a dizer: água! água!

O tipo de chapéu de feltro chegou-se mais perto. O que trouxera a bandeja apenas sorria.

— Já sei. Tá querendo água. Mas aqui, para se querer uma coisa, tem de dar outra.

Dito não podia entender. O que desejavam, em troca de alguns goles d'água? Os tipos não pareciam ter pressa.

— Pode beber essa jarra toda e ainda arranjo outra.

— Desde que diga quem transa com Cristal — afirma o careta com o chapeuzinho de feltro.

— Quem transa com ele?

— Isso mesmo. Nome completo. Se confere tu ganha a água.

Não sabe o que fazer. Não tem ideia de quem sejam os fornecedores de Cristal. Era um detalhe no qual jamais havia pensado.

— Como é, não tá conseguindo lembrar?

— Só com um pouco d'água.

— Pois terá — diz o homem de uniforme pegando a jarra.

Chega-se junto a Dito, derrama-lhe boa parte na cabeça. Ele se apressa em conseguir apanhar um pouco que seja com a língua, a água desce por sua roupa, desaparece no colchão. Seus olhos estão saltados, os ouvidos estalam, a sede tornou-se tremendamente maior.

O homem recoloca a jarra na bandeja.

— Vamos embora. Quando quiser falar ele berra — diz o tipo de chapéu.

Logo que os dois homens desapareceram Dito teve um acesso de fúria, a vista escureceu, não sabe exatamente como conseguiu ficar de pé na cama e dar aquele grito que lhe pareceu o mais alto que já conseguira, desde que ali chegara. Quando a dor do braço foi tão grande que não sentia mais a sede, tratou de ajoelhar-se sobre o colchão, a mão prendendo o pulso ensanguentado mas, para sua alegria, o elo central das algemas havia quebrado. Não sabe ao certo como acontecera. Agora, chorava baixinho e apalpava o braço que principiava a ficar adormecido. Enxugou o sangue com a fronha, correu logo para a jarra. Virou-a na boca, as pedras de gelo caindo aos seus pés. O peito estava ofegante, tontura e dor se confundindo, o medo de os tipos reaparecerem de repente, o pânico de não conseguir escapar. Ao depositar a jarra outra vez na bandeja, viu que estava pelo meio. Num prato havia comida. Pegou apenas o pedaço de carne, pôs-se a mastigar, enquanto olhava pelas grades da janela. Só umas poucas lâmpadas acesas, longe, provavelmente em outro pavilhão.

II

Caminhou pela varanda escura, viu o muro, os arames, as lâmpadas fracas. Não poderia fugir facilmente. Teria de atravessar o pátio e, depois, escalar o muro. Um dos guardas aproximava-se. Entrou num dos prédios. Estava todo escuro. Um garoto chorava, outros gemiam. Não tinha dúvida de que era uma espécie de solitária. Será que Fumaça estava por ali? E se descobrisse o interruptor e acendesse as lâmpadas? Descobriria Fumaça ou tornaria a fuga mais problemática? Antes de responder a isso as mãos já Tateavam as paredes. Apenas uma lâmpada mortiça acendeu. As celas apareceram. Em todas elas havia muitos garotos, A maioria ainda estava caída ao chão. Só uns dois resistiam, magros, olhos fundos. Encostavam-se nas paredes, pernas alongadas, como se não tivessem mais ânimo de levantar-se. Um dos pequenos apenas acompanhava os movimentos de Dito. Mesmo que abrisse a tranca de ferro, não conseguiria mais sair dali. Simplesmente não tinha condição de mover-se. Dito se esforçou. Muniu-se de um pedaço de pau e terminou destravando a grade. Puxou o portão que se abriu com ruído, Chegou-se ao garoto. A voz era frágil e lamentosa.

— Desde que botaram a gente aqui não nos deram comida. Cada semana vão tirando os que morrem primeiro.

— Quem tá fazendo isso?

— O inspetor-geral.

Dito tenta erguer o garoto, percebe que de nada ajudaria. O importante era obter-lhe um pouco de comida. Para ele e para os outros que ainda conseguiam mover-se. Retornaria ao pavilhão. Se o garoto ainda estivesse lá, seria uma boa chance.

Moveu-se com cautela, após apagar a lâmpada. O pedaço de vergalhão que encontrou perto da solitária era usado como bastão, pois a perna engessada estava profundamente dolorida e o braço começava a inchar.

Entrou no pavilhão quase todo às escuras, avançou por entre as camas, até encontrar o mocho e, sobre ele, a bandeja com o prato e a jarra. Tomou um pouco mais de água, saiu levando a bandeja. Agora, o perigo era maior. Estaria de fato conseguindo ludibriar a fiscalização ou os tipos deixavam que se movesse para depois aparecerem? Não era possível. Examinava

detidamente cada ângulo do pavilhão e não conseguia perceber o menor movimento.

Seguiu pela varanda até o prédio acachapado, com o portão de ferro. Passou a bandeja ao garoto que mal tinha ânimo de manter os olhos abertos. O menino pôs-se a comer, fez ar de riso, algo lerdo.

Continuava com o pedaço de vergalhão servindo de apoio, pensava na figura do inspetor-geral, na possibilidade de poder surpreendê-lo antes de deixar aquele lugar estranho. Mas, onde poderia encontrá-lo, com tantos prédios distanciados e sinistros? Todavia, tinha certeza de que iria encontrá-lo. Quem sabe Fumaça não estaria entre os menores estendidos no chão daquelas celas? É o que o inspetor-geral teria a dizer.

Prosseguia avançando, sem saber exatamente para onde. Aproximou-se o mais que pôde da porta, leu a palavra almoxarifado e, na outra, depósito. Empurrou a primeira, estava fechada. Deu a volta pelos fundos. Apareceu o cachorro que ladrou algumas vezes, depois aquietou-se. A porta cedeu. Passou por prateleiras e armários, o cheiro de coisa abafada recendendo. Num dos armários encontrou o que estava procurando; uma faca, Colocou-a na cintura. Reiniciou a busca dos alojamentos. Naturalmente deveriam ficar em outra direção. O pulso doía, o gesso esquentava-lhe a perna. Mesmo assim não podia deixar de prosseguir. Estavam tão certos de que ninguém conseguia escapar daquilo ali que a fiscalização mostrava-se desatenta. Era a possibilidade que teria. Ele e todos os que morriam de fome. Reunir coragem para atravessar um setor descampado. Os prédios se enfileiravam longe e havia luzes em alguns deles. Era lá que estavam. Não tinha a menor dúvida. Arrastou-se no chão, vagorosamente. Sentia o cheiro da terra e das ervas penetrando-lhe as narinas. Ao menor ruído parava, ficava uns instantes imóvel. Chegou à lateral de um dos edifícios, ocultou-se no vão de porta. Examinava os letreiros, os avisos que mal podia divisar, as tabuletas de advertência, um bebedouro quebrado, o canto com carrinhos de mão, outro com enxadas e facões. Então, aquilo era uma colônia agrícola! Exatamente isso. Apresentava-se tão mal, quando o trouxeram, que não pôde entender coisa nenhuma. Ao tomar consciência, já estava estendido na cama, com as algemas prendendo-o pelo braço. Os pequenos metidos na cela deveriam pagar por faltas praticadas no trabalho, Devia ser isso. Não tinha do que duvidar. E avançava, olhos e ouvidos atentos.

Perto da lâmpada, a porta, duas janelas iluminadas, risos, palavras de brincadeira. Na placa estreita, em letras bem-feitas, a expressão que tanto

buscava: inspetoria-geral. Era ali que deveria entrar. Procuraria o lugar mais sombrio, nele se ocultaria. Até descobrir o chefe. Outro qualquer não interessava. Estava desenvolvendo todo aquele esforço, a fim de encontrar-se com o chefe. Com o que dava ordens para que os garotos morressem de fome. Morte lenta, que vai aos poucos enlouquecendo, até o organismo atingir estado de demência, sonolência e o cérebro se recusar a pensar na menor coisa. Como estava ocorrendo com ele próprio e como queriam que fosse, até que se decidisse apontar os colaboradores de Cristal.

Forçou a porta estreita, onde não havia nenhuma lâmpada acesa. Bateu-se numas mesas e cadeiras. Podia ouvir muito melhor o que diziam. Eram três homens conversando. Um ria mais do que falava, O de voz pausada contava o caso. Um outro fazia considerações.

— Vai ser um mulherão. Tou acostumando no que quero, desde agora.

— E ela não estri-la?

— No começo não queria. Depois viu que não havia outro jeito.

O que menos falava ria alto.

Dito podia olhar pela fechadura. Não conseguia ver todos os tipos, mas sabia que um estava sentado na ponta da mesa, outro acomodado numa cadeira giratória, o terceiro ao lado.

— E a crioulinha do pavilhão 3? Já foi com ela?

— Tu acha que vou perder tempo com bagulho, cara!

— Tá enganado. Fiquei umas duas horas com ela e quase passo a noite toda.

— Eu prefiro a lourinha. A que tem cara de boneca chorona.

— De que pavilhão?

— Do 7. É na frente e atrás sem reclamação.

Dito percebia que aquilo ali era bem maior do que podia imaginar. A considerar pelos comentários dos tipos, havia pavilhões para moças e rapazes. Pelo que podia entender, estavam no setor masculino. E, somente quando conseguisse pegar um daqueles tipos, saberia direito a localização dos outros pavilhões. Sua esperança, agora, era de que pelo menos um deles ali ficasse, quando os outros dois fossem embora. Ou estariam todos de plantão? Não era possível saber. A não ser que continuasse ouvindo aquela conversa sinuosa, que parecia não ter fim.

O que estava na cadeira giratória e que Dito via perfeitamente de costas achava graça e ria, tremendo-se todo. Era um tipo volumoso, de grandes braços. Tinha cabelos alourados, vestia calça escura e blusão azul-claro.

Chegou a imaginar fosse o tipo que levara a bandeja, mas logo verificou estar enganado. Era outro. Então, aquilo ali tinha muitos funcionários e, provavelmente, todos homens, Pelo menos, até agora, não vira nenhuma mulher, A não ser que ficassem nos pavilhões das moças. Disso também teria muito tempo para saber. O primeiro que pegasse terminaria fazendo relato completo de como funcionava aquela prisão. Era possível até que soubesse do paradeiro de Fumaça e pudesse sair dali, em sua companhia. Não tinha pressa de concluir a missão, nem forças para dominar o ódio que inchava nas suas veias, A cicatriz por cima do olho voltou a arder. Em compensação não sentia irritação na perna engessada e o pulso deixara de doer. Antes de qualquer conversa, cravaria o tipo. Ficaria assistindo sua lamentação. Aí, exigiria história completa de tudo aquilo e do paradeiro do inspetor-geral. Não descansaria aquela noite, enquanto não o alcançasse. Deveria estar em algum ponto. Em algum pavilhão, talvez para os lados onde ficavam as jovens, das quais tanto os desconhecidos falavam e riam.

O homem que estava sentado na ponta da mesa ergueu-se, saiu do ângulo que Dito conseguia dominar. Quando reapareceu, estava com um copo e bebia. Não tornou a sentar-se. O que via com mais dificuldade ria de novo, o alourado falava baixo.

— Vai dar aporrinhção? Coisa nenhuma, cara! No máximo alguém sugere um inquérito.

— E quem é que faz os inquéritos? — indaga o gordo.

A risada é geral. O que estava sentado na ponta da mesa vira o copo na boca.

— Vou dar um giro por aí — diz o que menos aparece no campo de visão.

— Não vai comer a negrinha?

O de cabelos alourados treme-se todo de rir.

— Também vou contigo — diz o tipo soltando o copo na mesa.

Por uns momentos a sala permanece em silêncio. O gordo mexe-se na cadeira, apoia os pés na mesa. Levanta-se, fecha a porta, torna a sentar-se. Abre um jornal, algumas páginas caem, não se incomoda com isso. Não parece muito cuidadoso com o que se passa à sua volta. Exatamente como Dito gostaria que fosse. Já abriu a porta. Aguarda apenas o momento de surpreendê-lo. E se de repente os outros dois retornassem? A ação teria de ser rápida. Cravaria a lâmina e o puxaria para o cômodo escuro, de cadeiras e mesas desocupadas. Mas estava certo de que os companheiros não iriam

aparecer tão cedo. Principalmente porque saíram os dois juntos. Deveriam, com certeza, ter ido para os pavilhões das jovens. Não restava o que fazer ali. naquele fim de mundo, como eles mesmos diziam. Precisava de mais alguns segundos para certificar-se disso. Era a verdade que viria pelo instinto. Tirou a faca da cintura, a porta se abriu silenciosamente. Deu apenas alguns passos, cravou-a. A lâmina afundou por entre as costelas, o homem esperneou e caiu, repetiu o golpe, desta vez no peito, o tipo tentava erguer-se, remexia-se e caía, Dito segurou-o pelos cabelos, mantinha a faca apontada no pescoço.

— Onde é que tou, filho da puta?

O homem tinha os olhos arregalados, as palavras se perdiam. Mesmo assim Dito foi tendo confirmação de que aquilo era uma colônia agrícola, para onde os delinquentes eram trazidos, e de onde não retornariam.

— E quem é o inspetor-geral?

O tipo parecia não querer dizer, tornava a abrir os olhos, o sangue manchando o chão da sala, Dito temendo que os companheiros reaparecessem, que tivessem ouvido os urros daquele animal. Encosta mais a faca, a ponta fere os músculos, o gordo decide explicar que ali era a inspetoria mas o inspetor costumava dormir no pavilhão das moças. No 3 ou no 5.

— Como ele é?

As forças do homem estavam indo embora, Dito queria respostas breves.

— Baixo e forte. Tem costeletas e sobancelhas grossas. Tá sempre de mangas arregaçadas.

— E tu faz o quê?

O gordo não sabe o que explicar, tenta um movimento para surpreender Dito, recebe outro corte no peito. .

— Te fiz uma pergunta, porcaria!

O homem termina explicando que era assistente de inspetoria, Ele e os outros que estavam reunidos ali.

— E os garotos morrendo de fome na cela ?

— Se faz o que o inspetor manda.

Dito não consegue reprimir um sorriso de satisfação.

— E como se sai daqui?

— É difícil. Pros lados da ponte tem muito guarda. Nunca um fugitivo conseguiu escapar. Se não o atingem com disparo, terminam botando os

cachorros atrás. É pior. Muito pior.

— Quanto tempo os garotos tão sem comer?

— Mais de uma semana.

Dito não sabe mais o que perguntar. O homem, esvaindo-se em sangue, entende isso. Faz uma careta.

— Colaborei com você, não me mate!

Dito torna a sorrir. Sente a mesma alegria de quando pegou Débora pelos cabelos e ela começou a berrar e a implorar. Depois a alegria foi se convertendo em ódio, com muitas lembranças. Da armadilha que lhe preparou Cristal, do carro com a roda parada no seu pé, das algemas prendendo-o na cama, a sede o enlouquecendo. A cicatriz por cima do olho ardendo, os dedos segurando fortemente o cabo da faca, o golpe brusco. O gordo fez apenas um gemido e fecha os olhos, filetes de sangue escorrendo-lhe pelos cantos da boca.

Escancarou a porta da sala onde havia mesas e armários, puxou-o para lá, colocou alguns móveis na frente. Com um saco de estopa tratou de limpar o chão. Era importante que não descobrissem logo suas pretensões. Assim, poderia chegar ao inspetor-geral com mais tranquilidade. As manchas não se apagaram por completo, foi até o banheiro, trouxe um outro saco molhado, de tecido mais fino. Esfregou o que pôde. Agora, sim. Em pouco tempo aquilo estaria seco.

— É um tipo baixo e forte, de costeletas e sobrelhas grossas.

A descrição se repetia constantemente, enquanto avançava, apoiando-se na perna engessada. Não sabia como aquilo tudo ia terminar. Talvez fosse inclusive sua última noite. De nada importava. O correto era prosseguir, chegar ao setor feminino, penetrar no casarão onde ficava o inspetor. Ah, como ansiava por esse momento! Se morresse, até que não teria muita importância. Tudo que desejava era que a morte o surpreendesse após ter conseguido botar as mãos no inspetor. Como acabara de fazer com o tipo gorducho. Só que a coisa seria mais lentamente. Não faria perguntas. Não teria nada o que indagar, Usaria a faca como nunca antes fizera e sentiria o careta estremecer de medo. Seria o momento de lamentar todas as misérias praticadas.

Chegou ao barracão com várias portas, depois ao pavilhão baixo, exatamente como dissera o gorducho. Entrou por uma janela, a perna engessada bateu e doeu, tornou a arrastar-se, os compartimentos escuros, cadeiras esperando ser ocupadas, roupas penduradas nas portas de um

armário, os sapatos e as meias. Deveria ser por ali. Trataria de ocultar-se e aguardar. Como bicho vindo das trevas.

Ouviu o ruído de um chuveiro se fechando, as lâmpadas acenderam, apareceu a figura pela qual tanto ansiara. Estava embrulhado na toalha, já pronto para o sono. Não teria muito trabalho. Algum santo o estava ajudando. Vai .ver que eram as preces de Mãe Dolores, ou os anjos que guiavam Fumaça.

Continuou sumido no canto, por trás do armário, acompanhando os movimentos daquele estranho. Parou bastante tempo diante da penteadeira, alisou os cabelos, enxugou-os. Examinou se as portas e janelas estavam bem fechadas. Jogou a toalha de lado, estendeu-se na cama. Nunca esperara ter tanta sorte. Ali estava o cara que gerava todo aquele mal. E parecia saudável. Se alguém o fizesse falar, teria uma porção de considerações. Como seria engraçado ouvir suas lamentações! Exigiria caso por caso. Dos garotos que executava, das meninas que prostituía. Seria uma longa e atrasada cobrança. Como faria depois com Cristal e com o careta do cemitério que acertara Pixote. Já estava decidido: não adiantava mais pretender evadir-se dos acontecimentos. Seu trabalho era aquele, seu ofício tinha as cores do sangue. Nada de carretos em feiras livres, de flanelas nos para-brisas dos bacanas, de venda de jornais e bilhetes de loteria. Ligara-se ao sangue desde cedo e dele não poderia mais fugir. O ódio arrebatava-o por dentro e o único momento de alegria era como aquele em que Débora se ajoelhara, implorando; em que o gorducho contara uma longa história para não sair do planeta; em que Celina correria como desesperada e esbugalhara muito os olhos, como se isso o assustasse.

Moveu-se frio e duro, como faria agora. Nem o mais leve tremor nas mãos ou na voz. Era o que era. Não interessava o que dali para frente qualquer um da turma pudesse pensar. Em última análise, tratariam de respeitá-lo. Não admitiria mais sugestões de Castigo de Mãe, nem de Encravado, ou de quem quer que fosse. Voltaria a São Paulo e se tornaria um dos grandes. Como há muito tempo vinha imaginando que teria de ser. Renovava-se de dentro para fora e sentia a sensação do ódio dominando-o com facilidade. Como se estivesse debaixo do chuveiro que o homem das costeletas abrira com tanta facilidade. As têmporas latejavam, os beijos ficaram secos, a cicatriz por cima do olho coçando. Não sentia as pernas e sabia que o pulso estava cada vez mais inchado. Mas, fosse como fosse, nem uma coisa nem outra o prejudicava. O cabo da faca estava firmemente

preso entre os dedos e se arrastaria até a cama. O primeiro golpe seria nas costas. Depois outro no peito. Tomara que não fossem decisivos, pois queria tanto que o inspetor se pusesse a falar.

O quarto sumira na penumbra. A pouca iluminação que recebia vinha do lado de fora do pavilhão. Arrastou-se, olhos fitos no vulto que continuava estendido, procurando mergulhar no sono. Ergue o braço, aperta os dedos, a lâmina baixa com força, o tipo geme e tenta voltar-se, aplica mais dois golpes e já estava sobre a cama. O homem esforçava-se para levantar. Furou-o no peito. Não ouviu mais qualquer rumor, acendeu a luz, verificou com tristeza que havia morrido. Sem tempo de lamentar-se. Olhou bem de perto as costeletas, as sobranceiras espessas. Se as informações que o gordo prestara eram corretas, não havia o que duvidar. Abriu a gaveta, lá estavam as enfiadas de chaves. Não sairia dali sem abrir as celas e jogar as chaves fora. Se na passagem da ponte iria haver problema, se lá os guardas caçavam os fugitivos com cachorros, nada tinha isso a ver com o seu desejo de libertação.

Caminhou mancando pelo pavilhão com lavanderias na frente, entrou por uma galeria, acendeu a lâmpada, viu as primeiras garotas. Algumas eram esqueléticas e estavam nuas. Outras se ofereciam, a fim de não serem castigadas. A maioria fazia risos dementes e os olhos pareciam perder-se em pontos que não estavam naquela prisão. Torceu a chave na primeira fechadura, na segunda, as portas de grades batiam com estalos mas as pequenas ainda prosseguiram nos seus cantos, como se não percebessem o que estava sucedendo. Algumas queriam sair correndo mas tinham medo das consequências. Dito pôs-se a gritar. Podem ir embora. Sou eu quem tou soltando. Tenham cuidado só quando chegarem perto da ponte. Procurem não passar por ela.

Saiu no pátio, apressou-se em atingir o pavilhão dos meninos. Faria a mesma coisa. Ao menos por uns momentos, teriam a sensação de poder fugir para longe dali. Abriu a primeira porta. O garoto que recebera o prato de comida estava caído, tinha uma pancada na cabeça. Os outros também haviam sido massacrados. Os olhos de Dito avermelharam. Sentiu as orelhas quentes. Sabia da inutilidade de abrir aquelas portas mas prosseguiu na sua tarefa. Uma força superior o impelia para a frente. Acocorou-se exausto, no final do corredor, de lá ficou espiando os garotos que continuavam adormecidos, indiferentes à chance que lhes dava. Dito chorou, saiu apoiando-se num bastão de madeira. Intrometeu-se pelo mato

até junto ao muro. Ouviu gritos de meninas e ladrar de cães. Os gritos aumentavam e tornavam-se histéricos. Sabia muito bem o que estava se passando e não tinha ânimo de ir até lá. Nem forças suficientes para defendê-las. Mas era preferível que morressem naquela noite, a ficar secando por trás das grades, sem água e sem comida.

Os arbustos arranhavam-lhe as pernas e mal podia perceber. Os olhos estavam fitos no muro e nos arames que se enrolavam. Dificilmente conseguiria escapar dali, se tentasse fugir como as garotas. Ficaria o mais afastado possível do lado da ponte, abriria um buraco no muro. Naturalmente aqueles arames estavam eletrificados. Por isso não havia guardas ali. Como já vira em tantos reformatórios. Mas não seria ele a cair em. semelhante armadilha. Já caíra em muitas, mas naquela não o pegariam. Nem precisaria experimentar. Saiu tateando até o trecho onde descarregavam lixo. Por ali buscou encontrar um pedaço de ferro, com o qual abriria a brecha no muro. Ainda que passasse toda a madrugada trabalhando. Seria melhor do que arriscar. Tinha muito o que fazer. Iria procurar Zé Inácio, Tatu e Borrachudo. Formaria um grupo de impor respeito. Os próprios tiras não iriam gostar de enfrentá-los. E, se por acaso não quisessem entrar numa pesada, procuraria outros caras que estivessem dispostos a topa. O certo é que não continuaria como trombadinha, desses que o tira pega e sai arrastando na direção do juizado. Com ele a parada seria diferente. Iam pensar duas vezes antes de tentar localizá-lo. Manguito tinha razão. Quando se pega um cara desses tem de ser pra valer, porque eles não brincam com a gente. E do jeito que se pegar um deles tá bem pegado. Acho que é o que se deve fazer, sem dó nem pena. Deveria ter pensado naquilo, antes. Mas foi dando corda. Foi-se deixando amolecer. Maluquice, aquilo de querer botar os garotos trabalhando, para ganhar honestamente seu dinheiro. Como agir honestamente com tipos como Cristal, o delegado Mauro, Roxão e Caramelo? Apagaram Zebrado, queimaram Pixote, Fumaça e Manguito haviam sumido. Tomara que Zé Inácio e Borrachudo topem o acordo. Se Tatu não quiser arriscar, que procure outro pessoal. Tinha certeza de que pelo menos os dois iam estar do seu lado. Agora, sabia exatamente o que queria e como ia proceder. Nada de planos mirabolantes, de ideias malucas, como aquela de morar numa caverna, na beira do mar. Tinha de impor-se para que a canalha sentisse o drama. Tenho mulher e filho, não quero nada no rastro desse cão danado. É

o que os tiras iam dizer, cada vez que tivessem de localizá-lo. Ia divertir-se com coisas como essa. E os que tivessem dúvida que se aproximassem. .

Remexeu o que pôde e o único ferro que conseguiu achar era um grande ferrolho. Se não encontrasse coisa melhor ia trabalhar com aquilo mesmo. Mas, depois, numa outra parte do monturo, achou um pedaço de trilho já bastante roído de ferrugem. Era o instrumento de que estava necessitando. Foi para junto do muro, pôs-se a bater. A cada pancada olhava para os lados. Mas não havia ninguém por ali. O arame eletrificado por cima era a garantia para os' guardas que deveriam estar se divertindo com as garotas que conseguiram pegar, antes dos cães, Bateu forte e sabia que levaria pelo menos umas três horas, até que pudesse abrir a passagem. O paredão era de pedras e argamassa, resistia aos impactos. Mas tinha paciência. Não se desesperava fácil. Aquela era uma de suas qualidades. Poderia ter ficado uma noite e um dia inteiro, em pé, atrás do armário, até pegar o inspetor-geral. Felizmente, terminou sendo mais fácil do que imaginava. Não era aquele muro que iria perturbá-lo e muito menos contribuir para que mudasse de rumo. Tudo estava traçado. Fora traçado naquela colônia, entre pavilhões e pátios escuros, com poucas lâmpadas acesas. Suas esperanças aumentaram quando uma das pedras terminou sendo esmigalhada e por trás dela apareceram tijolos, muito mais fáceis de serem rompidos.

Continuou batendo firme com o pedaço de trilho, as mãos ardendo, as pancadas se repetindo, com regularidade, a fim de não desperdiçar energias. Depois, teria um longo trecho a vencer. E o faria com cautela. Naturalmente, uma região pantanosa, depois o rio. Arranjaria um meio de vencê-lo. Se distanciaria bem na direção da cabeceira, até poder atirar-se na água, apoiado num tronco. Aí chegaria à margem oposta, sem o perigo de aproximar-se da ponte onde os guardas estariam de sentinela. Eles e os cães amestrados. Abaixou-se para tirar a terra do buraco que ia aprofundando, as mãos estavam sujas e doídas. Todavia, os olhos descobriram alegrias no trabalho que avançara bastante. Um pouco mais e estaria vendo o outro lado, Mais alguns toques firmes e o buraco se alargaria facilmente. Seria o momento de passar, de examinar bem o terreno e se mandar, sempre por entre os arbustos.

Dito se estendera sobre a cama, Mãe Dolores trouxe para perto dele a bacia com água morna, gaze, algodão e esparadrapo. A mulher morena e pintada oferecera-se para ajudar.

— Primeiro se tem de tirar esse gesso. Tá uma imundície!

Enquanto dizia isso, ia procurando quebrar o gesso com a tesoura.

— Por onde andou, filho de Deus?

A indagação não era bem para ser respondida. Dito sabia. O que dizia também não tinha a menor importância. Não esclareceria nada, das muitas coisas que havia feito.

— Nem Fumaça, nem Manguito apareceram?

Mãe Dolores balança negativamente a cabeça.

A mulher morena diz que a perna estava morrinhando. Dito olha a crioula de rosto sereno. Vê quando se mostra um tanto nervosa, diante do pé tremendamente inchado.

— Minha Nossa Senhora! Como é que aguenta uma coisa dessa, menino?

Não tem o que acrescentar. Sabe que o machucado é feio.

— Basta tirar o gesso e já melhora bastante — diz a morena pintada.

— Vai ter de ficar de repouso uns três dias — afirma Mãe Dolores.

Dito sente-se aliviado quando terminam de tirar o gesso. Mas, logo a dor do algodão embebido em água morna tocando-lhe a pele.

— Aguenta firme! É o único jeito de desinflamar isso!

Mãe Dolores recomenda à mulher que vá à farmácia, comprar um pote de pomada. A morena se afasta, ela fecha os olhos, benze o ferimento. Enquanto está pronunciando suas preces Dito fica admirando seu rosto sereno e sua bondade. Como poderia existir uma pessoa como ela, naquele pardieiro imundo, repleto de donas se mostrando? Quando termina as preces, retira uma vela da gaveta da cômoda, acende, põe por trás da porta.

— Faz um oferecimento pra Iemanjá, filho. Ela vai te salvar!

— Já fiz, Mãe Dolores.

A crioula sorri, os olhos parecem ainda mais tristes.

— O primeiro dinheiro que pegar vou mandar fazer um barquinho e soltar no dia da festa. Se tiver no Rio, solto por aqui. Senão, lá na Praia Grande ou em Santos.

Mãe Dolores ainda está sorrindo.

— Ela gosta de ti!

Dito não sabe o que responder.

— Foi por isso que me livrei de uma pior. De onde venho, mãe, não há quase mais ninguém vivo. Quem não morreu de fome e de sede, foi rasgado pelos cachorros.

A mulher faz ar de espanto.

— E onde era esse lugar?

— Não conheço bastante por aqui pra poder localizar. Sei que era uma colônia agrícola.

Enquanto Dito vai falando, como se rememorasse suas próprias aventuras, Mãe Dolores ajoelha-se diante dos santos da sua devoção, põe-se a rezar.

Acende mais velas, põe na frente da imagem de São Jorge.

— Todos os caminhos vão ser favoráveis — diz ela erguendo-se e chegando-se perto da cama. — Mas é preciso ficar logo bom. Quando Magda chegar, se bota a pomada. Amanhã ou depois já deve estar melhor.

— Mas eu tenho de ir por aí, Mãe Dolores.

— Nada disso. Vai ficar aqui, até se recuperar.

Dito sorri. Há muito tempo não sentia aquela vontade boa de rir, sem que depois sobreviesse a onda de ódio, Mãe Dolores ri com ele. E é o tempo também que Magda aparece com a pomada.

A crioula destampa o vidro, tira uma porção com o dedo, aplica sobre o ferimento. Depois põe o algodão e gaze.

— Não adianta amarrar, pra não abafar. O bastante é proteger contra as moscas.

A mulher morena quer saber o que Dito é de Mãe Dolores. Ela não retira a vista do curativo que prepara, não se mostra surpresa com a indagação.

— E meu filho. De criação. Andava lá pelas bandas de São Paulo, tentando a vida.

Dito sente profunda gratidão, os olhos avermelham, um nó desponta-lhe na garganta, como se o fosse embuchar. Lembra-se do primeiro dia em que viera com Fumaça. Do outro em que retornaram. E era uma pena que o garoto não estivesse ali, para que soubesse o quanto ficara íntimo de Mãe Dolores. Fumaça iria gostar.

As mulheres desapareceram, Dito permaneceu estendido na cama, olhar no teto, ouvidos captando ruídos das ruas e das hóspedes que ficavam na porta e nas janelas, esperando os clientes. Umas conversavam alto, outras

apenas achavam graça. De vez em quando ouvia passos nos corredores, logo os cochichos por trás das paredes de compensado, os risinhos. Olhava a vela queimando atrás da porta, já bastante reduzida, percebia que a tarde estava se extinguindo, em outros setores do casarão as lâmpadas haviam acendido. Não teve medo de ali permanecer. Não duvidou um só instante de Mãe Dolores. Se aparecessem policiais para capturá-lo, jamais o entregaria, Nem ela, nem as mulheres que o viram entrar.

De madrugada, quando o casarão havia mergulhado em completo silêncio, despertou com a presença da morena. Punha a mão na sua testa, dizia estar com febre. Mãe Dolores apareceu com a jarra de água gelada. Embebia o pano, molhava-lhe a testa. A crioula foi embora, ficou só a morena. Olhava-o, fazia ar de riso mas não dizia nada. Tinha um rosto ainda jovem, os cabelos eram longos, os olhos tristes. Dito não viu quando saiu. A febre diminuiu, terminou adormecendo.

Acordou com o sol invadindo uma parte do quarto. Só aí pôde ver direito o cômodo que Mãe Dolores havia lhe dado. Era amplo, tinha umas imagens de santos nas paredes, móveis pesados e antigos, uma escrivaninha, objetos imprestáveis pelos cantos. Um gato estava sobre a cadeira, aquecendo-se ao sol. A crioula disse-lhe bom-dia, pôs a bandeja com café, leite e pão numa cadeira, bem perto da cama. Perguntou onde era o banheiro, ela mostrou o corredor. Arrastou-se até lá. Passou por diversos quartos, as portas escancaradas, roupas de cama em desordem. Quando retornou a crioula havia desaparecido. Tomou o café, comeu metade do pão. Não estava com fome. Sentia a boca um tanto amarga, a saudade dos companheiros. Logo que Mãe Dolores reaparecesse, perguntaria a respeito de Manguito.

Estirou-se de novo na cama, ficou acompanhando as réstias de sol, o gato que se espreguiçava, os primeiros rumores das donas chegando e dirigindo-se à cozinha. Para algumas delas Mãe Dolores servia o café da manhã.

O gato desceu da cadeira quando viu a mulher empurrar a porta e entrar. Dito apressou-se em agradecer o café. Mãe Dolores havia penteado os cabelos e trocado de roupa. Usava vestido estampado, bem colorido, mostrava-se tão alegre quanto antes. Em vez de retirar a bandeja, sentou-se na beirada da cama.

— E o pé, continua doendo?

Dito dizia que não, com uns dias mais estaria bom.

— Deus o conserve assim. Pra que não tenha a sorte daquele seu colega.

— Fumaça?

— Não, o que vocês vieram procurar porque tinham levado pra delegacia.

— Que sabe dele?

— Passou uns dias no xadrez, botaram ele no SAM. Uma tarde fugiu de lá, com mais outros. Foi bater pros lados de Santa Teresa e matou um rapaz que tava andando na rua com a noiva. Tudo que foi de jornal deu isso na semana passada. Um cabo teve aqui e contou que levaram ele pra colônia agrícola. Quantos anos tem aquele menino?

— Uns catorze, Não é mais que isso.

A mulher pega a bandeja.

— Não deixa que te ponham a mão, filho. A coisa tá cada Eia pior. Sei bem como é. Fui criada na rua, Não morri de fome porque Deus é grande. Iemanjá sempre me protegeu.

Quando a mulher se foi, Dito ficou imaginando a colônia agrícola. A mesma onde estivera. Será que Manguito era um dos garotos que estavam metidos nas celas, mais de uma semana sem comer e sem tomar água? Era bem possível. Mas, o mal que haviam feito com ele estava vingado. Isso o traria de volta às ruas, como nos dias em que se reuniam para conseguir trabalho nas feiras livres? Não sabia o que concluir. O melhor era não ficar pensando naquelas' coisas que o enfraqueciam nos seus propósitos. Estava certo de que, tanto quanto Manguito, Fumaça também não retornaria. Por isso o caminho era aquele que traçara no pavilhão de muitas camas, quando ansiara ardentemente por um gole d'água e os homens vieram e puseram a jarra ao alcance dos seus olhos mas não de suas mãos. Não iria esquecer tão cedo. Pedacos de gelo boiando na água da grande jarra de metal e ele de lábios ressequidos, a garganta em brasa, tudo por causa de um único gole. Os homens se foram e ele teve de valer-se da sorte e da astúcia para não acabar como os garotos por trás das grades. E, pelo fato de o terem posto sobre aquela cama, era evidente que tinham propósitos bem piores do que em relação aos outros. Iria ser castigado de forma especial, Só que não tiveram tempo para isso, como Cristal, o delegado Mauro, Roxão e Caramelo não teriam. Nem eles nem o cara do cemitério que acertara Pixote. Seguiria cautelosamente no seu rumo. Com ou sem ajuda de Tatu, Borrachudo e Zé Inácio. E quem sabe Encravado. Alfinete e Castigo de Mãe não quisessem se incorporar ao grupo em São Paulo? Procuraria por

eles. Falaria com Figurinha e Rapadura. Não iria desistir daquela ideia. Portanto, não era bom falar dela pra ninguém, muito menos à Mãe Dolores.

V

Na tarde de sol quente, árvores luminosamente verdes, Dito disse à Mãe Dolores estar pronto para partir. O pé estava quase bom, não poderia mais continuar a ocupar um quarto de graça. A crioula ouvia mais do que falava. Não tinha na verdade o que dizer. Nem ao menos poderia convidar aquele menino a permanecer ali, na condição de empregado. Iria criar problema com os fiscais do juizado. Por isso que se fosse.

— Sempre que quiser aparecer, não se acanhe.

Dito sabia disso.

— Se encontrar Fumaça, volto pra lhe dizer. Se for sair do Rio, também venho me despedir.

Então, vai dizendo que era de São Paulo. Nasceu em Bauru mas, desde garotinho, foi para a cidade. Os pais o entregaram aos cuidados de uma tia. Era tudo que sabia. Lembra-se vagamente da mulher, magra e pálida, a voz sumida. Um dia ela desapareceu e aí começou a andar pelas ruas. Já não se recordava, também, das próprias dificuldades que enfrentou nos primeiros meses.

— Se a gente não esquecesse, filho, todos nós já teríamos ficado loucos — diz Mãe Dolores.

Dito segue pelo corredor, ouve ainda os últimos sons daquele casarão agradável, chega à porta onde avista a mulher morena. Ela aperta-lhe as mãos, como se fosse fazer uma longa viagem. Na rua larga, os grupos de homens. Passa, por eles, olha os sapatos de pano completamente imundos, sabe que o primeiro dinheiro que conseguir será para adquirir outros. Examina as roupas, vê que o blusão e o dólmã de brim azul ainda estão em ordem. Consegue firmar o pé mais ou menos bem, sabe que tendo cuidado, em uma semana estaria recuperado. E é o que faria. Antes de estar completamente bom, não se arriscaria a procurar Cristal. Trataria de localizar Castigo de Mãe, Encravado e Alfinete. Com o tempo localizaria os outros. Segue por ruas largas e estreitas, atravessa avenidas. Onde encontrasse uma feira, por lá se demoraria. Procuraria trabalho, a fim de

descolar uma grana. Era do que mais precisava no momento. Mamã Dolores oferecera, mas mentiu, dizendo que tinha dinheiro para receber com um companheiro. Era só aparecer na casa dele. Agora, tinha vontade de rir dessa mentira. Seus companheiros eram iguais a ele. Ninguém sabia ao certo onde morava o parente mais próximo.

Passou pelo Largo do Estácio, tomou um bonde para descansar um pouco as pernas, quase na parada, quando o cobrador se aproximava, tratou de descer. O homem fardado e com uma bolsa de níqueis a tiracolo mandou palavrões. Teve vontade de pular de novo no estribo, arrebentar-lhe os cornos. Mas, de que adiantava?

Prosseguiu pela rua empoeirada, velhos pardieiros com roupas estendidas nos janelões de rótulas se desprendendo. No Catumbi encontrou a feira que estava procurando. Já havia sido quase toda desarmada. Era grande a confusão de caixotes, traves de madeira e pedaços de encerado. Homens, só de calça, suarentos, movimentavam-se, enquanto outros tiravam os amarrados de arames das traves. As mulheres e os mais velhos cuidavam do encaixotamento dos legumes. Os meios-fios estavam repletos de sobras de repolho, alface, tomates podres, pedaços de melancia e bananas verdes. No meio daquela confusão, as velhinhas pobres e os garotos, catando migalhas e colocando-as em sacolas. Dito aproximou-se do barraqueiro que forcejava com as traves, ofereceu-se para ajudá-lo. A princípio o homem ficou desconfiado.

— Tou precisando descolar uma grana. Boto tudo isso no caminhão!

O feirante fez finalmente um riso sem dentes, ofereceu dez pratas.

— Mais que isso, prefiro continuar forcejando sozinho.

Dito tirou a camisa e o dólmã, jogou-os sobre uns caixotes, pôs-se a puxar as traves e a levá-las para o caminhão. O velho recomendava que todas as traves e os tabuleiros fossem amontoados num único lugar do carro, para não haver confusão na hora do desembarque. Essa recomendação Dito gritava para os homens que arrumavam e, em vez de dizer qualquer coisa, eles achavam era engraçada aquela preocupação. Um deles repetia, como se debochasse.

— Pode deixar, vovô. Se faz um pacote e amarra com um laço de fita.

Os outros riam, Dito não podia ficar sério. Os trabalhos de desmonte da feira prolongaram-se até as três horas, quando começaram a sair os primeiros caminhões e já os garis estavam chegando para a limpeza da rua.

Dito recebeu a cédula, botou o blusão, saiu com o dólmã nas costas. O calor era grande, quanto menos roupa melhor.

Após muito andar, chegou à praça onde havia o monumento com um lado todo na sombra. Sentou-se nos degraus, batia um ventinho fresco, leu a placa em bronze, que falava no soerguimento moral e social da nação, Abriu o dólmã num dos degraus, estendeu-se de costas, ficou olhando o céu sem nuvens, raros urubus que cruzavam aquela infinita planície azul. O tipo completamente sujo aproximou-se. Tinha a calça rasgada e da camisa já não restava nada, Conduzia um embrulho de jornais debaixo do braço Queria um cigarro, Dito informou que não fumava. Ficou repetindo palavras baixas e sem nexos. Sentou-se perto, o cheiro que exalava era de quem não tomava banho há meses. Dito também lembrou-se de que há tempos não sabia o que era água limpa com sabão. Quando anoitecesse, iria molhar-se na fonte da Praça Paris. Como Encravado e Alfinete costumavam fazer. Não podia deixar o pé cobrir-se de poeira. Antes disso subiria o morro, procuraria sondar os passos de Cristal. Não há dúvida de que já não contava mais com sua volta. Quem vai para a colônia agrícola não tem retorno. Foi o que o gordo lhe dissera, antes de receber o golpe definitivo. Puro engano. Não sabiam muito bem do que falavam. Ali estava para provar seu erro. Por alguns momentos ficou reparando naquele tipo que morrinhava à distância e que já estava completamente enlouquecido. Desamassou um dos papéis, pronunciava palavras sem nexos e ria. Dito não aguentava mais aquele palavreado, pegou o dólmã, tratou de desaparecer. Subiu no bonde, o condutor reclamando da cédula de dez, Dito conferindo as moedas, o bonde avançando, freando, o motorneiro batendo insistentemente na campainha para anunciar que ia passar por um caminhão estacionado, o condutor apertando-se contra a balaustrada, o quepe na cabeça, o laço da gravata aberto, rosto suado.

Saltou do bonde, seguiu pela ruazinha de casas baixas, depois pelo caminho de mato e a subida do morro. Não viu os alcaguetes, nem os marginais que cobravam pedágio. Uns garotos estavam por perto, a mulher também subia com a trouxa de roupas, o homem magro e alto levava panelas de alumínio para vender. De longe avistou a birosca, a mesma onde estivera e o birosqueiro tentara dar uma de engraçadinho. Agora, era uma mulher quem tomava conta. Mas a mesa de sinuca continuava no mesmo lugar. Só que não havia ninguém jogando. Teve vontade de entrar, pegar o taco, exercitar-se. Quem sabe Cristal apareceria? E se indagasse? Pediu os

cigarros que a birosca não tinha, a mulher cansou de procurar, saiu, continuou a subida. Aí avistou um crioulinho que parecia Fumaça. Chamou-o, ofereceu-lhe uma nota.

— Qual é a outra tendinha que tem por aqui?

O pequeno estava desconfiado, a princípio não parecia disposto a dar qualquer informação. Dito puxou a cédula, seus olhos brilharam.

— Lá em cima. De seu Tércio!

— E como é a barra?

— Legal. Só transa com os caras daqui do morro.

Fica olhando o garoto afastar-se com a nota, não está arrependido. Quem sabe seu Tércio tinha alguma coisa a dizer-lhe?

Num dos barracos a mulher canta, outra estende roupas nas varas da cerca, galinhas andam pela rua esburacada e de ladeira, meninas seminuas estão nas portas. Dito entra na birosca, O balcão é bem ajeitado, os doces estão cobertos com panos limpos, rendados. Seu Tércio tem malares salientes, bigode já ficando branco, cabelos grisalhos. Olha firme e não parece homem de duas palavras. Está atendendo a velhota de pano branco amarrado na cabeça. Já entregou os pacotes de mercadoria, risca com o lápis de ponta rombuda. Dá o resultado da soma, a velhota abre a bolsinha, procura o dinheiro que está ali, todo dobrado. Enquanto o birosqueiro espera, atende a Dito.

— Quero um doce!

O homem retira o pano rendado, prende o pedaço de bolo com o pegador de aço inoxidável. Depois estende o pano, cuidadosamente, para evitar moscas. Dito põe-se a mastigar, diz estar bom, pede um guaraná. Num outro espaço, ao lado da venda, estão as mesas de sinuca. Imagina a melhor maneira de fazer aquele tipo falar, como se estivesse por dentro das transas de Cristal e como se soubesse que elas eram do seu conhecimento. Lembrou-se que Cristal gostava de conhaque. Talvez por ali a coisa pudesse sair. Era isso, sem qualquer dúvida. Terminou o doce. pediu outro. Sentia-se à vontade para falar. A velhota havia saído, o birosqueiro sentara-se num mocho.

— O senhor tem conhaque aí pro Cristal? Amanhã ou depois vai baixar de novo por aqui. Quer desafiar um cara que tem nesse morro e que diz ser melhor do que ele na sinuca.

— Conhaque é que não falta. Só que nem sempre ele se amarra com o que a gente trabalha.

— Qual é seu conhaque?

— Dreher. É o que sai bem por aqui.

— Quando não tem o que gosta, acho que toma qualquer um.

O birosqueiro faz um sorriso. Dito continua a tomar o guaraná, lentamente. Está satisfeito com o início da conversa. Nunca pensara que fosse tão fácil.

— Anteontem ele teve por aqui e levou uma surra.

Puxa mais pelo homem. Não sabia que Cristal havia mudado de ponto. Que mudava constantemente. Então, era isso. Ora nas biroschas da Rocinha, ora na que ficava mais embaixo, ora na do seu Tércio. E nos outros morros, como seria seu comportamento? Era o que ia descobrir. Dessa vez não conseguiria escapar. Nem acabaria com sua raça na base da zanga. Seria coisa de crianças e, desde a colônia agrícola, sentira já não ser mais um garoto. Ao aprender a rir quando estava com ódio, verificou ter se tornado um homem.

— Acho que hoje ou amanhã tá aparecendo por aí. Ficou de pegar uma camisa com dona Eufrosina.

Era a chance que não poderia perder.

— Será que ela costura calça?

— Acho que sim.

Dito trata de obter o endereço. O birosqueiro faz as indicações, diz o número. Dito põe a garrafa de guaraná no balcão, puxa o dinheiro, recebe umas poucas moedas de troco. Segue no rumo indicado, o barraco da costureira todo pintado de amarelo, a placa de madeira anunciando que, além de roupas para mulheres, confeccionavam-se camisas, costuravam-se calças, faziam-se cerzidos. Bateu na porta, a máquina de costura silenciou. Apareceu a mulata envelhecida, cabelos desgrenhados. Tirou os óculos, perguntou o que desejava.

— Tenho pano pra fazer uma calça.

A mulher manda que entre. Explica que só pegava o serviço se a calça tivesse cortada ou se esperasse que mandasse cortar.

— Tenho medo de me meter a cortar e estragar o tecido. Tou mais acostumada a trabalhar pra mulher. De homem, o que sei fazer é camisa.

Dito fala em Cristal, a mulher mostra uma camisa pronta e a outra que está terminando.

— Ora, veja. É meu chapa. Tou até com uma encomenda pra entregar a ele e não encontro o endereço que me deu.

— Deixa ver se tenho aqui.

Volta com o caderno de folhas rasgadas, procura aqui e ali, põe os óculos.

— É em Copacabana.

Dito pede para anotar.

— Ótimo. Posso passar por lá hoje mesmo.

A mulher não se interessa em saber de onde estava vindo. Entrega-lhe o pedaço de papel, procura a caneta difícil de achar. Abre a gavetinha da mesa, a caixa onde guardava linhas e bobinas em cores. Lá está o pedaço de lápis. Dito pede que diga.

— Dias da Rocha, 121, apartamento 910.

Dobra o papel, põe no bolso. Volta a falar na calça.

— Vamos fazer o seguinte. Vou procurar quem faça o corte e logo depois lhe procuro. Tou sempre vindo pra banda de cá.

A mulher faz um risinho sem importância, Dito não tem mais o que dizer. Não se aguenta de contentamento. Pôs-se a descer a ladeira, tornou a encontrar o garoto a quem dera a cédula, dois tipos mal-encarados ficaram acompanhando seus passos. Chegou ao ponto onde os alcaguetes e marginais costumavam reunir-se; apressou-se, o pé doía, passou pela ruazinha estreita, de casas baixas, já não tinha mais o que temer, estava certo de que ninguém poderia imaginar seu propósito. Teve vontade de entrar no primeiro bar que encontrou, pedir guaraná. Mas o dinheiro estava no fim. Mal dava para a passagem a Copacabana. Quando surpreendesse Cristal, seria diferente. Imaginou tomar um ônibus, depois decidiu-se pelo bonde que era mais barato e chegava do mesmo jeito.

Entraria no prédio quando começasse a escurecer. Se pudesse passar sem que o porteiro percebesse, tanto melhor. Sentaria num lance de escada, ficaria esperando. Também poderia conseguir uma chave mixa com Castigo de Mãe ou até mesmo com Encravado. Aí não teria que esperar tanto. Forçaria a fechadura, tornaria a trancar por dentro, ficaria numa boa, esperando o cara aparecer. Esse era o melhor caminho. Quanto maior a surpresa, tanto pior para a saúde de Cristal. Era como fazia com os outros. Era o que teria em resposta.

— Puxa, cara, se tá indo bem às pampa no negócio do suadouro. A Beth sempre pergunta por ti. Acho que tá querendo levar um papo. Dá em cima. A pequena é boa.

Essas coisas empolgavam Alfinete. E, por mais que Dito quisesse mudar de assunto, não permitia.

— Tu já viu a Beth nua? Puxa, que pedaço!

— E onde é que tão puxando os otários?

— Em qualquer lugar. Castigo aparece com o carro, a gente se arranca. Mas não se tem agido todo dia. Só quando a barra esfria. De uma tacada se abeceu um gringo e tomou trezentos dólares. Já imaginou?

Dito acompanha a alegria do companheiro.

— Se fosse tu, largava esse tal de Cristal pra lá. Vai acabar criando problema.

Dito sacode negativamente a cabeça, Alfinete prossegue:

— Ouvi dizer que lascaram com Fumaça. Meteram ele no SAM. Uma semana depois botaram numa roda e deram pancada até matar.

Dito não sabia de nada que Alfinete falava.

— Lá dentro tem uns pintas que fazem o jogo dos tiras. E foram eles. Fumaça ia dar problema, acabaram com ele.

Dito está surpreso.

— Será?

— O cara que contou é quente. Não ia inventar, Disse como era Fumaça.

Dito sente-se alarmado. Não acredita no que está ouvindo.

— Como é que se pode confirmar isso?

— Meio difícil. Só esperando uma chance — acentua Alfinete.

Dito pensa em retornar ao casarão de Mãe Dolores, ao mesmo tempo sabe que isso de pouco adiantaria. Era melhor saber através do próprio Alfinete.

— Quer confirmar?

— Pode deixar.

Dito não sabe mais o que falar, Alfinete sorri, pronuncia termos vagos.

— Não esquentá não, bicho. Hoje é ele, amanhã vai ser um de nós!

Impressionava a Dito aquela frieza de Alfinete e, não sabe por quê, pensou no rosto bonito e triste de Beth.

— Vamos hoje à noite procurar as pequenas. Tá precisando disso. Até lá pode ser que consiga a mixa.

Tenta engrenar-se no assunto de Alfinete mas, quando fala na chave, toda sua atenção volta-se para Cristal. Não poderia esquecer-lo, não iria deixá-lo agora, que se falava também na morte de Fumaça. Sabia bem como foi que fizeram. Os garotos maiores formaram a roda, começaram a dar empurrões no crioulinho, depois socos e pontapés, pauladas, golpes de estoques. Tudo rápido, com muito alarido, para despistar a vigilância. Quando se afastaram, lá estava Fumaça ensanguentado, provavelmente ainda movendo-se, mas sem condição de continuar vivo. Não, Alfinete, Cristal tem muito a ver com essas coisas. E com o que aconteceu aos garotos iguais a Fumaça no pavilhão da colônia agrícola, esqueléticos, olhos fundos, a maioria estirada no chão. Uma semana ou mais sem comer e sem beber água. Como iam fazer com ele próprio e não conseguiram. Por causa dele os guardas soltaram cachorros em cima das garotas que tentaram escapar pelo pantanal. Os guardas devem ter dado boas gargalhadas ao ver os cães mordendo as meninas. Nada daquilo deveria ser esquecido. Dito não conseguia esquecer. Doeceu muito o dia inteiro que passou gritando para alguém lhe trazer um pouco que fosse de água. Doeceu mais, quando o tipo gordo depositou a jarra com gelo sobre o mocho, ao alcance dos seus olhos, longe das mãos. E, pior, quando derramou parte da água que ansiava tomar na sua cabeça e escorreu pela roupa e perdeu-se no colchão da cama. Aquilo tudo era culpa de Cristal.

Não esqueceria jamais dos tipos que o pegaram e levaram naquele carro. O pilantra que chamavam Pantera, Pestana, Bandeira 2 e Xereta. Este sorria ao engrenar a ré e deslocar o carro bem devagar, a fim de pisar-lhe o pé. Não poderia esquecer-lhe a cara, o riso de dentes brancos. Cristal teria de dizer onde poderia ser encontrado. Lá isso teria. Nem que o esfolasse vivo. Por isso deveria estar em posição privilegiada para surpreendê-lo. Não iria fazer como no caso do gordo, que teve de matar de qualquer jeito na colônia. Com Cristal seria lentamente. Como o instante iria permitir. Nada de afobação. Teria de explicar muitas histórias e com todas as palavras. Os endereços seriam anotados. Era o grande compromisso que tinha com Cristal. Ele seria o início de um período de libertação. Se no final disso fosse por sua vez surpreendido, não haveria do que se queixar. Iria juntar-se a Estrelado, Pixote, Zebrado e Fumaça, plenamente satisfeito. Não queria

viajar para junto deles na condição de vítima. O pé defeituoso, o braço esfolado, a cicatriz por cima do olho.

— E quem pode conseguir uma mixa, pra já?

Alfinete pensa, cita um nome, outro.

— Sé o Alemão, Tem uma oficina completa. É consertador de bicicleta na Bento Lisboa. Se quiser a gente baixa lá daqui a pouco.

Dito está disposto a ir.

— Mais tarde procuro a Beth.

A promessa anima Alfinete, que retorna ao assunto de sua preferência.

— Pode comer ela de gracinha, amigão. Tá gamadona por ti.

— E qual delas já comeu? — quer saber Dito.

— Tou dando em cima da Sueli, mas não tá fácil. Só pensa em grana e rango. Enche o saco.

Dito acha graça.

— Isso é prova de amor ou de ciúme?

— Nem uma coisa nem outra. Tem um corpo bacana mas é uma escrota — explica Alfinete. — Aquela loura que anda com ela, essa nem se fala. Não comia aquele troço. Só mesmo pra gringo ou cara faminto.

Dito torna a falar em Beth.

— Essa é legal. Se gosta de um cara, gosta mesmo.

Chegam do lado do tipo vermelho, que monta as rodas de uma bicicleta. Usa macacão sujo, tem manchas de graxa até no rosto. Os óculos são de aro de metal e lentes grossas. A oficina em que se movimenta é apenas um vão de escada, com tudo que é de ferro pendurado em painéis de compensado.

— Qual é que é, amizade? — indaga Alfinete.

O cara apenas sorri.

— Quebrando a cabeça pra centrar esta roda. Acho que o quadro tá com defeito.

— Tou querendo um alô!

Alemão manda que fale.

— É uma chave especial que se tá precisando.

O mecânico ajeita os óculos, os olhos parecem desmesuradamente grandes, por trás das lentes.

— Olha lá! Vê o que tá arranjando!

— Nada. Se tá começando uma boa — explica Alfinete.

O cara deixa o trabalho, abre a gaveta, onde a confusão é maior do que nos painéis de peças. Põe-se a escolher chaves de cobre, até encontrar uma,

muito longa, que julga ser apropriada. Mostra a Alfinete, diz que são vinte pratas.

Dito examina.

— Dá direito a levar uma lima. Qualquer engano pode ser corrigido na hora.

Era o que Dito desejava. Só que não tem as vinte pratas. Alfinete remexe nos bolsos.

— Paga que depois te dou.

Alemão recolhe o dinheiro, pergunta a Alfinete sobre a possibilidade de voltar a ajudá-lo. Alfinete não sabe precisar.

— Tou numa transa legal. Mais um pouco e apareço.

— Dou vinte pratas por dia, Não é todo mundo que paga isso por aí.

Alfinete bate nas costas do mecânico, outra vez ocupado com a roda, Dito mete a chave e a lima no bolso.

— Isso vai quebrar um galho tremendo, cara — afirma Dito com animação.

— Só acho que devia sair dessa — afirma Alfinete. — Não adianta passar a vida toda encucado. Manera! Entra em outra. Faz como a gente.

Dito está agradecido mas não pode aceitar a sugestão. Demoram-se na praça, aparecem as garotas com fardas azuis e brancas, Alfinete brinca com elas, dá cambalhotas no ar, faz a mais bonita sorrir, Dito estende-se no banco, não se importa com as brincadeiras. O necessário, agora, era conseguir algum dinheiro para o transporte e chegar à Rua Dias da Rocha. Remexe nos bolsos, encontra uma cédula que daria para o pagamento do bonde. Passaria um tempão viajando, mas iria. Só depois de acertar as contas com Cristal é que procuraria Beth. Alfinete tinha razão. Se ela queria falar-lhe, não havia por que estar evitando, afinal que é que poderia perder com isso?

O prédio tem entrada estreita, armários onde são guardados os medidores de energia. Não vê nenhum porteiro, sobe pelas escadas, toma o elevador no segundo pavimento. Sai num longo corredor com lâmpadas acesas, pois a tarde está sombria, ameaçando chover. Toca a campainha, corre para o vão da escada. Fica espiando. Ninguém aparece. Torna a tocar. Tem certeza de que o apartamento está vazio. Introduce a mixa, vai experimentando, sente que a fechadura quer girar, aviva a chave com a lima, torna a tentar, a porta se abre. Faz uma revista rápida, enquanto deixa a porta encostada. Trata de fechá-la, sente uma espécie de alívio por estar

ali. Como esperara por aquele momento! E como fora relativamente fácil. Abre gavetas, encontra um cofre de madeira, vai à cozinha, volta com uma faca. Arrebenta o cofre, dentro estão anéis e pulseiras de ouro, vários dólares, um prendedor de gravatas com pedra de brilhante. Coloca tudo no bolso do dólma. Continua a abrir gavetas, mais para ver como era a vida de Cristal. Encontra cartas falando de coisas confusas, encontra cachimbos, na sala o tapete de pelo de cabra, as poltronas confortáveis, o lustre. No móvel escuro, perto da cama, o que mais procurava. Um revólver calibre 32, todo niquelado, Destrava, examina o tambor. Procura a munição, não encontra. Volta à cozinha, examina as facas. A de cabo de madeira era a melhor. Entra no banheiro, abre o armário por cima da pia, fica admirado com o luxo de Cristal. Vidros de colônia francesa, perfumes, cremes de barbear, diversos barbeadores. No quarto, o armário repleto de roupas, principalmente calças e camisas brancas. Na parte de baixo, ao lado dos gavetões, os sapatos de todas as cores. Dito tirou o que usava, experimentou o de salto baixo, tipo esporte. Ficava bom. Mas isso era assunto para mais tarde. Tornou a botar os sapatos de pano, estendeu-se na cama. Olhou para baixo, procurou ver a possibilidade de ocultar-se ali. Talvez fosse o melhor lugar. Se encontrasse as balas esse problema seria eliminado. Manteria Cristal na mira do revólver apenas para obrigá-lo a falar. Faria o serviço com a faca de cozinha. Como fizera com o gordo. Voltou a remexer no armário de madeira escura, abriu as gavetas do guarda-roupa. Numa grande caixa, o estojo com relógio, abotoaduras e na caixa revestida de feltro, as balas de dois tipos. Sentiu-se alegre. Pôs-se a encaixá-las no tambor. Deitou-se de novo na cama. Já não teria de ocultar-se. Esperaria que Cristal aparecesse, falaria com ele de frente. Como o traficante nunca tivera coragem de fazer.

O telefone começou a tocar, o relógio na parede trabalhava alto. Não tinha esperança de que aparecesse tão cedo. Sabia de algumas das suas transas, podia compreender bem como sua vida deveria ser enrolada. Não estava com pressa. Mirou-se no espelho, viu a cicatriz por cima do olho, a ferida no pulso. Acomodou-se na poltrona, estendeu as pernas sobre a mesinha de mármore, ouviu o lamento das meninas sendo apanhadas pelos cães, a voz sumida do garoto que pedia comida. Ouviu seus próprios gritos implorando por um gole de água. Era aquilo que Cristal desconhecia. Era daquilo que iria lhe falar. Teriam tempo para as explicações. E Cristal não gostaria que esse tempo se abreviasse. Disso tinha absoluta certeza. Mas, também, não iria ficar naquela lengalenga a noite inteira e parte da

madrugada. Teria de pôr um fim na falação e era ali que Cristal partiria do planeta. Tão misteriosamente quanto aparecera. Quando o relógio assinalava vinte e duas horas Dito abriu a geladeira, tirou um pouco de presunto, uma Coca-Cola. No saco plástico encontrou pãezinhos adocicados. Teve vontade de ligar a televisão, conteve-se. Qualquer ruído que fizesse a mais poderia ser prejudicial. Não iria estragar tudo por causa de uma porcaria de televisão. A descarga do wc no apartamento superior foi acionada duas vezes, antes de os ponteiros chegarem à meia-noite. Dito sentia sono e por isso decidiu passar água no rosto, Era exatamente dali em diante que deveria estar o mais atento possível. Quando menos esperasse, Cristal apareceria. Puxou bem as cortinas, para evitar qualquer infiltração de luz, acomodou-se na poltrona que ficava de lado. Assim, quando abrisse a porta, estaria automaticamente protegido. Quando fechasse é que daria com sua presença. E pensava no susto de Cristal. Não tinha dúvida de que o considerava morto. Ora, como era bom negociar com garotos inexperientes. Exatamente isso que deveria comentar com os camaradas. Chama-se uns quatro pivetes, eles se esculhambam na prestação do serviço, depois levam no rabo. Só uma parte do dinheiro prometido e muita porrada. Débora diria que esperasse enquanto ia providenciar o café, eles quietos naquela sala estranha, como uns imbecis. Cristal deve ter achado muita graça quando soube do desfecho da história. E, naturalmente, alegrou-se até mesmo com o desaparecimento de Débora. Era possível que já tivesse atingido um ponto em que tudo que acontecia era lucro, Pela calma que demonstrava, era isso. Não tinha do que duvidar. Mas não há mal que sempre dure. Quantas vezes tinha ouvido os mais velhos repetirem aquela expressão. E ali estava ela outra vez, repercutindo aos seus ouvidos. Apalpou o revólver, destravou e travou o tambor. Uma vaga preocupação o invade. Deveria, bem mais cedo, ter experimentado o revólver. Bastaria colar o cano no colchão da cama, disparar. O ruído seria abafado e teria a certeza de que funcionava bem. Por que não pensou nisso? Agora, o problema parecia grave. Não podia ter dúvida, muito menos quando os ponteiros marcavam meia-noite. Foi ao banheiro, embrulhou a toalha de rosto na mão que empunhava o revólver, colocou o cano no colchão, acionou o gatilho. O estalo ficou bastante reduzido. Com as cortinas, janelas e portas fechadas, não deu para ninguém ouvir. Desembrulhou a toalha, tirou a cápsula deflagrada, colocou outra nova. Agora, sim. O revólver estava em ordem. Pôs-se a admirá-lo, a examinar-lhe o cano curto. Sempre imaginara usar uma arma daquela, mas

como adquiri-la? Só mesmo tipos como Cristal poderiam se dar àquele luxo. Também, com o dinheirão que ganhava, não custava nada. Era só fazer a encomenda e receber. Mas os tempos mudam, até mesmo para os que demonstram ter sorte nas vinte e quatro horas do dia. Era isso que ia provar ao traficante. Depois dele seriam os outros: o delegado Mauro, Roxão, Caramelo, Xereta, o homem do cemitério. Quem seria ele? Como se chamaria? Por que atirara em Pixote, sem mais nem menos? Era outro que teria muito o que explicar. Mais uma vez sentiu que aquele era um momento de alegria. Não de expectativa ou medo. Mas de gozo. Sabia que ia ficar contente de ver Cristal se retorcendo, implorando que o poupasse. Então, não poderia entrar naquela transa de Alfinete e das garotas. Beth não tinha nada a ver com ele, A não ser que desejasse encontrá-lo, simplesmente para ir para a cama. Não teria o que dizer a ela, nem o que perguntar. Na verdade não lhe interessavam os papos de Alfinete e muito menos as aventuras de Castigo de Mãe. Pelo que poderia imaginar, 'seriam apanhados por ninharia e teriam de enfrentar o drama dos grandes culpados. Iriam se lastimar de ter perdido tanto tempo com probleminhas, quando poderiam estar metidos nas jogadas decisivas, como ele. E se Cristal, tentando escapar, desse uma dica realmente importante? Era o que esperava. Mesmo assim o queimaria. Não esperaria uma segunda tramoia, como aquela da ladeira da Rocinha. O carro chegando perto, ele e Fumaça se aproximando da mureta de segurança, os tipos saltando apressados e os agarrando. De onde haviam surgido? Como Cristal soube que iriam ao morro? Eram algumas coisas que teria de explicar. E se as ramificações do traficante fossem bem maiores do que poderia imaginar? Saberia disso também. Nem que ficasse a noite inteira acordado.

O relógio dera novo toque, os ponteiros se aproximando de uma hora. Pensou na possibilidade de Cristal não aparecer aquela madrugada. Nem isso o deixou preocupado. Passaria uma semana inteira naquele apartamento, até que viesse. E se primeiro fosse à tal costureira e ela falasse no rapaz que andara procurando por ele? Sente um sobressalto. Por que não imaginara isso também? Nesse caso Cristal apareceria cercado de capangas, não teria como escapar. Era uma possibilidade a favor do traficante e com a qual não contava. Estava certo de que bastava um toque da mulher para Cristal entrar em guarda. Não era de abusar da sorte. Já tivera oportunidade de constatar isso. Será que, por isso, estaria demorando tanto? Dito aceitava e recusava a possibilidade. Mas, pelo sim, pelo não, tirou uma cadeira da

sala, sentou-se nela, ao lado da porta. Quando entrasse Cristal e seus amigos não conseguiriam vê-lo. Aí dispararia. Primeiro em Cristal, depois nos outros. Quando o agarrassem, pelo menos o traficante estaria liquidado. Ao menos isso teria de fazer ou se sentiria frustrado pelo resto da vida.

Os ponteiros do relógio continuavam a caminhar e, agora, Dito demonstrava certa preocupação. Levantou-se, andou um pouco para não adormecer. O prédio todo entrara em absoluto silêncio, Apenas os sons de uma televisão eram ouvidos. Botou a cabeça na janela, verificou que também nas mas o movimento havia diminuído sensivelmente. Aí, de repente, sem que tivesse pressentido as passadas no corredor, a chave foi introduzida na fechadura, a porta abriu-se, a lâmpada acendeu. Quando a porta se fechou outra vez, Cristal estava à sua frente. A mesma roupa branca, os mesmos sapatos, os punhos levemente virados, o relógio caro, o bracelete de prata com o nome. Pareceu petrificado ao ver Dito. Quis dizer alguma coisa mas não teve condição. Calmamente e com o revólver empunhado, tomou-lhe as chaves, mandou que tirasse a calça e a camisa.

— Não te quero com armas, Se tem muito o que conversar.

— O que é que fiz desta vez?

— Vai ter tempo pra saber.

Dito puxou as roupas com os pés, jogou-as de lado. Cristal tinha as costas com tufos de pelo na altura dos ombros e por cima dos rins.

— Senta lá!

Continuou na cadeira, o revólver apontado.

— Já gastou o dinheiro todo e quer mais? Qual é o drama? — indaga cinicamente Cristal, os cabelos um pouco em desalinho.

— Por causa daquele dinheiro fui parar numa colônia agrícola e até hoje o Fumaça tá sumido. Onde será que tá ele, hem?

Dito levanta-se. O olhar tornou-se duro, o rosto sombrio.

— Te fiz uma pergunta, filho da puta. Onde anda o garoto?

— Como posso saber?

Dito torna a envolver a toalha de rosto na mão que segura o revólver. Está em frente a Cristal, sabe na verdade que não tem tanto o que perguntar. Qualquer coisa que responda é mentira. Como sempre acontecia. Tolice ficar ali, perdendo tempo. Bastava que lhe dissesse umas poucas palavras. Se tentasse alongar conversa, terminaria enrolado. Como das vezes anteriores. Tinha sempre muito argumento. Conhecia perfeitamente todos

os caminhos. Portanto, o melhor era permanecer calado. Isso apavorava Cristal.

— Vamos fazer um acerto, Te passo a grana que tenho em casa, mais um cheque.

Dito apenas olhava aquele tipo nu, tufos de cabelos negros nos ombros, De repente perdeu toda a nobreza, Parecia um trapo, rindo e fazendo caretas. Rastejava como os outros.

— Onde tá o dinheiro?

— Na gaveta do armário.

Dito sabia que lá havia diversas caixas. Numa delas Cristal poderia encontrar a surpresa. Não queria arriscar-se. Acionou o gatilho. Ouviu-se o barulho surdo e um gemido. O filete de sangue alongou-se no peito. O homem abriu os olhos e a boca, no segundo e terceiro estalos. Todos deixando botões vermelhos na pele branca. Cristal cambaleou, ergueu as mãos, como para pedir alguma coisa. Empurrou-o com o pé, acionou mais uma vez o gatilho, desta vez apontando na cabeça. Cristal deitou-se para trás, como se fosse dormir. As pernas se estenderam, o rosto pendeu de lado. Ficou alguns momentos olhando-o. Abriu levemente a porta, espiou o corredor. O prédio continuava cercado de silêncio. Olhou também pela janela, Ninguém se incomodara com os disparos. Pegou as roupas de Cristal, examinou-as. Na carteira havia mais de quinhentos, além de talões de cheques e documentos. Foi ao armário indicado por ele, examinou as caixas. Numa delas encontrou um outro revólver. Era a surpresa que desejava fazer-lhe. Teve vontade de rir. Cristal não perdia a oportunidade de mostrar sua habilidade. Só que daquela vez terminou entrando bem. Não contava em ser surpreendido tão facilmente. Dito ainda continuava a rir. Meteu o segundo revólver no bolso, guardou as balas, Era o tipo de objeto que iria precisar. Continuou a revirar as gavetas mas não achou mais nenhum dinheiro. Lembrou-se de examinar nos jarros que estavam sobre os móveis da sala. Encontrou mais uns trocados. Coisa sem importância. Imaginou sair àquela hora, depois concluiu que isso seria imprudência. Talvez algum policial o encontrasse. Iria revistá-lo, daria com os revólveres, as balas. Não convinha arriscar, logo agora que as coisas estavam indo tão bem. Abriu a geladeira, tirou mais presunto e outro refrigerante, pôs-se a comer, enquanto admirava a quietude de Cristal.

Tanta confusão, tanta palavra dita sem propósito, tanto plano feito e malfeito, e ali estava. Dormindo como Pixote, Estrelado e Zebrado. Por que

não fora mais inteligente? Já não adiantava preocupar-se. Deveria pensar em Alfinete e na sua jogada com as garotas. Provavelmente ficasse com Beth, até o dia de ir embora para São Paulo, Não havia mais o que fazer no Rio de Janeiro. Se bem que gostaria de voltar ao cemitério, procurar o pinta que disparou em Pixote. Mas como iria descobri-lo? A não ser que entrasse e queimasse o primeiro que visse. Sem dó nem pena, como fizeram com o garoto. Isso não custaria nada, não tomaria tempo. Recostou-se na poltrona, o revólver na mão, estendeu as pernas na mesinha de mármore, adormeceu. A presença de Cristal não o incomodou, muito menos a noite povoada de mistérios.

Capítulo 6

I

Quando terminam de ouvir a história de Rapadura, o silêncio parece pesar. Alfinete coça a cabeça com as unhas sujas, Castigo de Mãe faz um fungado, Encravado comenta:

— E vai esperar que te agarrem?

Rapadura olha a moto, estacionada perto.

— Gostava dela, vou enfrentar a parada.

— Fiiiuuu! — faz Alfinete. — Vai dizer pros tiras que comia os dois? Nenhum deles acha graça.

— E se o cara provar que foi tu que deu baixa na garota? — indaga Dito.

— Passei a manhã toda consertando a porra da moto. É só levar o tira na oficina e comprovar.

— E o que pretende fazer com o cara? — quer saber Castigo de Mãe.

Rapadura sente-se aéreo.

— Por enquanto não sei.

— Por que não torra a moto e te manda? — diz Alfinete.

— Aí vão pensar que sou culpado, cara!

O silêncio torna a pesar.

— Gostava dela? — pergunta Dito.

Rapadura acena afirmativamente com a cabeça, enquanto os olhos ficam cheios d'água. Levanta-se, os companheiros permanecem sentados. Ninguém diz nada. Escanha-se na moto, põe-se a rodar. O movimento nas ruas é grande, mas em todos os lugares o que vê é o rosto sorridente de Vera; as covinhas, os dentes brancos. Não sabe por que Flávio fizera aquilo. Não podia admitir que fosse um criminoso tão frio assim. Não consegue ter

raiva dele. Chega ao calçadão que margeia a praia, fica olhando o mar. E, sem que ninguém possa perceber, chora alto, como deveria ter feito há muito tempo.

Logo que melhora, procura coordenar as ideias. Não lhe agrada continuar pelas ruas, como os outros faziam. Iria à delegacia dizer o que sabia do caso. Mas não se anima a partir. Na verdade não sabe exatamente o que dizer, como começar. Era melhor que o procurassem, Mas onde iam achá-lo? Não tinha paradeiro certo. Os poucos meses em que podia dizer seu endereço a alguém foi quando esteve no apartamento de Flávio. Mas não voltaria outra vez para lá. Não gostaria mais de vê-lo. Nem ao menos queria continuar com aquela moto, que fazia lembrar tanta coisa desagradável. Antes tivesse ficado com Alfinete e Encravado. Teria continuado a perambulação, como eles faziam. A vontade de melhorar de vida arrastou-o a complicação mais séria. Não iria à polícia. Terminariam querendo saber detalhes de sua vida, acabaria falando nos companheiros, nas atividades que desenvolviam. Não era seu papel. Não tinha nada a explicar, Que Flávio contasse o que sabia.

Na porta do IML, sem que perceba, os homens se aproximam, mostram documentos.

— Vem com a gente. Tem muito o que contar na Homicídios.

Rapadura não parece surpreso.

— Não te preocupa mais com ela — diz o tipo baixo e forte.

Rapadura olha-o com certa simpatia, entra no carro, vê o funcionário conduzindo a moto para o pátio.

— Desde quando comia aquela bicha? — pergunta um dos policiais.

— Se era apenas amigo.

— Não me faz rir, Presentes e mais presentes, tudo porque eram amigos! — argumenta um outro policial.

Rapadura repete o que já dissera, o tipo baixo e forte o adverte:

— Se gostava da moça, trata de contar o que sabe.

O carro estaciona diante do prédio antigo, sobem as escadas, Rapadura está distante, no primeiro dia em que conheceu Vera e ela o convidou a nadar. A manhã era luminosa, a água transparente. Cada vez que mergulhava, conseguia vê-la movendo-se como um peixe ou uma sereia. Não prestou atenção quando sentou diante do homem gordo, de terno. Não sabe ao certo o que desejava com tantas perguntas.

II

— Tá vendo no que dá negócio com mulher — afirma Encravado.

— Coisa nenhuma. É que Rapadura sempre teve coração mole. Se fosse eu não ia entrar numa dessa — diz Castigo de Mãe.

— Só me ligo nelas pra comer — afirma Alfinete.

— E qual é que já comeu? — indaga debochadamente Encravado.

— Acho que tu é mais de tocar punheta — acentua Dito, sorrindo.

Alfinete não gosta da brincadeira.

— Não sei. De qualquer forma tô vivo. Não vai ser uma bunda-mole dessa que me faz entrar debaixo de uma carreta.

— E quem pode dizer que foi ele que se jogou? — indaga Encravado.

— Tira faz mil e uma trama, cara, e fica tudo por isso mesmo.

— Como é que se acabou e a moto ficou inteira ?

Alfinete não sabe o que dizer. Olha o jornal, passa-o a Castigo de Mãe.

— Acho que o que tá aí é o certo.

Castigo de Mãe põe-se a ler, Tem a expressão alterada, pois a notícia da morte do companheiro o deixou chocado.

— E o que tava fazendo na Avenida Brasil?

— Quem sabe? — diz Encravado. — Rapadura se meteu em transa alta. Ia em frente ou se acabava, como acabou.

— Foi melhor pra ele. Ninguém pode suspeitar que era o criminoso — afirma Dito.

Alfinete faz umas tantas considerações sem sentido, lembra que a vida continuava, que ia encontrar Sueli e Carla. Castigo de Mãe promete ir junto. Alfinete está sem um níquel, Dito empresta metade do que tem. Conseguiu vender um dos revólveres, ficou só com o de calibre 22, com o qual liquidou Cristal. Não falou de sua proeza. Não gostava de abrir-se, como a maioria costumava fazer. Estava chegando a uma idade em que não apreciava falar. Passava horas ouvindo a discussão dos outros e só raramente emitia opinião. Alfinete convida-o para avistar-se com Beth, responde não estar disposto, falaria com ela outro dia qualquer. Segue pela rua já bastante escura, vai pensando nos tempos em que se encontrara tantas vezes com Rapadura, na amizade que demonstrava ter por Fumaça. Atravessa a praça com as luzes da fonte já acesas, pede um café no barzinho

do abrigo, o bonde que lhe servia aparece. Decidiu procurar Mãe Dolores, ficar por lá algum tempo, tentar saber notícias de Fumaça ou Manguito.

A rua está intensamente iluminada, há barraquinhas com frutas e churrasqueto, aumentaram os grupos de homens diante das casas. As mulheres estão nas janelas e nas portas, Dito passa pela calçada, uma das donas tenta segurá-lo, a barriga e os seios de fora, fala em Mãe Dolores, a mulher põe-se a rir. Os corredores do casarão estão apinhados, há casais entrando e saindo, os quartos quase todos fechados, murmúrios e risos no ar da noite quente. Bate numa porta, aparece Mãe Dolores. Tem os olhos inchados e veste-se de branco. Não responde ao cumprimento de Dito. A sala onde está é mal iluminada, os móveis velhos amontoam-se, há dois gatos no sofá.

— Alguma coisa errada? — indaga Dito.

Ela sacode afirmativamente a cabeça, passa para o quarto, Dito vai atrás. Aí depara-se com o pequeno caixão, as velas, três mulheres sentadas. Dito se aproxima, vê Fumaça. Olha Mãe Dolores, como se não estivesse entendendo. Ela esfrega o lenço no rosto.

— Um amigo foi que encontrou. Iam enterrar como indigente. Aí se lembrou de mim. Aceitei velar o corpo. Tava com medo que não viesse.

Dito não consegue tirar os olhos do garoto, toca-lhe a testa gelada.

— Sabe como foi?

Mãe Dolores sacode a cabeça.

— Só disseram que foi encontrado morto. Tava numa delegacia esse tempo todo.

Dito torna a olhar as mulheres que continuam caladas. Estão pintadas, as roupas são bem decotadas. Senta-se do lado, fixa-se numa vela praticamente consumida, Mãe Dolores já tem outra para a substituição.

— Conhece algum parente dele?

Dito responde que não.

— A gente não tem ninguém — afirma um tanto exaltado.

Uma velhota aparece oferecendo café, Dito pega a xícara, o ambiente torna-se carregado, o cheiro das velas e das flores dominando. Enquanto espera as xícaras de volta, olha Fumaça, que parece dormir. Mãe Dolores ajoelha-se em frente à imagem dos santos. Depois, ergueu-se, disse palavras em voz alta, Dito acompanha a solenidade com interesse, até sentir vontade de ir ao banheiro. Atravessa o corredor parcialmente escuro, entra no compartimento que fede a urina, com azulejos se desprendendo das

paredes. A mulher seminua aparece na porta do quarto, responde ao que lhe diz o homem que está indo embora.

Dito urina pensando na pouca sorte de Fumaça. Se Cristal estava envolvido naquela transa, já havia pago. Restava saber o paradeiro de Manguito. Se é que ainda estava vivo.

Ao retomar ao quarto, outras pessoas tinham aparecido. O preto careca trouxera o atabaque, Colocou-o entre as pernas e, a pedido de Mãe Dolores, batia de leve, ao mesmo tempo em que entoava uma cantiga triste. O som escapa pela porta entreaberta, funde-se aos ruídos exteriores que saíam do corpo do casarão.

Quando começou a cochilar, a velhota o levou para deitar-se numa cadeira. O quarto era pequeno e atravancado. Afrouxou o laço dos sapatos, botou o revólver no bolso de trás das calças, adormeceu. Apenas principiava a clarear e já estava acordado. A movimentação aumentara. As mulheres que haviam cansado de ir para os quartos com os homens estavam prontas para sair. Antes, vinham ver o garoto. Dito olhava aquelas caras estranhas, de olheiras e maquilagem se deformando. Mãe Dolores não parecia ter dormido um só instante. Continuava diante da imagem dos santos. O homem do atabaque batia tão suavemente quanto na véspera e, também, parecia continuar entoando a mesma canção. Nas primeiras badaladas de um relógio longínquo, assinalando seis horas, ela se levantou, convidou a todos que rezassem. Fechara os olhos e erguera os braços. O atabaque silenciou. Um tufo de fumaça começou a subir do pequeno fogareiro colocado a um canto. Num instante a casa encheu-se do cheiro de defumadores.

III

Quando as mulheres deixaram o cemitério, ainda ficou um pouco por lá. Olhava a figura desajeitada de Mãe Dolores e de quase todas as outras. Trouxe o número da sepultura de Fumaça para jogar no bicho. Estava quase certo de que ia dar. Entrou no restaurante, o garçom mandou que pagasse adiantado o prato que ia escolher.

— Qual é que é, chapa? E se a porcaria da comida não prestar?

O homem mostrou-se indiferente ao protesto, Dito não teve outro jeito senão exibir a cédula de cinquenta, Recolheu a nota, começou a pôr os pratos.

Terminado o almoço foi procurar a turma. Encontrou apenas Encravado e Alfinete. Falou a respeito de Fumaça. Alfinete parecia não acreditar.

— Puxa, tão acabando com a gente!

Era também o que pensava Dito.

— Cada vez que botam a mão num, é pra matar.

— Por isso é que não se tem de brincar com eles — afirma Dito.

— E o que sugere? — quer saber Alfinete.

— Formar uma quadrilha, se encher de dinheiro e sair de circulação uns tempos. É a única maneira.

— Acho que não dá certo — declara Encravado.

— O que não dá é esse negócio de suadouro. Qualquer hora dessa vai todo mundo pro grampo.

— E qual é o plano? — quer saber Encravado.

— Estourar um supermercado. Pegar um milhão e se mandar!

— Fiiuuu! Isso é pra tarado — afirma Alfinete.

— Claro. Não é jogada de criancinha, Tem de ter cu pra aguentar o tranco — argumenta Dito nervosamente.

— Topo — diz Encravado.

— Então vamos esperar Castigo de Mãe.

— Figurinha também é capaz de topar — diz Alfinete. — Tive ontem com ele.

— E tu o que acha?

Alfinete fica na dúvida.

— É uma pesada, cara!

Faz uma careta, coça a cabeça com as unhas sujas.

— Se tá no fogo pra si queimar. Vamos lá!

— Quando se falar com os outros, se bola os planos — diz Dito.

Encravado põe-se a falar em assaltos frustrados, Alfinete vai reforçando o que diz.

— Mas comigo não vai ter moleza. Quem se atravessar na frente ganha azeitona quente nos cornos. Vão ver só.

Estira-se no banco, como era seu hábito, fica olhando o céu, as nuvens, os urubus voando em círculo. Pensa em Fumaça e nos tipos do carro. A cara de Xereta sorridente, no momento em que dava ré, para colocar a roda sobre

seu pé. Revê o boné de Pantera, a cara de Pestana, os gestos de Bandeira 2. Se ficasse mais tempo no Rio iria procurá-los. Um de cada vez. Teria dinheiro bastante para atacar e passar dias escondido. Se voltasse logo para São Paulo acertaria os ponteiros com Roxão e Caramelo. Não se sentia bem em saber que estavam vivos, pegando outros garotos, fazendo o que fizeram com ele, Manguito e Fumaça.

— Sexta-feira é um bom dia — diz de repente Encravado, como se estivesse dando continuidade à conversa.

— Prefiro o sábado — argumenta Dito. — É mais tranquilo pra nós e pior pra eles. A mulherada vai fazer compra com os filhos, Se pega um deles como garantia, se a coisa apertar. Acho que vai ser uma sopa.

— E quem segura o dinheiro?

— Deixa comigo. O importante é pegar o gerente. Com ele na mão o dinheiro aparece. Caso contrário o gerente some.

Alfinete considera aquilo muito engraçado. Bate as mãos, ri alto.

— Esse cara é legal!

Encravado não acha tão engraçado assim.

— E se não se aguentar com o gerente?

— Não aguentar? Que porra de assaltantes vão ser vocês? Ou preferem assaltar um asilo de velhos?

— O negócio é usar a cabeça — diz Alfinete.

— Primeiro se faz um levantamento do supermercado. Não se vai pra lá de qualquer jeito, como um bando de malucos. Se pode até fazer uma planta do prédio. Aí se dá em cima. Duvido que não dê certo.

Encravado começa a ter confiança em Dito.

— Há muito tempo que penso numa parada dessa. Só faltavam os parceiros.

— Pois vai ter e acaba tudo certo. Semana que vem já se tá com a grana firme no bolso. Nada de ninharia, pra depois ficar mendigando aí desses filhos da puta.

— Se pegar uma boa nota vou comprar uma canoa e virar pescador — afirma Alfinete.

— Eu deixo de trabalhar — diz ironicamente Encravado.

— Amanhã vou sondar um supermercado. Depois a gente se reúne e faz a planta — afirma Dito.

— Quase todos eles têm a gerência na sobreloja. Um de nós segura o gerente, enquanto os outros fogem.

— E por que não se traz o gerente até a rua, pra nos dar garantia? — afirma Dito.

— Grande, cara, Não havia pensado nisso — diz Alfinete.

— Um fica na porta pra evitar qualquer grilo.

— E as armas? — quer saber Alfinete.

— Isso é fácil. Castigo sabe onde encontrar. Eu tenho um revólver. Com mais dois já dá. O resto se compra de brinquedo. É só pra assustar os trouxa — afirma Dito.

— E como é que se escapa?

— Como? Dá no pé. Cada um vai pra onde quiser. Depois se encontra aqui.

Não havia mais o que falar. Restava esperar Castigo de Mãe e Figurinha. Dito sabia que eles viriam. Se a roupa estivesse um pouco mais limpa iria tentar um cinema. Dinheiro para isso tinha. Não podia era arriscar. Com aquele blusão, o dólmã já ficando preto, não ia conseguir o ingresso. Terminaria criando caso na bilheteria, apareceria o guarda. Melhor se aguentar por ali.

A mulher alourada passou do outro lado da calçada, Alfinete deu um assovio, metendo ambos os indicadores na boca. Era um apito altíssimo, de doer nos ouvidos. Ninguém na turma sabia dar um assovio mais alto que o dele. Era um dos seus motivos de orgulho, A mulher voltou-se, olhou-o, sorriu.

— Cadê a Sueli?

— Vem daqui a pouco.

A mulher continuou a andar.

— Taí, cara, quer topiar a brincadeira com a Beth? Dentro de umas duas horas vai tá sozinha. A Sueli vem pra Cinelândia.

— Não é má ideia.

— Te arranca. Não precisa de apresentação. É no prédio depois do barzinho.

Dito põe o dólmã nas costas, aperta os cadarços do sapato, pede a Encravado que fale com Castigo de Mãe e procure Figurinha.

— Logo mais a gente se vê de novo.

Vai embora, chutando as sementes de fícus, que cobriam as calças esburacadas. Atravessa o sinal, as pessoas movimentam-se apressadas, as lojas já fecharam, as vitrines iluminam-se, os ônibus passavam excessivamente cheios, um guarda apitava nervosamente no cruzamento.

Distanciou-se dos ruídos e do barzinho, repleto de homens com copos de chope, subiu as escadas de madeira, encontrou a mulher gorda que ia saindo com a sacola.

— Onde é o apartamento de Beth?

A mulher olha-o com pouco-caso, aponta para o final do corredor.

— Deve ser o 125.

Dito passa pelas portas fechadas, no 125 as lâmpadas se acenderam.

Bate levemente, aparece a garota que não via há tanto tempo.

— Oi — diz ela, sorrindo.

— Oi — responde, indagando se podia entrar.

— A casa é sua. Não é grande coisa mas dá pra quebrar o galho.

Atira o dólma no sofá arrebitado, pede um pouco d'água.

— Acho que água não tem, Se quiser uma batida de pêssego é melhor.

Abre a garrafa, põe os copos, Dito olhando os cartazes na parede, os enfeites de papel crepom e plástico, o quebra-luz de vime, os pequenos tapetes coloridos, o espelho onde Beth se maquilava. Tomam os primeiros goles, ele estala a língua em sinal de aprovação, Beth explica que a batida vinha de Petrópolis, onde tinha um conhecido, Dito sorri, não está interessado na procedência da bebida, ela indaga a respeito da vida, encolhe os ombros em sinal de indiferença, levanta-se, ela se prontifica a lavar-lhe o blusão.

— Quando for embora deve tá seco.

A princípio não aceita o oferecimento, acha um tanto humilhante, a garota insiste, começa a abrir os botões, a intimidade exalta-o, os toques das unhas pintadas na pele deixam-no arrepiado, segura o rosto de Beth, olham-se fixamente, ela aproxima os lábios, beijam-se, Dito se esforça para não derramar a batida. Pôs o copo no chão, voltam a beijar-se, desta vez Beth com as mãos por dentro de sua camisa, aperta-a como nunca ficara com uma garota. Recostam-se no sofá, ela tira a blusa, os seios rosados aparecem, Dito livra-se das calças, Beth põe-se a brincar com seus pelos, sente cócegas, torna a abraçá-la, Beth deixa-se dominar, estira as pernas, mexe-se e geme, Dito sentindo sensação esquisita, de quem está se perdendo, o rosto da garota umedecendo-se de suor, as roupas caindo ao chão, as molas do sofá rangendo, a lâmpada iluminando as coxas grossas, os braços que o apertavam com fúria, as unhas que não via cravando-se nas suas costas, o ardor que lhe dava mais apetite, o arrependimento de não ter

procurado por ela há mais tempo, desde quando Alfinete falou-lhe da primeira vez.

Quando Beth põe-se a chorar baixinho sente um estremezimento, depois os corpos se distendem, o cansaço domina a ambos, rola para os tapetes do chão, Beth continua arquejante no sofá, olha-o e sorri, pronuncia palavras sem sentido, Dito não tem vontade de dizer nada, apenas continua a olhá-la, inteiramente nua e ao alcance de suas mãos e dos seus desejos, acha de fato que a pequena gostava um bocado dele, pois do contrário não iria entregar-se, sem mais nem menos, deseja que lave seu blusão, agora para demorar-se, para embolar-se mais vezes com ela, para poder dormir ali e, quem sabe, ficar dormindo até tarde, quando o sol já estivesse alto e a movimentação nas ruas fosse grande.

Beth pergunta-lhe coisas que não gosta de responder, levanta-se para colocar mais batida nos copos, bebem com menos cerimônia, Dito falando desde o primeiro dia em que chegou ao Rio, ela explicando que nessa época ainda morava em Cruzeiro, ele pensando nas pessoas que passam umas pelas outras, nas que se encontram uma vez só e nunca mais conseguem ver-se.

— Gosto de você porque não é parecido com os outros.

Dito brinca com seus cabelos, tem vontade de oferecer-lhe um presente, algo que pudesse colocar nos braços ou no pescoço. Ela pede que não se preocupe, não gaste dinheiro com tolices.

— É melhor que venha mais vezes me ver.

Dito concorda mas está disposto a comprar-lhe um cordão de ouro ou mesmo uma pulseira. Se fosse caro, tiraria de uma vitrine, não custava nada, Beth não precisaria saber. A garota está quase terminando a batida, repete a dose, senta-se no chão, as pernas sobre Dito, aquela sensação o agrada, aos poucos vai despertando novamente, beija-a na barriga e nos seios, morde-lhe de leve uma das coxas, Beth geme docemente, os cabelos cobrem as costas de Dito, abraçam-se, embolam-se, Dito de costas no chão de tacos, Beth cavalgando-o, o teto do pequeno cômodo rodando, a lâmpada oscilando e, novamente, os dedos entrelaçando-se com ânsia e nervosismo, a cabeça de Beth sacudindo, os cabelos cobrindo-lhe o rosto, Dito puxando-a mais e mais para si, o beijo de sofreguidão, a baba e o hálito, as línguas trêmulas. O corpo inteiro da garota é tomado de um tremor, Dito gozando outra vez, Beth gemendo e agarrando-se, os joelhos batendo nos tacos.

Estira-se sobre ele, brinca com seus olhos, com o nariz afilado, acompanha com as unhas o desenho dos lábios.

— Acho você bacana!

Dito responde com palavras de elogio a Beth.

— Cada mulher é bonita a seu modo.

Dito sorri, diz que ela era bonita.

— Quantas mulheres já conheceu?

Não responde logo, depois mostra com os dedos.

— Duas?

Beth não se aguenta, acha aquilo engraçado.

— Posso te ensinar muita coisa. É só vir pra cá, quando quiser.

Promete que virá, talvez duas vezes por semana. Beth prefere mais vezes.

— Geralmente de madrugada fico sozinha.

— Não quero estragar sua vida.

Beth torna a rir, mostra os dentes brancos, os olhos parecem fechar-se. Beijam-se, abraçam-se. Ela se ergue, Dito fica apreciando. Caminha até o banheiro, fala novamente na roupa que iria lavar.

— Dorme hoje aqui. De manhã já tá seca.

Dito permanece deitado de costas no chão de tacos. Ouve as palavras de Beth, os vagos ruídos dos carros passando na rua, um rádio ou televisão tocando longe, a descarga do bidê, do vaso sanitário. A garota pergunta se está com fome, admira-se aquele interesse. Levanta-se, ela continua sem preocupação de vestir-se, agora mexe nas panelas, abre armários. Dito prende-a por trás, ficam abraçados, Beth mordendo-lhe as mãos, o tablete de margarina sobre a mesa, a lata de salsicha por abrir, as batatas que seriam postas a cozinhar, o arroz escorrendo na pia.

— Quer ser só meu? — pergunta a pequena.

O rosto está próximo dos seus olhos e, pela primeira vez, fala-lhe sem sorrir. Os lábios avançam, tocam-lhe, Dito não sabe o que responder. A pergunta é repetida, Beth o encara.

— Posso lhe fazer feliz!

— E o que faço por você?

Abraçam-se, Beth se encanta com as palavras de sinceridade.

— Mais tarde arranja uma colocação, esquece essa vida de rua.

Não fala mais nada, está certo de que tem razão, era isso mesmo que teria de acontecer. Sorri, sente o cheiro da pele de Beth, das nádegas

roçando-lhe, do corpo esguio e morno. Põe a água do arroz para ferver, abre o tablete de margarina, ele entra no banheiro. Beth continua a falar em voz alta.

— Se quiser, tudo acaba se arranjando!

— Acho uma boa — responde Dito, sem pensar muito bem no que está dizendo.

— Se pode até mudar de cidade!

Dito pensa nos companheiros, nos planos que tinha, na ida a São Paulo, no encontro com Zé Inácio, Borrachudo e Tatu, na baixa que teria de dar em Caramelo e Roxão, possivelmente no dr, Mauro. Procuraria saber onde morava, como ia para casa, onde costumava reunir-se, que clube frequentava. Poderia passar anos nisso mas um belo dia o surpreenderia. E, então, não poderia fazer nada. Portanto, o convite de Beth esbarrava contra uma porção de pontos de vista firmados, não sabia se aceitava ou se concordava para não aborrecê-la e ali ficar aquela noite, ao lado dos seus beijos e do seu corpo morno.

IV

Dito empurra o carrinho por entre as prateleiras, onde estão os produtos nas embalagens espalhafatosas. Lembra-se de fazer compras para Beth, enquanto examina os pontos estratégicos do supermercado. Vai até o balcão de frios, por trás do qual existia uma porta. Naturalmente por ela é que atingiria a gerência. Já tem bastante mercadoria escolhida, encoraja-se, pede permissão ao balconista para usar o banheiro. O homem mostra-lhe o caminho.

Passa pela porta mas, em vez de seguir a orientação, sobe a escada. Como imaginava, vai sair na sala, onde se lê numa plaqueta a palavra ESCRITÓRIO. Entra, segue pelo corredor estreito. Há diversas pessoas ocupando mesas repletas de papéis. Confere. São cinco, mais o homem do guichê. Segue pelo corredor, um dos funcionários o interpela. Diz estar procurando o banheiro. O homem já velho explica-lhe que era no outro lance de escada. Dito desculpa-se, enquanto o homem fala, está atento ao escritório, aos outros caras que parecem não perceber sua presença.

Enquanto urina, imagina que o plano não era difícil. Saindo do banheiro aproveita para olhar os fundos do supermercado. Talvez por ali fosse até mais fácil penetrar. Sem que os guardas de segurança percebessem.

Ao terminar as compras iria olhar da ma. Tinha certeza de que o golpe correria sem maiores problemas. Aí, sim, poderia responder à indagação de Beth, Talvez tivesse razão. Era uma boa chance de esquecer a vida nas ruas. Esqueceria, também, os tipos que os perseguiam. Ainda que acabasse com todos eles não traria de volta Estrelado, Zebrado, Pixote ou Fumaça. Mudaria de cidade, como sugeria Beth, passaria uma temporada fora de circulação.

Retorna ao carrinho, passa junto às prateleiras de enlatados, escolhe fiambres e salsichas, depois figos e pêsegos em calda. Estava certo de que Beth ia gostar. Pega também o plástico com as canetas, destaca uma, põe-se a riscar num dos embrulhos. São os apontamentos de que vai necessitar para o traçado da planta. Não podia esquecer os detalhes.

Entra na fila, os garotinhos divertem-se em correr com os carrinhos, aproveitando que aquela hora o supermercado não estava cheio, o velho pelado gira a estante de livros, examina um volume, outro, termina não ficando com nenhum, a mulher que estava na fila deixa os filhos tomando conta e vai buscar a dúzia de ovos, o crioulo põe as garrafas de cerveja do lado da moça na caixa, Dito aproveita o tempo para estudar os que entram, os que saem, os homens de segurança e os que não estão fardados mas que prestam igual serviço. Não tinha o que errar, estava certo disso, Bastaria um pouco de cautela e poderiam agir com tranquilidade.

Depois que as compras são colocadas em duas sacolas, caminha pela rua lateral, passa pelo trecho da calçada que está em obras, para ao lado do caminhão, olha a praça deserta, o pé de fícus italiano, a rua de pouco movimento. Os portões eram altos, uma Kombi ia sair, ficou atento, parecia-lhe que fechavam e abriam automaticamente. Foi com as sacolas de compras até perto. Esperou que aparecesse outro carro, desta vez era um caminhão carregado de caixas. Um dos trabalhadores desceu, apertou o botão, os portões foram se abrindo, vagarosamente. Era o que tinha a fazer. Escolheria inclusive a hora em que os carros entravam e saíam com maior intensidade. Assim ninguém desconfiaria.

— Puxa, cara, comprou aquilo tudo pra Beth? Ela tá encantada.

Dito ouve as palavras de Alfinete, sente nele um certo despeito. Sabe que a garota mantinha a transa do suadouro, mas não queria aproximação com ele. Questão de simpatia, como dissera.

Dito rabiscava um papel, os outros estavam calados. Castigo de Mãe achava que a ideia de estourar um supermercado era grande, Encravado tinha suas dúvidas. Só queria participar do plano se houvesse segurança total. Dito foi aos poucos se aborrecendo.

— Ora, se tá com medo, pula fora.

Encravado não gostou.

— Medo uma ova. Não quero que se repita a mancada do suadouro.

— Mas aquilo foi papo-furado, teu e do Alfinete. Sempre achei arriscado.

— Se a gente fizesse como disse, ainda tava rendendo.

— São coisas pequenas — afirma Dito, nervoso. — Tá na hora de se pensar no plano de macho. Coisa pra render. Do contrário se termina virando mendigo.

— Acho correto — afirma Castigo, para surpresa de Dito.

— Eu também tou na jogada — diz Alfinete.

— Figurinha tá falado. Vai dar as caras logo mais — torna a dizer Castigo.

Dito terminou de riscar o papel.

— É isso aqui — afirma. — Se tem trinta por cento de chance entrando pela frente e setenta pelos fundos. Há um portão que abre e fecha automaticamente. E por lá que os caminhões passam. O único problema é atravessar o galpão sem ser visto e subir as escadarias do escritório.

Castigo fala em roubar a Kombi, entrar como se fossem descarregar mercadoria.

— Se fica por lá até a hora do ataque.

— E se alguém descobrir? — argumenta Encravado.

Dito acha boa a ideia de Castigo.

— Tu fica no volante, Alfinete e Figurinha do lado de fora, eu e Encravado arrancamos a grana.

Castigo esfrega as mãos, Encravado pergunta a Dito se ainda tinha a chave mixa, acha que escondeu em algum lugar, não sabe bem onde, mas

procurará recordar.

— Tenho certeza de que a grana vai pintar — afirma Dito.

— E se o gerente disser que não tem dinheiro no escritório? — argumenta de repente Encravado.

— Ora, se queima ele, cara — afirma Alfinete.

— Nada disso — acentua Dito. — Se manda ele pedir dinheiro aos caixas, E tudo na moita, do contrário se fode. Quem aparecer com a sacola tá enquadrado.

— E pra onde vai esse pessoal, na hora da gente se mandar?

— Se põe todo mundo no banheiro. Não vai ter ninguém pra correr atrás da gente, nem tocar o alarma.

— De saída Encravado deve cortar tudo que é de fio — sugere Castigo.

Dito fica ouvindo a conversa dos dois. Sente as reservas de Encravado e a coragem demonstrada por Castigo de Mãe. Tem vontade de mudar Encravado de posição, depois conclui que Castigo é melhor ao volante. E, na hora da arrancada, precisariam disso. Alfinete considera que o plano estava perfeito.

— Resta que cada um estude sua posição, Do contrário vai haver bagunça.

— Não se tem o que errar — afirma Castigo de Mãe.

— É bom se procurar uma Kombi que seja de entregas — sugere Encravado.

— Que tal se arranjar uma com o nome do supermercado? — diz Castigo de Mãe, gozando.

Dito acha graça, Alfinete ri alto.

— Tá mijando nas calças, cara?

Encravado não gosta da brincadeira.

— Todo mundo é valente, agora. Quero ver na hora.

Dito acha correta a prudência de Encravado.

— Não adianta ninguém se aporrinhar, O que se tá dizendo, aqui, é em benefício do plano. Que é arriscado, é. Mas que pode render uma porrada de dinheiro, pode.

— E é o que se precisa — afirma Castigo de Mãe. — Tou precisando tirar umas férias.

— Quanto acha que se pode pegar? — quer saber Alfinete.

— Não tenho ideia. Mas acho que um supermercado daqueles vende quase um milhão aos sábados, Uma comprinha que Dito fez pagou mais de

duzentos. Foi ou não foi?

Dito confirma.

— Acho que vai aí por um milhão e quinhentos. Que se pegue ao menos metade disso já é uma nota firme.

— Dá pra tirar o pé da miséria — acentua Castigo de Mãe, estirando-se no chão.

— Eu mudaria pra uma cidade bem longe — diz Encravado.

— Tua burrice, chapa — afirma Alfinete. — Numa cidadezinha, todo mundo vai ficar de olho em cima. Na primeira nota graúda que puxar, te botam a mão.

Dito acha graça daquelas precauções antecipadas. Sabe que o plano é bom e não deverá falhar. Não pensou no que fazer com sua parte. Uma coisa é verdade. Com o dinheiro nas mãos, compraria o presente de Beth, procuraria Mãe Dolores, pediria que mandasse fazer a sepultura para Pixote, outra para Fumaça. Mereciam ter sua parte. Não diria nada aos outros, pois não queria que rissem de suas ideias. Mas sabia o quanto tinham direito ao dinheiro.

— O caminho, agora, é pegar a mixa, sair por aí — diz Castigo de Mãe.

Dito levanta-se, avança por baixo dos arbustos, retorna com a chave, entrega-a a Castigo. A chave e a lima.

VI

Castigo de Mãe saiu em companhia de Encravado, Alfinete foi procurar Figurinha, Dito ficou estendido no banco. Pensava no plano, em Mãe Dolores, na sepultura que mandaria fazer, no presente de Beth, no corpo de Beth, nas nádegas tão próximas, ele se introduzindo, sentindo-lhe o cheiro bom da pele e do hálito.

Os pássaros saltavam em silêncio nos galhos do oitizeiro, pensava na modificação de Castigo de Mãe, nos medos de Encravado. Como podia ser pé-atrás com uma boa ideia? Desde a morte de Rapadura não parecia o mesmo. Mais cedo ou mais tarde deixaria o bando, sumiria. Não se preocupava com isso, O importante era aquele plano. Depois, cada um podia tomar o rumo que bem entendesse. Ele ficaria com Beth, como ela própria escolhera. Pensava em chegar logo de noite, bater na porta, senti-la

perto. Ali, sim, as horas podiam passar. Cansados, dormiam entrelaçados, sem se incomodar ao menos com o frio que sempre fazia de madrugada. Era evidente que um dia Beth cansaria dele, mas até lá teria vivido bastante. Não se preocupava com o que viria.

Enquanto ideias boas e más passam pela cabeça de Dito, Castigo de Mãe faz uma sugestão a Encravado.

— E se a gente pegar um cara na marra?

Encravado parece não entender.

— Botar ele pra baixo e ficar com a Kombi?

— E a merda que dá?

— Coisa nenhuma! Quem tem medo não sai de casa.

Encravado está alarmado com aquela ideia, ao mesmo tempo sabe que é boa.

— Muito melhor do que abrir um carro, correr o risco de não tirar ele do lugar.

— E pra que lado se pode fazer isso?

— Qualquer um. Tanto faz. Tu chama o careta, pede um cigarro, eu dou uma porrada nele.

Seguem pela rua de movimento, atravessam a praça, o viaduto, chegam ao setor de lojas, aos armazéns, onde eram muitos os veículos estacionados, carregando e descarregando. Prosseguem caminhando, até o ponto em que veem a Kombi com os letreiros na lataria.

— Vai ser aquela — afirma Castigo de Mãe.

Encravado sente o frio percorrer-lhe a espinha.

— Não vai ter grilo.

Chegam perto, Castigo de Mãe conduzindo um caixote para disfarçar, pergunta ao homem baixo e gordo pelo outro carro, o motorista não sabe do que está falando, Encravado mete-se na conversa, o homem procura lembrar-se, Castigo de Mãe não espera, saca do canivete.

— Vai entrando e boca fechada.

O homem esboça um movimento. Castigo arranha-lhe a barriga com a ponta da lâmina, o motorista obedece. As chaves estão no painel, Encravado liga o motor, o carro parte.

— Onde se vai com ele?

— Toca pra frente — diz Castigo de Mãe.

A Kombi atravessa pistas de movimento, avança pelo túnel, sobe e desce viadutos, o motorista diz que estão complicando a vida, Castigo de

Mãe acha graça.

— Não se gosta de conselho, cara. Pode ficar com eles. Nossa vidinha tá muito certa, até o dia que acabar.

VII

A patota está de novo reunida. Figurinha conta a história que interessa a Dito e Alfinete. Encravado palita os dentes, Castigo de Mãe fuma, tenta fazer letras, cada vez que sopra a fumaça do cigarro.

— E como é esse Galego? — quer saber Dito.

O garoto se atrapalha na explicação.

— Não sei bem. O Edu é que conhece ele.

— Quando precisar o Edu leva a gente até lá?

— Ora se leva, Pixote era chapa dele — responde Figurinha.

O garoto termina de falar, Encravado diz que a Kombi já estava pronta.

— Castigo teve uma ideia genial. Tomar o carro na marra.

— E deu certo? — indaga Dito.

— Tá parada perto do aeroporto. Num pedaço que ninguém vai procurar.

— Novinha em folha, com letreiro e tudo.

Dito procura saber o dia em que estavam, nenhum deles sabe ao certo, Alfinete vai correndo até a banca de jornais. Volta dizendo que era quarta-feira.

— É tempo à beça. É melhor mudar a Kombi de lugar, amanhã.

— Cada dia se bota numa parte, Assim, tão cedo não vão achar — explica Dito.

Tira o papel do bolso, torna a examinar o plano.

— Alfinete e Figurinha ficam do lado de fora. Castigo de Mãe ao volante, eu e Encravado arrochamos o gerente.

— Vai precisar de uma boa arma — considera Castigo de Mãe.

Dito puxa o revólver, tira a trava, rola o tambor.

— Este aqui ainda não falhou fogo.

Torna a guardar a arma, Castigo de Mãe promete emprestar o canivete a Encravado. Além disso ele fala na garrucha que receberia no dia seguinte.

Figurinha prossegue recordando os dias que passou detido, o preso que falava em Galego.

— Estourou duas garotinhas e ficou por isso mesmo. Foi levado na delegacia mas terminaram limpando a barra.

— Quando se acabar o serviço no supermercado, vou pegar esse Galego — afirma Dito.

— Vou contigo — diz Castigo de Mãe. — Pixote era chapa meu também!

Dito fica satisfeito com a demonstração de solidariedade. Recorda os maus pensamentos que tivera em relação ao colega, não sabe se foram motivados por excesso de desconfiança ou se Castigo de Mãe estava se modificando também.

— Domingo quero entrar numa boa. Vou convidar Sueli para ir a Búzios — afirma Alfinete, sem muito propósito.

— Aquilo ali é uma parada. Tá sempre cheio de tira — explica Encravado.

— Então fico por aqui mesmo, papando a Sueli — diz Alfinete, que não se mostra preocupado. — Assim o dinheiro demora mais pra acabar.

Olha para Dito, pisca um olho, o companheiro não parece incomodado, nem se abre em relação a Beth. Era o que Alfinete gostaria de ouvir. Bem sabia disso. Imagina a cidadezinha para onde levaria Beth, depois a volta a São Paulo. Poderia abrir uma oficina de consertar bicicletas, não teria mais com o que se preocupar. Viveria como Alemão. Com o pouco dinheiro que recebia, sem se meter em complicações.

Logo que principiou a escurecer, Dito foi novamente à casa de Beth. Não estava, ficou sentado na calçada em frente, esperando que aparecesse. As pessoas que passavam pareciam admirar-se de ali estar. Mas não se incomodava com isso. Não estava criando qualquer espécie de problema. Gostava de sentar no meio-fio, ficar horas apreciando o movimento, como agora. Os carros subiam e desciam, paravam no sinal, Aí veio o táxi marrom, de lanternas acesas. Beth saltou, acompanhada de um cara que passou o braço nos seus ombros. Dito sentiu o sangue esquentar, os olhos avermelharam, a cicatriz no supercílio começou a doer. Viu-os distanciar-se no casarão e desaparecer. Não tinha estômago para aguentar uma coisa daquela. Vai ver que a cadela diria ao cara as mesmas coisas que havia contado a ele. Como é que se pode acreditar nela? Está perturbado. Lembra-se de Alfinete e Castigo de Mãe.

— Só quero saber delas pra trepar, nada mais!

Provavelmente, estavam com a razão. Mas Beth não lhe dissera que trocava de vida. Afinal, o que poderia fazer, de uma hora para outra? Tentou conformar-se, a vontade de bater na porta, interromper aquele romance. Ao mesmo tempo poderia ser pior. Não queria vê-la agarrada com aquele desconhecido. Iria para bem longe e tão cedo não retornaria. Só quando tivesse dinheiro bastante para propor-lhe nova vida, Ou ficava com ele ou se juntava com os que passavam nas ruas. De qualquer forma era importante falar aquela noite com Beth e colocá-la a par do seu plano. Não ia admitir semelhante coisa. Alfinete podia levar essa vida, porque não gostava de Sueli. Ele não. Achara Beth uma garota bacana, que parecia compreendê-lo, que o tratava com ternura. Não permitiria que se entregasse a qualquer um. Caminhou pela rua movimentada, os olhos ainda quentes, chutou a lata de lixo, atravessou na frente dos carros, entrou no bar, imaginou pedir uma cachaça mas sabe que o negociante não serviria. Na pracinha, onde os ônibus paravam, demorou-se apreciando os que saltavam e embarcavam, os carros que vinham vagarosamente, motoristas tentando dar carona às moças. Embora procurasse disfarçar, na realidade continuava com o pensamento em Beth. Seu corpo nu, os seios róseos, as nádegas mornas, a barriga lisa. As mesmas palavras que lhe dissera sendo ouvidas por um tipo que nunca vira. Não iria mais voltar lá.

VIII

Desde cedo reuniram-se debaixo dos oitizeiros. Castigo de Mãe estava com a chave da Kombi. Para manter o carro livre da fiscalização, mudou-o várias vezes de lugar. Agora, permanecia estacionado numa rua transversal, não muito distante. Dito explicava mais uma vez a posição de cada um deles.

— Primeiro eu salto, faço o portão abrir.

Alfinete mostrava-se interessado, Encravado fazia perguntas, Castigo de Mãe parecia não ter dúvidas.

— Não precisa ninguém se afobar. Se a coisa apertar, seguro um dos caretas, ele sai na nossa companhia.

— Essa chuva é que não ajuda — reclama Castigo de Mãe.

— Que é que tem?

— Fica mais difícil dirigir em velocidade. Principalmente na merda de uma Kombi.

— Não se precisa de um longo passeio. No primeiro descampado a gente salta e se manda — explica Dito.

Caminham ao encontro da Kombi. Encravado e Dito vão ao lado de Castigo de Mãe. O carro põe-se em movimento, Alfinete parou com os gracejos. Dito percebe que estão todos nervosos.

Na esquina, com vários guardas de trânsito, o sinal fecha. A Kombi para. Castigo de Mãe não tira os olhos dos policiais. Dito está ansioso para que o carro prossiga, Encravado ficara tão nervoso que não tinha jeito de falar. O sinal abre mas o carro à frente não arranca. Um dos guardas aproxima-se, outros veículos buzina, Castigo dá um pouco de ré, prossegue. Dito e todos os outros sentem-se aliviados.

— Gostei de ver o sangue-frio — afirma Dito, o que deixa o companheiro envaidecido.

— Uma mancada e a gente ia no grampo.

Encravado diz não estar nervoso.

— Sempre fico assim, antes de começar alguma coisa. Depois esquento.

Alfinete volta a sorrir, Figurinha mantém-se calado, até que a Kombi faz a volta no canteiro florido, entra pela rua de arborização fechada, passa pela avenida com o canal no meio.

— É lá!

A Kombi continua a avançar, contorna o supermercado, com muitos carros estacionados, entra pela rua lateral, aproxima-se do portão. Dito salta, aciona o botão. Retorna à Kombi, antes de acomodar-se as laterais do portão põem-se a afastar-se, lentamente. Castigo de Mãe acelera, o galpão é amplo, passam pelas pilhas de caixas e sacos, estacionam perto da escada. Antes que o portão torne a fechar Figurinha e Alfinete tratam de escapar.

Dito e Encravado dão uma última olhada nas armas, saltam, sobem rapidamente os degraus. Agora, estão no escritório. Dito entrou primeiro. Seguiu pelo corredor, até o salão. Nota que há menos funcionários e o próprio caixa não estava. Teme que dê tudo errado, face àquela mudança, mas sabe que, de uma forma ou de outra, o supermercado tinha dinheiro. Encosta-se no balcão, um tipo ainda jovem pergunta o que deseja. Quando se aproxima, saca do revólver, Encravado pula para dentro, outros dois são surpreendidos.

— Quero o dinheiro!

— Aqui não há dinheiro!

Dito não esquentava, não se agita. Ergue o gatilho.

— Azar teu!

O homem apavora-se, levanta os braços.

— Só há dinheiro nas caixas, lá embaixo.

— Vamos dar uma olhada por aqui.

Dizendo isso empurra-o para o quadrado fechado com tela.

— Abre as gavetas. Quero ver. Se fizer um movimento errado te queimo.

O homem puxa a primeira gaveta, lá estavam os maços de notas. Dito não consegue conter-se de indignação. Por pouco aquela mentira não o prejudicava. Aplica-lhe uma pancada na cabeça. O homem cambaleia, bate-lhe com o joelho na altura do estômago. Aí, arrepende-se de não ter trazido uma sacola. Pega a toalha que está no espelho de uma cadeira, vai botando nela os maços de notas. Esvazia a primeira gaveta, depois abre as outras. Estavam limpas. Olha o cofre de lado, mas acha que agora o tempo é pouco. Não deveria demorar-se. Vem para a mesa onde Encravado mantém dois funcionários na mira da garrucha, manda que abram as gavetas. Um deles obedece. Aparece mais um pouco de dinheiro. Pensa em insistir no cofre, preocupa-se com o tempo e com o terceiro homem que poderia reabilitar-se a qualquer momento.

— Vamos andando pro banheiro!

Dito dá essa ordem mas ele próprio não sabe se caminha ou se obriga o homem que levou a pancada na cabeça a abrir o cofre. Acredita tratar-se do gerente, as chaves estariam com ele. Manda Encravado segurar a barra, volta ao careta que principia a mover-se. Sacode-o.

O tipo não entende o que fala ou finge não entender. Bate-lhe na cara, o homem ergue-se, tentando reação, aproxima a arma.

— Abre o cofre. Não vou repetir.

Abaixa-se, tira umas chaves do bolso, depois aciona o segredo, a pesada porta se abre.

— Agora, vamos pro banheiro.

Dito já viu que há mais dinheiro do que poderia imaginar. Nunca vira tanto em toda sua vida. Empurram os funcionários para cima do vaso sanitário. A chave não quer fechar, Encravado pega a que está na outra porta, a fechadura estala, a porta está trancada. Voltam correndo até o cofre,

Dito percebe o nervosismo de Encravado, ele próprio está um tanto afobado. Parece já ter demorado excessivamente naquela tarefa, as orelhas ardem, a cicatriz por cima do olho dói.

Encravado afasta a porta com o pé, Dito põe os maços de notas sobre a toalha. Pegam nas pontas do pano, como se fosse uma trouxa, vão na direção da escada e da Kombi. Não percebem qualquer movimento errado no galpão. Castigo de Mãe torce a chave na ignição, o carro embucha. Tenta, apressadamente, a religação.

— Puxa, que merda!

Dito procura manter a calma. O portão começa a abrir-se. Exatamente como o combinado com Alfinete e Figurinha. Agora, estão todos nervosos. Pensam em sair correndo simplesmente, antes que o portão voltasse a fechar. Dito teme atravessar toda a extensão da área coberta, sem qualquer proteção. Encravado é de opinião que devem sair da Kombi. Castigo de Mãe aciona de novo a chave. O motor responde. Há um momento de euforia.

— Depressa que o portão tá fechando — grita Encravado.

Dito percebera isso mas não queria assustar o motorista. A Kombi prossegue o mais rapidamente que pode. Todavia, o espaço entre uma parte do portão e a outra era pequeno. Mesmo assim talvez ainda desse para passar. Aí ouvem-se os tiros de metralhadora, o espocar das balas na Kombi. Castigo de Mãe dá um golpe de direção, bate no portão, as folhas param de avançar mas o carro está preso e uma das portas não abre. Castigo de Mãe arranca o para-brisa com os pés, salta pelo lugar do vidro, Dito vê quando recebe a rajada, de frente. Os guardas haviam se colocado também na rua lateral. Encravado tenta a fuga, é atingido na cabeça.

Os guardas chegam perto, armas apontadas, Dito vê tantas coisas em tão poucos segundos: Pixote caindo e levantando no chão de terra do cemitério, Caramelo o empurrando para junto dos marginais, Mãe Dolores chorando por Fumaça, Beth idealizando a vida que jamais teriam. Vê também a cara do homem que espancara. Parece transtornado. Tinha a camisa manchada de sangue e estava à frente de vários outros. Os elementos da segurança do supermercado terminam de abrir o portão, puxam a Kombi para trás. Um deles arranca Dito do assento. O homem que tinha pingos de sangue na camisa aproxima-se. Está mordendo os beiços de raiva. Aplica-lhe a primeira bofetada, a segunda, a terceira, outros batem-lhe nas costas e no estômago, um acerta-lhe na testa com o cano da metralhadora. O galpão

começa a girar, as pessoas. Sente profundo sono e como que se atira num mergulho, até as profundezas do lago. Tudo à sua volta fica frio, não vê mais os companheiros, além da imagem que grava de Castigo de Mãe segurando a barriga, quando as balas começaram a espocar.

IX

Acorda na manhã distante, de chuva intensa e lâmpadas acesas. Procura situar-se, vê homens e mulheres de roupas brancas a movimentar-se. Chamam visitas que Dito não pode distinguir, Quando estão perto, reconhece-as; Roxão e Caramelo.

— Já pode ir com a gente, doutor?

O médico manda que aguardem um pouco, enquanto reexamina papeletas. Dito imagina o desperdício daquilo tudo. Sabia bem o que ia lhe acontecer. Todo o tratamento que recebera ali de nada adiantaria. Antes de descer da cama sente o esparadrapo na testa, os ferimentos no peito, o rasgo do lado direito das costelas. Dá os primeiros passos com dificuldade. Roxão olha-o com ar de riso.

— Vamos botar a roupa — diz o enfermeiro.

Arrasta-se para trás do biombo, Caramelo segue-o. Enfia as calças e a camisa com dificuldade, pede os sapatos.

— Tolice. Não vai precisar disso — afirma Caramelo.

Dito desiste do pedido, o enfermeiro parece não ter ouvido. Seguem pela passagem ampla, entre as camas de um e do outro lado, o janelão dos fundos, a luz entrando naquele silêncio de pessoas e paredes brancas. Perto da saída Roxão prende-lhe os pulsos com as algemas. Descem umas escadas, saem do pátio onde há troncos de árvores cortados e montoeiras de entulhos. As portas traseiras do camburão se abrem, empurram-no para dentro.

Segura-se nas beiradas do banco transversal, o carro dispara, entra velozmente nas curvas, aumenta de velocidade e freia, torna a arrancar. Sabe perfeitamente que está sendo levado de volta à delegacia, onde se avistaria outra vez com o dr. Mauro. Ali

seria seu fim. Recorda-se de Castigo de Mãe segurando a barriga, as pernas fraquejando, vê Encravado desmaiar, o sangue descendo-lhe nas

costas, sente inveja de que tenham se acabado tão rapidamente. Fecha os olhos, abre, vê Beth abraçando-o, vê a mulher morena no velório de Fumaça, os santos de Mãe Dolores, ela implorando ajuda de Iemanjá.

Dito não está revoltado, nem amedrontado. Na primeira chance que tivesse, procuraria matar-se. Era a maneira que tinha de escapar. Antes, gostaria de surpreender o dr. Mauro, como pudera fazer com Cristal. Toda aquela lábia, todas as enrolações, os projetos, sem nenhuma razão de ser. Com o delegado não seria diferente. São iguais em tudo. Cristal praticamente nu, os tufos de cabelos nas costas, as promessas e as mentiras. Como era mentiroso! Até no final e ainda se julgava no direito de inventar coisas.

Após várias horas de viagem as portas tornam a abrir-se, Roxão manda que desça. Ao pular do carro, recebe o primeiro soco, cai, Caramelo pisa-lhe em cima do ferimento nas costelas.

— Levanta, garotão. Não faz corpo mole que aqui ninguém é trouxa.

Os policiais que estão na entrada do prédio acham graça. Roxão pega-o pelo cós da calça, põe-se a arrastá-lo, enquanto Dito procura equilibrar-se e não consegue, até cair.

— Que é que andou fazendo? — pergunta um dos homens na porta.

— Umas coisinhas por aí — responde Caramelo.

Empurram Dito sobre o banco, Roxão passa para o lado de dentro onde há o balcão, senta-se em frente à máquina, bate uma ficha. Entra com a ficha numa sala, depois sai. Caramelo manda que levante. Caminham pelo corredor que vai ficando escuro. Uma porta se abre, Dito está numa sala ampla, com pilhas de jornais velhos arrumados a um canto, no outro, materiais de limpeza. Caramelo desaparece e quando retorna traz duas cadeiras.

— Dr. Mauro já vem.

Roxão fecha a janela, acende a luz.

— Não vai ser mole, garotão. O homem tá tinindo pra te botar a mão.

Caramelo remexe por trás do monte de jornais, retira as cordas de nylon. Joga perto de Dito. A porta torna a abrir-se, entra o grandalhão, de bigodes. Está com uma capa comprida e parece irritado. Fica parado na frente de Dito.

— Tirem a roupa, amarrem ele na cadeira.

Roxão incumbe-se da ordem.

— O doutor acha que não pode fazer esforço.

Roxão diz isso e todos acham graça.

— Já vamos ver.

Dito está nu, o ferimento nas costelas coberto com gaze e esparadrapo. O delegado segura com os dedos grossos na ponta do esparadrapo, puxa de uma só vez.

— Vamos começar por isso. Não vai precisar ficar bom.

Dito solta um urro, curva-se.

— Arrebenta esses pontos, Roxão.

O crioulo diz que vai procurar uma tesoura.

— Tesoura porra nenhuma, cara — diz o delegado. — Isso a gente estoura no dedo mesmo.

E, para dar o exemplo, segura um dos pontos, puxa-o com a unha. Dito estremece, grita, tenta erguer-se.

— Deixa de fita que isso não dói tanto assim.

Os pontos são arrancados, o sangue escorre.

— Acaba o resto, Roxão.

Caramelo traz o lenço, amarra-lhe na boca.

— Quero esse buraco aberto de novo.

As costelas e as pernas de Dito estão ensanguentadas. Caramelo pega de um lado do esparadrapo na testa, puxa. O garoto não sabe o que dói mais, não pode mexer-se, os gritos que dá não são ouvidos, o chão ao redor da cadeira vai ficando cheio de pedaços de gaze, algodão e esparadrapo, além de pingos de sangue.

Quando a retirada dos curativos está quase concluída, dr. Mauro manda Caramelo tirar a mordança.

— Quem te mandou acabar com dona Débora? Fala que desta vez vou acabar contigo. Não vai conseguir escapar.

Dois crioulos entram com a mesa e a máquina de escrever. O delegado manda que deixem perto da montoeira de jornais, onde a lâmpada era mais clara. Caramelo se apressa em levar uma das cadeiras para junto da mesa.

— Senta lá, Roxão. Vai anotando a história que nosso amiguinho vai contar.

Dizendo isso, dr. Mauro aplica um murro por cima do ferimento que Dito tem na testa. O sangue aumenta.

— Bota papel na máquina. Ele tá doido pra falar.

Dito repete a história que já dissera tantas vezes. O delegado não acredita mas Roxão continua a escrever, as pancadas o atingem na cabeça,

nas costas e no rosto, principalmente nas costelas, por cima do ferimento.

— Isso é mentira. Quero fatos — repete o delegado.

Dito chora, o sangue tinge-lhe completamente as pernas, escorre para o chão.

— Algum traficante te mandou acabar com a dona. Isso é que se quer saber.

Dito não tem o que dizer, sacode apenas a cabeça, não declara a morte de Cristal, não fala da vontade que tinha de acabar com todos eles. Sente que não adiantava dizer mais nada. Tanto fazia falar como ficar calado, apanharia do mesmo modo. Caramelo retira um pedaço de cabo de vassoura que tinha por trás da pilha de jornais, começa a bater-lhe nas costas.

— Deixa esse bicho apostemado. Quando cansar, tira ele da cadeira.

O delegado está um tanto decepcionado. Não conseguira arrancar do pequeno mais do que ouvira da vez anterior.

Caramelo cumpriu as determinações.

— Limpa o sangue do couro dele com jornal e joga no xadrez. Bota no 152 que é mais concorrido. Depois vai ter uma surpresa.

Dito mal se aguenta nas pernas. Caramelo esfrega-lhe folhas de jornal no rosto, nas costas e nas pernas. Segura-o por um braço, Roxão pelo outro, levam-no para o xadrez. O carcereiro abre a porta, empurram-no para dentro. Está tão machucado que os prisioneiros sentem-se penalizados. A princípio, nenhum deles ousa dizer nada, ou fazer qualquer brincadeira, embora o garoto tenha caído de costas e esteja completamente nu. O homem mais velho, de cabelos já grisalhos, curva-se sobre Dito. Outros dois arrumam folhas de jornal num canto, puxam-no para cima dos papéis.

— Esse não vai aguentar muito tempo.

Dito continua a sangrar, está praticamente desacordado. Quando começa a escurecer e as tigelas cheias de uma água suja passam de mão em mão, ainda não acordou, O prisioneiro de cabelos grisalhos traz sua tigela até junto dele. Aproxima-lhe da boca, Dito não faz qualquer movimento. Tarde da noite põe-se a gemer, na manhã seguinte está completamente inchado. Alguns presos chamam o carcereiro. O velhote gordo manda que afastem da frente para poder espiar através das grades. Estica-se, não vê nada de grave.

— É assim mesmo. Levou uns cascudos, tá com dengo.

O crioulo musculoso enfia o braço pela grade, na tentativa de acertar o carcereiro. Este puxa do apito, chama o pessoal de choque, Três ou quatro

soldados aparecem, as metralhadoras apontadas para dentro do xadrez. Os prisioneiros colam-se nas paredes, a calma volta a reinar.

Na tarde desse dia o organismo de Dito pôs-se a reagir. Abriu os olhos, viu aquela porção de homens encarando-o. Um sorriu, o mais jovem tirou as calças, o short, ofereceu-lhe. O de cabelos grisalhos pôs-se a vesti-lo. Dito queria agradecer mas não sabia como. Fez apenas um leve aceno de cabeça. Na hora em que vieram os homens com as tigelas de lavagem, que chamavam sopa, um dos presos pôde ocultar a colher. Passou-a ao de cabelos grisalhos e este, pacientemente, colocou algumas colheradas da água suja e quente na boca de Dito.

— Se algum dia sair daqui, não deixa mais que te ponham a mão. É preferível morrer.

Sentia-se grato àquele camarada e não sabia ao menos seu nome. Queria agradecer ao que lhe dera o short e não podia mover-se.

X

Na segunda semana Dito apresentava melhora razoável. O prisioneiro de cabelos grisalhos conseguira uma pequena lata de conserva e nela fervia água para lavar as feridas. O velhote da limpeza deixou um resto de creolina. O prisioneiro embebia trapos na água quente, lavava as feridas, depois aplicava a creolina. Um outro rasgara a camisa e mantinha os ferimentos cobertos, a fim de evitar as moscas. Daquele dia em diante Dito sentia estar de fato recuperando-se. Foi quando passou a ter conhecimento dos companheiros e até dos que lhe eram indiferentes. O homem de cabelos grisalhos chamava Tio Zé, o rapaz do short, Gabriel, o crioulo magro que rasgou a camisa era o Fantasma e Tintureiro o outro que quis dar um soco no carcereiro.

Gabriel tossia frequentemente e Tio Zé lhe dissera que estava ficando tuberculoso.

— Outro dia já levaram dois daqui. Agora é ele. Depois serei eu ou um dos companheiros. Tão mesmo querendo acabar com a gente. Na maciota, sem ninguém perceber.

O rapaz sentava-se a um canto, apoiava o queixo nos joelhos magros, tossia. De noite era pior. Dito arrepende-se de ter contribuído para que

ficasse sem a camisa. Aproxima-se dele para devolver-lhe os trapos. Fez apenas um leve ar de riso.

— Não adianta. Fica pra ti. Já tou meio caminho andado.

Tintureiro ouvia aquela conversa e não gostava.

— Antes que acabem comigo vou arrebentar os cornos de uns dois. Se pegar uma faca, degolo o primeiro que se atravessar na minha frente.

Durante três dias o velhote da limpeza não aparecia. A boca de boi havia entupido e transbordava. O cheiro de fezes exalava dentro da cela. O próprio carcereiro que passava frequentemente pela galeria reclamava.

— Raça dos infernos!

Depois desaparecia, achando graça. Os prisioneiros não diziam nada. Esperavam a oportunidade de pegá-lo perto das grades. Quando menos esperasse. Mas esse dia estava custando a chegar e Gabriel mostrava-se pior.

Tio Zé demorava-se sentado ao lado de Dito, Às vezes falava do seu tempo de menino. Das brincadeiras que fazia no interior. As corridas atrás dos bichos, nas campinas.

— Eu gostava da vida livre. Sempre gostei. É o que mais me entristece.

Dito queria perguntar-lhe alguma coisa, fazer considerações, não se sentia encorajado. Preferível ficar apenas olhando aquele tipo de ar bondoso, rugas marcando-lhe as bochechas.

— Se conseguir sair dessa, volto pro interior. Pra bem longe. Arranjo uma casinha num pedaço de terra e por lá fico.

— E tu acha que por lá eles são melhores? — indaga ironicamente Tintureiro.

— Sei lá. Parece que as pessoas se dão mais.

Dito não sabe como a indagação lhe escapa.

— Por que tá aqui, Tio Zé?

— Dessas doideiras que dá, filho. Dá e não se explica. A vida cada vez mais difícil, as contas azucrinando o juízo, os filhos doente, a mulher doente, o despejo marcado. O que se ganha num mês não dá pra gastar num dia. Daí pra querer botar a mão no que não é nosso não custa. Foi o que aconteceu. E deu tudo errado. Não sei o que foi feito do meu povo, nem o que vai ser de mim. Já não espero nada. Entreguei tudo a Deus.

A crise de tosse de Gabriel torna-se pior, Tintureiro faz um comentário.

— Hoje, esse pobre não vai poder dormir; nem a gente!

— E você, como veio parar nestas bandas? — pergunta Tio Zé a Dito.

— Já fiz uma porção de coisa errada e tudo começou porque dei uma de otário. Acreditei num pilantra que me entregou de mão beijada.

— E cadê esse cara? — indaga Tintureiro.

— Tá no inferno. Despachei ele.

Tintureiro mostra os dentes, Tio Zé continua sério.

— A morte não conduz a nada.

— Não sei, não. Mas livra a gente dessa raça.

Dito sente, após muitas semanas, um certo vigor. O sangue parece mais quente nas veias, as orelhas voltam a arder, os ferimentos doem.

— Quando sair daqui, se sair, vou matar uma porção de tipo ordinário.

— Se a situação melhorar é possível que pense diferente — argumenta Tio Zé.

— Tá enganado. Eles querem acabar com a gente.

Tintureiro torna a sorrir da disposição do garoto.

— O negócio é esse!

— O senhor não viu o que fizeram com Pixote, Manguito, Fumaça e todos os outros.

Tio Zé pedia explicações a respeito dos companheiros que Dito citava e este, por sua vez, não se sentia no dever de acrescentar mais coisa do que dissera.

Era exatamente aquilo. O garoto prosseguia falando, Tintureiro dando-lhe apoio, Tio Zé olhando pelas grades, o outro lado da galeria sombria, os olhos de Dito avermelhando de ódio. O homem de cabelos grisalhos foi chamado à atenção para uma afirmação de Dito e, por uns momentos o temeu. Não sabia como aquele pequeno que vira tão calado, tão entre a vida e a morte, podia estar de tal forma carregado de ódio.

— Se tivesse condição, acabava com eles na base do azeite quente. Pra que se lembrassem de tudo que fizeram.

— É isso aí, Tio, o garoto tá coberto de razões — afirmava Tintureiro. — Bagunçaram o coreto dele e agora é um revoltado.

— Sabe quantos nós éramos neste xadrez? — indaga Gabriel, um pouco melhor da tosse. — Uns dezoito. Uma semana depois, dois foram para o interrogatório e não voltaram. Um caiu de febre e também sumiu. Quatro saíram daqui tuberculosos. Agora, é minha vez. Com mais uma semana ou duas, desapareço.

Dito fica ouvindo aquela conversa. Tio Zé quer interceder, não tem o que afirmar. Reconhece que qualquer palavra será inútil.

— Só se tem um caminho: apegar-se com Deus. Pra ele não há culpado nem inocente!

Dito faz um risinho de descrença, Gabriel tem novo acesso de tosse, o carcereiro aparece para dizer que a boca de boi ia ser limpa com jato d'água quente, mas isso só aconteceria no dia seguinte e era capaz de todo mundo terminar sujo de merda. Dizia essas coisas e sorria, enquanto os prisioneiros o olhavam através das grades.

XI

Bem escuro ainda, os homens chegaram com a mangueira. Meteram o bico de metal por entre as grades, abriram com força. O jato de água quente bateu no chão e nas paredes, os presos defenderam-se como puderam, Gabriel ficou parcialmente queimado, Tintureiro empurrou Dito de lado, o fedor de fezes aumentou, a água encheu o xadrez, as duas lâmpadas no teto acenderam, depois a merda foi desaparecendo, os presos mudaram de lugar diversas vezes e o jato d'água caía forte. Uma outra mangueira foi ligada, esta com água fria.

— É hora de banho, canalha! — gritavam os soldados que controlavam os jatos.

E, desta vez, não ficou um só preso que não se tenha molhado todo. O carcereiro aparecia por trás dos soldados, ria, batia palmas.

— Tavam precisando mesmo de um banho!

Durante horas ninguém pôde sentar-se porque o chão continuava encharcado e tinham esperança de que, em pé, as roupas no corpo secassem mais depressa. Nessa manhã também não houve café. O pessoal da cozinha esqueceu do xadrez 152, porque os presos iam ser mudados, para fazer limpeza. Mas não havia o que reclamar. Apenas os mais velhos, ali, disseram algumas piadas ao carcereiro e receberam outras em resposta.

— O café é de graça. Se dá quando quer!

Por volta das nove horas, apareceram o delegado Mauro, Caramelo e Roxão. O dr. Mauro tinha o paletó aberto e mostrava o cabo do revólver no coldre. Roxão estava de camisa estampada e boné de feltro. Caramelo vestia um terno claro, bastante surrado. Era alto e apresentava certa corcova. Falava macio e, por isso, seu nome era Caramelo. O delegado alisava os bigodes e parecia alegre. Aproximou-se das grades, gritou:

— Olha aí, pessoal. Finalmente, boas notícias.

Os presos permaneceram imóveis, Nunca tinham visto aquele policial tão eufórico, Sabiam que coisa boa não era.

— Tá decidido o seguinte: vou abrir a porta, pra que iniciem um jogo. Quem for empurrado daí de dentro pra fora, vai pra solitária. Quem

aguentar o rojão, muda de xadrez e ganha almoço e jantar todo dia.

Houve um certo murmúrio entre os presos.

— Atenção! — tornou a bradar o delegado. — Quem tentar fugir, a ordem é pegar com cachorro.

Meteu a chave na fechadura, abriu, entregou-a ao carcereiro.

— Como é, não entenderam a brincadeira?

O único cara que se engraçou a tomar iniciativa foi contido pelo braço forte de Tintureiro. O delegado mostrava-se surpreso.

— Que é que há? Não tão acreditando no que digo?

Novo silêncio, Roxão olha o dr. Mauro, Caramelo faz uma careta.

— Pois então vamos partir pro sério.

O delegado chama o carcereiro e dois guardas.

— Traz o pessoal da 18 pra cá. Aí fica melhor. Quero ver o que vão fazer.

Os presos aparecem, andando em fila. O próprio delegado abre a porta.

— Mandei buscar vocês pra fazer um jogo. Xadrez 18 contra o 152.

Quem se aguentar aí dentro vai ter um mês de almoço e jantar. Quem for cuspidado pra fora debanda. Não é mais problema meu.

Os homens que acabaram de chegar lançam-se à agressão. Um deles é forte, pega Tio Zé pelos cabelos, bate-o contra a parede, o outro mais baixo segura o garoto, um terceiro bate com a cabeça de Gabriel contra as grades, o crioulo gorducho puxa Dito pela perna. A porta se abre pela primeira vez, Tio Zé é lançado de costas na galeria. Os policiais tratam de segurá-lo, colocam-lhe algemas nos pulsos. Depois é a vez de um tipo bastante idoso. Tintureiro soca furiosamente o cara forte, mas termina dominado. O careta aplica-lhe uma chave de cintura e pouco a pouco ele sente perder as forças. Finalmente, com um golpe de calcanhar, acerta o gigante nos ovos, ele se curva, recebe uma cutelada no pescoço. Todavia não está derrotado. Tenta agarrar-se, pega a lata que Tio Zé usava para esquentar água, achata-a, tenta transformá-la numa arma. Tintureiro parte para a cabeçada, desmonta o cara de costas. Outros grupos agarram-se, o mulato que não fala nunca está socando dois tipos bem fracos, arrasta-os na direção da porta, joga-os na galeria.

Tintureiro salta com os calcanhares nos rins do gigante, ele berra, bate-lhe com a cabeça no chão. Puxa-o para fora do xadrez. O delegado não está satisfeito com a demonstração do crioulo. Ordena que os policiais entrem e acabem com ele. Aparecem quatro tipos enormes. Tintureiro tenta defender-

se, é dominado, as borrachadas cantam na cabeça e nos ombros. Finalmente é arrastado e posto nas algemas. No mesmo instante Dito também é jogado do lado. Está com o rosto ferido, bota sangue do nariz.

— Quem tiver caído aí dentro tem de vir pra cá — afirma o delegado.

Os soldados encarregam-se de puxar os que estão desacordados. Eles próprios não entendem aquela providência. O pequeno grupo é posto de pé, Tio Zé está mancando.

— Não quero pilantra engordando na minha delegacia. Leva todos eles pro 96.

O carcereiro vai na frente, alguns soldados atrás, depois os presos e finalmente outros soldados e os cães. Dito não tem a menor ideia do que possa acontecer, O xadrez é um quadrilátero de paredes de cimento, com apenas a pia e a boca de boi. Não há camas, nem folhas de jornais para forrar o chão.

— Aqui, vão gramar — afirma o carcereiro. — Doutor delegado tava de olho em vocês.

Tio Zé fica acompanhando a falação daquele indivíduo e chega a imaginar que se tratava de um lunático. Não tem o que comentar, nem adiantaria. Tintureiro limpa o rosto com as costas da mão. Gabriel está que não se aguenta de dor, Dito continua a sangrar pelo nariz. De qualquer forma dá-se por feliz: foi o que menos apanhou em toda aquela sessão de pancadaria.

Na hora do almoço o pessoal passa com a boia, não para no 96.

— A turma daqui tá de quarentena. Comeu demais.

Prosseguem empurrando o carrinho e rindo. Tintureiro sabe que vão apertar a corda, Gabriel apenas tosse e já não sente fome alguma. No final da tarde Dito fica pensando na possibilidade de escapar dali. Procura com os olhos alguma coisa com que possa mexer na fechadura e não acha. Imagina um plano, que atraia o carcereiro, mas nenhuma ideia lhe ocorre.

O estômago roncava de fome, a noite começava a cair, o xadrez 96 era bem mais quente que o 152. Tintureiro sentara-se encostado a uma parede, recordava a briga com o grandalhão.

— Por incrível que pareça, ainda tou um pouco em forma!

Tio Zé faz um sorriso vago, Dito não tem o que dizer, Gabriel apenas tosse, tapando a boca para não incomodar os outros.

— Tão planejando alguma coisa ruim pra gente — afirma Tio Zé.

— É só o que fazem.

Muito tarde, quando a prisão mergulhara no silêncio, ouviram passos na galeria. Encostaram-se nas paredes, Eram policiais com lanternas e cães amestrados. Um deles chamou pelos números, foram se aproximando da porta.

— Vamos lá que a viagem vai ser grande.

Focavam as lanternas, os cães estavam junto às pernas de Dito. Não deram mais uma única palavra, até chegar ao camburão. O tipo baixo e forte, de blusão fora da calça, abriu a porta. Percebeu logo que havia outros no carro. Gabriel continuava a tossir. A viatura arrancou, fazendo cantar pneus, passou mais de uma hora rodando. Aí tornou a parar. Havia soldados segurando metralhadoras e um ônibus mais à frente.

— É pra lá, cambada — tornou a gritar o homem de blusão.

Formou-se uma espécie de fila, Dito ficou olhando aquela porção de garotos. Só agora podia ver que uns eram de sua idade, outros bem pequenos, como Pixote e Fumaça. Os mais velhos deveriam ser da idade de Gabriel. Não fazia a menor ideia do lugar para onde estavam seguindo. Imaginava, no mínimo, que fosse uma colônia agrícola, como a que estivera no Rio. Mas, para que se preocupar? Para bom lugar não estavam mandando aquele ônibus.

Chegou sua vez de entrar. Gabriel tinha sido empurrado na frente. Continuava a tossir e isso já estava irritando alguns policiais. Um deles, pelo menos, berrava para que parasse.

Era um ônibus comum, mas os vidros das janelas estavam recobertos pelas cortinas. Os policiais que mantinham a vigilância haviam feito uma advertência:

— O primeiro que abrir as cortinas leva porrada.

Por isso ninguém se atreveu a mexer nelas. Alguns cães também entraram. Os policiais que se amontoavam na parte de trás falavam alto e riam. Alguns contavam lorotas. O motorista fechou a porta que separava a cabine do resto do carro. O motor foi ligado e o veículo pôs-se em movimento. Embora conhecesse bastante São Paulo, Dito não sabia por onde estavam. Procurou localizar Gabriel, não conseguiu. Ouvia de vez em quando apenas seus tossidos. No banco da frente estavam três garotos que não deveriam ter mais de seis, oito e doze anos. Pareciam quietos e bastante assustados com a viagem àquela hora. Dito tinha quase certeza de que todos estavam nos xadrezes da delegacia do dr. Mauro e, como ele e Gabriel, haviam sido tirados para aquela viagem.

Quando o ônibus havia rodado bastante, começou a notar que chovia. O carro diminuía consideravelmente a marcha e atravessava uma região alagada. A água batia no assoalho, o motor zunia, os pneus deslizavam e, pela primeira vez, sentiu os pingos da trovoada chicoteando os vidros. Ventos fortes penetraram no momento em que um dos policiais abriu a porta para falar com o motorista, a cortina do lado de Dito afastou-se. Mas não podia ver mais do que algumas lâmpadas solitárias e distantes. Depois, como se tivesse retornado à estrada de asfalto, a velocidade do carro tornou a aumentar. Mesmo assim, percebia-se nitidamente que a chuva havia se tornado mais intensa.

Um dos garotos do banco da frente disse qualquer coisa. Os outros dois apenas ouviram. O mais novo voltou-se para trás. Tinha o rosto parecido com o de Pixote e estava por demais assustado. O que viajava ao lado de Dito também era silencioso. Um crioulo de uns dezesseis anos. Não havia reparado nele mas, agora, vendo-o melhor, percebia que chorava em silêncio.

— Que é que tem?

O rapaz sacudia a cabeça, sem responder.

— Pra onde tão nos levando?

Limpou os olhos, Dito viu suas mãos esfoladas.

Como se tivesse agarrado em alguma coisa e fosse arrancado com violência. Falou baixo.

— Vão acabar com a gente.

Dito recostou-se no banco. Devia ter imaginado aquilo. Ia ser bem pior que a colônia agrícola.

Capítulo 7

I

A considerar pelo barulho do motor, o ônibus subia uma estrada de ladeira. Gabriel continuava a tossir, algum garoto que não conseguia ver pôs-se nervosamente a rir. Os policiais na parte de trás do carro voltaram a pilheriar e um dos cachorros mostrava-se inquieto.

A porta que dividia a cabine do motorista tornou a abrir. Apareceu o tipo baixo, de blusão fora da calça. Esfregava as mãos, pois estava fazendo bastante frio.

— Tamos quase chegando — disse aos policiais que seguravam os cães.

— Ainda se faz outra viagem hoje?

Dito não sabe quem fez a pergunta. Entendeu que aquilo era uma espécie de programa. Não seriam apenas eles que iam ser expulsos do planeta. Havia muita gente na lista. Aí, não sabe por quê, lembrou-se de Tio Zé, da sua paciência, do seu rosto tranquilo, de suas mãos segurando a lata de água quente para tratar-lhe as feridas. E, com a imagem de Tio Zé, vieram as de Mãe Dolores. A voz suave, os olhos tristes, o rosto bondoso.

É Iemanjá que nos protege, filho. Pensa sempre nela.

Dito lembrava da imagem na parede da casa, onde Fumaça ficou a noite toda no caixãozinho, cercado de velas e do silêncio das mulheres pintadas, enquanto o crioulo suado batia suavemente o atabaque e entoava uma cantiga triste.

Pensando em Mãe Dolores, sentia recobrar a coragem. Não ia se entregar como estava fazendo o cara do lado. Não ia abrir o bico, nem dar parte de fraco. O importante, até o carro parar, era imaginar um plano de fuga. E o melhor caminho seria na hora de saltar. Pularia para fora, desse no que desse. Se bobeassem em segurá-lo, sumiria na noite. Duvidava muito

que algum cachorro conseguisse pegá-lo. E se colocassem as algemas, antes do carro parar? Era o que temia. Aí, dificilmente poderia escapar.

O ônibus sacudia muito, o molejo todo estalava, as rodas batiam em buracos, a água espirrava. Não havia dúvida de que estavam se afastando da estrada principal. Tomavam um atalho ou coisa parecida. Os solavancos se prolongaram por uma boa meia hora, até que o sistema de freio foi acionado, a porta do motorista abriu-se e fechou-se diversas vezes, entraram outros policiais que Dito ainda não tinha visto. Eram grandalhões, de capas de oleado. Quase todos usavam chapéus que combinavam com as capas ou estavam de boné de lã. Os ventos frios invadiram o carro, a tosse de Gabriel piorou. O tipo de blusão fora da calça era o mais agitado.

— Agora, cambada, vamos tirando a roupa. Pra onde vão não precisam de nada.

A ordem não era cumprida com eficiência. Alguns policiais de capa pegaram diversos garotos, puseram-se a rasgar-lhes as roupas. Puxavam as camisas pelos bolsos, os panos faziam chiados de que estavam sendo rompidos. Os que tentavam opor resistência eram empurrados nos bancos e esbofeteados.

— Vamos lá, canalha! Aqui ninguém tem vez!

— continuava a gritar o tipo do blusão fora da calça.

Dito apressou-se em tirar as roupas, antes que o agarrassem. Após alguns minutos os policiais de capa e chapéus começaram a afastar-se para a cabine do motorista. A porta traseira também abriu e o tipo de blusão ainda gritava e batia nas mãos. Estava perto dos soldados que se mantinham na parte traseira do carro.

— Vamos lá, cambada. Todo mundo vai sair daqui num pulo. Já esquentaram lugar demais!

Um dos garotos tentou escapar, foi seguro pelos policiais que começaram a espancá-lo. O policial que batia terminou levantando o pequeno, atirando-o por cima dos bancos. Isso foi o bastante para que os cães avançassem. Formou-se grande confusão, gritos de garotos querendo escapar, uns tentando subir nos bancos, outros se agarrando, a maioria procurando enfrentar os cães que saltavam de um lado para o outro, por cima e entre os bancos. Dito foi logo mordido no braço, mesmo assim conseguiu empurrar o cão com os pés, o policial que estava perto acertou-o com uma borrachada na cabeça, ficou meio aéreo, tornou a recuperar-se, descobriu que o caminho era deitar-se no assoalho, enquanto a confusão

prosseguia, os gritos eram agudos, os cães ladravam furiosamente e o homem do blusão prosseguia a dizer suas graças.

Em meio ao tumulto os primeiros garotos rolaram pela porta, os policiais que já estavam aguardando por eles continuaram a bater-lhes, deram-lhes pontapés, os que tentaram dar a volta no carro e escapar tinham os braços torcidos, eram esbofeteados e empurrados da beira da estrada. Dito não conseguia mais saber o que se passava, apenas arrastava-se no assoalho do carro, mas já estava bastante pisoteado, quando um cão mordeu-o nas pernas e o policial segurou-o pelo pescoço e começou a puxá-lo, até a porta. Ali, empurrou-o com o pé e ele sentiu o espaço faltar aos seus pés, A noite era escura, os primeiros matos que passaram pelo seu corpo e por seu rosto, numa velocidade de vertigem, pareciam-lhe frios, à proporção em que se distanciava, perdia-se como se mais uma vez estivesse caindo num mergulho e procurasse as profundezas do rio, impossível de alcançar. Não chegou a sentir praticamente nada, porque de repente adormeceu e tudo ficou definitivamente distante, silencioso. Não viu mais os companheiros de viagem, não sentiu as mordeduras dos cães, não escutava os gritos de deboche do tipo que tinha o blusão por fora da calça.

Ao sentir a frieza nos pés, imaginou estar deitado no banco da praça, aquele em que sempre ficava, na Glória. Lembrou-se do trabalho na feira, do carrinho que Alfinete empurrava, do cesto que carregava, das madames chatas parando toda hora para discutir preço com os feirantes, Abriu os olhos, não estava no banco e muito menos no xadrez. Apalpou-se, a cabeça parecia imensa, não dava para perceber direito o que havia ocorrido. Tentou manter os olhos abertos, sentiu o cheiro da terra molhada, pôde mexer um dos braços, mover um pouco o tronco. Aí, vagarosamente, as dores como que despertavam também, tanto no rosto quanto no braços e nas pernas. Lembrava-se do ônibus que viera cheio de garotos e estacionara ali, para que fossem jogados fora. Recordou-se dos cães saltando, mordendo uns e outros, atingindo Gabriel no rosto, o pequeno jogado por cima dos bancos, os gritos por causa da fratura na espinha, o policial chutando-o para que levantasse, deixasse de fita.

As dores eram maiores na perna direita. Imaginou que a outra tivesse se partido e, por isso, ainda nem começara a doer. Tratou de movê-la com calma e, para surpresa sua, estava inteira. Restava erguer-se. Fez outro movimento, rolou mais alguns metros ribanceira abaixo. Só então teve

consciência de que tinham sido jogados num despenhadeiro. Naturalmente, ficara preso em algum arbusto, não rolara até o final da encosta.

A chuva continuava a cair fina, a madrugada principiava a clarear. Dito recordava o que tinha ocorrido. Já não esquecia sequer os detalhes. Nem as roupas que começaram por arrancar-lhes do corpo. Onde estaria Gabriel, com o rosto mordido pelo cão? Onde estariam os três garotinhos que viajavam no banco da frente? Onde teria caído o que se parecia tanto com Pixote?

Agarrou-se nos arbustos, a perna mordida doía, os braços esfolados tinham ardência de fogo. Procuraria descer até o fundo do despenhadeiro. A maioria deveria estar por lá. Sempre agarrando-se, foi descendo, até encontrar os primeiros corpos. Uns enganchados em troncos que haviam sido cortados por lenhadores, outros bateram-se nas pedras. Mais um pouco estaria no final da encosta. Deu a volta na rocha, encontrou outros companheiros. Do lado, onde havia a parte plana, alguns já estavam tentando erguer-se. Aproximou-se. O que tinha os braços destroncados na altura dos ombros não se aguentava de dor, o outro que estava com a perna quebrada apenas gemia, o lourinho fora mordido nas costas e sangrava, o crioulo estava com os braços quebrados, o mais forte tinha um rombo na cabeça. Dito não suportava arrastar-se entre tantos gemidos. Aí, por trás do arbusto de folhas carnudas, ouviu a tosse de Gabriel, Estava estirado, o corte no peito, um dos olhos fechados, já muito inchado.

— Vamos embora, amigo. Vou ajudar todo mundo a sair daqui.

— Quantos sobraram?

— Ainda não sei... Já passei por uma porção que pode ficar de pé.

— Será que vão voltar?

— Acho que não — afirma Dito.

— Se não puder subir tu faz um favor?

Não pode acreditar no que ouve, os olhos enchem-se de lágrimas.

— Faz mesmo, cara?

Dito confirma com um aceno de cabeça.

Gabriel mexe nos matinhos em torno, como se procurasse alguma coisa.

— Deve tá aqui. Tava com ele na mão quando caí.

— O que é que é?

— Um canivete. Tu corta meu pulso?

Dito não sabia o que dizer. A mão de Gabriel continuava impaciente, apalpando montículos de capim.

— Promete que me faz esse favor?

Diz que sim, as lágrimas escorrem-lhe pelo rosto dolorosamente cansado.

— Então ajuda a procurar o canivete. Não vou poder subir a ribanceira.

— Tu pode ficar bom, cara!

Gabriel está de braços abertos, faz um riso sem graça.

— Que nada, garoto. Fico por aqui mesmo!

Dito põe-se de quatro, procura o canivete.

— Se não achar, consegue um caco de vidro.

II

Gabriel entrega o braço a Dito. O caco de vidro é pouco maior que uma unha. Foi o único que encontrou, Gabriel prepara-se para a dor. Sempre tivera medo até de tomar injeção, quanto mais. Todavia, tinha de ser feito. Não poderia ficar sozinho ali, quando os que podiam mover-se tivessem partido. E não queria pensar em Dito abrindo-lhe as veias. Talvez o primeiro corte não fosse suficiente mas sabia que o pequeno tinha cabelo na venta para tentar outro. A ele restaria aguentar. Torce o rosto de dor, geme, acalma-se, Dito solta-lhe o braço, fica uns segundos olhando, O sangue escorre, pinga nos capins. Gabriel torna a sorrir, os olhos estão amortecidos, Dito sabia que tinha razão. Não teria podido subir a ribanceira. Ia ser uma carga a mais. E a doença que o estava minando por dentro? Tolice insistir com Gabriel. Escolhera o melhor, Não havia mais o que duvidar, Pôs-se de pé, caminhou na direção dos gemidos. Deu uma última olhada em Gabriel, o dia estava claro, a chuva que aumentara um pouco batia-lhe no rosto.

Retornou à parte plana, lá encontrou alguns garotos. Um deles, o lourinho, disse que três ou quatro estavam tentando subir a encosta. Gritou para que voltassem.

— Se deve ir junto. Do contrário vão acabar no grampo outra vez!

Os pequenos foram aparecendo. Entre eles, o que viajara no banco, à sua frente.

— Quem é que tá melhor?

— Só tive um arranhão nas costas — diz o garoto. — Posso ajudar.

— Primeiro se tem de ver quem tá desacordado.

Puseram-se a percorrer os corpos. Dito tinha razão. Com leves movimentos, alguns que dormiam terminaram despertando. Mas uma boa parte não tinha mais o que fazer. Ali permaneceria, como Gabriel. Entre esses Dito encontrou o crioulo que viajara do seu lado e que chorava em silêncio.

Estavam reunidos na base do despenhadeiro. Dito explicava como deveriam fazer para atingir a estrada.

— Nada de subir em linha reta. Se vai bordejando pra cansar menos.

Aí apareceram mais cinco garotos. Um deles tinha o rosto praticamente deformado pelas pancadas que recebera.

— Quando chegar na estrada se procura condução. Deve haver uma cidade aí perto.

A subida foi iniciada. A chuva aumentara. Dito procurava firmar-se mas, frequentemente, terminava escorregando.

— Cuidado pra ninguém rolar de novo lá pra baixo.

Um dos garotos caiu, não conseguiu segurar-se nos arbustos, deu umas três ou quatro cambalhotas. Dito foi ajudar a erguer-se. Tinha, agora, novos ferimentos. Mesmo assim ia continuar. Não era de desistir facilmente. Dito sabia disso. Olhou para trás, verificou que, pelo menos, metade dos companheiros ali estava. Quando encontraram os arbustos mais desenvolvidos, puderam-se firmar melhor nos galhos e a subida tornou-se bem mais fácil. Um a um foram chegando à estrada. Àquela hora estava deserta. Era uma extensa faixa negra que começava brilhante, refletindo os eucaliptos e perdia-se nas brumas do terreno ladeirento.

— Onde a gente tá? — queria saber o garoto lourinho.

— Em qualquer lugar, cara. Que adianta saber? — afirmava nervosamente o moreno, de rosto esfolado.

— Vamos por outro lado do acostamento.

Atravessaram a pista. Eram aproximadamente cinquenta garotos, sendo Dito o que parecia mais velho. Estavam todos nus, sangrando, famintos e tiritando de frio.

Haviam andado uns vinte minutos quando Dito avistou as placas de um posto de gasolina.

— Antes de chegar lá, turma, vamos pegar paus e pedaços de ferro por aí. Se invade aquela porra e quebra o que tiver pela frente.

Entraram de novo pelo matagal, desta vez à procura dos paus e de um ou outro pedaço de ferro, geralmente peças antigas de automóveis e

caminhões. Agora, quem os visse, tinha a impressão de um bando de desvairados, armados com varapaus.

O posto mantinha as luzes acesas. Dito orientou os companheiros para que dessem a volta por trás do escritório. Lá, estavam só dois funcionários de plantão àquela hora. Do lado do escritório e em frente às bombas, o restaurante que continuava fechado. Avançaram cautelosamente, quase arrastando-se no chão. A chuva continuava a cair. Um dos homens aquecia-se na sua capa de oleado e cochilava na porta do escritório, o outro limpava o para-brisa do velho Aero-Willys. Não havia qualquer movimentação. Ratos eram os carros que passavam pela estrada. Os pequenos estavam bem perto da porta do restaurante. Dito experimentou o trinco, não abria. Forçou com o ombro, a porta de vidro deu um estalo, os vidros se partiram, o homem acordou assustado, chamou pelo companheiro, correram, os pequenos avançaram para dentro do restaurante, os maiores enfrentaram os funcionários a paus e pedras, Dito segurou um deles pela camisa.

— Olha aqui, filho da puta — dizia Dito raivosamente — se tá precisando de comida e de roupa. Se veio pegar aqui e não quer bronca.

O crioulo forte ficou tomando conta dos tipos, mais de vinte menores ao redor, Dito saltou o balcão, abriu gavetas, distribuiu todas as facas que encontrou. Dirigiu-se às mesas, onde havia filas de pratos. Puxava as toalhas, os pratos se espatifavam com grande barulho no chão, a maioria dos pequenos achava aquilo muito engraçado. Calculou tamanhos razoáveis, pôs-se a rasgar as toalhas. Os pedaços ia entregando aos garotos. Voltou para junto do mais forte, que dominava os homens.

— Prende eles no escritório e tira a chave. Se tiver telefone por lá arranca o fio.

Os funcionários foram levados pelo crioulo e por mais uns dez, que gritavam e queriam acertá-los com paus e os pedaços de ferro.

Enquanto Dito cuidava de encontrar mais panos, outros garotos tinham aberto os armários e acharam comida. Num momento quase todos comiam fatias de presunto, rodela de pão de fôrma, tomavam refrigerantes ou mastigavam chocolates e chicletes. Dito foi ao escritório, encontrou um dos homens tentando arrebentar a fechadura.

— Olha aqui, chapa. Não te mete a besta que a gente acaba contigo já, já. Fica calminho que se tá de passagem. Não se quer dinheiro nem nada. Quero saber apenas que lugar é esse.

O homem como que não entendia direito a indagação. Olhava Dito, o pedaço de toalha de mesa cobrindo-lhe parte da nudez.

— Tamos a dois quilômetros de Camanducaia.

— Isso aqui já é fronteira com Minas — informou o outro, que parecia menos assustado.

— Então é pra lá que se vai.

— O que aconteceu com vocês? — quer saber o funcionário que parecia surpreso com tanto garoto nu.

— A polícia jogou a gente fora. Num despenhadeiro.

— Mas se é tão bonzinho que escapou — diz o lourinho, provavelmente o menor do grupo, e que segurava pesado varapau.

— De quem é o restaurante? — indagou o crioulo.

— Da empresa. Não sei o nome do dono — diz o funcionário.

— Se vai comer o que ainda tiver por lá — afirma Dito.

O homem encolhe os ombros, em sinal de indiferença, Parte da garotada continuava no restaurante, abrindo geladeiras e armários. De vez em quando ouve-se o barulho de mais pratos e copos se quebrando.

O caminhão passa vagarosamente pela estrada. Os pequenos não percebem, mas o motorista vê aquela movimentação e acha estranho tantos menores reunidos, àquela hora, muitos sem qualquer tipo de roupa. Sabe que o restaurante só abria para o almoço, desde que rodava por aquelas bandas, há mais de dez anos. Tem vontade de encostar no posto mas prossegue, pois a chuva o atrasara bastante. Ia chegar a Camanducaia bem mais tarde que o costume.

Alguns garotos rodeiam o jipe. Dito vem olhar. Entra, vê que está em ordem, Chama o cara que vestia macacão branco, com enfeites vermelhos e azuis.

— Se vai levar o jipe. Cadê a chave?

O homem concorda que sim, entrega as chaves a Dito, O garoto procura a que é da ignição, aciona, o motor põe-se a funcionar. Os outros enchem-se de admiração por ele. Sabe, no entanto, que aquilo era maluquice. No carro caberiam no máximo uns oito. Nada além disso. Terminariam facilmente nas mãos dos rodoviários. Desliga, dá a chave de volta.

— Não cabe nem metade do pessoal!

Volta ao restaurante, manda o homem do macacão procurar mais pano, calças velhas, pedaços de flanela. O tipo desaparece, depois retorna. Traz o

que pode. Os garotos passam a achar que está colaborando. Não era mau sujeito.

No balcão e sobre as mesas havia uma quantidade de garrafas abertas. Os maiores tinham conseguido vinho, vermute, Fogo Paulista, batidas e conhaque. Os copos passavam de mão em mão.

— Isso esquentava mais do que qualquer roupa — dizia o garoto moreno, que vivia sorrindo.

Dito tomou diversos tragos. Um menino que não deveria ter mais de oito anos também estava com um copo de bebida. Parecia conhaque. Dito tentou evitar, achou que o melhor era deixá-lo. O frio estava cada vez pior, a chuva aumentara e ainda não sabiam ao certo para onde ir dali.

— Como é a barra em Camanducaia?

O homem do macacão respondia como podia.

— Não moro lá, mas sei que é uma cidade pequena. Uma pracinha e algumas ruas. Nada mais que isso.

— Essa é que é boa. Vamos dar um susto na canalha de lá — afirma o crioulo forte, que deveria ser da idade de Dito, embora mais alto.

— Se tá precisando de roupa e grana. E lá mesmo que se vai conseguir — afirma Dito.

Esperavam apenas que a chuva diminuísse para reiniciar a caminhada.

Os que haviam cansado de comer e beber estenderam-se no chão de tacos encerados, por baixo das mesas. Os mais previdentes faziam trouxas com os restos de comida.

— Mais tarde se pode precisar.

III

O motorista desviou para a entrada de Camanducaia ainda pensando naqueles garotos nus e barulhentos. A cidade estava adormecida e a chuva era forte. A trovoada açoitava o para-brisa do carro, a ponto de o limpador quase não resolver nada. Ainda mais aquele caminhão que tinha limpador de um único lado. Só se lembrava de mandar consertar o outro lado quando a chuva era como de agora e a água impedia-lhe totalmente a visão.

Entrou pela rua de pedras, estreita e ladeada de casas antigas e baixas, não viu a valeta, as rodas dianteiras bateram fortemente, pôs-se a temer

defeito nos feixes de molas, decidiu parar na delegacia, a fim de falar a respeito dos garotos e, também, olhar o carro por baixo. Qualquer sacudidela mais forte deixava-o preocupado, Não podia parar um dia para enfrentar oficina.

A delegacia também estava fechada. Só a lâmpada de fora ficara acesa. Bateu, o policial com cara de sono abriu.

— Puxa, como chove!

O policial abriu a boca e não dizia nada.

— Será que é chato incomodar o delegado a essa hora?

O policial faz uma careta. O motorista ajeitou um pouco a capa, a água escorre-lhe para dentro dos sapatos velhos. Falou no que vira no posto, o policial não parecia interessado.

— Não parei, mas me pareceu que havia mais de quarenta trombadinhas. E tudo nu, com o frio que está fazendo.

— Quarenta?

— Acho que sim. Uma porção deles! — afirmava o motorista.

O policial achou que a coisa poderia ter alguma gravidade.

— Por acaso não tomou umas pingas?

O motorista riu, no que foi acompanhado pelo policial.

— Dirijo há mais de vinte anos, gosto de empurrar minhas biritas, mas nunca quando trabalho.

— Quer dizer que indo no posto, vamos topa com a criançada!

— Isso mesmo.

O policial sentou-se, abriu um caderno de anotações, pôs-se a procurar o telefone do delegado.

— Vai ficar puto da vida. Mas tem de ser feito.

O dedo grosso catava os números no disco do telefone, o disco girava. Pôs o fone no ouvido, ficou esperando. O telefone chamava, chamava. Até que o delegado atendeu.

— Doutor, é o 25. Surgiu um probleminha no posto lá da entrada da cidade. Tem um motorista aqui dizendo que viu uns quarenta trombadinhas nus, fazendo bagunça.

Houve um momento de silêncio.

— Alô!?

— Certo, 25. Manda o motorista esperar e prepare o carro. Vamos ver o que tá havendo.

Desliga, recosta-se na cadeira que era do delegado, ouve ainda as explicações do motorista que demonstra ser um tipo que apreciava falar, detalhar bem as coisas.

— De onde podem ter vindo, não faço a menor ideia.

— Quando menos esperarem, se bota a mão neles.

Isso dizia o policial e balançava-se na cadeira giratória. Levantou-se, mandou que o motorista ficasse esperando.

— Vai lhe tomar tempo mas o doutor delegado foi quem mandou.

O motorista arrependia-se um pouco de ter se desviado do seu caminho.

— Vou chamar João Domingo. Vai com a gente.

Dizendo isso o policial balofo avança preguiçosamente pelo corredor, bate numa porta.

— Domingo!

A porta se abre. O tipo mulato, cara amassada e olhos vermelhos, procura saber o que está acontecendo.

— Te prepara. Tem um servicinho aí!

Volta, torna a sentar-se na cadeira do delegado.

— Teu caminhão tá bom?

O motorista responde que sim, fala na valeta onde caiu há pouco, mas sabe que não afetou nada.

— Acontece que caminhão não vai ser bom pra isso. O ideal é que se pegasse um dos ônibus do Pedrinho Tara. Aí fica mais difícil a garotada fugir.

O motorista concorda com o raciocínio do policial, aproveita para livrar-se da empreitada.

— Se quiser, posso ir procurar por ele — diz o motorista.

— Não! — acentua o policial. — Aguenta a mão até o doutor delegado aparecer. Aí vai com a gente. Se não tiver motorista na hora tu dirige.

— Tamos aí pra ajudar — afirma servilmente o motorista.

Um carro estaciona em frente à delegacia, é o delegado, de estatura média, ainda jovem. Não parece nervoso por ter sido chamado tão cedo. O policial apresenta o motorista. João Domingo está de pé, o cinturão com o sabre de um lado e o 38 do outro. O delegado tira uma arma da gaveta. O policial balofo abre o armário, à procura da capa e do chapéu.

— Tá chovendo que não é brincadeira — diz o motorista, mais para não ficar calado.

— Acho melhor — diz o policial balofo — a gente pegar um ônibus do Pedrinho Tara.

O delegado concorda.

Antes de entrar no automóvel o motorista foi ver se tinha levantado bem os vidros do caminhão. O carro roda por ruas estreitas, cobertas de calçamento irregular. Chegam ao posto de gasolina, onde estavam dois ônibus. O policial balofo salta, fala com um dos empregados. Depois chama o motorista, retorna ao automóvel do delegado.

— Se pode levar aquele.

O delegado espera que o motorista passe na frente com o ônibus. O limpador do para-brisa do automóvel do delegado tem duas velocidades mas sempre esquece na que é mais rápida, as palhetas raspam forte no vidro, o barulho de borracha rangendo dá certo nervosismo no policial balofo mas ele não era besta de reclamar.

O ônibus avança lentamente, o carro atrás. Ultrapassam a valeta, a chuva continuava forte, como se nunca mais fosse parar. Alcançaram a estrada completamente deserta, rodaram uns vinte minutos.

— Foi bom ter trazido o velho — dizia o policial balofo. — Se tudo não passa de invenção dele, vai ter que se explicar.

O delegado não fez comentário, João Domingo, no banco de trás, acha isso muito engraçado.

— Esse diabo tá matusquela!

Viam os anúncios do posto, as lâmpadas acesas. O delegado pensou numa entrada estratégica.

— Se deixa o ônibus parar e vai em frente. Manobra e volta pelo outro lado.

Passaram pelo ônibus que já se aproximava da bomba de gasolina. O motorista viu o carro do delegado seguir em frente, ficou uns momentos sem entender, O funcionário do macacão aproximou-se.

— Que garotada é essa?

Não sabia exatamente o que responder.

— Só sei que apareceram aí. Tavam todos nus. Rasgaram as toalhas das mesas e se embrulharam. Não faço ideia de onde vieram.

Mexe na bomba, o motorista manda que se mantenha calmo.

— O delegado tá chegando naquele carro.

Os garotos mal percebem quando os policiais se aproximam, revólveres empunhados.

— Muito bem. Acabou a festa — diz o delegado.
Os pequenos se voltam. Dito continua avançando.
— Não vão querer atirar na gente, vão?
O delegado manda que os auxiliares guardem as armas.
— De onde vieram?
Dito explica, o crioulo forte ao seu lado reforça o que vai dizendo.
— Tou com um ônibus aí fora. Vamos embora. Em Camanducaia vou conseguir roupa pra todo mundo. Depois se vê como fica.
O motorista ajuda a organizar a entrada.
— Nada de empurrões!
Os pequenos ocupam os bancos. Uns já esqueceram as pancadas que levaram, o que tem os braços quebrados e o outro, dos braços destrancados, são os últimos a subir.
— Estes dois têm de ir pro hospital — afirma o delegado.
Manda que fiquem nos bancos da frente. Toca num dos garotos, percebe que está com febre.
— Vamos embora!
Retorna ao automóvel, roda acompanhando o ônibus.

IV

O motorista fala mais do que nunca, conta coisas desnecessárias ao policial balofo, João Domingo concorda com o que diz, embora não entendesse exatamente o que fosse. Olha o pequeno dos braços destroncados.

— Se puxar, isso volta pro lugar. Vai doer pra cacete, mas volta.
— E melhor deixar por conta do médico — diz o policial balofo.
— E se não tiver médico nenhum por lá?
— Aí se fala com o doutor delegado.

O ônibus segue pelo desvio, a rua estreita, a de calçamento irregular, passa pelas casas baixas, portas e janelas fechadas, beirais derramando água grossa nas calçadas. O delegado sabe que os garotos conseguiriam fugir fácil, na hora de saltar. Os dois policiais e aquele motorista falador não seriam suficientes para contê-los.

João Domingo puxa o 38, põe-se na porta, fiscalizando o desembarque.

— Todo mundo pra delegacia. Quem tentar fugir leva bala no couro!
Os garotos foram descendo e entrando no prédio. O policial balofo entrou com a primeira leva. O delegado também ajudava. A princípio ficaram reunidos na pequena sala.

— Quero saber direito da história, Como foi que vieram parar por aqui!
Dito é o primeiro a falar. Explica como o delegado Mauro fez a proposta aos presos. Os que ficavam no xadrez e os que seriam expulsos. Contou dos outros que vieram do xadrez no final da galeria. Entraram e foram mandando bofetões, para garantir o almoço e o jantar durante um mês, como dissera o delegado. Falou do Tio Zé e de Gabriel. Depois, o encontro no pátio, garotos que nunca vira, sendo metidos no ônibus. Os policiais e os cães amestrados. O ônibus vencendo a escuridão e a tempestade. Finalmente a pancadaria.

— Foi aí que destroncaram os braços dele, quebraram o desse outro.
O garoto moreno não esquece o detalhe.

— Um policial pegou o nanico de seis anos, atirou ele contra os outros, dentro do ônibus. Esse quebrou a espinha na hora.

João Domingo estava um tanto surpreso com o relato, o policial balofo não acreditava naquelas afirmações.

— Deve haver mentira como quê, nessa historiada toda!

O delegado prosseguia arguindo um por um. Mandou que os feridos ficassem de um lado. Verificou que pelo menos quinze estavam nessa condição. O menorzinho mostrou a mordida de um cão, na coxa direita.

— Preciso de uma lista de nomes. Vamos começar pelos maiores.

Pôs-se a anotar. Cada pequeno ia dizendo o nome completo e ficando de um lado. O policial balofo incumbia-se de manter a ordem. Aí o motorista falador tornou a aparecer, o delegado sorriu para ele, agradeceu, o homem sumiu na porta, a capa gotejando.

Quando a lista estava completa, o delegado verificou que estavam ali, na sua frente, cinquenta e dois garotos. O mais novo tinha seis anos e o mais velho dezessete.

— Os feridos vão com a gente pro hospital. Os outros ficam no xadrez, enquanto se providencia roupa e comida.

Os garotos não se opuseram. Nem o próprio Dito pareceu revoltar-se. Encaminharam-se pelo corredor, João Domingo estava com o portão de ferro aberto. Enquanto isso o policial balofo tratou de puxar uns colchões velhos, no que foi ajudado pelos menores.

— Arruma também uns jornais — dizia o delegado, queixando-se do frio que continuava a fazer.

Os feridos entraram no carro, o de braço destroncado e o outro, com o antebraço quebrado, ficaram no banco da frente. Já não tinham forças sequer de gemer.

V

O único enfermeiro de plantão no posto de saúde não sabe do médico. O delegado nada comenta. Ouve as desculpas.

— E cedo pro doutor chegar. Se é que tá na cidade.

— Quem tá no lugar dele?

O delegado não tinha esperança na resposta. O enfermeiro encolhe os ombros, faz uma careta.

— O senhor sabe como é, pois não?

Evidente que sabia. O jeito era aceitar a sugestão de João Domingo. Botar os braços do garoto no lugar, na marra.

Os pequenos que estão precisando apenas de curativo entram na enfermaria. Enquanto fala, o enfermeiro destampa vidros de iodo, mercúrio e álcool. Pega mechas de algodão, bota mercúrio nos arranhões mais leves, iodo nas mordeduras de cachorro.

— Isso merecia uma vacina!

O garotinho de cabelos louros fazia careta e esperneava, cada vez que o homem tocava-lhe o ferimento com a mecha embebida em iodo.

— Guenta firme, cara — dizia o delegado.

No que tinha talho no rosto o enfermeiro colou esparadrapo.

— Não boto esparadrapo nos outros porque também tá acabando. O pessoal da secretaria ficou de mandar e até hoje. O doutor tá bem aborrecido com a situação.

O delegado não tem o que comentar. Os garotos tornam a entrar no carro, apertando-se o mais que podem.

— Se quiser passar na casa do doutor, é logo na esquina de lá!

O delegado já estava suficientemente aborrecido. Não tinha mais o que esperar. Olhava o pequeno, o peito inchado, sacudia a cabeça, sabia que não

ia à casa de médico algum. Que continuasse a dormir, enquanto a secretaria não se dignava a mandar nem esparadrapo para o posto de saúde.

O policial balofo recebe-o com um sorriso.

— Encontrou o doutor?

— João Domingo é que vai dar jeito nisso.

— Chama ele.

O policial balofo afasta-se pelo corredor, grita pelo nome do companheiro umas duas vezes.

— Vamos ter de puxar os braços do garoto pro lugar.

O mulato de cara larga ouve sem falar, O delegado explica que teria de agir com rapidez.

— Caso contrário esse pobre não vai aguentar.

— Guenta, doutor. Pode é desmaiar!

O policial balofo acha graça, o delegado manda que preparem o banco, João Domingo dá orientação.

— Se bota ele deitado de costas. Aí eu ergo os braços e puxo. Tinha um irmão que era assim.

João Domingo mostra um pouco de sua habilidade. Afinal, na delegacia, somente o colega era solicitado a fazer as coisas. Ele ficava em segundo plano. O próprio delegado poderia ver como sabia dar jeito em qualquer tipo de caso. Fosse com gente ou com bicho.

O delegado grita pelo apelido do policial balofo.

— Assim, não, 25. Tem de ficar deitado de costas!

O pequeno está alarmado, encolhe-se todo para João Domingo não botar as mãos nele.

— É pro seu bem — afirma o policial. — Vai doer, mas depois passa logo.

O delegado e 25 colocam-se sobre o banco comprido, João Domingo pega diversos números do Diário Oficial, empilha-os na altura dos ombros. O pequeno está deitado, olhos arregalados.

— Segura, firme, 25 — diz João Domingo.

Dizendo isso pega-o nas mãos, começa a erguer os braços. O pequeno principia a chorar, a gritar, a tentar bater-se. O delegado prende-lhe as pernas com força, 25 aperta-o contra o banco. Os gritos, agora, são altos, todos os outros que estão na sala mostram-se alarmados, a inquietação é maior entre os que se encontram por trás das grades, pois não sabem direito o que está sucedendo. O braço esquerdo é o primeiro que encaixa. Mas o

outro continua difícil. João Domingo terá de estendê-lo outra vez ao longo do corpo e suspender. O menino desmaia, a cabeça tomba de lado.

— Vamos aproveitar — diz o delegado. — Quando acordar tá pronto.

João Domingo dá um puxão com mais força, aperta com a mão enorme no lugar da articulação, diz com certa alegria.

— Encaixou!

— Pega água fria, 25 — diz o delegado.

O policial bastante gordo movimentava-se. Não contava com aquela habilidade de João Domingo. Sente que o delegado tratou-o com bastante respeito. Afinal, realizara uma tarefa que não era todo médico que sabia desempenhar com rapidez. Volta com a água, mas está certo de que nas outras atividades João Domingo era uma completa nulidade. Botasse ele para receber telefonemas e o delegado estaria perdido. Lembrava-se bem da vez em que o secretário-geral achou de ligar fora de hora. João Domingo atendeu e, embora fosse quatro da tarde, quase ia dizendo que o homem estava dormindo.

O delegado sabia muito bem das mancadas que costumava dar. Não ia ser aquele servicinho de nada que poderia projetá-lo por cima do prestígio que conseguia obterem anos e anos de atividades do lado do dr. João Emiliano. Se saíam para uma diligência e o carro enguiçava, aí, então, é que João Domingo demonstrava toda sua burrice. Ele, no entanto, era solicitado. O doutor delegado sabia das suas qualidades, não ia confundi-lo com um pé-duro qualquer.

Pôs a vasilha com água, o delegado molhou um pano, colocou na testa e no rosto do garoto. João Domingo aplicou-lhe pequenas bolachas, bateu-lhe nas pernas. O menino mexeu-se, tornou a chorar, abriu os olhos, colocaram-no sentado.

— Suspenda os braços — disse o delegado.

Mesmo chorando obedeceu. E, ainda chorando, sorriu. As lágrimas misturavam-se com a baba que escorria dos lábios finos e ele sorria.

— Não lhe avisei que ia doer um bocado? — dizia João Domingo, mostrando-se afável.

O delegado mandou 25 levá-lo para o xadrez.

— Vamos providenciar roupa e comida pra todo mundo.

O telefone toca, 25 atende. Afasta o fone, diz em voz alta:

— É o pessoal de um jornal de São Paulo.

O delegado manda dizer que não está, 25 se encarrega de dar as respostas.

— Por enquanto não se sabe de nada. Aqui, tá tudo em ordem!

— Alguém cantou o lance. Ou foi o motorista ou um daqueles pilantras do posto.

O delegado está ocupado na formulação de uma lista.

— Não sei onde se pode conseguir tanta coisa.

— A gente sai por aí — afirma 25.

— Procure primeiro as senhoras da assistência paroquial.

VI

O policial balofo está de casaco de oleado, aberto, por baixo o blusão de ramagens, o cabo da arma aparecendo. Tem a barba por fazer, olhos avermelhados, como se estivesse permanentemente com sono. Continua a chover fino, o frio sobre a cidade é intenso. Há um ar de recolhimento nas pessoas e nas coisas.

Bate duas vezes na porta, as dobradiças rangem, aparece a senhora de ar bondoso, cabelos quase totalmente brancos.

— Bom dia, dona Chiquinha.

Antes que continue ela pede que sente. O policial está numa sala ampla, com móveis e objetos antigos, O teto é alto, o forro de tabique, pintado de branco, Num canto, o santuário, alguns paramentos, panos rendados, panos bordados, sobre os quais estão pires com oferendas. Nas paredes, além das imagens dos santos, dois retratos grandes e ovais. Do moço de bigode e colarinho alto, da moça risonha que fora dona Chiquinha.

— O delegado quer uma ajuda sua.

A mulher sentou-se no sofá, botou pequena almofada por trás das costas.

— Em que posso servir dr. Emiliano?

O policial 25 põe-se a falar. Diz que desde cinco horas estavam quebrando a cabeça com um problema que havia surgido, que não era da jurisdição de Camanducaia, A velhota fazia breves indagações, ele prosseguia, sem ferir logo o assunto principal.

— Vai daí que se tá com a delegacia cheia de garotos. Parece que são cinquenta e dois.

— Todos nus! — repetia dona Chiquinha, com ar de desolação. — E com esse tempo...

— Não queira saber. Quando se foi buscar eles, acho que tava fazendo uns doze graus.

— Ó Deus!

— Pois é — prossegue 25. — Agora, o problema é o seguinte: doutor delegado tem de arranjar roupa e comida.

Dona Chiquinha torna a ajeitar a almofada por trás das costas, o policial funga, olha as botinas molhadas e sujas, no assoalho de tábuas largas e lustrosas.

— E como vai ser? — indaga ela.

Não contava com aquela argumentação.

— Se a senhora pudesse movimentar o pessoal da assistência paroquial ia nos tirar desse atoleiro.

— O único problema é que seu vigário não tá na cidade. Foi desde ontem para Belo Horizonte.

— E as outras pessoas? — insiste 25.

— Bem, não custa nada falar. Daqui a pouco vou procurar Engrácia e Maria Quitéria. São duas pessoas de coração de ouro.

— Os garotos tão praticamente nus — lembra o policial.

— Coitadinhos. Que Deus se apiede deles!

A conversa não consegue tomar rumo objetivo, 25 já não sabe mais o que perguntar. Levanta-se, ajeita o revólver. Dona Chiquinha acompanha-o até a porta.

— Diga ao dr. Emiliano que tou muito chocada com a infelicidade dos meninos. Logo mais vou procurá-lo. Tomara que se possa fazer alguma coisa.

O policial balofo está nervoso. Dá uns fungados, esfrega o lenço machucado no rosto. Senta no banco comprido, em frente ao delegado.

— Acho que daquele mato não vai sair coelho!

O delegado para de escrever, olha-o preocupado.

— Que foi que ela disse?

— Uma porção de coisa e nada de concreto. Vai procurar fulana e sicrana, vão se esforçar, pra gente ter fé em Deus!

O delegado irrita-se com a tranquilidade de dona Chiquinha.

— Velha ordinária. Quando é pra pedir, aporrinha de dia e de noite.

— Isso mesmo — afirma 25. — Pareceu não querer se envolver na história.

O delegado torna a sentar-se, joga um livro de capa preta para 25.

— Procura o telefone do secretário-geral, Liga pra lá. Vamos ver o que tem a fazer.

O policial tenta achar o número apontando no papel com o dedo rombudo. Disca, fica escutando.

— Já vai atender — diz passando o fone.

O delegado cumprimenta o secretário-geral, fala de outros problemas pendentes, do armamento que não chegou, d; i viatura que já não aguenta mais de tantos consertos, além de estar de pneus tão carecas que furam a todo instante. O secretário-geral continua a prometer providências. O delegado fala no caso dos menores.

— Que menores?

O delegado vai explicando. Repete sempre o número 52, como para impressionar o superior hierárquico.

— Nosso problema é conseguir roupa e alimentação pra todos eles.

O secretário manda que se esforce, enquanto entraria em contato com as autoridades paulistas.

— Não podem tá fazendo essas desovas pro lado de cá. Era só o que faltava.

O delegado concorda, diz que tornará a ligar em uma hora, para saber das providências.

— Se Sua Excelência quiser, eu próprio me encarrego de falar com o pessoal de São Paulo.

O secretário-geral está em dúvida, ao mesmo tempo profundamente atarefado.

— Então fale e mais tarde me comunico pra lá.

A ligação é cortada, o fone entregue a 25. João Domingo voltou da rua com uma novidade.

— Seu Assunção, da padaria, pode entrar com pão e café pra garotada. Arranja também uns sacos de farinha pra fazer roupa.

O policial balofo está recostado na cadeira. Fala preguiçosamente.

— É melhor do que nada.

— Acho bom se topar — diz o delegado. — Se dona Chiquinha tirar o corpo não se perdeu tempo.

João Domingo retorna à padaria.

— Acho que o tempo vai levantar — diz 25 olhando pela janela.

O delegado caminha pelo corredor, chega perto do xadrez. Os pequenos estão inquietos. O que tivera os braços deslocados acomodara-se sobre um pedaço de colchão, o de braço quebrado geme baixinho.

— Vamos ter um pouco de paciência que dá tudo certo! — E, dirigindo-se ao garoto do braço quebrado. — Logo mais se volta pro hospital. O médico já deve tá lá. Vamos engessar esse braço.

VII

Dona Chiquinha sai de sombrinha aberta pelas ruas de Camanducaia. Há poças d'água por tudo que é lugar, algumas casas abriram as janelas, mas são raras as pessoas que se veem. Segue vagarosamente e convencendo a si própria de que aquele sacrifício que estava fazendo era uma exigência do Altíssimo. Abre o portãozinho de ferro da casa de Engrácia, entra. Bate os pés no capacho, reclama da manhã chuvosa, do frio que continua a fazer. A colega alarma-se de estar de pé tão cedo e andando por aquelas ruas com tamanho temporal.

— Tem de se fazer das fraquezas, forças, minha querida.

Entram para a sala. A casa de Engrácia é um pouco mais moderna. Os móveis não são escuros, nem pesadões. Há uma cristaleira com vidros trabalhados, muitos copos, taças e cálices de cores. Na sala, na mesinha de mármore, recoberta com panos bordados e rendados, o telefone. Era uma das poucas casas de Camanducaia que tinha telefone. Isso aconteceu desde que o finado marido de Engrácia assumiu por uns tempos o cargo de prefeito municipal. Nesse posto sofreu um enfarte, a doença agravou-se.

Dona Chiquinha recosta-se na cadeira confortável, tira os sapatos.

— As ruas tão um lixo, minha filha!

Engrácia chama pela empregada. Aparece uma crioula de avental branco.

— Prepara cafezinho pra gente.

Dona Chiquinha está mais animada. Fala na visita do investigador 25, menciona o pedido que dr. Emiliano mandou fazer.

— Até que enfim ele pede alguma coisa — diz Engrácia.

— Só tou achando difícil é atender!

Engrácia não entende.

— É uma coisa horrível, Engrácia. Um sinal dos tempos. O resultado da sociedade que tá apodrecendo no pecado. Um bando de mulher irresponsável a botar filho no mundo e não ter como criar. É no que dá.

A amiga não diz nada, mas gostaria que dona Chiquinha entrasse direto no assunto.

— Que pedido tão difícil é esse?

— A delegacia tá lotada de garotos. Mais de cinquenta, pelo que disse o 25. Os pequenos foram encontrados num posto de gasolina perto daqui. E sabe como estavam? Nus! Completamente nus!

A amiga põe as mãos na boca.

— E se teve sorte. Não fosse o delegado, vinham nus pra Camanducaia. Ia ser um pandemônio.

Dona Chiquinha faz um momento de silêncio, olha o telefone, as taças na cristaleira.

— Acho que nossas preces não tão sendo ouvidas, Engrácia!

— Temos de rezar mais. Talvez o dobro do que se reza.

— Agora — prossegue dona Chiquinha — o delegado quer roupa e comida pros garotos. Não sei o que fazer.

— Será que Maria Quitéria não pode ajudar?

— Foi o que pensei. Afinal, da tem mais posses do que a gente — afirma dona Chiquinha.

A empregada traz o café numa bandeja de prata. Além do café vêm pires com doces e biscoitos de fubá.

— Eu estou tonta — diz dona Chiquinha. — Desde que o investigador falou comigo, que tenho pensado em como ajudar e não vejo solução. Sair por aí, pedinchando coisa, isso jamais!

— É humilhante. Dizem os mais velhos que não se deve despir um santo para vestir outro.

Dona Chiquinha parece não entender o sentido da afirmação.

— Esses que chegaram nus, de santos só têm a cara. É esse tipo de criança que os pais largam nas ruas.

O delegado espera que dona Chiquinha lhe telefone e já são quase três horas, Sabe que dificilmente poderá contar com as senhoras da assistência paroquial. Grita um tanto nervosamente por 25.

— Vamos resolver o problema, sem precisar dessa raça. Vai na zona e diz pra Elizena Mendes dar um pulo aqui.

O policial balofo abre a porta, entra uma lufada fria. Levanta o fecho eclair do blusão, caminha para a Rua da Usina.

Em menos de meia hora está de volta, acompanhado de uma mulher morena, de boa estatura.

— Pois não, seu delegado!

— Senta aí, Elizena. Tou com um problema que só tu pode resolver.

Elizena Mendes fica ouvindo a descrição do caso, vai com o delegado até a porta do xadrez. Olha todos aqueles meninos, nus e seminus, amontoados, com o frio que fazia. Já não escuta bem o que dr, Emiliano continua a dizer, sabe que não precisava explicar mais nada. Controla-se para não chorar, principalmente quando vê o menorzinho se torcendo de dor, o braço partido e já bastante inchado. Sai às pressas da delegacia.

— Minha Nossa Senhora!

O delegado chama João Domingo.

— Vai na padaria. Leva os sacos de farinha pra casa de Elizena. Vamos transformar em roupa tudo que for de pano que se encontrar.

VIII

A Rua da Usina é um prolongamento de outra, que tem calçamento. As casinhas são baixas e de construção frágil. Alinham-se de um lado, em frente a uma barreira coberta de matagal. Os postes de iluminação não se parecem aos existentes nas outras ruas de Camanducaia. São esteios tortos, com fios e lâmpadas pendurados. Tudo muito precário, ameaçando tombar no primeiro vento forte. Dentro das casas de, no máximo, três cômodos, a peça principal é a cama. Algumas são tão grandes que ocupam praticamente todo o quarto ou metade das salas. O espaço que sobra é a conta de botar a penteadeira, com os batons, as latas de talco barato, as escovas de cabelo. Uma cadeira, pelo menos, também é necessário. Sobre ela o cliente joga a roupa.

Elizena Mendes é dona de uma dessas casas. Pelo que costumava contar, a rua de mulheres era bem maior do que hoje em dia. Mas, com o tempo, algumas das suas colegas foram desistindo do lugar. As casas permaneciam fechadas durante meses e, se não tornavam a abrir, começavam a apresentar rachaduras, a água da chuva forte se infiltrando e o desmoronamento ocorrendo. A primeira dessas casas que caiu foi motivo de alegria por parte das mulheres casadas de Camanducaia. As senhoras que integravam o serviço de assistência paroquial consideraram o fato como sendo castigo de Deus.

Nos invernos subsequentes caíram mais casas. Já não constituía novidade, nem a prefeitura permitia que fossem reconstruídas. Assim, a Rua da Usina ficou reduzida a meia dúzia delas. Todas de telhas antigas, bastante pretas, portas e janelas de tábuas de caixotes. Algumas tinham um quintalzinho, de onde saíam tufos de arbustos. Outras, nem isso.

Ao retornar da delegacia, Elizena encontrou Maria de Jesus, Ofélia Pinto, Maria da Glória, Nilva Barbosa e Edna de Oliveira. Estavam curiosas. Não entendiam por que a companheira tinha vindo tão triste.

— A delegacia tá cheia de meninos, que o delegado chama trombadinhas. Foram desovados pro lado de cá de Camanducaia — diz Elizena. — Precisam ver. Uns tão feridos, outro com o braço quebrado.

Desde madrugada que rolam pelo mundo, completamente nus. O delegado quer que se dê ajuda a eles. Já procurou as santas da igreja, elas tiraram o corpo. Tá se pegando com a gente.

— Só vou ajudar porque são crianças — diz Ofélia Pinto.

— Dr. Emiliano só trata a gente com atenção quando tá precisando, Outro dia me pegou na pracinha perto da matriz, queria que explicasse o que andava fazendo. Tive vontade de dar uma bofetada nele, mas acabei explicando. Tornou a lembrar o regulamento: mulher que é vista fora da Rua da Usina vai pro xadrez.

— Nas ruas decentes só as que trepam na moita é que podem balançar o rabo — comenta Nilva Barbosa.

— Ora se é. Pra essas a lei dá proteção — afirma Maria da Glória.

— Por isso que no fim do ano vou me mandar. Cansei dessa terrinha ordinária — acentua Edna de Oliveira. — Tou farta de hipocrisia.

Enquanto vão falando, Elizena já recolheu alguns lençóis, gritou por Dina, mandou Maria de Jesus conseguir tesoura e linha.

— Nilva — diz Elizena — pede a máquina de Dina emprestada.

A mulher sai para atender à companheira. São todas mais ou menos da mesma idade, com exceção de Elizena que já tem mais de trinta e seis.

Dina aparece. Está com uma blusa marrom, decotada. É loura, olhos esverdeados. Está sempre bem-vestida e geralmente não se mete nos mexericos do lugar. Os homens que a procuram são motoristas de caminhão. Tem uma clientela firme. Raramente deixa-se levar pra cama por algum homem casado que fica pela Rua da Usina até tarde, esquecido de voltar para casa.

Elizena corta um lençol, explica a Dina a situação dos trombadinhas que apareceram em Camanducaia e estão metidos num xadrez da delegacia.

— Pra fazer essas roupas a gente vai ter de experimentar neles. Senão acaba estragando pano — sugere Dina.

— Ofélia vai dizer ao delegado pra ir mandando os garotos, em grupos. Se vai anotando os nomes e tirando as medidas.

Ofélia muda o vestido, passa o pente nos cabelos.

— Será que o chato do 25 tá por lá?

Elizena não responde, ela não insiste na indagação. Maria da Glória e Edna de Oliveira entram carregando a máquina, Dina explica que a bobina tava precisando de linha.

— Acho que até de noite já se preparou uma porção de roupa. Será que não? — diz Elizena.

— Às oito um cara vem me pegar. Vamos dar um passeio de carro por aí — afirma Dina.

— Nossa, como ela tá granfa — acentua Nilva, brincando.

Ofélia transmite o recado de Elizena ao delegado. O telefone toca, 25 atende. João Domingo olha Ofélia com ar de deboche, toca-a nas nádegas, enquanto o delegado está distraído.

— É um jornalista que já chegou por aí. Mais um pouco vai aparecer pra encher o saco — diz o dr. Emiliano, dirigindo-se mais a 25.

— João Domingo, leva dez garotos na casa de Elizena. Diz que é pra fazer roupa.

O policial caminha pelo corredor, Ofélia retorna, 25 estira o pé no caminho, a mulher faz um sorriso.

— Olha aí, pessoal. Dez passa pro lado de cá.

Dizendo isso João Domingo trata de reunir sacos e pedaços de toalha que os garotos trouxeram do posto. Faz com que se embrulhem.

— Vamos ali, fazer umas roupas.

O policial sai acompanhado dos garotos. Seguem pela rua de calçamento, depois pela de terra. Os garotos poderiam fugir se quisessem, mas não estão com vontade. Sabem que de nada adiantará. Precisavam de roupas ou, do contrário, não poderiam ir longe.

Quando João Domingo entra na casa de Elizena, torna-se expansivo. Abraça Maria de Jesus, bole nos seios de Maria da Glória. Os pequenos estão um tanto desconfiados. Dizem brincadeiras uns para os outros. Elizena manda que João Domingo se comporte.

— Roupa pra todo mundo — diz ele, em tom de brincadeira, — Se puder arrumar sapato, tanto melhor.

— Roupa ainda se arranja, meu filho. Sapato só com aquelas ratazanas de igreja — responde Ofélia de forma atrevida.

— As velhotas deixaram o delegado na saudade — comenta João Domingo.

— Não são tão piedosas? Vivem rezando por aí, dizendo que a gente é que espalha o pecado na cidade! — considera Dina.

— São muito é vivas — diz o policial. — Recolhem grana o ano inteiro e na hora de fazer um favorzinho, dão no pé. Só sei que até agora o delegado tá esperando que dona Chiquinha apareça.

Elizena acha graça. Vai se esforçar no trabalho porque aquilo representava, também, uma prova de que não eram as únicas ovelhas negras de Camanducaia.

Dina conseguiu papel e lápis, vai anotando o nome dos garotos. Eles são de modo geral calados. Edna de Oliveira conseguiu um banco para que sentassem. Nilva e Maria da Glória se encarregam das medidas. Esticam a escala, Dina faz anotações.

Elizena colocou os primeiros pedaços de pano na máquina, aciona o pedal com vontade, lembra-se dos tempos em que fizera aquilo, noites e noites, em Extrema, para ajudar o marido. E tudo perdido. De nada adiantou. Foi procurar melhor colocação em Belo Horizonte, por lá ficou. A princípio procurou-a umas tantas vezes. Depois as visitas foram rareando. Aí, entendeu que já não era o mesmo. Esperou durante anos e nunca mais.

Dina dá as medidas do maiorzinho.

— Já pode ser este blusão — afirma Elizena, limpando da memória as nuvens das recordações.

Dina chegou ao menor de todos.

— Teu nome?

— Zelito.

— Quantos anos tem?

— Oito.

Não tinha de perguntar tanto assim, mas gostou de falar com o menino. Tinha olhos redondos, parecia alegre. Teve vontade de perguntar-lhe outras coisas mas conteve-se. Levantou-se com o papel de anotações, foi até a cozinha, onde Maria da Glória preparava café, os olhos estavam cheios d'água.

Logo que os garotos tiveram seus nomes e medidas anotados, retornaram à delegacia em companhia de João Domingo. Um deles agradeceu o café, beijou Dina e Elizena. Sorriram, ficaram acompanhando quando se foram, bem mais barulhentos do que antes.

IX

Por volta das cinco da tarde o carro de reportagem estacionou em frente à delegacia. Saltaram três homens: o motorista, o que carregava máquina e

flash, o barbudo que deveria ser o repórter. Encostado ao portal, 25 acompanhava a movimentação. O barbudo perguntou pelo delegado. O policial respondeu com má vontade. Sabia que o delegado estava ocupado, não podia perder tempo com mais explicações. O repórter insistia. Sentou-se, fez uma ligação.

O repórter tirou a carteira de cigarros, ofereceu. O fotógrafo tirou um, o policial não pôde recusar. Puseram-se a conversar.

— Como foi a história dos garotos?

— Se sabe a partir do instante em que apareceram no posto, fazendo um salseiro dos infernos. Dizem ter sido desovados por policiais de São Paulo.

— Quantos são? — indaga o fotógrafo.

— Cinquenta e dois. Dois ou três dos maiores garantem que eram uns cem que estavam no ônibus e foram jogados ribanceira abaixo.

— Pode se levar um papo com eles?

O policial se embaraça.

— Poder pode. Mas era melhor falar antes com o delegado.

O repórter entende que era uma questão de hierarquia, não queria deixar o policial em má situação.

— E os outros?

— Que outros? — diz 25 um tanto aereamente.

— Ora, se os garotos afirmam que no ônibus estavam cem, estão faltando quarenta e oito.

O policial mexe-se na cadeira, sacode as mãos em sinal de impaciência.

— Disso não entendo nada. É rolo do pessoal de São Paulo. Quando chegar lá pergunte a eles. Por aqui se tá cuidando dos cinquenta e dois.

O delegado aparece. Repórter e fotógrafo levantam-se, falam no jornal que representam.

— Que é que vai fazer com todos esses garotos?

— Já me entendi com o secretário-geral, ele autorizou que tomasse as medidas cabíveis. Liguei pro juizado em São Paulo, a coisa tá se encaminhando. É provável que amanhã estejam de volta.

— A que o senhor atribui essa desova?

— Não é novidade — diz pacientemente o delegado. — Quando a situação aperta em determinados centros, o caminho é esse. Dar baixa pro lado de alguém. Só que no meu caso, não vou aceitar. Os garotos serão recambiados. Que tomem as providências que bem entenderem. Bagunçar minha jurisdição é que não pode.

— O senhor já esteve no local onde foram jogados?

— Ainda não. Pretendo ir lá, tão logo resolva as coisas por aqui.

Primeiro estou tratando de conseguir roupa pra eles todos. Já se obteve comida e logo mais vamos ter o jantar reforçado. Amanhã então vou descer até o fundo da ribanceira.

— Pode-se ver os garotos?

O delegado levanta-se, o repórter, o fotógrafo e 25 vão atrás. Chegam em frente às grades do xadrez. Lá estão eles. Uns estendidos em pedaços de colchão, outros com os pés embrulhados em folhas de jornal, a maioria se distraíndo em jogos ou simplesmente dizendo piadas.

O delegado manda João Domingo abrir a porta, o repórter aponta uns dois ou três, com os quais gostaria de ter uma conversa. Esses são retirados. Entre eles está Dito. Voltam para a sala do delegado. Os garotos sentam-se no banco comprido. João Domingo encosta-se na parede, 25 estira as pernas, recostado como está na cadeira, o delegado folheia uma pasta de papéis, o repórter põe-se a falar com Dito.

— Como foi que chegaram ao ônibus?

— Já contei pra ele — e aponta o delegado.

— O repórter tá querendo que repita — diz o delegado, de forma incisiva.

Dito não gosta muito daquilo.

— Tá bem. Eu tava numa delegacia e o delegado me arrancou de lá. Eu e uns outros. Tio Zé e Gabriel, por exemplo.

— Por quê, por exemplo?

— Só eu e Gabriel fomos pro ônibus. Os outros, não sei.

— Onde tava o ônibus?

— Não sei. A gente mudou de xadrez. A mudança foi feita de dia mas se ficou esperando anoitecer. Aí os caras apareceram e nos levaram. Eu e o Gabriel. O ônibus tava num pátio grande. Havia uma porção de policial tomando conta. Os soldados tinham cães amestrados, Parece que de outros lugares tavam chegando viaturas. De uma delas vi saltar uma porção de garoto. Tudo bem pequeno. Aí mandaram entrar no ônibus. Tava chovendo quando se saiu de São Paulo. Não se podia abrir as cortinas das janelas. Procurei calcular pelo tempo que se rodava mas não deu. Aí me perdi. Quando jogaram a gente pra fora do ônibus, não tinha a menor noção do lugar.

— O que fizeram com vocês no ônibus?

— Deram porrada, quebraram a espinha de um garoto, soltaram os cachorros na gente. Depois, tiraram nossa roupa, mandaram pular, Os que não atendiam eram tocados a pontapé, Rolei na ribanceira, me arranhei todo — mostra os lanhos nos braços e nas pernas.

— É alto o lugar onde caíram?

— Uns cem metros.

O repórter fala com os outros garotos, todos repetem a história que Dito terminara de contar. O crioulo, de olhar congestionado, só tem uma preocupação.

— Vão voltar, mas dessa vez pro juizado.

Dito faz ar de riso.

— Qual é a diferença?

O repórter não sabe o que dizer, 25 sorri, o delegado faz que não ouviu.

— Leva outro grupo de crianças lá pra zona, João Domingo — determina o delegado.

X

Já bastante escuro e quando voltou a chover, Camanducaia apresentava aspecto diferente. Eram numerosas as pessoas nas ruas, de guarda-chuvas abertos, vários carros de reportagem estavam parados na porta da delegacia. As casas que costumavam fechar portas e janelas cedo continuavam iluminadas por fracas lâmpadas de vinte e cinco velas. No botequim, homens vermelhos e desdentados que tomavam pinga falavam da situação dos menores e na providência das mulheres da Rua da Usina. Os tipos pediam mais aguardente, a conversa se estendia. Referiam-se, sem muita certeza, aos mortos que ficaram no fundo da ribanceira. Diziam ter vindo carros pela manha para retirá-los. O mais velho de todos afirmava que um motorista de carreta lhe dissera isso.

— Viu quando tavam puxando os corpos.

Os outros mostravam-se alarmados com aquela coisa e voltavam a falar nos que estavam na delegacia. O próprio João Domingo já estivera ali, bebendo com eles, e confirmara que no xadrez estavam cinquenta e dois.

— Nossa Senhora!

O negociante continuava a encher os copos de pinga e os tipos a falar e a beber. Também, nesse momento, dona Chiquinha estava na casa de sua colega Engrácia, pois Maria Quitéria tinha acabado de chegar.

— Foi um dia exaustivo — afirmava dona Chiquinha.

— Só de saber dos garotos, fiquei liquidada. Como andam as coisas, Deus do céu! — dizia Maria Quitéria.

— Acho que a ajuda que se pode dar ao delegado é espiritual — ponderava Engrácia, enquanto retirava as xícaras de café da bandeja que a empregada pusera sobre a mesinha de mármore.

— Pensei em desmanchar umas anáguas e transformar em camisas, mas quem é que vai costurar, assim, de uma hora para outra? — considera dona Chiquinha.

— Eu reuni uma porção de postais, com a imagem do Menino Jesus. Vou mandar pro delegado. Não se deve pensar só no lado material — afirma Maria Quitéria.

— Mas o pessoal de hoje em dia não entende que se proceda assim. Acho que não vai ficar satisfeito — acentua dona Chiquinha.

— Se o vigário estivesse aqui, poderia ir na delegacia, fazer uma celebração!

— Ora — argumenta dona Engrácia — a gente também pode rezar. Só que em vez de ir até lá, se reza aqui mesmo.

As três ajoelham-se em frente ao santuário, onde estão as imagens, inclusive a de São Sebastião crivado de flechas. Vistas de perfil, todas estão batendo silenciosamente os beiços. As orações prolongam-se por mais de vinte minutos. Levantam-se, Engrácia chama a empregada, pede mais café.

Dona Chiquinha pega o telefone, chama o delegado.

— Olha, dr. Emiliano. Só agora consegui reunir minhas amigas, pra lhe dar a ajuda que pediu. Acontece que não pode ser material. Tamos rezando pelas crianças, por tudo de mal que tem acontecido com elas e pelo futuro. Tou certa de que Deus vai nos atender.

O delegado ouve as palavras de dona Chiquinha, remexe nos papéis, o repórter que o estava entrevistando fica impaciente, a mulher não termina de falar nunca, conta a respeito das orações, fala no sacrifício dos santos, especialmente São Sebastião, do qual era devota.

Dr. Emiliano agradece a boa intenção, diz que as mulheres da Rua da Usina ajudavam a resolver o problema. Muitas roupas tinham sido feitas e outras estavam sendo terminadas. Isso bastou para que a falação de dona

Chiquinha terminasse. O delegado sorri, pede ao repórter que continue. Dona Chiquinha põe o fone no gancho, alisa os cabelos.

— Tipinho petulante esse dr, Emiliano. Quando apareceu por aqui, vivia incomodando todo mundo com favorzinhos; agora, tá botando as unhas de fora.

Engrácia quer saber o que houve, Maria Quitéria está curiosa. Esta última ainda tem a xícara de café nas mãos.

— De maneira arrogante — diz dona Chiquinha — o senhor delegado acaba de comunicar que aquelas vagabundas da Rua da Usina é que estão resolvendo o problema dos menores.

— Teve essa audácia? — indaga Engrácia.

— Atrevimento! — diz Maria Quitéria.

— É uma pena que o vigário não esteja na cidade. Não se pode deixar aquelas perdidas contaminarem a vida das crianças — argumenta dona Chiquinha.

— Tão sempre prontas a fazer qualquer coisa, só para aparecer e mostrar que são boazinhas — afirma Maria Quitéria.

— Acho que devemos ir até a delegacia, ter um entendimento com o dr. Emiliano. Afinal, acima dele, nesta cidade, está o juiz Galdiano. E não se pode permitir que nos envergonhem dessa maneira — acentua dona Chiquinha.

Engrácia, bem mais gorda que as outras, olhar tranquilo, cabelos ficando grisalhos, não se mostra disposta àquele sacrifício, ainda mais com a chuva que começara a cair.

— Que tal se fazer uma representação e aguardar seu vigário?

— Talvez fosse melhor ouvir dr, Galdiano. Vai ver, tem alguma sugestão — diz Maria Quitéria.

Dona Chiquinha pensa um pouco. Certifica-se de que a representação seria melhor. Afinal, para chegarem à delegacia teriam de cruzar várias ruas, atravessar poças d'água, molhar os pés. E para quê? Dar satisfação ao delegado, um simples bacharel! Jamais! Falariam com o juiz de direito, autoridade máxima.

— E se aproveita — prossegue dona Chiquinha — pra botar uma porção de coisa em pratos limpos. O tal limite que aquelas pecadoras devem observar. De primeiro, só podiam andar pela própria Rua da Usina. Veio esse delegado e passaram a avançar até a Rua Tiradentes. Agora, já cansei de encontrar com algumas delas até na Praça da Matriz.

— Oh! — faz Maria Quitéria desolada.

— O delegado não pode modificar os hábitos da cidade. Tem de se preocupar em tirar os vagabundos da rua e manter a ordem, o que não faz — acentua Engrácia.

— Nunca fui muito com a cara dele — afirma dona Chiquinha.

— Quando o vi uma noite, na casa de Jacira, achei que era antipático — diz Maria Quitéria, que tinha trinta e oito anos e jamais conseguira um namorado sequer.

Dona Chiquinha enerva-se. Os olhos estão inquietos, os gestos pausados desapareceram. Pega o telefone, procura saber o número da casa do juiz. Faz a ligação, dizem que o juiz não estava. Não havia chegado.

— Não sei onde o doutor juiz se mete, exatamente quando se precisa dele!

A chuva aumenta, ouvem-se trovões, relâmpagos clareiam a sala, as lâmpadas piscam, ameaçam apagar, Engrácia manda que a empregada providencie velas.

— Vamos pensar na representação — afirma dona Chiquinha.

Capítulo 8

I

Quase meia-noite, a tarefa de Elizena Mendes e de suas amigas estava concluída. Havia roupas costuradas à máquina, à mão ou apenas alinhavadas. De qualquer forma o investigador 25 pôde vir apanhar a encomenda. Levou o carro do delegado cheio de calças e camisas. Elizena estava alegre por ter tido a oportunidade de colaborar com os garotos. O mesmo sentiam Maria de Jesus, Ofélia e Dina, Praticamente, nessa noite, não se deixaram ocupar pelos homens.

— Queria ver depois que tivessem vestidos! — dizia Edna de Oliveira.

— É só a gente dar um salto na delegacia — sugeria Nilva Barbosa.

Elizena tratou de arrumar-se, passar uma água no rosto. As outras mudaram os vestidos, Dina pôs blusa nova. Em poucos minutos estavam na delegacia. O delegado havia saído mas João Domingo mantinha-se de plantão.

— Se quer ver os garotos com as roupas.

Achou graça.

— Já não dá. Mandaram um ônibus de São Paulo, foram embora.

Quando acabaram de botar a roupa o carro chegou. O delegado foi até a saída da cidade.

— Como é que ficaram? — quer saber Nilva Barbosa.

— Pareciam filho de lorde — responde o policial, enquanto piscava e fazia trejeitos.

— Então, foi viagem perdida — diz Elizena.

— Perdida o quê! Fica um pouco até doutor delegado voltar.

Não gostavam de João Domingo, trataram de retornar. A chuva havia passado mas as ruas estavam cheias de poças. Dina pisava com cuidado

para não sujar a sandália, Ofélia caminhava segurando a saia.

— Um dia desses vou dar uma bofetada nesse tipo ordinário — dizia ela referindo-se a João Domingo. — Cada vez que chego perto quer pegar na minha bunda.

As outras riem.

— Parece um débil mental.

Quando acendem as lâmpadas nas casas, o ônibus está passando em frente ao posto onde os garotos foram encontrados, na madrugada de chuva e frio. Dito não sente vontade de falar. Viaja num banco sozinho, Há apenas dois policiais tomando conta. Pensa nas coisas que já fizera e, principalmente, na tentativa de assalto ao supermercado, Recorda-se de Castigo de Mãe segurando a barriga e caindo, recorda de Encravado saltando da Kombi e sendo atingido na cabeça. Não conseguia entender a teimosia de Encravado. Sabia que iam matá-lo e saltou. Ele se manteve quieto, ergueu os braços quando os tiras abriram as portas da Kombi. No menor descuido o queimariam também. Não queria morrer naquele momento. Ainda tinha o que resolver. Cobriram-no de pancadas e ali estava, ressurgindo das cinzas. Até quando iam deixá-lo prosseguir? Não sabia, nem se preocupava com isso. O importante era retornar ao Rio, procurar Alfinete e Figurinha. Vai ver, conseguiram safar-se. Queria reencontrá-los. Por isso não adiantava estar naquele ônibus. Fugiria antes de chegar ao juizado. Tão logo entrasse na cidade, daria um jeito de escapar, No primeiro sinal, na curva mais fechada, saltaria. Os que chegassem ao juizado terminariam indo para outras prisões. Não teriam sossego, nunca. Surgiriam novos problemas, estariam mais uma vez envolvidos. Não pertencia àquela turma, não conhecia ninguém. O único que era seu amigo ficara no fundo do precipício, a voz fraca, veias do pulso abertas.

Leu diversas vezes o aviso numa tabuleta branca, com letras vermelhas. Porta de emergência. Em caso de acidente, puxe a alavanca para cima. Restava saber se estava de fato funcionando. A viagem prosseguia, alguns garotos faziam confusão, riam e cantavam, como se retornassem de um piquenique. Não viu mais o que teve os braços destrancados, não viu o de braço quebrado. Um dos policiais pedira menos barulho, o motor do carro zunia em velocidade. Passaram-se mais de trinta minutos e o carro continuava disparado. Percebia a distância que o haviam trazido. Mexe na calça, verifica que não tem bolsos. A primeira providência era conseguir roupa melhor. Lembra-se do revólver que perdera no supermercado, do

dinheiro que lhe tomaram na delegacia. Estava limpo, sem um níquel. Conseguida a roupa, teria de arranjar dinheiro. Em seguida pensar na viagem ao Rio, provavelmente de trem, como já conseguira das vezes anteriores ou, quem sabe, de carona, ajudando algum motorista? Ia tentar. O importante era chegar à cidade, puxar aquela alavanca e cair fora. Que os ingênuos continuassem alegres, pelo fato de voltarem de novo à prisão.

Recostou-se no banco, a noite era escura, os carros cruzavam em velocidade. Pouco depois começaram a aparecer lâmpadas de mercúrio e, lá distante, outras pistas igualmente iluminadas. Subiram um viaduto e, então, reconheceu que era o começo da cidade. Olhou o policial que conversava, o outro que se sentara no banco de trás e cochilava. Acionou a maçaneta, como dizia o aviso, a porta deu um estalo. Sentiu que estava aberta mas prosseguiu segurando a maçaneta, Não era o momento de saltar. O ônibus entrou pela avenida, dobrou para a direita, tomou a esquerda, subia a ladeira, bem devagar. No cruzamento havia diversos carros, o caminhão de lixo, parado. A oportunidade que esperava. Empurrou a porta, saltou. Correu na frente do caminhão, subiu a rua estreita, saiu na pracinha, tomou a passagem subterrânea, chegou perto da igreja, escondeu-se. Acomodou-se nas escadas, depois perto da porta, descobriu que na lateral do prédio havia uma reentrância na parede, onde poderia ficar em segurança. Sentou-se, encostou-se na parede e, assim, adormeceu.

Despertou com o dia claro, ouvindo ruído dos carros. Os sinos badalaram algumas vezes, tratou de desaparecer. Percorreu uma rua, depois outra, chegou ao largo onde havia barracas de frutas, encontrou pessoas indo e voltando com sacolas de compras. Caminhou um pouco mais, até onde a feira estava instalada. Aproximou-se dos barraqueiros, ofereceu-se para ajudar, alguns nem ao menos responderam. Aí conseguiu um cesto velho, ficou andando atrás das mulheres que faziam compras. Uma, de cara enfezada, aceitou que ajudasse, Discutiu com o peixeiro, com o que vendia tomates, passou dez minutos se decidindo entre um pé de alface e outro, reclamou com o que pesou a banha de porco. Dito pegava os pacotes, ia botando no cesto. A mulher pediu que segurasse também o carrinho, que havia soltado a roda.

— Porcaria de carrinho — dizia ela. — Foi jogar dinheiro fora!

Dito gostando que o carrinho tivesse dado defeito, pois do contrário não teria aceito sua ajuda.

A mulher retornava diversas vezes ao mesmo ponto, falava com os mesmos barraqueiros e isso já estava cansando. Umas duas horas após andar de um lado para o outro, decidiu ir embora. O cesto ficara pesado. Dito suado, embora a manhã não estivesse propriamente quente. Perguntou onde ela morava, respondeu de má vontade, recusou-se a tomar táxi. Puseram-se a andar. Dito não imaginava que fosse tão longe. Em todo caso animava-se com a perspectiva da gorjeta. Vai ver a mulherzinha economizava no táxi para aumentar sua gratificação.

Entraram pela rua de casas baixas, a maioria com jardins e garagens, crianças com bicicletas, carros estacionados de um lado e do outro das calçadas. A mulher ia uns dez metros na frente. Passou por todas as casas, chegou finalmente ao pequeno edifício de quatro ou cinco pavimentos. Entrou, abriu o portão.

— É lá em cima!

Subiram diversos lances de escadas, chegaram ao apartamento de tacos sintecados, mandou que entrasse pela porta de serviço. A cozinha era grande, os armários de fórmica, a mesa com a louça do café. Dito arriou o cesto, a mulher mandou que retirasse os embrulhos e os fosse colocando sobre a mesa. Não se recusou a isso. Pegou o cesto, ficou aguardando a gorjeta. A mulher entregou-lhe duas notinhas de um cruzeiro cada.

Sacudiu a cabeça. A dona fez como se não entendesse.

— Meu carroto é mais. Tou lhe acompanhando desde oito horas.

— Mais do que isso não dou pra ninguém.

Depositou as cédulas na ponta da mesa, perto de Dito.

— Pegar umas coisinhas ali e trazer, não vale mais que isso — repetia a mulher.

— Devia ter perguntado meu preço!

A mulher insistia que tava acostumada a pagar aquilo. Não era a primeira vez.

Dito fez um sorriso nervoso, empurrou as notas para o meio da mesa.

— Acho que não tá agindo direito.

A mulher parou de arrumar as compras, botou as mãos nos quadris:

— Olha aqui, seu moleque...

Dito sentiu as orelhas ardendo, a cicatriz por cima do olho doeu, o rosto contraiu-se, o ar que estava entrando pelas narinas parecia quente. Não ia aguentar aquele insulto, nem permitir que aquela mulherzinha continuasse a falar.

Deu-lhe o primeiro empurrão, ela se desequilibrou, caiu por cima das cadeiras.

— Vá empurrar tua mãe, moleque atrevido!

Dito foi tomado de um acesso de cólera. Aplicou um soco na cara da mulher, ela se estatelou no chão, meteu as mãos nas compras sobre a mesa, jogou tudo no chão, pegou um rodo que estava perto, quebrou o cabo, aplicou novas pancadas na mulher, o marido acordou, veio ver o que estava acontecendo, Era um homem já de idade e pesadão. Alarmou-se diante do garoto dando na mulher com o cabo do rodo, meteu-se na confusão, levou também umas pancadas, correu dizendo que ia apanhar o revólver, Ditou segurou a bolsa, tirou de dentro dela o dinheiro que encontrou. Sumiu da cozinha o mais rapidamente possível, fechou a porta por fora, jogou a chave no jardim.

Distante, reconferiu o dinheiro. Começou a tranquilizar-se pois, afinal, o carroto tinha rendido mais do que podia esperar. Com aquele dinheiro compraria a calça de tecido forte, se preciso roubaria os sapatos.

II

Era uma rua de pequenas lojas, vendedores gritando pela freguesia nas calçadas. Convidavam os que passavam a entrar, a escolher os artigos, que diziam ser de primeira qualidade. Uns batiam palmas, outros gingavam, de algumas portas saíam músicas barulhentas. O homem que mais gritava elevava-se em altíssimas pernas de pau, com calça de listras. Segurava o megafone, sua voz abafava a dos concorrentes.

Dito chegou perto, as mocinhas ficaram olhando seu jeito. Viu a calça barata, pediu para experimentar. Uma das garotas encostou-lhe a calça na barriga, para calcular a largura. Mandou que entrasse no biombo e vestisse. Apressou-se, percebeu estar um pouco frouxa na cintura. A mocinha entregou-lhe outra. Era como desejava, não necessitaria usar cinturão. Perguntou o preço, alegrou-se porque o dinheiro dava. Interessou-se pelos sapatos de pano, Escolheu o de borracha escura e todo marrom. A mocinha fez os cálculos, estendeu a nota de cem, com muita pena, pegou seis de troco.

Depois de vestido concluiu não ter o suficiente para um sanduíche. Mas o importante estava feito. Dali em diante era tratar de conseguir mais dinheiro, adquirir uma arma, voltar ao Rio. A não ser que encontrasse Zé Inácio, Tatu ou Borrachudo.

Iria pelos estacionamentos da Avenida São João à procura deles. Se não estivessem por lá, fatalmente estariam pela Praça Júlio Mesquita ou nas proximidades do mercado de flores, no Largo do Arouche. Era por ali que deveria encontrá-los. Ficaria fazendo hora, até aparecer alguém que desse notícias deles.

Entrou no ônibus, sempre atento aos que estavam mais perto, passou para o banco da frente, ao lado do motorista, onde não poderia ser observado facilmente. O carro percorreu diversas ruas, entrou e saiu de engarrafamentos, subiu a ladeira estreita, passou perto dos grandes edifícios, onde estavam instalados os bancos, chegou ao Anhangabaú. Desceu, tomou caldo de cana, a dúvida de conseguir ou não mais dinheiro, quem sabe Zé Inácio o ajudaria, talvez um trabalho extra aparecesse.

Entrou no estacionamento, viu Chapéu no mesmo lugar de sempre, não sabe como um sujeito podia ficar anos e anos fazendo a mesma coisa, ou seja, olhando carro entrar e sair. Aproximou-se, perguntou por Borrachudo, Chapéu levantou-se para atender à mulher que não acertava a pôr o carro na vaga, voltou, reiniciou a conversa.

— É cabeça-dura. Cansei de avisar. Terminou entrando numa gelada. Andou pra cima e pra baixo, pra se livrar da cana, mas acabaram botando a mão nele. Não sei por onde tá.

— E Zé Inácio?

— Ontem mesmo andou por aqui. Tá numa boa. Toma conta daqueles dois carros e quando o homem vai pra Santos leva ele.

Dito olha os carros indicados por Chapéu. É um Mercedes esporte e um Ford importado. Alegra-se de que Zé Inácio esteja numa boa.

— Guenta a mão por aí que tá quase chegando — diz Chapéu.

Dito caminhou um pouco pela Avenida Duque de Caxias, parou na casa que vende frutas, comprou uma pera, pôs-se a comer, ficou se divertindo com a mendiga que tentava colocar o caixote cheio de bagulhos na cabeça e não conseguia, cada vez que se curvava pata juntar uma coisa que caíra as outras todas caíam.

Cansou da mendiga, seguiu na direção do Minhocão, perto da oficina de consertos e do Teatro das Nações encontrou o velhote que andava cercado

de cachorros. Eram pelo menos seis, alguns ainda gordos, outros bem magros e sujos. O velhote estava comendo restos que tirava de uma lata, jogava migalhas aos cães.

Passou por longe, foi olhar os cartazes do teatro. Havia mulheres de biquíni, com os seios de fora, uma parecia com Beth. O mesmo rosto, o mesmo ar distante. Continuou seguindo pela calçada molhada, repleta de pontas de cigarros, o pensamento em Beth, na noite em que ficaram juntos, ela falando de coisas agradáveis, ele gostando que aqueles momentos se prolongassem. Depois, Beth entrando na casa com outro cara. A mão nos seus ombros, ela sorrindo. Não gostaria de tornar a vê-la. Desejaria encontrar Alfinete e Figurinha, saber por que a transa no supermercado não deu certo. As mãos cheias de dinheiro, o portão se fechando, a maldita Kombi sem querer pegar, o portão se fechando, a arrancada de forma precipitada, os disparos, o tempo se escoando, já muito estreita a passagem para o carro, o choque, o rosto no vidro, os pés de Castigo de Mãe batendo no para-brisa, a rajada de metralhadora atingindo-o na cintura. Tentou segurar Encravado mas ele também estava apavorado. Era precipitado. O disparo na cabeça, o corpo caindo e perdendo-se. Só não sabe como os policiais chegaram tão rapidamente, nem se Alfinete e Figurinha conseguiram escapar.

Estranhamente, encontra a moça que conduz a bolsa lustrosa e que, também, faz lembrar Beth. Não está disposto a continuar pensando nela, sabe muito bem o que aconteceu a Rapadura por meter-se com mulher. Lembra-se das brincadeiras de Alfinete, das afirmações de Encravado.

— Garota é pra se comer!

Na Praça Deodoro, as crianças estão sacudindo os balanços, o sol coa-se por entre a ramagem dos fícus, os velhotes leem jornal, as babás empurram carrinhos, o garoto joga a bola para que o cão felpudo vá pegar. Nas pistas laterais o movimento de veículos é intenso. A bola espirra para a rua, o menino fica temeroso de que o cãozinho corra atrás.

Dito dá a volta pela Rua das Palmeiras, para perto dos homens, só de calças, que tiram o motor de um Volkswagen, muitas peças na calçada, Acocora-se, está pronto a prestar uma ajuda. Quem sabe dali não surgiria algum dinheiro? Os homens retiram o motor, examinam as peças que se estragaram. Jogam rodela de borracha de lado, um manda palavrão.

Dito começa a admitir que vão precisar de peças e não há nenhuma casa por perto. Se quiserem que vá comprar, terão de dar-lhe uma gorjeta. Se

pretenderem ajuda maior, é só dizer. Isso significará mais dinheiro. Um dos homens, o que está suado e nervoso, quer saber se Dito conhece a oficina do Arnaldo.

— Logo ali, depois da panificadora.

Sacode afirmativamente a cabeça.

— Vai lá, Traz três arruelas desse tipo e borrachinhas como essas.

Recolhe as amostras, a mão fica logo suja de graxa, não se importa, atravessa a rua. Mete no bolso a cédula que lhe deram. Mostra ao homem da casa de peças, ele puxa uma gaveta, tira uma caixa, separa as borrachinhas aos pares, depois faz o mesmo em relação às arruelas. Embrulha tudo junto, pega a cédula, entrega o troco. Para evitar dúvida, Dito quer uma nota, O homem não gosta da exigência, tira o lápis de trás da orelha, rabisca na folha de bloco.

Volta correndo, entrega o embrulho e a nota, o homem de ar zangado acha correto, dá uma cédula a Dito. Continua olhando o conserto por mais algum tempo, cansasse disso, vai para o estacionamento, onde encontra Zé Inácio. O amigo alegra-se em vê-lo.

— Puxa, cara, qual é a tua?

Dito apenas sorri, olha o boné novo que Zé Inácio tá usando, as mesmas sardas no rosto, as sobrancelhas alouradas, os braços cobrindo-se de cabelos dourados...

— Tá numa boa, que o Chapéu disse...

— O cara é legal. Uma vez por semana aparece e se vai pra Santos. Fica por lá nas transas e eu cuido do carro.

— É bom dirigir um Mercedes?

— E o máximo! Não dá nem vontade de pegar nos outros.

Enquanto Zé Inácio prossegue falando no cara que era bacana, Dito recorda a semelhança com Cristal. Também era bonachão, não tinha pena de gastar, andava num carro que parecia colchão de plumas, Só que depois meteu-o numa gelada. Se não tivesse garra, se afogaria. Mas esperava que o caso de Zé Inácio fosse diferente. Ele merecia. Mas, o que desejava propor-lhe não era exatamente envolvendo seu ganha-pão. Tinha planos de partir para outro assalto a supermercado e podia ser que topasse. Não sabia como começar. Talvez, nem falasse daquela vez. Deixaria para o dia seguinte. Não gostava de parecer apressado. E sabia bem que esse era o jeito de Zé Inácio.

Por isso, sentaram-se no meio-fio, do lado em que a avenida era menos movimentada, Zé Inácio tirou do bolso a carteira de cigarros americanos, ofereceu-lhe um.

Dito sorriu, puxou a primeira tragada.

— Puxa, cara! Tá luxando...

Zé Inácio sorria e continuava a falar, desta vez da mulher que o ricaço encontrava em Guarujá e que já vira umas duas vezes.

— É a que dirige o Ford?

— Nada disso. Essa é a mulher dele, Tô falando de uma comida por fora. Boa às pampa.

Zé Inácio faz uma pausa, puxa uma tragada, sopra a fumaça com vagar.

— E acredita que tá me dando bola?

Dito não diz nada, apenas continua a olhá-lo.

— Fui levar uns pacotes que o cara mandou lá na casa onde ela fica.

Sabe como me recebeu? Só de calcinha e sutiã.

— Calcinha ou biquíni?

— Calcinha, Tava se vestindo pra sair.

Os dois ficam calados algum tempo. Zé Inácio olhando longe, como se ainda recordasse a mulher.

— Deve ter uns vinte e seis anos e é boa às pampa!

— O careta não tá precisando de um ajudante? — afirma Dito de forma engraçada.

— Acho que tá é ficando grilado comigo. Vou papar aquela dona!

O motorista do furgão chega para estacionar. Zé Inácio levanta, diz que só entravam carros de passeio. O cara não gosta, aparece Chapéu que confirma as explicações. Dito prossegue sentado. Sabe que o papo não ia se alongar. O motorista dá ré, vai embora numa arrancada furiosa.

Dito percebe que o ambiente é propício para falar do plano. Zé Inácio ainda está olhando distante, recordando a dona boa, só de calcinha.

— E qual é a situação que pode oferecer pra ela? — quer saber Dito.

— Aí é que tá — diz secamente Zé Inácio. — Na merda em que vivo não dá nem pra falar.

— Ela vai ver que tu é fichinha. Se deixar ir com ela pra cama uma vez é muito — argumenta Dito.

— Essa é que é a merda!

— Se quiser topar uma jogada, aí pode ter um tutu firme pra aguentar a barra.

— Que jogada?
— Pegar a nota de um supermercado. Em dia de maré cheia. — Zé Inácio faz um sorriso de descrença.
— É papo-firme, cara!
O companheiro não está convencido disso.
— Tatu andou metido numa parecida. Sifu ... Nem dinheiro, nem nada!
Dito insiste.
— No Rio, quase que se põe a mão numa bolada. Tive com a erva o tempo todo. Entrou areia por causa da afobação de um cara.
— Que cara?
— Castigo de Mãe. Na hora de arrancar com o carro, ficou nervoso.
— E aí?
— Se fodeu e foi todo mundo em cana.
— Não é o que sempre acontece?
Dito está nervoso com a teimosia de Zé Inácio.
— Quem não tenta fica na merda. Acha que a garota pode querer alguma coisa contigo, sabendo que é um bunda-suja?
Zé Inácio parece olhar de novo a mulher: coxas grossas, barriga lisa, seios rosados. Apenas uma calcinha o separando daquele corpo que recendia a perfume francês, Quando presta atenção de novo em Dito, está afirmando:
— Muita nota, cara. Tive com um montão delas nas mãos. A sorte passou perto, Pode voltar. Sei que tá quase chegando nossa hora.
— E como foi o plano no Rio?
— Dei uma olhada num supermercado, sondei o local da gerência. Aí, foi só esperar a oportunidade.
Zé Inácio torna a puxar um cigarro americano, Dito agradece.
— É a única maneira de arrumar a vida. Do contrário vai se ficando sempre por baixo. Termina como Chapéu. O tempo todo vendo carro entrar e sair de estacionamento.

III

Na manhã chuvosa, escura, de lâmpadas nas praças e nas ruas, acesas, Dito e Zé Inácio entram no supermercado, perto do Minhocão.

Dito pega um carrinho, vai empurrando por entre as prateleiras de mercadorias e garrafas. Em poucos momentos, quando chegam junto ao balcão de frios, descobrem que a gerência não ficava ali. Aquela era uma situação com a qual Dito não contava. Todavia, não se mostrou perturbado.

— Pergunta na caixa como faz para falar com o gerente. Diz que é o cara que veio ver o emprego. Aí a moça se abre.

Passeia com o carrinho, bota umas poucas mercadorias dentro, está acompanhando os movimentos de Zé Inácio. Ele se aproxima de uma das moças das caixas, fala com ela, sai do supermercado. Dito sabe que Zé Inácio está esperando por ele do lado de fora. Empurra o carrinho, a garota de cabelos avermelhados põe as compras num saco.

— A gerência é neste prédio aqui — afirma Zé Inácio.

Entram no prédio, Dito procura no painel por cima do elevador o andar da gerência. Não encontra.

O homem que está por trás do balcão diz ser no terceiro pavimento. Manda que Zé Inácio fique com o embrulho.

— Deixa que vou lá. Só espiar.

Sobe pela escada, Zé Inácio fica na porta olhando os carros, Dito já chegou ao terceiro pavimento, segue pelo corredor com balcão e divisões de vidro, mocinhas escrevendo à máquina, homens atarefados, umas poucas pessoas tratando de pagamentos, o careca conferindo as notas com o tipo moreno e forte, cabelos em desalinho.

A gerência ocupa um bom espaço, Dito sabe que a tarefa é arriscada. Continua a caminhar pelo corredor, chega aos banheiros, depois a uma outra escada que ia para o pavimento superior, Sobe por ela, tem uma surpresa, Alguma coisa que o deixou por demais satisfeito. Era ali e não no terceiro pavimento que faziam os pagamentos. Havia um guarda de segurança, um homem gordo conferia pilhas de cédulas, passava-as ao velhote que tinha uma maleta preta.

O gordo estava protegido por uma tela e seu compartimento fechava-se com uma porta. Do lado dele havia um ventilador que, naquela manhã escura, não estava funcionando.

Por mais que prestasse atenção ao local, não sabia exatamente o que fazer. Restava subir outro pavimento e foi o que fez. Só que não era mais do supermercado. As tabuletas nas portas fizeram-no entender que se tratava de pequenos escritórios, um consultório médico, outro de dentista. Voltou aos banheiros do quarto pavimento, verificou que eram grandes, as portas

tinham chaves. Guardou-as logo consigo, após experimentar se estavam de fato funcionando. Foi o primeiro indício seguro de que a iniciativa era boa, não havia problema. Continuou descendo pela escada, até o térreo. Zé Inácio estava impaciente. Caminharam pela calçada, Dito explicando as possibilidades.

— No estacionamento se faz um desenho.

— Acha que é lá que tá o dinheiro?

— Vi o cara conferindo um montão de erva.

— E qual o melhor dia?

— Talvez quinta-feira?

— Por que quinta?

— Sei lá. Isso a gente pode ver depois — argumenta Dito, pouco seguro.

— Acho bom voltar outras vezes.

— É o que se vai fazer. Só que tou pensando na maneira de entrar naquele escritório.

— Como, cara? Ficou biruta?

Dito apenas sorri.

— A dinheirama que o gorducho tava conferindo dava pra tirar férias por vários anos.

Zé Inácio sente-se mais atraído pelo plano. Manobrando e limpando carros não iria chegar a nada, realmente. Nisso Dito tinha razão. E, com a possibilidade de que tinha de tornar a encontrar-se com a garota, como fazer sem dinheiro? Se o plano desse certo seria diferente. Convidaria para um hotel, ela sentiria que tava com a nota, não era um desvalido.

Dito pega um papel, põe-se a rabiscar. Desenha a escada, o corredor, rabisca as portas do banheiro. Aí tem uma ideia que considera importante.

— Dependendo da hora que o escritório feche, se pode ficar amoitado no banheiro.

Zé Inácio não arrisca qualquer prognóstico. Nunca fora bom naquele tipo de raciocínio.

— A outra ideia é se abrir uma sala do quinto andar com chave mixa. Se prende o pessoal no banheiro e fica na sala. Até a onda passar. Depois se vai pro terraço, passa pro prédio do lado.

Dito não tem certeza se o prédio vizinho é colado ao do supermercado.

— Não é agarrado um no outro?

Um carro importado entra no estacionamento, Chapéu se levanta para orientar o motorista, Zé Inácio fica olhando, o pensamento dividido entre o automóvel novo que chega, a garota de calcinha, a aventura no supermercado.

— Quando todo mundo tiver procurando por nós, vamos tá a poucos metros do escritório.

Zé Inácio faz um riso nervoso.

— É perigoso pra cacete, cara!

— Não fode. Diz aí um negócio que não é perigoso?

O motorista salta, Chapéu é todo gentileza, pede que Zé Inácio termine de estacionar o carro. Dito nota-lhe a satisfação de entrar naquele automóvel. Avança para frente e de ré, volta para o lugar ao lado do companheiro.

— Com a parte que vai pegar, dá pra comprar dois carros desses. Amoita a erva uns anos, depois solta.

Zé Inácio tem outros planos. Bem mais realistas do que poderia imaginar.

— Que carro que nada! Se pegar a nota compro é um apartamento pra Tiazinha.

— Quem é Tiazinha?

— A velhota que me criou. Quando debandei ela chorou à beça. Aí prometi que um dia ia lhe dar uma ajuda.

— E onde é que ela mora?

— Numa favela, lá pros lados do Parque Continental.

Dito olha o colega como se nunca o tivesse visto, admira-o por ter com quem se preocupar. Repete o plano, Zé Inácio já sabe como deveria atuar, impacienta-se um pouco.

— Não esquentá, cara — afirma Dito. — Se tem de saber disso até dormindo. Do contrário eles nos agarram.

— E as armas?

— Isso eu arranjo.

— Quem entra primeiro?

— Eu — responde Dito. — Pego uma das mulheres, boto o revólver na cabeça dela. Tu te encarrega de levar a canalha pro banheiro. Aí se limpa o caixa. Deixa cair algumas cédulas na direção dos elevadores e volta pelas escadas dos fundos.

Zé Inácio faz um sorriso. Parece estar convencido de que o plano está bem elaborado.

— Por onde é que acha que vão procurar a gente?

Torna a sorrir.

— E se os caretas da sala aparecerem, pra onde é que se vai?

— Por isso é que acho que o bom dia é sexta. No sábado, escritório não abre. Se fica na sala o dia todo se for necessário.

— Mas se chegar alguém? — insiste Zé Inácio.

— Que é que tem? Se agarra o filho da puta, amarra, bota no banheiro.

Zé Inácio encosta-se no muro coberto de velhos cartazes de propaganda, de expressões pintadas em tintas coloridas, brinca com a tampinha de cerveja que achou no chão.

— Se der tudo certo me mando dessa cidade.

Dito também está encostado no muro, examina a sujeira no sapato.

— Eu me mando pro Rio. Tou transando lá com uma turma legal. Topei com uma garota bacana às pampa. Talvez a gente vá viver junto. Mas, antes, tenho um acerto a fazer.

Zé Inácio conseguiu entortar a tampinha de cerveja.

— Que acerto é esse?

— Com o careta do cemitério que apagou Pixote.

Dito sabe que Zé Inácio não fazia ideia de quem era Pixote. Também não se sente disposto a explicar.

— Um tal de Galego. Vou lá saber quem é, de perto. Aí queimo ele.

— E se te botarem a mão?

— Duvido. Com a nota no bolso a barra fica mais leve. Queimo Galego e vou procurar outro cara. Um tal de Pestana. Ele, Xereta, Pantera e Bandeira 2 me deixaram essa marca de lembrança.

Levanta um pouco a calça, Zé Inácio vê a deformação no pé.

— Não vão perder por esperar. Aqui em São Paulo — prossegue Dito, o rosto nervoso — solto uma grana pra quem me der o endereço do delegado Mauro. Vou gostar de topar com ele.

— Puxa, vai ter coisa pra fazer à beça!

— Com o tutu no bolso, maninho, não se tem pressa. E um de cada vez. E como Deus quiser. Nada de afobação.

Os projetos de Zé Inácio não incluem vinganças, quer apenas escapar com a mulher que vira de calcinhas, por achar que ela não gosta do dono dos carros.

— Dou também uma nota pro Chapéu, Me ajudou pra cacete. De primeiro nem sabia mexer num carro.

Depois, ambos silenciam, Zé Inácio faz uma pergunta que deixa o companheiro um pouco atrapalhado.

— E se Borracbudo aparecer e quiser entrar na jogada?

Dito pensa, a indagação o colhera de surpresa.

— Se diz que não tem mais vaga!

IV

À noite Zé Inácio tornou a aparecer. Estava alegre e um tanto nervoso. Encontrou Dito estendido por baixo da camioneta, enguiçada há várias semanas.

— Olha aqui, cara!

Dito sai de baixo do carro, Zé Inácio abre um embrulho de jornal, aparecem os revólveres. Um está completamente novo.

— Onde achou isso?

Zé Inácio explica. A Veraneio parou, o motorista desceu. Ficou alguns minutos por perto, depois encorajou-se. Abriu o porta-luvas, retirou os óculos escuros, o isqueiro, o embrulho.

— Achei pesado, procurei logo ver o que era, dei com as armas.

— Puxa, cara, tá tudo a nosso favor, Isso prova que o plano vai dar certo.

— O que é que se faz com as armas?

— Se esconde por baixo da camioneta, até amanhã.

Zé Inácio dá mais uma olhada.

— Precisa se reunir uma grana pra pegar a chave mixa e descolar uma balas.

Zé Inácio puxa do bolso todo dinheiro que tem. Põe as cédulas no chão. Dito faz o mesmo.

— Dá pra chave. As balas se descola na marra!

Os dois saem pela Avenida São João, Dito chutando tampinhas de cerveja, Zé Inácio parado na porta do supermercado japonês que só vendia balas e doces, brincando com Dito se não queria comprar as balas por ali mesmo. Dito fazendo gestos com os dedos de quem estava disparando as

armas. Entram no supermercado, a japonesa vem atendê-los, Na verdade não gosta da sua presença. Passeiam ao redor dos tabuleiros e das prateleiras repletas de doces, Zé Inácio pega chocolates, Dito algumas baías de hortelã e leite, botam as moedas na caixa, a japonesa trata de conferir o mais rapidamente que pode, mas eles já estão de saída, o dinheiro não é suficiente para pagar nem metade do que levaram.

A mulher chega na porta, sai até a calçada, vão longe, sempre pulando e dando pequenas carreiras, até sumir por entre as pessoas que andam apressadas, indiferentes aos acontecimentos ao seu redor.

Passam pela porta do supermercado, Dito estuda bem os acessos, manda que Zé Inácio vá ver se poderiam alcançar o prédio do lado. Senta-se no meio-fio do posto de gasolina, fica olhando a movimentação nas ruas e por baixo do Minhocão. Zé Inácio volta correndo, atravessa as pistas com o sinal aberto, senta-se ao lado.

— Os edifícios ficam coladinho. Dá pra passar, fácil.

Dito não tem o que dizer. Está satisfeito com o contentamento do companheiro, ele que era difícil de animar-se.

— E nos fundos dos prédios, sabe o que tem? Uma casa velha.

Dito sabe que isso tornaria a execução do plano ainda mais fácil.

— E tem entrada de carro?

— Tem, mas não vi nenhum carro entrando por lá!

— Sabe o que tou pensando? — indaga Dito. — E se amanhã o pessoal do prédio barrar a gente?

Aquela dúvida repercute no cérebro de Zé Inácio como uma agulhada.

— O que é que Se deve fazer?

— Atacar hoje mesmo. Já se tem as armas, até logo mais se arranja as balas. É só conseguir uma sacola e pronto.

Zé Inácio sente o frio percorrer-lhe a espinha.

Nunca se metera em plano daquela importância. Quando Dito, Borrachudo e Tatu entraram na panificadora ele estava no juizado. Ouvira apenas os comentários. Borrachudo recostava-se na parede, contava detalhes da aventura. E, sempre que possível, exagerava em alguns pontos, fazendo parecer que fora o líder do grupo. Mas Zé Inácio sabia que a bolação fora feita toda por Dito. Por isso não se alarmava.

— Então vou conseguir as balas, enquanto fica encarregado da mixa — afirma Zé Inácio.

— Feito!

Levantam-se, Zé Inácio torna a meter-se por entre os carros que passam em velocidade. Dito corre atrás do ônibus.

V

A oficina de consertos do Pádua fica numa rua estreita, com latões de lixo nas portas, cães e gatos se ocultando, alguns garotos aproveitando para bater bola. Nas calçadas estão os carros estacionados e outros que aguardam conserto ou simplesmente enferrujam, pela prolongada ação do sol, do sereno e das chuvas. Num desses carros velhos, moram alguns mendigos.

Pádua anima-se quando vê Dito entrando.

— Puxa, onde se meteu?

Pádua é um italiano careca, baixo e de olhos inquietos. Está sempre sorrindo, como se fosse um ser sem problemas. A oficina é pequena, tem duas lâmpadas acesas, Nas paredes, um balcão estreito, e no teto, inúmeros objetos pendurados. Uns se transformaram em enfeite, outros simplesmente aguardam que os donos venham resgatá-los. Há pequenas e grandes geladeiras, há rodas de velocípedes, correias, roldanas de polias, molas espirais, compressores, serpentinas e ferramentas.

O italiano passa boa parte do tempo sentado num banco, onde quebra a cabeça para dar jeito em objetos imprestáveis. Quando Dito entra, está examinando um dínamo, que apresenta defeito.

— Vou ter de mandar desenrolar tudo de novo e ver que porra que é — explica o italiano.

Dito fala na chave mixa, o homem faz uma careta.

— Outra vez?

Encolhe os ombros, sorri.

— Vai ser uma boa. Pode levar uma parte, na moleza.

O italiano também mostra-se satisfeito. Abre uma gaveta, começa a mostrar chaves, Até que aparece a que Dito acha boa.

— Essa vai dar em cima — diz ele.

O italiano não para de remexer na gaveta, que é uma complicação tremenda de tudo que é miudeza. Aí exhibe aquela que era a verdadeira mixa. Dito fica contente.

— É essa aí!

— Dá pra fazer até vinte tentativas — afirma o italiano. — Se depois disso não acertar, é melhor desistir.

O homem sorri, seus olhinhos miúdos brilham, Dito acha graça. Põe a chave no bolso, ouve a conversa do italiano a respeito dos negócios, da complicação que Tatu lhe arranhou.

— Não transo mais com ele. Na hora EI tira o corpo e dá uma de dedoduro.

Dito exime-se de fazer acusações ao companheiro. Limita-se a ouvir.

— Terminou entrando numa gelada — garante o italiano.

O homem torna a ligar a tomada, o dínamo não gira. Dito despede-se, promete voltar, passa pelo carro onde está o mendigo, só a cabeça pelada aparecendo, o rosto empoeirado, os olhos empoeirados. Os garotos chutam a bola, os gatos entram nos tonéis de lixo, os cachorros catam ossos no chão.

Volta à praça onde deveria encontrar-se com Zé Inácio, senta-se no banco, fica olhando as crianças nos balanços, a tarde sombria e quente, os carros passando, os que freavam no sinal, as frutinhas do fícus caindo, os jardineiros molhando as plantas.

Do lado em que via a placa do laboratório fotográfico aparece Zé Inácio. Vinha devagar, sem pressa de chegar. Mesmo assim atravessou pelo meio dos carros. Nunca esperava que o sinal fechasse.

— Foi uma dureza, cara — diz ele, sentando-se.

— E conseguiu?

— Claro!

— Também já tou com a mixa.

Zé Inácio retira o pacote de balas do bolso.

— Acho que umas são 38.

— Não tem problema. A gente guarda.

Dito abre o pacote, manda Zé Inácio fazer barreira pra ninguém olhar, encaixa uma das balas no tambor.

— Certinho!

Tornam a fechar o embrulho. Dito dá um suspiro de alívio.

— Logo mais a gente vai pro prédio. Reza pra dar tudo certo. — Zé Inácio continua a sentir frio na espinha.

— Tou com um pouco de medo!

— É natural, cara. Pensa na mulher que o medo vai embora.

— E tu pensa em quê? — indaga ingenuamente Zé Inácio.

A pergunta pega Dito de surpresa.

— Não sei bem. Talvez em Beth, Mãe Dolores, em Magda, que dá pra todo mundo no Mangue.

— E tu comeu?

— No dia que tive lá não deu pé. Tava em outra jogada.

Zé Inácio tira a carteira de cigarros americanos, oferece, Sopram a fumaça no ar leve da tarde.

— Tu entra primeiro — afirma Dito. — Se compra um jornal, bota debaixo do braço. Se o careta da portaria quiser saber alguma coisa, diz que tá levando pro chefe do escritório. Vai que cola.

— E tu?

— Vou logo em seguida. Comigo não vai folgar, não! — acentua Dito.

— E se hoje não tiver dinheiro?

— Uma ova! Acha que esses putos tão sem dinheiro algum dia? — Dito faz uma pausa, prossegue:

— Não adianta ficar encucando, cara. O negócio é botar pra cima deles. Vamos lá!

Dizendo isso levanta-se, Zé Inácio acompanha.

Atravessam as pistas do Minhocão, chegam à calçada, passam pelas portas largas do supermercado, que está repleto de clientes.

— Tá vendo como tá isso? — comenta Dito.

Zé Inácio enche-se de coragem, entra no prédio.

Leva o jornal debaixo do braço, como orientou Dito. Há outras pessoas esperando o elevador. Fica na fila, o porteiro não faz qualquer observação. O elevador chega, vai embora, Depois é a vez de Dito. Está bem mais desarrumado que Zé Inácio. O porteiro olha-o, não o interpela. O garoto faz brincadeiras com o embrulho onde estão as armas, termina entrando no elevador. Salta no quinto pavimento.

— Com quem vai falar aí? — quer saber o cabineiro.

— Com o dentista — afirma Dito.

— Acho que ainda não veio.

— Falei com ele lá embaixo. Tá subindo.

Logo que o corredor torna a ficar em silêncio.

procura a sala que está fechada, luzes apagadas. Manda que Zé Inácio introduza a mixa, enquanto examina o andar de baixo. Some na escada, retorna para dizer que está tudo em paz, encontra a porta aberta, Zé Inácio sem saber o que fazer.

Entram, tornam a fechar a porta. Por dentro fazem outras experiências com a mixa. Têm a certeza de que poderão abrir e fechar aquela porta a hora que quisessem.

Dito encarrega-se de examinar a sala. Há armários empoeirados, um telefone no chão, livros, camada de pó nas mesas.

— Acho que não tá vindo gente aqui!

— Será que se merece tanta sorte assim? — diz Zé Inácio, falando baixo.

Além do banheiro, a sala tem um compartimento onde existia pequeno fogão e uma pia.

— Se aparecer alguém dá pra gente se esconder aqui em cima — afirma Dito.

— Esconder porra nenhuma, Se dobra o cara — declara Zé Inácio, com convicção.

Dito desfaz o embrulho, passa um revólver a Zé Inácio.

— A sacola fica comigo.

— Não é melhor se esperar até seis horas, quando o pessoal do escritório diminuiu?

— Não faz diferença e ainda se corre o risco de fecharem o cofre.

— Então vamos lá — afirma Zé Inácio, como se quisesse logo ver o final daquela aventura.

VI

Dito fecha a sala, avançam pelo corredor, descem as escadas, continuam a caminhar. Não há mais perguntas a fazer. Qualquer movimento errado poderá ser prejudicial. Andam tão levemente quanto possível, os ouvidos captando os mais suaves ruídos. Entende que Zé Inácio está apavorado, ele não se encontra menos assustado, embora procure dominar-se, Sempre conseguiu, não vai ser agora que entrará em pânico. Sabe, no entanto, que qualquer desvio do plano alarmaria a tal ponto Zé Inácio que dificilmente conseguiria fazer alguma coisa certa.

Chegam à parte do balcão, à caixa, protegida pela tela de arame reforçado. Mais um pouco e saltariam para dentro. Dito dá o impulso no corpo, gira por cima do balcão, Quando cai acorocado a mulher grita, a

outra que o vê com a arma na mão tenta correr. Segura-a. Zé Inácio corre na direção contrária, onde estão três ou quatro homens.

— Quem der um pio morre!

Dito tem a arma apontada nas costas da mulher.

— Vamos andando lá pra caixa, boneca.

A mulher está trêmula, o caixa tenta um movimento, Dito faz pontaria, o careta desiste. Manda que sente no chão, os braços para cima. Dá a sacola à mulher.

— Enche isso aí de erva!

Ela chora e se lastima. Dito ordena que fique calada. Vai pegando os maços de notas, jogando na sacola. Zé Inácio está tenso.

— Abre aquela gaveta de lá — determina Dito.

A mulher obedece. Torce a chave, a sirene altíssima começa a zunir. Dito empurra-a, fecha a gaveta, não consegue desligar o alarma. O ruído o apavora. O caixa tenta segurá-lo pelas pernas, aciona o gatilho, a mulher atira-se no chão.

Percebe que o plano dera completamente errado, o que restava de sangue-frio era para preparar a fuga. Mete alguns maços de notas nos bolsos, faz sinal a Zé Inácio.

Salta o balcão, o companheiro faz o mesmo movimento. Somem pelo corredor, já ouvem o tropel dos guardas nas escadas, chegam ao pavimento superior.

Procura afobadamente a chave no bolso, recrimina-se por ter mandado a mulher mexer naquela maldita gaveta, mete a mixa na fechadura, não tem tranquilidade bastante para fazer suaves tentativas, Zé Inácio procura experimentar, a chave se quebra. Tenta empurrar a parte que ficou na fechadura, não consegue.

Dito pega o que restou da mixa, lamenta não ter pedido a lima ao Pádua. Um simples esquecimento e pagariam caro por isso. Como pôde esquecer detalhe tão importante? Os olhos de Dito estão congestionados, as mãos tremem. Não ousa sequer encarar Zé Inácio.

A sirene continua a zunir, cada vez mais alta. O ruído entrava-lhe pelos ouvidos, explodia no cérebro com os efeitos de verdadeira bomba.

Teriam de prosseguir subindo as escadas, até atingir o terraço e, de lá, o prédio vizinho. Não havia outra alternativa. Zé Inácio toma-lhe a dianteira. Corre e se agacha, pois sabe que estão vigiados e de bem perto. Bastaria um deslize e seriam apagados. Dito não consegue empenhar-se na fuga com o

mesmo ímpeto das vezes anteriores. O dinheiro tão perto, tão seguro, numerosos pacotes na sacola. O que tinha de mandar a mulher abrir aquela gaveta? Era a recriminação que não o deixava sossegar.

— Vamos pra cima — diz raivosamente Dito. — De lá se consegue escapar.

Zé Inácio já não tinha certeza, estava confuso, sabia bem o que aconteceria quando os tiras os alcançassem. Depois de saltar a parede, puderam atingir o terraço. Mas, para surpresa sua, não poderiam alcançar o outro prédio, pois este era bem mais alto. A parede subia lisa, uns dez metros. Dito olhou para os fundos do edifício onde estavam, viu a praça lá embaixo. O jeito era retornar. Tratou de botar uns pedaços de madeira perto da meia-parede que haviam saltado. Não chegaram a concluir o trabalho. Ouviram as vozes, o grunhir de cães, as ordens de comando. A sirene continuava a zunir na tarde que Dito já não via. Tanto ele quanto Zé Inácio estavam com as armas empunhadas, olhos fixos na meia-parede de cimento, por onde os policiais apareceriam. Zé Inácio viu a escada de madeira apontando. E se acertassem os que fossem aparecendo? Sem errar um único tiro, poderiam derrubar uns oito. E depois? Esses pensamentos descontraídos enchiam a cabeça e os olhos de Zé Inácio. Teve vontade de chorar, de insultar o Dito, de matá-lo. Teve pena do companheiro, quando o viu também com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Tinha certeza de que não escapariam. Estava metido na sua mais séria embrulhada e não havia como retroceder. Na melhor das hipóteses seriam arrastados escadas abaixo, metidos no camburão, levados à delegacia. Da última vez que estivera numa delegacia ainda se recordava muito bem.

Dito, embora aflito, estava um pouco mais distante que Zé Inácio. Chorava pelas coisas que não pudera fazer: a impunidade de Galego, o castigo para Xereta, Pantera e Bandeira 2 que não viria nunca, a cicatriz que o dr. Mauro não teria, muito menos Roxão e Caramelo. Lamentava não poder conversar tão cedo com Mãe Dolores, perguntar-lhe a respeito de Manguito. Provavelmente não soubesse nunca mais de Alfinete ou Figurinha. Uma cortina negra descia ao seu redor e como que o afastava do resto do mundo. O primeiro policial apareceu, não parou para ver o que ia dar. Acionou o gatilho, o quepe sumiu. Ouviram-se vozes, gritos, ordens. Novamente as pontas da escada apareceram e novos disparos foram feitos. Desta vez por Dito e Zé Inácio.

Imaginou que, por ali, pudessem conseguir um pedaço de corda, amarrá-lo num ponto qualquer e por ele chegar ao andar de baixo. Mas seriam agarrados pelos caras dos escritórios. Dava na mesma. E não havia cordas. Em cima do prédio, tudo que conseguia ver eram uns pedaços de vergalhão, uma lata com cimento endurecido, outras com piche, fragmentos de telhas e tijolos, umas pontas de tábuas, fios elétricos. Examinou os bolsos, calculou as balas 32 de que ainda poderiam dispor. E compreendeu que sua vida e a de Zé Inácio dependiam de mais seis balas. Quando terminassem, os soldados apareceriam.

VII

Houve um momento de silêncio. Dito sabia que estavam tramando algumas surpresas, Zé Inácio continuava de olhos vermelhos. Não falavam, não diziam qualquer coisa um ao outro. Ouviram o rosnar de um cão, Zé Inácio foi o primeiro a disparar, o animal desviou-se, saltou para trás, tornou a avançar, Dito o acertou pelas costas. Mas não pôde evitar que os policiais pulassem a meia-parede. O que estava na frente era alto e tinha bigodes. Dito o encarava, lembrava-se do dr. Mauro.

— Vamos. Solta essa arma e ainda consegue escapar.

Não sabia se deveria atender ou não. Olhou de lado, Zé Inácio estava com várias mordeduras nos braços, embora o cão continuasse estirado a sua frente. O policial avançava, agachando-se, como se estivesse pronto a saltar, caso acionasse a arma. Outros tipos acompanhavam-no e mais alguns estavam descendo a parede. Sabia ser impossível continuar a atirar. De nada adiantaria. Zé Inácio não resistiu à pressão, nem às ordens do homem de bigodes.

— Vamos lá, cara. Faz como teu colega.

Dito não teve meios de continuar a resistir. Jogou o revólver no chão. Um dos tiras pegou o pedaço de vergalhão, deu a primeira bordoadada em Zé Inácio.

— Vamos lá, filho de uma cadela. Vamos ver se tu sabe voar!

O de bigodes segurou Dito pelos cabelos, o que vinha mais atrás acertou-o no estômago com uma joelhada. Sentiu forte dor invadi-lo mas não perdeu os sentidos. Ainda pôde ver o que faziam com Zé Inácio. O que

segurava o vergalhão batia e empurrava-o na direção da rua. Uma das pancadas o atingiu na cabeça, ele segurou-a com ambas as mãos, o sangue saía. Dito esforçava-se para livrar-se dos que o prendiam, não conseguia. Eles riam, um dos cachorros foi cheirar o outro que permanecia estirado.

— Fica calminho que tua vez vai já chegar!

Zé Inácio saltava e já não tinha mais para onde se afastar. As pancadas continuavam. Subiu no parapeito e ainda chegou a olhar para baixo. Dito sabia que estavam num prédio de doze pavimentos e pelo lado de trás não havia qualquer tipo de anteparo, do contrário teriam arriscado a pular. Só a rua e a praça, com os carros estacionados. Zé Inácio saltava em cima do parapeito e o tira-ria e o atingia com o vergalhão. Nas primeiras vezes conseguiu livrar-se, pulando sempre. Uma das vergastadas foi mais forte, pegou-o nas canelas, ele perdeu o equilíbrio, deu apenas um grito e precipitou-se. Dito continuou ouvindo o grito, enquanto o corpo descia. Os tiras encostaram-se no parapeito para ver como havia caído. Dito ainda ouvia aquele grito, ainda ouvia as palavras de dúvida do companheiro.

— Dá certo, cara. Se vai ficar cheio da nota!

O policial de bigodes o empurrou. O cachorro ameaçou pegá-lo, um outro tipo mandou que o animal parasse. Um terceiro ergueu o gatilho.

— Vamos pra lá. Pro mesmo lugar onde teu amiguinho se mandou do planeta!

Dito não queria. O careta que segurava o vergalhão estava perto.

— Não tem querer, boneco. Já aporrinhou demais!

A ponta do ferro o atingiu nas costas. A dor o fez estremecer. Abaixou-se quando o ferro se aproximou outra vez, pulou, caiu, levantou-se, foi atingido no peito, viu o sangue aparecer.

— Vamos pro parapeito ou acaba rasgado pelo cachorro.

Dito não tinha o que escolher, uma outra pancada o atingira na ponta do queixo. Só de raspão, mas o bastante para feri-lo profundamente. O policial rodava o vergalhão, os outros todos estavam afastados, Dito tentava correr para junto da parede, não conseguia. Por isso terminou sendo forçado a recuar na direção do parapeito.

— Sobe lá ou acabo contigo aqui mesmo!

Lembrava-se da luta inútil de Zé Inácio e agora passava pelo mesmo drama. Jamais imaginara terminar daquela maneira. Olhava o tipo de bigodes, recordava dr. Mauro, suas risadas, as risadas de Caramelo e Roxão. As lágrimas corriam, um nó crescendo-lhe na garganta.

— Já deu muito trabalho! Vamos lá pro ponto de partida.

Diversas outras vezes o ferro o atingira. Nas coxas, nos braços, na cabeça. Estava bastante ensanguentado.

— Se não for pro parapeito, solta o cachorro nele.

Dito já não conseguia resistir. Qualquer movimento que o tipo fazia com o pedaço de vergalhão o atingia facilmente. Não tinha mais reflexos, sentia estar perdendo as forças. E, quando percebeu, estava quase em cima do parapeito. Uma pancada forte na mão direita o fez subir. Deu alguns pulos iguais aos de Zé Inácio e, como ele, perdeu o equilíbrio e rolou.

Não viu mais o rosto do tipo de bigodes, não viu o cachorro que corria para alcançá-lo, não se recordou de Beth. Ouvia apenas o grito de Zé Inácio e suas palavras de recusa ao plano. Numa volta qualquer que dera no espaço percebeu a aproximação de Mãe Dolores, os braços estendidos para botar mais flores no caixão de Fumaça.

Num instante a praça encheu-se de curiosos. Motoristas saltavam dos carros para ver de perto os assaltantes do supermercado. As mocinhas com farda de escola estavam silenciosas. A velhota chegou-se perto de Zé Inácio, colocou-lhe uma flor. Dito estava de rosto voltado para a tarde que também esmaecia. O homem da capa tomava notas. O que estava com ele prestava esclarecimentos.

— Preferiram pular a se entregar!

O homem da capa sacudia a cabeça em sinal de desapontamento. As cédulas que Dito colocara no bolso estavam sobre sua roupa ensanguentada, a cada ventinho que dava, ameaçavam girar, como papéis imprestáveis, movidos no rodãozinho.

FIM

O Autor e sua obra

A infância de José de Jesus Louzeiro, maranhense de Gamboa do Mato, distante subúrbio de São Luís, onde nasceu em 19 de setembro de 1932, certamente não favoreceu o desenvolvimento intelectual do menino que viria a ser um dos mais pródigos escritores brasileiros da atualidade.

Filho de um pedreiro pobre, seguidor da seita mais sectária do protestantismo, a presbiteriana, onde tudo era pecado, o menino só tinha o estímulo da avó materna, que lia para ele e recomendava-lhe que estudasse. Quando estava no quarto ano primário, um acidente interrompeu seus estudos por dois anos, mas, em compensação, ligou-o para sempre aos tipos mais marginalizados da sociedade.

O acidente havia provocado uma ferida crônica em seu ouvido, e os médicos o enganaram. Foi Umbelina, uma prostituta, inquilina de seus pais, quem sugeriu que o levassem à sua casa numa noite em que ela ia estar com um médico homeopata. José Louzeiro sarou e ficou eternamente grato às prostitutas e seus amantes.

Por influência da Igreja, o pai havia conseguido um emprego público de mestre de obras, e uma de suas funções era supervisionar o calçamento de ruas de São Luís, executado por presidiários. José ia levar o almoço do pai e, enquanto ele comia, ficava ouvindo as histórias dos crimes contados pelos próprios autores.

Aos vinte e um anos, depois de uma experiência como repórter no diário “O Imparcial”, de São Luís, foi para o Rio de Janeiro. Arrumou emprego em “O Jornal”, e já estava achando que vencer no Rio não era tão difícil assim, quando alguém o alertou de que a empresa não costumava pagar seus empregados regularmente. Sem dinheiro, desenvolveu todas as artimanhas para sobreviver. Bancos de rodoviária, de aeroporto, albergues, e até pedir dinheiro na rua, tudo isso o ligou ainda mais aos marginais. Mas foi uma dessas experiências — a de dormir clandestinamente na Casa do Estudante

do Brasil — que o aproximou de um grupo de intelectuais com quem tem amizade até hoje.

Com novos conhecimentos, conseguiu emprego, e chegou, em 1958, a copidesque do importante jornal “Correio da Manhã” Nesse ano, publicou seu primeiro livro, “Depois da luta”, e iniciou uma trajetória que dali para a frente o faria passar várias vezes pelos principais jornais cariocas.

Em 1965, junto com outros jornalistas, editou “Assim marcha a família”, publicando matérias censuradas e sendo obrigado a responder inquérito policial-militar. Dez anos depois, publicou outro livro, “Lúcio Flávio, o passageiro da agonia”, e “Aracelli, meu amor”, apreendido pela Censura Federal e liberado em 1981.

De 1976 em diante, passou a se dedicar exclusivamente à literatura. “Infância dos mortos” (1977), que deu origem ao filme “Pixote, a lei do mais fraco”, “O estranho hábito de viver” (1978) (publicado pelo Círculo), “Em carne viva” (1980), “20º axioma” (1980) e “M-20” (1980), são alguns dos títulos de José Louzeiro, romances baseados em acontecimentos policiais verídicos, em que sempre são denunciadas as misérias da condição humana.

Sua tarimba de repórter e romancista leva-o a ser constantemente requisitado para escrever argumentos e roteiros de filmes. Entre os mais famosos, figuram “Os amores da pantera”, “Amor bandido”, “Lúcio Flávio, o passageiro da agonia”, “O caso Cláudia” e “Pixote, a lei do mais fraco”, que ganhou dez prêmios da crítica cinematográfica estrangeira, como o grande prêmio do Festival do Cinema Ibérico e Latino-Americano de Biarritz, França, e o de melhor filme estrangeiro, da crítica de cinema de Los Angeles.

